

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Programa de Pós-graduação em Comunicação Social

AnaCarolyna Gonçalves Barboza

CONSTRUINDO UM SABER “DEMASIADO HUMANO”?
Processos de transformação, (auto) reflexão e comunicação pública da ciência na
exposição do museu Espaço do Conhecimento UFMG

Belo Horizonte
2026

Ana Carolyna Gonçalves Barboza

CONSTRUINDO UM SABER “DEMASIADO HUMANO”?
Processos de transformação, (auto) reflexão e comunicação pública da ciência na
exposição do museu Espaço do Conhecimento UFMG

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Comunicação Social da PUC Minas como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Comunicação Social.

Linha de Pesquisa: Poder e Processos Sociotécnicos da Comunicação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Verônica Soares da Costa.

Belo Horizonte
2026

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

B239c Barboza, Ana Carolyna Gonçalves
Construindo um saber “demasiado humano”? processos de transformação,
(auto) reflexão e comunicação pública da ciência na exposição do museu
Espaço do Conhecimento UFMG / Ana Carolyna Gonçalves Barboza. Belo
Horizonte, 2026.
204 f. : il.

Orientadora: Verônica Soares da Costa
Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

1. Universidade Federal de Minas Gerais. Espaço do Conhecimento. 2.
Museus de ciência. 3. Ciência - Exposições. 4. Comunicação na ciência. 5.
Comunicação pública. 6. Análise crítica do discurso. I. Costa, Verônica Soares
da. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-
Graduação em Comunicação Social. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 5:37.02

Ana Carolyna Gonçalves Barboza

CONSTRUINDO UM SABER “DEMASIADO HUMANO”?
Processos de transformação, (auto) reflexão e comunicação pública da ciência na
exposição do museu Espaço do Conhecimento UFMG

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Comunicação Social da PUC Minas como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Comunicação Social.

Linha de Pesquisa: Poder e Processos Sociotécnicos da Comunicação.

Prof.^a Dr.^a Verônica Soares da Costa - PUC Minas (Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Natália Amarinho Nunes - UFMG (Banca Examinadora)

Prof.^a Dr.^a Ivone de Lourdes Oliveira - PUC Minas (Banca Examinadora)

Prof.^a Dr.^a Nara Lya Cabral Scabin - PUC Minas (Suplente)

Belo Horizonte, 19 de março de 2026

Aos meus pais, que me apresentaram o caminho do conhecimento com muito esforço e dedicação, e à criança que fui um dia, por ter escolhido percorrê-lo.

AGRADECIMENTOS

Durante muitos anos imaginei escrever estas palavras, que representam minha admiração, respeito, carinho e agradecimento a cada pessoa que também tornou possível a minha trajetória no mestrado.

Aos meus pais, Danielle e Afrânio, pelo amor e apoio incondicionais e por terem me ensinado que todo caminho percorrido com diligência e dedicação vale a pena. Aos meus familiares e amigos, por todo o carinho e incentivo. À Ana Luísa, Isabelly, Larissa, Lavinia, Fernando, Ana Carolina e Josita, pela amizade e por sempre acreditarem em mim.

À minha orientadora Verônica Soares da Costa, a cientista mais incrível que conheço, por ser minha grande inspiração como pesquisadora e docente. Obrigada pela escuta paciente, pelos diálogos afetuosos, pelos brilhantes direcionamentos e por toda a confiança. É uma grande felicidade poder produzir conhecimento ao seu lado.

À professora Ivone de Lourdes Oliveira, por suas maravilhosas e generosas contribuições durante toda a minha trajetória no mestrado e por sua contínua dedicação à área da Comunicação, que me inspira profundamente. À professora Nara Scabin, que me apresentou ao diagrama do Circuito da Cultura, por ter contribuído para que esta pesquisa encontrasse o seu próprio caminho e se consolidasse. À professora Natália Amarinho, pela leitura gentil e pela oportunidade de dialogarmos sobre cosmopercepções afro-indígenas e matrizes contra-hegemônicas do saber, no contexto da comunicação pública da ciência.

À professora Luciana Andrade, que me orientou ao longo do Trabalho de Conclusão de Curso na graduação em Relações Públicas, por ter acreditado no meu sonho do mestrado junto comigo e por ter contribuído imensamente para que eu pudesse chegar até aqui.

Aos professores Fernanda Sanglard, Pablo Moreno, Polyana Inácio e Luana Cruz, e a todos os colegas do Grupo Bertha de Pesquisa, pelos maravilhosos encontros, que sempre se tornam momentos especiais e de importantes diálogos.

À Isaura Mourão, Luíza França e Eliane Estevão, por terem contribuído para que eu me tornasse a profissional de Comunicação que sou hoje, e a toda a equipe do Centro de Comunicação da UFMG, que sempre terá um lugar especial no meu coração.

Ao Espaço do Conhecimento UFMG, por ter germinado a semente que resultou nesta dissertação. Agradeço a cada pessoa que participou das entrevistas e a todas as equipes do museu. Em especial, agradeço a todos que fizeram e fazem parte da Assessoria de Comunicação, pelo trabalho coletivo, alegre e primoroso.

A todos os professores e colegas do PPGCOM PUC Minas, pelas conversas, contribuições, projetos, aulas e eventos. À secretaria do PPGCOM e à Lorena Miranda, por terem me auxiliado desde o primeiro dia desta trajetória.

Agradeço, por fim, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa concedida, que também me permitiu concretizar este sonho.

*Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio,
ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece.*

Antônio Bispo dos Santos (*in memoriam*)

A terra dá, a terra quer (2023, p. 15).

RESUMO

Este trabalho versa sobre o museu universitário Espaço do Conhecimento UFMG e sua exposição de longa duração, intitulada *demasiado humano*, que recebeu atualizações conceituais e manutenções após um projeto de renovação executado entre 2023 e 2026, com a colaboração do líder quilombola e filósofo Antônio Bispo dos Santos (conhecido como Nêgo Bispo) e do líder indígena e filósofo Ailton Krenak. O objetivo é compreender as concepções de ciência comunicadas pela versão renovada da exposição, a partir das interações entre os públicos e os conteúdos expostos no museu. O referencial teórico se concentra nas dinâmicas interacionais de circulação e (re)construção de sentidos no ambiente museal e nas exposições como forma de comunicação pública da ciência. A pesquisa também se aprofunda nos diálogos epistemológicos e nas dimensões de colonialidade que circundam a elaboração e a divulgação do conhecimento. O percurso metodológico toma forma a partir de um circuito de interações, relativo à exposição *demasiado humano*, inspirado pelo modelo dos estudos culturais de Johnson (2004) e pelo quadro relacional da comunicação (França, 2001), buscando evidenciar a ciência como prática social, imbricada em contextos, relações e subjetividades. A coleta de dados se realiza por meio de pesquisa documental e entrevistas individuais semiestruturadas em profundidade com membros da equipe do museu e visitantes espontâneos. Já a interpretação do material coletado conta com a Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2001), atravessada pelas perspectivas epistemológicas latino-americanas e pela interseccionalidade, em uma travessia composta pelas categorias analíticas de Tempo, Ancestralidade, Território e Humano. Os resultados demonstram que a exposição comunica uma concepção da ciência moderna ocidental, partindo de uma perspectiva hegemônica, ao mesmo tempo em que apresenta ao público uma concepção pluriversal do conhecimento, embasada pelas confluências e culturas afro-indígenas. O discurso da exposição, ainda que permeado por assimetrias, suscita possibilidades de pensar e comunicar a ciência por meio de uma coexistência entre diferentes interpretações e relações com o mundo. Nesse sentido, a construção de um saber “demasiado humano” pode ser definida pela contradição e pela ambivalência que acompanham a humanidade em suas criações, decisões e convicções.

Palavras-chave: Comunicação pública da ciência; Interações comunicacionais; Confluências afro-indígenas; Museus universitários; Espaço do Conhecimento UFMG.

ABSTRACT

This work focuses on the university museum Espaço do Conhecimento UFMG and its long-term exhibition, entitled *demasiado humano*, which received conceptual updates and maintenance following a renovation project carried out between 2023 and 2026, with the collaboration of the quilombola leader and philosopher Antônio Bispo dos Santos (known as Nêgo Bispo) and the indigenous leader and philosopher Ailton Krenak. The objective is to understand the conceptions of science communicated by the renewed version of the exhibition, based on the interactions between the publics and the contents exhibited in the museum. The theoretical framework focuses on the interactional dynamics of circulation and (re)construction of senses within the museum environment and on exhibitions as a form of public communication of science. The research also delves into epistemological dialogues and the dimensions of coloniality that surround the production and communication of knowledge. The methodological approach takes shape through a circuit of interactions related to the *demasiado humano* exhibition, inspired by Johnson's (2004) cultural studies model and the relational framework of communication proposed by França (2001), seeking to highlight science as a social practice embedded in contexts, relationships and subjectivities. Data collection is carried out through documentary research and in-depth semi-structured individual interviews with museum staff members and spontaneous visitors. The interpretation of the collected material draws on Critical Discourse Analysis (Fairclough, 2001), traversed by Latin American epistemological perspectives and intersectionality, in a journey composed of the analytical categories of Time, Ancestry, Territory, and Human. The results demonstrate that the exhibition communicates a conception of modern Western science from a hegemonic perspective, while simultaneously presenting the public with a pluriversal conception of knowledge, grounded in afro-indigenous confluences and cultures. The exhibition's discourse, although permeated by asymmetries, raises possibilities for thinking about and communicating science through the coexistence of different interpretations and relationships with the world. In this sense, the construction of a "overly human" form of knowledge can be defined by the contradiction and ambivalence that accompany humanity in its creations, decisions, and convictions.

Keywords: Public communication of science; Communicational interactions; Afro-indigenous confluences; University museums; Espaço do Conhecimento UFMG.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Modelo geocêntrico com esferas celestes.....	24
Figura 2 – Obra <i>O Barco</i> (2021), de Grada Kilomba, faz referência à arquitetura do fundo das embarcações que levavam corpos africanos escravizados.....	25
Figura 3 – O teto do Salão de Mercúrio, no Palácio de Versalhes, é um exemplo de obra que representa instrumentos científicos como o esquadro, o grafômetro e a esfera armilar.....	26
Figura 4 – Modelo heliocêntrico em edição de 1566 do livro <i>De Revolvitionibus Orbium Coelestium</i> , publicado por Copérnico.....	27
Figura 5 – Supernova na constelação de Cassiopeia, observada por Tycho Brahe.....	28
Figura 6 – Tecido Ukara com símbolos <i>nbisidi</i>	33
Figura 7 – A obra <i>De quando o céu e o chão eram a mesma coisa</i> (2024), de Rafael RG, remete às formas mais antigas de compreender o terreno e o celestial.....	34
Figura 8 – Fotografia intitulada <i>Guerra nas estrelas para sustentar o céu - luta e resistência indígena</i>	35
Figura 9 – Obra <i>A queda do céu e a mãe de todas as lutas</i> , de Daiara Tukano.....	36
Figura 10 – Espiral da Cultura Científica.....	66
Figura 11 – Edifício do Espaço do Conhecimento UFMG.....	82
Figura 12 – Visitação presencial ao Espaço do Conhecimento UFMG nos anos de 2011 a 2024.....	84
Figura 13 – Antigo edifício que abrigou a reitoria da UEMG.....	84
Figura 14 – Corte longitudinal do Espaço do Conhecimento UFMG.....	85
Figura 15 – Fachada Digital do Espaço do Conhecimento UFMG.....	86
Figura 16 – Planetário do Espaço do Conhecimento UFMG.....	87
Figuras 17 e 18 – À esquerda, a observação noturna. À direita, a observação solar.....	88
Figura 19 – Instalação <i>O Aleph</i> , no quinto andar do Espaço do Conhecimento UFMG.....	88
Figura 20 – Exposição <i>MetropoliTRAMAS</i> , no segundo andar do Espaço do Conhecimento.....	89
Figura 21 – Sala Multiuso do Espaço do Conhecimento UFMG.....	90
Figura 22 – Organograma do Espaço do Conhecimento UFMG.....	91
Figura 23 – Instalação <i>O Aleph</i> Versão inaugural da exposição.....	94
Figura 24 – Instalações na seção <i>Origens</i> Versão inaugural da exposição.....	95
Figura 25 – Instalações na seção <i>Vertentes</i> Versão inaugural da exposição.....	95
Figura 26 – Instalações na seção <i>Águas</i> Versão inaugural da exposição.....	96

Figura 27 – Estrutura metodológica da pesquisa.....	106
Figura 28 – Circuito da Cultura.....	107
Figura 29 – Circuito de Interações no Espaço do Conhecimento.....	108
Figura 30 – Circuito de Interações no Espaço do Conhecimento Representação de públicos.....	110
Figura 31 – Concepção tridimensional do discurso.....	116
Figura 32 – Totem do módulo <i>Pensar as Origens</i> e instalação <i>Extratos do Tempo</i>	123
Figura 33 – Vídeo do Calendário Cósmico na instalação <i>Extratos do Tempo</i>	125
Figuras 34 e 35 – Painel da linha temporal, na instalação <i>Extratos do Tempo</i>	126
Figuras 36 e 37 – Placas interativas com informações extras, na instalação <i>Extratos do Tempo</i>	128
Figura 38 – Fim da linha temporal, na instalação <i>Extratos do Tempo</i>	130
Figura 39 – Instalação <i>Árvore Humana</i>	136
Figura 40 – Imagem de Jane Goodall na antiga instalação <i>Similaridade Genética</i>	139
Figura 41 – Imagens na antiga instalação <i>Pré-história Humana</i>	140
Figura 42 – Ilustrações paleontológicas na instalação <i>Árvore Humana</i>	141
Figura 43 – Instalação <i>Roça Mãe do Mundo</i>	146
Figura 44 – Tipiti Tikuna, tamboretas, vídeo de Nêgo Bispo e plotagens no rodapé.....	148
Figuras 45 e 46 – À esquerda, os tecidos suspensos. À direita, o tehêy de Liça Pataxoop....	148
Figura 47 – Instalação <i>O Aleph</i>	153
Figura 48 – Lateral da instalação <i>O Aleph</i>	154
Figuras 49 e 50 – À esquerda, o vídeo rodeado por espelhos. À direita, a placa interna.....	155
Figura 51 – Exposição <i>demasiado humano</i> e as categorias de análise, na forma de um rio..	163

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Instalações da versão renovada de <i>demasiado humano</i>	100
Quadro 2 – Categorias e instalações do <i>corpus</i> de análise.....	111
Quadro 3 – Rodada de entrevistas-teste.....	113
Quadro 4 – Entrevistas e instalações do <i>corpus</i> de análise.....	114
Quadro 5 – Perfil da amostra de pessoas entrevistadas.....	115
Quadro 6 – Respostas das pessoas entrevistadas para a pergunta: o que você considera como um saber “demasiado humano”?.....	157

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABCPública	Associação Brasileira de Comunicação Pública
ABCMC	Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciência
ACD	Análise Crítica do Discurso
CEAMIG	Centro de Estudos Astronômicos de Minas Gerais
Cedecom	Centro de Comunicação
CEFET MG	Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CERN	Organização Europeia para Pesquisa Nuclear
CGEE	Centro de Gestão e Estudos Estratégicos
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
Fiocruz	Fundação Oswaldo Cruz
FRMFA	Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade
Fundep	Fundação de Apoio da UFMG
ICOM	Conselho Internacional de Museus
Libras	Língua Brasileira de Sinais
MAST	Museu de Astronomia e Ciências Afins
MCTI	Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação
PIPA	Programa de Apoio à Inclusão e Promoção à Acessibilidade
Procult	Pró-reitoria de Cultura
PUC Minas	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
RBCMU	Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários
RedPOP	Rede de Popularização da Ciência e Tecnologia na América Latina e no Caribe
RP	Relações Públicas
UEMG	Universidade Estadual de Minas Gerais
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO (ONDE O RIO NASCE).....	15
INTRODUÇÃO.....	18
1 EM DIREÇÃO ÀS MARGENS: PODER E CONCEPÇÕES DE CIÊNCIA.....	22
1.1 A ciência pode refletir sobre si mesma?.....	23
1.2 Perspectivas interseccionais, localizadas e contracoloniais: quem faz ciência?.....	37
2 AO LONGO DO CÉU E DA TERRA: COMUNICANDO A CIÊNCIA EM CURSO.....	48
2.1 Comunicação pública.....	48
2.1.1 <i>Comunicação pública da ciência</i>	55
2.2 Cultura científica.....	64
3 ENTRE MEANDROS: A REPRESENTAÇÃO DA CIÊNCIA NOS MUSEUS.....	71
3.1 Museus de ciência no Brasil.....	71
3.2 Exposições e narrativas no contexto museal.....	75
3.3 Espaço do Conhecimento UFMG.....	81
3.3.1 <i>O museu</i>	81
3.3.2 <i>Exposição demasiado humano</i>	92
3.3.2.1 <i>Projeto Inaugural</i>	92
3.3.2.2 <i>Projeto de Renovação</i>	97
4 PERCURSO METODOLÓGICO.....	106
4.1 O circuito de interações.....	107
4.2 Etapas da pesquisa e as categorias de análise.....	110
4.3 Análise Crítica do Discurso.....	116
4.3.1 <i>Tempo</i>	121
4.3.2 <i>Ancestralidade</i>	134
4.3.3 <i>Território</i>	143
4.3.4 <i>Humano</i>	153
4.4 Saberes pluriépistêmicos: (re)contando a história do conhecimento.....	163
CONSIDERAÇÕES FINAIS (ONDE O RIO DESÁGUA).....	169
REFERÊNCIAS.....	172
APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTAS (EQUIPE).....	186
APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTAS (VISITANTES).....	188

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (EQUIPE).....	189
APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (VISITANTES).....	192
APÊNDICE E - TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL (ESPAÇO DO CONHECIMENTO UFMG).....	195
ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	196

APRESENTAÇÃO (ONDE O RIO NASCE)

Esta dissertação é um rio.

As páginas que se seguem são fruto de um contexto singular, no qual a autora está diretamente implicada em seu objeto de estudo, enquanto assistente de comunicação do museu Espaço do Conhecimento UFMG. Logo, este trabalho só é possível devido à conexão entre as experiências profissionais no contexto museal e a oportunidade de refletir criticamente sobre tais ações por meio da pesquisa. Ao longo dos últimos dois anos, múltiplas confluências e transfluências foram fomentadas no âmbito do museu, a partir de diálogos com diferentes pesquisadores, consultores e profissionais que buscam em matrizes de ancestralidade, arte, território e oralidade subsídios para compreender e divulgar ciência. Cada leitura, diálogo, evento e, sobretudo, escuta acerca da complexidade da produção científica colaborou para o próprio universo particular deste estudo e para o repertório desta autora e pesquisadora. A escrita se tornou exercício de dedicação ao que caracteriza um conhecimento demasiado humano e, por vezes, de forma contraditória, tão destituído de humanidade.

As inquietações e motivações que levaram a este trabalho partem do encontro entre diferentes experiências da autora até o mestrado, detalhadas e localizadas em primeira pessoa nos parágrafos a seguir.

Após o ensino médio, para obtenção da titulação de Técnico em Controle Ambiental pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), realizei estágio vinculado a um setor de mobilização social da Prefeitura de Contagem (MG) que era responsável por promover palestras em escolas municipais e estaduais e por comunicar aos moradores questões relacionadas à limpeza urbana e reciclagem. Ainda que não percebesse na época, aquele estágio foi o meu primeiro contato profissional com uma organização voltada para a participação social e a comunicação pública. Um ano depois, em 2020, ingressei no curso de Relações Públicas da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) e, em 2021, comecei a estagiar na Assessoria de Imprensa do Centro de Comunicação (Cedecom) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Durante dois anos, a experiência na assessoria moldou os pilares da minha jornada como profissional de comunicação, a partir do trabalho diário com pautas universitárias e demandas das ações de divulgação científica, produção cultural, ensino, pesquisa e extensão, me levando à etapa seguinte da minha trajetória: o cargo de assistente de comunicação no Espaço do Conhecimento UFMG, em 2023. Vinculado à Universidade, o museu de cunho científico-cultural se tornou o elo da minha vivência entre o mercado de trabalho e a pesquisa

acadêmica, motivada pelo intuito de aprofundar a compreensão dos processos que envolvem a produção científica em um ambiente cultural que se relaciona com diferentes públicos.

Logo que cheguei ao Espaço do Conhecimento, a equipe também já estruturava os diálogos e planos relacionados à renovação da exposição de longa duração do museu, intitulada *demasiado humano*. A proposta cativou meu interesse e, ao ingressar no mestrado em março de 2024, decidi modificar meu projeto de pesquisa para que pudesse estudar a comunicação pública da ciência na perspectiva de uma exposição que seria atualizada a partir de matrizes afro-indígenas, com a colaboração de Antônio Bispo dos Santos e Ailton Krenak.

Durante esse tempo, meu envolvimento no projeto de renovação se deu por meio da participação em reuniões de equipe e encontros com Bispo e Krenak, da verificação do cronograma (com o objetivo de produzir comunicados ao público, relacionados ao fechamento de determinadas partes da exposição, ou do museu, para manutenções previstas na renovação) e de demais demandas voltadas à divulgação da versão renovada de *demasiado humano*. Nesse sentido, minha atuação não contou com tomadas de decisões para o encaminhamento do projeto, e se manteve em um nível operacional.

A exposição renovada foi totalmente aberta ao público em janeiro de 2026 e, ao longo desse processo, muitos desafios surgiram devido ao estudo de um projeto que aconteceu concomitantemente com a escrita da dissertação. Dessa forma, várias mudanças ocorreram até a finalização deste trabalho e demonstraram que o percurso de pesquisa esteve tão vivo e mutável quanto a renovação no Espaço do Conhecimento.

Ao aliar ambas as jornadas, profissional e acadêmica, na perspectiva da tese desenvolvida pela professora, museóloga e pesquisadora Marília Xavier Cury (2005a, p. 19), estive inserida em uma circunstância que faz com que “[...] uma mesma pessoa ocupe a posição de comunicador – quem cria e produz –, e de comunicólogo – aquele que estuda processos de comunicação”. Também pude praticar um movimento de “estranhar” um objeto de estudo familiar e me aproximar de novas percepções por meio da produção de conhecimento, ciente dos desafios que acompanham essa escolha.

A partir de todas as experiências relatadas até aqui, é válido destacar que minha trajetória foi atravessada por inúmeros privilégios, sobretudo sendo uma mulher branca que teve oportunidades e meios para estudar e permanecer no ambiente acadêmico. Esta dissertação, então, também parte da escuta, leitura e referência de autoras e autores de matrizes não hegemônicas e não eurocêtricas, buscando romper a complacência e a conciliação com estruturas de opressão que ainda sustentam múltiplas desigualdades e injustiças sociais. Por muitos momentos, a realidade nos demanda fúria, desassossego e

atenção para que a apatia e a displicência não sejam mais recorrentes do que as ações e os caminhos capazes de transformá-la.

Desse modo, a pesquisa se torna lugar de uma desobediência epistêmica, conforme apontado por Mignolo (2008) e corroborado, na perspectiva da interseccionalidade, por Akotirene (2019), bem como de um constante desconforto frente a apagamentos, violências e estruturas de poder que hierarquizam e invisibilizam diversos conhecimentos, histórias, corpos e subjetividades. Guiada por movimentos que possam ampliar a pluralidade de vozes e identidades no meio científico e acadêmico, vou ao encontro das palavras de Carvalho (2024, p. 11) para construir uma dissertação que tenta “[...] quebrar a reprodução que me faz estar em uma posição de conforto [...] É hora de nós, brancas e brancos, sairmos de nossos lugares, nos deslocarmos em direção contrária àquilo que nos serve”.

Aqui demarco, portanto, o lugar onde nasce este rio.

INTRODUÇÃO

“De onde viemos? Como viemos? Para onde iremos?”. Essas são as questões que nortearam a concepção da exposição de longa duração *demasiado humano*¹, em cartaz no museu universitário Espaço do Conhecimento UFMG desde a sua inauguração no ano de 2010 (Kauark-Leite, 2010). Vinculado à Pró-reitoria de Cultura (Procult) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o museu de divulgação científico-cultural (Espaço do Conhecimento UFMG; Martins, 2025) é fruto de uma parceria entre o governo do Estado de Minas Gerais e a Universidade. Em sua estrutura, o Espaço do Conhecimento conta com uma fachada externa de projeção digital (chamada de Fachada Digital), um espaço para exposições de média duração (no segundo andar), um Terraço Astronômico e um Planetário (no quinto andar)².

Já o terceiro, quarto e uma área do quinto andar comportam a exposição *demasiado humano*, que trata da origem e da evolução da vida, evidenciando a busca pelo conhecimento (Kauark-Leite, 2010) e as formas encontradas pelos sujeitos para perceber, entender e investigar o mundo ao seu redor. Inspirado pela obra *Humano, Demasiado Humano: um livro para espíritos livres*, do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, o cerne da mostra propõe um percurso que permite ao visitante compreender de que maneira “[...] a dúvida se instaura como o mais poderoso motor” (*ibidem*, p. 16) da ciência.

Entre junho de 2023 e janeiro de 2026, quase 16 anos após a sua inauguração, a exposição executou atualizações, manutenções, novos conteúdos e instalações, a partir de um projeto de renovação realizado com recursos financeiros disponibilizados pela Cemig, via Lei Estadual de Incentivo à Cultura, e em interlocução com os mestres³ Antônio Bispo dos Santos⁴ (conhecido como Nêgo Bispo) e Ailton Krenak⁵.

¹ Ao longo deste projeto, o nome da exposição segue a grafia adotada pelo Espaço do Conhecimento UFMG, em minúsculas. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/exposicoes/demasiado-humano/>. Acesso em: 22 set. 2024.

² Informações disponíveis no site do Espaço do Conhecimento (<https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/>), nas abas “Sobre o Espaço”, “Exposições”, “Fachada Digital”, “Planetário” e “Terraço Astronômico”. Acesso em: 22 set. 2024.

³ Nêgo Bispo e Ailton Krenak foram convidados a atuarem como mestres da renovação da exposição *demasiado humano*, por meio de conversas, reuniões e visitas ao Espaço do Conhecimento UFMG, que inspiraram a equipe e os curadores envolvidos no processo (Diniz; Mantovani, 2024).

⁴ Lavrador de palavras, escritor, mestre, autor, pensador... quilombola!. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/antonio-bispo-dos-santos-nego-bispo/>. Acesso em: 18 fev. 2025.

⁵ Ailton Krenak visita o Espaço do Conhecimento UFMG. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/ailton-krenak-visita-o-espaco-do-conhecimento-ufmg/>. Acesso em: 18 fev. 2025.

Após diagnósticos realizados pela equipe do museu, foi identificada a carência de discussões socioambientais, sobretudo referentes ao cuidado com o planeta e às diferentes formas de viver e se relacionar com a Terra (Diniz; Mantovani, 2024). A renovação, portanto, não teve a intenção de substituir a proposta original ou construir uma nova exposição, mas de superar tais reflexões ausentes e defasadas por meio de diálogos epistemológicos e do pensamento contracolonial afro-indígena. Assim, após o projeto inaugural de 2010⁶, que recebeu intervenções nos anos de 2014 e 2017, a exposição *demasiado humano* torna-se interesse desta pesquisa ao passar pelo projeto de renovação expositiva⁷, entre 2023 e 2026 (período que coincidiu parcialmente com a construção deste trabalho, de 2024 a 2026).

Ao longo da renovação, o museu assumiu para si uma posição reflexiva sobre os conceitos e objetos expostos de forma prolongada, devido à duração da mostra, que também representam importantes elementos da missão da instituição e de sua compreensão acerca da produção científica. Logo, o potencial de transformação da ciência, junto aos contextos histórico-sociais e culturais em que está inserida, distanciando-se de “[...] uma ciência 'fria' que não abre margens para questionamentos e/ou discussões” (Junior; Ovigli, 2022, p. 160), é o fator que guia a seguinte pergunta de pesquisa: Que concepções de ciência são comunicadas pela versão renovada da exposição de longa duração *demasiado humano*, a partir das interações com os públicos no museu universitário Espaço do Conhecimento UFMG?

A questão considera que a exposição museal⁸ constrói uma narrativa sobre ciência, a partir de diferentes conteúdos, objetos e recursos contextualizados, que pode ser apreendida enquanto forma de comunicação pública e divulgação científica. Nesse sentido, a investigação não trata da classificação ou definição do que é (ou não) científico, mas se concentra nos modos de conceber e abordar a ciência, considerando que “[...] a prática científica implica, ou gera, concepções de ciência” (Reis; Videira, 2013, p. 587) e que diferentes perspectivas e contextos históricos, sociais, culturais, políticos e econômicos apontam diferentes aspectos sobre a produção de conhecimento.

⁶ Ficha técnica da exposição *demasiado humano* | Projeto Inaugural Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/ficha-tecnica-por-instalacao-demasiado-humano/>. Acesso em: 18 fev. 2025.

⁷ Ficha técnica da exposição *demasiado humano* | Projeto de Renovação. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/ficha-tecnica-geral-demasiado-humano-projeto-de-renovacao-2024/>. Acesso em: 12 jan. 2026.

⁸ Destacamos que o termo “museal” qualifica tudo o que é relativo ao museu, bem como o campo responsável por seus fundamentos e questões. Cabe mencionar que a museologia, conforme o livro *Conceitos-chave de Museologia* (2013), designa as tentativas de teorização ou de reflexão crítica sobre o campo museal. Já a museografia, ainda de acordo com os *Conceitos-chave de Museologia* (2013), se refere às práticas e às técnicas que fazem parte das funções museais.

Desse modo, para compreender as concepções de ciência comunicadas pela versão renovada da exposição de longa duração *demasiado humano*, a partir das interações entre os públicos e os conteúdos expostos no Espaço do Conhecimento UFMG, a pesquisa estabelece os seguintes objetivos específicos: apresentar um panorama sócio-histórico de diferentes concepções de ciência; discutir aspectos teóricos da exposição museal como forma de comunicação pública da ciência; identificar as concepções científicas comunicadas pela exposição de longa duração *demasiado humano*, a partir de análise da (re)circulação de discursos pelos públicos em interação com os conteúdos expostos; levantar as percepções internas à equipe do museu sobre os diálogos epistemológicos propostos pela versão renovada da exposição, bem como as interpretações suscitadas pela experiência de visitantes espontâneos.

O percurso metodológico teve início a partir de um circuito de interações, relativo à exposição *demasiado humano*, inspirado pelo modelo dos estudos culturais de Johnson (2004) e pelo quadro relacional da comunicação (França, 2001), buscando evidenciar a ciência como prática social, imbricada em contextos, relações e subjetividades. A coleta de dados foi empreendida por meio de pesquisa documental e entrevistas individuais semiestruturadas em profundidade com membros da equipe do museu e visitantes espontâneos.

O *corpus* consistiu em quatro instalações da versão renovada da exposição (*Extratos do Tempo; Árvore Humana; Roça Mãe do Mundo; O Aleph*) e nas transcrições das entrevistas com a equipe e as pessoas visitantes. Já a interpretação do material coletado contou com a Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2001), atravessada pelas perspectivas epistemológicas latino-americanas e pela interseccionalidade, em uma travessia composta pelas categorias analíticas de Tempo, Ancestralidade, Território e Humano. Logo, tal desenho metodológico foi guiado por um movimento que pudesse atenuar “[...] a dissociação entre as perspectivas teóricas e metodológicas empregadas na área” (Martino; Marques, 2018, p. 231) e evidenciar a conexão entre teoria, empiria e método.

Em relação à estrutura, esta pesquisa está organizada em quatro partes, descritas a seguir. O primeiro capítulo lida com as reflexões e autorreflexões da produção científica, buscando abordar as relações de poder, interesse e legitimidade que perpassam as concepções de ciência, a partir de um panorama histórico dos saberes construídos em torno da astronomia (área muito presente no objeto de interesse da pesquisa, o museu Espaço do Conhecimento UFMG) no contexto ocidental. O capítulo inicial também navega em direção às margens, discutindo os atravessamentos interseccionais (Carrera, 2021; Collins, 2017; Corrêa *et al.*, 2018; Crenshaw, 2002; Gonzalez, 2020; Lorde, 2019; Vergès, 2020), as perspectivas

localizadas (Haraway, 2009) e as dimensões de colonialidade (Ballestrin, 2013; Castro-Gómez e Grosfoguel, 2007; Cusicanqui, 2018; Mignolo, 2007; Quijano, 2005) que circundam a elaboração e a divulgação do conhecimento.

O capítulo seguinte busca transfluir ao longo do céu e da terra, abordando a comunicação pública (Brandão, 2006; Duarte, 2009 e 2007) e a comunicação pública da ciência (Brandão, 2006; Castelfranchi, 2008; Kunsch, 2019; Lewenstein, 2003), sobretudo no contexto dos museus (Colombo Junior e Marandino, 2020; Cury, 2007; Moraes, 2021; Pantoja, 2022). O capítulo também conta com uma discussão sobre a cultura científica (Barata *et al.*, 2023; Castelfranchi, 2003; Castelfranchi e Fazio, 2021; Vogt, Cerqueira e Kanashiro, 2008; Vogt, 2003), atravessada pelos estudos culturais (Canclini 2009 e 2006; Escosteguy, 2004; Hall, 2003; Johnson, 2004; Martín-Barbero, 2024 e 1997).

Em seguida, nos encaminhamos para os meandros, as curvas, os deslocamentos e as imprevisibilidades que complexificam os processos comunicacionais no âmbito museal. Após apresentar um breve panorama dos museus de ciência no Brasil, o capítulo trata de algumas das diversas possibilidades que acompanham a representação da ciência nas exposições museais (Bordinhão, Valente e Simão, 2017; Cunha, 2010; Cury, 2007; Marandino, 2005; Oliveira e Leite, 2014; Pantoja, 2022; Vergès, 2023), bem como a construção de narrativas e discursos acerca do conhecimento, que serão apropriados, interpretados e percebidos pelos públicos. Também será proposto um debate sobre a musealização (Cunha, 2017; Cury, 2005b; Lowande, 2023; Moraes, 2021), atrelada à perspectiva contracolonial, e o papel social dos museus na construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Este capítulo apresenta, ainda, o Espaço do Conhecimento UFMG, por meio de diferentes elementos que o compõem enquanto um museu universitário de cunho científico-cultural, e a história da exposição *demasiado humano*, a fim de demarcar as transformações que culminaram em sua versão de 2026, sob a qual se concentram o interesse e os movimentos analíticos desta pesquisa. Por fim, o quarto capítulo detalha o percurso metodológico, a análise e a discussão de resultados acerca das concepções de ciência comunicadas pela exposição. O texto, então, deságua nas considerações finais e nos elementos pós-textuais, buscando seguir em constante confluência.

1 EM DIREÇÃO ÀS MARGENS: PODER E CONCEPÇÕES DE CIÊNCIA

O capítulo que inicia esta pesquisa parte de indagações acerca da autorreflexão da ciência e das estruturas de poder que atuam nas experiências de sujeitos e grupos que a produzem. Nesse sentido, abordamos diferentes concepções científicas, para além de uma compreensão neutra, universalizante e objetiva, que almeja o progresso no contexto de uma sociedade moderna.

Ao navegar em direção às margens, este capítulo também propõe um trajeto que permite evidenciar as relações de poder, o caráter político e as dimensões de colonialidade (Ballestrin, 2013; Castro-Gómez e Grosfoguel, 2007; Cusicanqui, 2018; Mignolo, 2007; Quijano, 2005) que circundam a elaboração e a divulgação do conhecimento, reconhecendo que a “[...] lógica temporal da ciência é diferente das lógicas temporais circulares de comunidades indígenas e quilombolas” (Alves-Brito, 2021a, p. 47). Buscamos, assim, um gesto de retorno a um ponto de referência no início da trajetória (Santos, Antônio, 2020), que permita depreender o processo de apagamento epistêmico desencadeado por narrativas científicas forjadas em estruturas sociais historicamente dominantes.

Para isso, ciente dos desafios de capturar as especificidades de cada área do saber, as concepções de ciência apresentadas serão guiadas por aspectos da astronomia, uma vez que se trata de um tema correlato ao objeto de interesse desta pesquisa (o museu Espaço do Conhecimento UFMG) e que possui um papel fundamental no entendimento do cosmos e em múltiplas dinâmicas da sociedade. Isso porque, diante de diversos fenômenos e objetos celestes, a história da humanidade se entrelaça com a incessante curiosidade e o constante esforço para compreender o universo e a vida.

A partir da contracolonialidade (Dorneles e Santos, 2021; Krenak, 2019; Santos, 2023, 2018 e 2015), dos saberes localizados (Haraway, 2009), e da interseccionalidade (Carrera, 2021; Collins, 2017; Corrêa *et al.*, 2018; Crenshaw, 2002; Gonzalez, 2020; Lorde, 2019; Vergès, 2020), argumentamos, ainda, que as experiências vividas trazem “[...] camadas de informações, impressões e sentimentos que não devem ser ignoradas na construção de conhecimento sobre o mundo” (Corrêa, 2022, p. 130). Nos direcionamos para o que há além da pretensão universal do conhecimento científico não como uma forma de rejeitar o que já foi construído, mas de reforçar as possibilidades críticas e os caminhos para uma produção intelectual enraizada em matrizes contra-hegemônicas de reparação e de justiça social, que indicam formas diversas de pensar e comunicar a ciência.

1.1 A ciência pode refletir sobre si mesma?

O conhecimento se constitui enquanto fator indissociável da vida humana e representa uma das formas de apreender, explicar e dar sentido aos fenômenos do mundo. Ainda em tempos remotos, o ser humano já utilizava os recursos a que tinha acesso para desvendar dúvidas, construir novos instrumentos e realizar ações usuais. Nesse sentido, a observação do céu se tornou um elemento primordial para diversas formas de contar o tempo, realizar atividades agrícolas, compreender as estações do ano e demarcar orientações geográficas. Por meio de variadas perspectivas filosóficas, teóricas e metodológicas (Alves-Brito; Cortesi, 2021), diferentes povos criam conhecimentos próprios, que influenciam percepções sobre o universo, de acordo com seus territórios e origens.

Em uma abordagem guiada pelo contexto ocidental⁹, a astronomia apresenta fundamentos herdados do pensamento da Grécia Antiga e, sobretudo, das teorias filosóficas aristotélicas. Para Aristóteles (384-83 a.C.-322 a.C.), dois dicotômicos mundos dividiam os seres em relação à sua matéria. Segundo Braga, Guerra e Reis (2003), o filósofo grego compreendia que o mundo sublunar abrigava os corpos formados por combinações e transformações entre os quatro elementos primordiais, terra, água, ar e fogo, e que cada um de seus acontecimentos era regido por ciclos de início, meio e fim. Já no mundo supralunar, os seres eram feitos da quinta-essência, o éter, tornando-os inalteráveis e incorruptíveis. Os corpos celestes do mundo supralunar e os corpos terrestres do mundo sublunar se mantinham incomunicáveis e se localizavam em esferas ao redor da Terra, que, por sua vez, permanecia imóvel no centro desse conjunto, em um modelo geocêntrico (ou geostático), sem origem ou limitações definidas (*ibidem*).

Tais aspectos da cultura greco-romana também foram reverberados no período medieval, pautado pela centralidade da teologia e da influência da Igreja Católica, que se fortalecia enquanto instituição organizada e organizadora de diferentes âmbitos da sociedade. Após a queda do Império Romano do Ocidente, o cristianismo se consolidou como a força motriz que, por meio de estáveis bases bíblicas, poderia fornecer esperança e segurança em tempos incertos. A ampla intervenção da Igreja fazia com que o poder da produção política,

⁹ Delineamos um panorama que destaca momentos específicos da produção do conhecimento científico ao longo do tempo, sem a pretensão de detalhar o advento da ciência moderna - mutuamente influenciado por conjunturas políticas, econômicas, sociais e culturais de cada época - em sua totalidade. A seção também conta com ilustrações, fotografias e obras de arte que acompanham e complementam imagetivamente as reflexões teóricas propostas.

econômica e intelectual estivesse concentrado no clero e na nobreza, a partir da doutrina cristã (Xavier; Chagas; Reis, 2017).

Os autores (*ibidem*) defendem que a Idade Média foi um período essencial para a constituição de técnicas e relações comerciais, bem como o funcionamento de diversas instituições, incluindo o modelo educacional de escolas e universidades. No campo astronômico, a concepção do cosmos aristotélico foi alargada por Cláudio Ptolomeu (90-168 d.C.), em um modelo (Figura 1) no qual a Terra ainda permanecia no centro do universo, mas “[...] os corpos celestes realizavam movimentos circulares não necessariamente ao seu redor” (Braga; Guerra; Reis, 2003, p. 46).

Figura 1 – Modelo geocêntrico com esferas celestes

Schema huius præmissæ diuifionis Sphærarum .



Fonte: *Public Domain* | Petrus Apianus; Edward Grant, *Celestial Orbs in the Latin Middle Ages*

Combinando conceitos físicos e matemáticos de Aristóteles e Platão, Ptolomeu desenvolveu uma concepção coerente que permitia “[...] prever as posições ocupadas ao longo do tempo pela Lua, pelo Sol e pelos cinco planetas então conhecidos: Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno, os únicos que podem ser observados sem ajuda de instrumentos ópticos” (Braga; Guerra; Reis, 2003, p. 45). O modelo ptolomaico indicava uma concepção científica que se adequava aos conhecimentos disponíveis na época e às premissas defendidas pela Igreja Católica, sendo amplamente corroborado até o início da Idade Moderna. Dessa

forma, o poder detido pela Igreja influenciava e determinava os moldes da compreensão do universo e do papel da humanidade:

[...] o sistema geocêntrico servia de guia transcendental para o homem do Ocidente, uma vez que se ajustava bem à ideia da Terra como local privilegiado do Universo, aquele em que Deus colocou sua criatura perfeita, o homem, feita a sua imagem e semelhança, para contemplar as maravilhas de sua criação. (Braga; Guerra; Reis, 2011, p. 70).

Juntamente com o trabalho de Ptolomeu, outros recursos desenvolvidos na Europa por meio do conhecimento técnico de engenheiros medievais, incluindo o relógio mecânico e astronômico, se tornaram alguns dos elementos fundamentais para as Grandes Navegações e a expansão marítima responsável pela “[...] invasão de terras originárias nas Américas e pelo sequestro de pessoas negras do continente africano” (Alves-Brito, 2024, p. 7). Nesse cenário, a astronomia e a observação do céu foram fundamentais “[...] para o perverso projeto colonial europeu” (*ibidem*, p. 7) do século XV, que tinha em seu cerne a promessa da conquista de um novo mundo, enquanto barcos atravessavam o oceano levando corpos marcados por violentos apagamentos, expropriações e opressões (Figura 2).

Figura 2 – Obra *O Barco* (2021)¹⁰, de Grada Kilomba, faz referência à arquitetura do fundo das embarcações que levavam corpos africanos escravizados



Fonte: Foto de Brendon Campos

Ao longo das Grandes Navegações, em meio a um contexto de invasões a terras distantes e de crescente dominação europeia, os fundamentos da ciência moderna também começavam a se estruturar, destacando novos modos de conhecer provenientes da experiência

¹⁰ Disponível em: <https://www.inhotim.org.br/eventos/grada-kilomba-o-barco-2021/>. Acesso em: 21 mai. 2025.

e da empiria. No cenário europeu, as ideias de Francis Bacon (1561-1626) se difundiam e buscavam uma reformulação da filosofia natural, por meio do método experimental, com o objetivo de “[...] ampliar a análise ao que produz e regula a natureza, procurando compreendê-la em sua integralidade, para ser capaz de dominá-la” (Braga; Guerra; Reis, 2011, p. 56). A ciência voltada para o progresso se aproximava de uma forma de poder que poderia subjugar a natureza e que, ao invés de ser conduzida por uma lógica linear, constante e sequenciada, era atravessada por reformulações, atualizações e possibilidades de revisitação.

As grandes navegações mudaram por completo a história da Europa. Além de serem fundamentais para o estabelecimento da ciência moderna, possibilitaram a queda de vários mitos medievais. Além disso, mostraram que a adoção de um planejamento para a investigação podia levar, não só a novos conhecimentos, mas à superação e correção dos antigos, dando vida a um novo ideal: o progresso. (*ibidem*, p. 32-33).

Baseada na sistematização do conhecimento científico voltado para o progresso, a Idade Moderna concebeu o Renascimento e propôs transformações que desafiavam a tradição teocentrista. Com isso, as ideias clássicas da Antiguidade foram retomadas em uma abordagem provocada por novas indagações e novas perspectivas acerca da natureza e da própria humanidade, que perpassavam a ciência, a arte, a cultura e as relações sociais. Em muitas obras da época, por exemplo, figuras da mitologia grega passaram a ser retratadas juntamente com elementos da produção científica (Figura 3), como resultado de uma fusão artística e intelectual que resgatava o antigo ao mesmo tempo em que valorizava o novo.

Figura 3 – O teto do Salão de Mercúrio, no Palácio de Versalhes, é um exemplo de obra que representa instrumentos científicos como o esquadro, o grafômetro e a esfera armilar



Fonte: Obra *Mercúrio em sua carruagem puxada por dois galos* de Jean-Baptiste de Champaigne | Google Arts

À época, a produção de conhecimento também foi influenciada pela Revolução Científica que, sobretudo, promoveu tensionamentos e descobertas nos modos de compreender o cosmos. O astrônomo Nicolau Copérnico (1473-1543) elaborou um modelo que rompia com a teoria geocêntrica difundida até então, propondo que o Sol se encontrava no centro do universo e que os planetas, incluindo a Terra, se movimentavam ao redor dele.

O sistema copernicano impunha mudanças significativas na máquina do Universo. O movimento dos astros deixava de estar ligado ao primeiro motor aristotélico, situado além da esfera das estrelas fixas, e passava a depender da distância dos planetas com relação ao Sol. Fora isso, ao colocar a Terra longe do centro do Universo, apenas como um simples planeta, Copérnico impunha uma revisão na física aristotélica. [...] Era preciso, então, para aceitar o sistema copernicano, admitir que a Terra era o centro de sua própria gravidade, uma vez que a queda dos corpos não se dava mais para o centro do Universo, agora ocupado pelo Sol. (Braga; Guerra; Reis, 2011, p. 72).

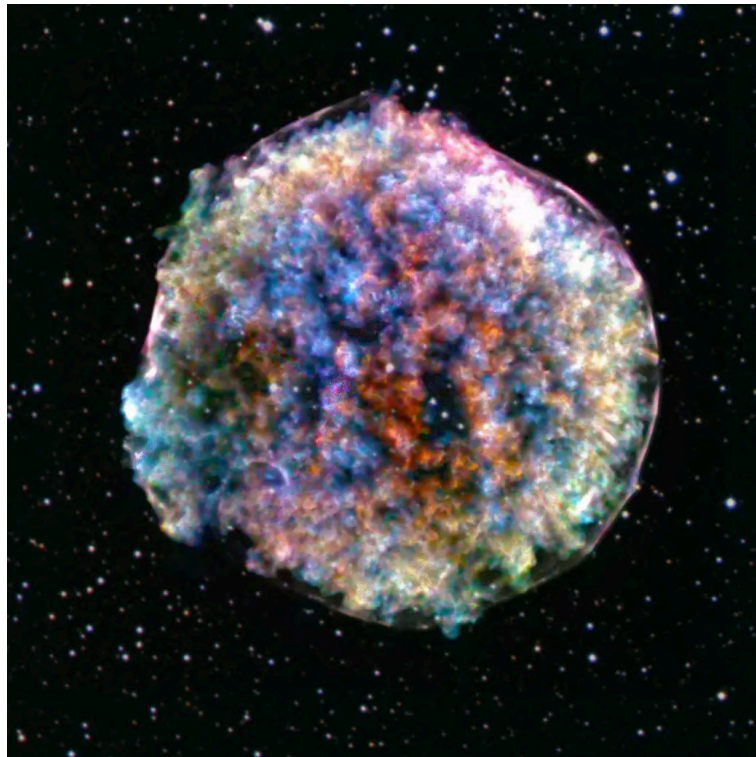
A teoria de Copérnico demandava a atualização e a construção de conceitos que pudessem explicar fenômenos e causalidades que acompanhavam o sistema heliocêntrico (ou helioestático). Tais fatores, tanto pragmáticos - envolvendo a busca por novos fundamentos da física - quanto religiosos, complexificaram a aceitação dessa nova proposta. O modelo copernicano (Figura 4), portanto, alternou entre adeptos e opositores ao longo dos séculos XVI e XVII, até ser listado no Índice dos Livros Proibidos, o *Index*, pela Igreja Católica.

Figura 4 – Modelo heliocêntrico em edição de 1566 do livro *De Revolutionibus Orbium Coelestium*, publicado por Copérnico



As peças que faltavam para que o quebra-cabeça do sistema heliocêntrico pudesse ser formado foram encontradas por diferentes cientistas que também se dedicaram aos estudos da astronomia. Ao realizar a observação de uma supernova (Figura 5), em 1532, e de um cometa, em 1577, o astrônomo Tycho Brahe (1546-1601) percebeu que, ao contrário do cosmos de Aristóteles e Ptolomeu, os planetas não estariam fixos a esferas ao redor da Terra, uma vez que a observação de fenômenos passageiros contestava a imutabilidade celeste (Braga; Guerra; Reis, 2011). Brahe, então, propôs uma teoria intermediária, na qual a Lua e o Sol se moviam ao redor da Terra em repouso, enquanto os planetas giravam em torno do Sol (*ibidem*).

Figura 5 – Supernova na constelação de Cassiopeia, observada por Tycho Brahe



Fonte: Raio X: NASA/CXC/RIKEN & GSFC/T. Sato *et al.*; Óptico: DSS

Mesmo apresentando aspectos inconclusos, os dados obtidos por Brahe foram o ponto de partida para a constituição das Leis de Kepler. Elaboradas pelo astrônomo Johannes Kepler (1571-1630), as leis explicavam o movimento dos planetas e consideravam que a matemática seria um componente fundamental para a compreensão do universo, introduzindo a mensuração como um valor científico.

As duas primeiras leis diziam exatamente o contrário das hipóteses clássicas: os planetas apresentam órbitas em forma de elipse, com o Sol ocupando um de seus focos; e têm velocidades variáveis ao longo da órbita, sendo mais velozes quanto mais próximos estiverem do Sol. Kepler não parou nessas duas leis. Após mais dez anos de trabalho elaborou uma terceira, pela qual estabeleceu uma relação matemática entre o período de translação dos planetas e o raio de suas órbitas. (Braga; Guerra; Reis, 2011, p. 82).

Outras contribuições essenciais para o sistema que colocava o astro-rei no centro do universo vieram das pesquisas de Galileu Galilei (1564-1642). O astrônomo construiu, em 1609, uma luneta que permitia a observação de mais detalhes dos corpos celestes, como as crateras lunares, e trabalhou em conceitos que buscavam contestar a física aristotélica. Apesar de ser um dos principais responsáveis por novos modos de observar o céu e pela constituição da astronomia contemporânea, Galileu foi condenado à prisão domiciliar pelo tribunal da Inquisição da Igreja Católica, devido à defesa do modelo heliocêntrico de Copérnico.

Anos depois, uma nova física se consolidou por meio de Isaac Newton (1642-1727) e de suas leis científicas que mantinham a exatidão e o rigor da linguagem matemática. De acordo com Braga, Guerra e Reis (2011), os alicerces defendidos por Newton deram origem à dimensão que faltava para a completude das ideias de Copérnico, Kepler e Galilei, bem como se tornaram uma bússola para o estabelecimento de “[...] uma metodologia que não se limitou à física, mas acabou por se tornar o padrão por excelência para todos os ramos do conhecimento” (*ibidem*, p. 113), e que ainda hoje influencia não só a concepção contemporânea de ciência, mas também os seus modos de produção.

As leis de Newton tiveram aplicação imediata na astronomia, com grande sucesso de previsão e explicação dos fenômenos celestes. Com elas Newton estruturou uma nova cosmologia, tão ampla quanto a de Aristóteles, pois explicava os movimentos na Terra e de todos os astros no céu, realizando a grande unificação entre esses dois mundos – pois todas as leis que valiam num deles se aplicavam também ao outro, ao contrário da cosmologia aristotélica. O mundo newtoniano era composto por matéria, movimento, espaço e atração. Para Newton a atração não era uma força física, mas matemática. Esse aspecto deixa transparecer a profunda mudança que passou a vigorar nas explicações da natureza a partir do sucesso de seus trabalhos. (*ibidem*, p. 110).

Em meio a efervescência política, econômica, intelectual e cultural vivenciada pela Europa no século XVIII, também conhecido como “Século das Luzes”, o movimento do Iluminismo seguiu o legado construído pela Revolução Científica e buscou descartar as influências restantes dos dogmas e das estruturas postuladas pela filosofia cristã medieval, em um movimento que deveria atingir todos os campos do saber (Braga; Guerra; Reis, 2005). A arena pública também passou a se tornar um espaço cada vez mais fundamental para a ciência, seja como forma de legitimação ou de disputas e debates.

[...] a disputa pela verdade acontecia na arena pública. Pensadores do século 18 não viviam apenas no conforto de suas bibliotecas ou academias: eram militantes do saber. A filosofia e a ciência eram praticadas em diálogo com as pessoas, que adquiriam modos de acessar a leitura. Dizer que o conhecimento devia ser divulgado o mais amplamente possível é pouco. Não se tratava de “explicar” saberes eruditos para pessoas incultas, tidas como meras receptoras de ideias. O espírito crítico era visto como ferramenta para a emancipação individual e coletiva, e a razão era apenas um meio nessa conversão. A opinião pública era o próprio motivo dos novos saberes, que se tornavam mais vastos e demandavam definições mais precisas. [...] Todas as pessoas letradas estavam convidadas a propor reflexões. Por isso mesmo, como as opiniões se multiplicavam, eram necessários critérios para que uma afirmação pudesse ser considerada correta e válida. (Roque, 2021, p. 34-35).

Assim, o período iluminista evidenciou uma acentuada distinção entre o conhecimento *científico* e *outros* saberes. Tal adjetivação qualificativa passava a designar conhecimentos específicos, voltados para o progresso, que deveriam ultrapassar os resquícios da produção elaborada durante a Idade Média.

O conhecimento científico é o que se origina do método científico, consolidado a partir do século XVII. Diferentemente do conhecimento até então acumulado - e devemos reconhecer que há conhecimentos importantes gerados antes da Revolução Científica do século XVII -, o conhecimento científico se assenta sobre uma premissa básica: tem de ser verificado, comprovado! Não existe conhecimento que se possa chamar de científico que se exima da verificação e da crítica. Uma distinção ilustrativa que podemos fazer é com dogmas. Enquanto o dogma exige uma aceitação sem questionamento, o conhecimento científico se aperfeiçoa exatamente com a dúvida, com o questionamento. (Beirão, 2022, p. 14).

A ciência, então, assume uma posição de guardiã da verdade, detendo a objetividade, a neutralidade, a racionalidade e a universalidade necessárias para guiar a sociedade por caminhos de transformação e compreensão do mundo ao seu redor. Essas premissas seguiram ganhando força no século XIX, sobretudo a partir de Auguste Comte (1798-1857), com o positivismo.

[...] Comte apresentava também sua concepção filosófica da história, dividida em três fases. A primeira era o estado teológico ou fictício, característico das sociedades antigas, onde os fenômenos eram entendidos como eventos sobrenaturais; essa fase teria sido seguida pelo estado metafísico ou abstrato, onde se concentraria o poder da Igreja e os fenômenos eram considerados como produzidos por abstrações personificadas e, por fim, a história se encaminhara para o estado científico ou positivo, onde todos os fenômenos seriam explicados pela ciência, utilizando o raciocínio e a observação. A fase científica representava, portanto, o ápice do processo evolutivo da humanidade. (Tolmasquim, 2013, p. 522-523).

É também nesse contexto que os museus abertos ao público surgem e se expandem na Europa, alinhados aos objetivos políticos da classe burguesa (Suano, 1986), com coleções amplamente constituídas por meio de saques e apropriações sistemáticas de nações colonizadas (Menezes; Álvarez, 2019). As instituições museais reforçavam o legado

colonialista e imperialista dos países europeus, bem como a hierarquização do conhecimento, da razão e da pesquisa científica como elementos primordiais para os avanços do progresso.

No cenário do Brasil imperial, o positivismo representou uma forma de desenvolvimento, modernidade e transformação social, e provocou a esperança necessária à época para a convicção de que o país “[...] não estava destinado a permanecer em seu estágio rudimentar, ele estava apenas mais atrasado do que os países europeus, num processo inexorável de desenvolvimento para onde todos caminhariam” (Tolmasquim, 2013, p. 523-524). Em relação à astronomia, a teoria positivista propôs uma ordenação de saberes que mantinha o campo em posição privilegiada para a compreensão dos fenômenos e do papel da humanidade no universo:

[...] o primeiro lugar era ocupado pela matemática, que utilizaria apenas o raciocínio lógico para o seu desenvolvimento. Esta era seguida pela astronomia, que além do raciocínio necessitava apenas da observação. Depois viriam as ciências física, química e biológica, que dependiam ainda da experimentação e, por fim, a sociologia — a nova ciência da vida em sociedade. A astronomia tinha, portanto, papel fundamental na estrutura do conhecimento. (*ibidem*, p. 524).

Novos capítulos da história continuaram se delineando, a partir da consolidação do conhecimento moderno, cada vez mais conectado à tecnologia e à exatidão matemática, em múltiplas áreas da sociedade. A ciência, por muito tempo definida como o saber em torno do mundo e dos fenômenos naturais (Roque, 2021), e os cientistas, que durante séculos dependeram do financiamento de reis e mecenas (*ibidem*), se estruturaram em uma perspectiva voltada para a atuação acadêmica institucional e reconhecida socialmente.

Durante o século XX, astronautas pisaram na Lua, a física quântica de Albert Einstein (1879-1955) implementou novos parâmetros para o tempo e o espaço em constante expansão, e a humanidade se vislumbrou como parte de um universo que surgiu há cerca de 13,8 bilhões¹¹ de anos. Em 1945, a criação da bomba atômica¹², coordenada pelo físico Robert J. Oppenheimer, demonstrou que os cientistas também poderiam utilizar o conhecimento para provocar os mais violentos níveis de destruição. Esse marco representava a relação entre os setores da sociedade, os financiamentos oriundos de diferentes origens e os requisitos de instituições diversas na constituição do trabalho científico.

Cabe ressaltar que, com o fim da Segunda Guerra Mundial, a ciência pós-acadêmica (Ziman, 2004) se estruturou em um processo de continuidade que conservou muitas características da ciência formada no ambiente acadêmico, mas desenrolou diferenças culturais e epistêmicas, como a organização coletiva da produção científica e a aplicação do

¹¹ Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/o-calendario-cosmico/>. Acesso em: 22 mai. 2025.

¹² Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/a-bomba-atomica/>. Acesso em: 22 mai. 2025.

conhecimento a problemas práticos, e cada vez mais imediatos, que emergiam da sociedade (*ibidem*). Nesse contexto, o fomento à infraestrutura de pesquisa e à democratização do conhecimento passaram a depender de questões orçamentárias, incentivo de editais públicos e disponibilidade de recursos, o que tornou a prestação de contas um elemento fundamental para a ciência, devido a suas implicações éticas, políticas, culturais (Reis; Videira, 2013) e econômicas.

As armas nucleares também demarcavam de forma contundente que a ciência se mantém vinculada não apenas aos grupos de cientistas que a produzem, mas também aos interesses políticos, culturais e até mesmo bélicos de mercados, indústrias e governos. A pesquisa científica, então, irrompia um potencial negativo e letal, ao mesmo tempo em que proporcionava inúmeras contribuições em diferentes áreas. Com isso, o pós-guerra culminou em uma conjuntura na qual o progresso científico, articulado a outras frentes e infraestruturas, assumiu um papel imprescindível para a saúde, as indústrias, o fortalecimento das Forças Armadas, a prosperidade e a segurança das nações, em tempos de paz ou de conflitos (Bush, 2020). No entanto, enquanto a flecha do progresso seguia seu curso, quais saberes foram apagados? Quais formas de compreender o céu foram suprimidas pelo avanço irrefreável de um conhecimento baseado nos moldes eurocêntricos? Como diferentes povos, em territórios e contextos socioculturais diversos, pensavam o universo?

É a partir dessas questões que o conceito de astronomia cultural toma forma e busca lidar com um campo astronômico embasado por um projeto de ciência que “[...] não é neutro, puro, ingênuo e, muito menos, isento dos atravessamentos proporcionados por marcadores sociais da diferença, como raça/gênero/etnia/cor” (Alves-Brito; Alves, 2022, p. 111). Os autores (*ibidem*) apontam que os estudos da astronomia nas culturas se dedicam às experiências de variados corpos-territórios com os objetos celestes, conectando percepções do céu e interpretações do mundo.

[...] podemos dizer que, de maneira mais ampla, a Astronomia nas Culturas quer entender, interpretar, aprender e disseminar, por meio de práticas científicas e didático-pedagógicas, a complexa relação que as diferentes culturas estabelecem com o céu, levando em consideração as distintas interpretações da organização cosmopolítica de seres vivos e não vivos. A Astronomia nas Culturas está interessada em descrever o conjunto de saberes de determinados povos sobre o céu, levando em consideração as variadas e complexas nuances socioantropológicas dos grupos humanos que já passaram ou que vivem na Terra. (*ibidem*, p. 114).

O empreendimento científico moderno tornou natural a dominação e a sub-representação de determinados grupos, em meio ao “[...] pensamento eurocêntrico, alimentado por um capitalismo desenfreado com uma necessidade descomedida de aquisição

de poder” (Machado, 2014, p. 56-57), aprofundando assimetrias e discriminações que permeiam a sociedade desde o período colonial. Alves-Brito (2021b, p. 7) chama atenção, sobretudo, para os corpos negros e de povos originários, “[...] perpassados pelas questões de gênero e de classe, e que, em última análise, têm sido excluídos, invisibilizados e/ou epistemicamente exterminados da produção de conhecimento científico e tecnológico válidos”. Aqui, destacamos as disparidades de gênero na produção intelectual e as essenciais matrizes feministas (Bairros, 1995; Haraway, 2009; Harding, 1986; Keller, 2006), bem como as matrizes cosmológicas africanas (Santos, 2023, 2018 e 2015) e indígenas (Krenak, 2019; Kopenawa e Albert, 2015) que foram menosprezadas e privadas do reconhecimento e da participação na construção de diversas áreas do conhecimento.

A exemplo, os saberes provenientes do Egito e de outras civilizações africanas foram invisibilizados e “[...] colocou-se em dúvida a sua capacidade de filosofar, de pensar e exercer atividades intelectuais” (Machado, 2014, p. 56-57). Entretanto, o conhecimento produzido por tais povos inclui a construção das pirâmides egípcias, a criação de um modelo de calendário próprio, a escrita com hieróglifos (*ibidem*) e outros sistemas de comunicação gráfica, como o *nbisidi* (Figura 6) em territórios da Nigéria e Camarões. O vasto arcabouço cultural, artístico, e epistemológico africano também é constituído pela música, dança, escultura, poesia, poema e oralidade (Alves-Brito; Alves, 2022).

Figura 6 – Tecido Ukara com símbolos *nbisidi*¹³



Fonte: Brooklyn Museum

¹³ Disponível em: <https://africa.si.edu/exhibits/inscribing/nsibidi.html>. Acesso em: 22 mai. 2025.

Em meio a diversas, complexas e variadas percepções sobre o universo, diferentes cosmologias apresentam maneiras de compreender as constelações, os planetas e os movimentos celestes, costurando a memória, a ancestralidade e a experiência junto com os sentidos e a vivência em comunidade (Machado, 2014). Em uma concepção análoga ao espaço museal, Alves-Brito (2024, p. 8) argumenta que “[...] ainda que a esfera celeste seja o maior museu a céu aberto do planeta, há diferentes céus e distintas formas de olhá-los, vislumbrá-los, senti-los e interpretá-los, ou melhor, há variadas formas de interagir com os corpos celestes museológicos”. Nesse sentido, os povos indígenas e africanos já estabeleciam profundas relações entre o céu e a terra (Figura 7), que suscitaram origens e múltiplos significados para o universo, antes, durante e depois das concepções de ciência previamente apresentadas.

Figura 7 – A obra *De quando o céu e o chão eram a mesma coisa* (2024)¹⁴, de Rafael RG, remete às formas mais antigas de compreender o terreno e o celestial



Fonte: 38º Panorama da Arte Brasileira do Museu de Arte de São Paulo/Mitre Galeria

Em diferentes cosmologias indígenas, especialmente a do povo Yanomami, também há uma expressão relacionada ao espaço celeste, que se refere à destruição de diferentes mundos:

¹⁴ Disponível em: <https://milgraus.mam.org.br/artistas/rafael-rg?lang=pt-br>. Acesso em: 22 mai. 2025.

*a queda do céu*¹⁵. Tal devastação, causada pelos colonizadores, ainda é mantida pela “[...] economia industrial baseada na energia fóssil e no consumo exponencialmente crescente de espaço, tempo e matérias-primas [...] levada a cabo pela civilização que se julga liberta de toda 'superstição retrógrada' e de todo 'animismo primitivo’” (Kopenawa; Albert, 2015, p. 24). Nessa perspectiva, os povos indígenas resistem ao fim do mundo todos os dias, sustentando o céu (Figura 8) e lutando por seus próprios territórios, pela preservação da natureza e pelo cuidado com o planeta.

Figura 8 – Fotografia intitulada *Guerra nas estrelas para sustentar o céu - luta e resistência indígena*



Fonte: Edgar Kanaykō (Terra Indígena Xakriabá, MG, 1990) | Acervo da Pinacoteca de São Paulo

¹⁵ “A floresta está viva. Só vai morrer se os brancos insistirem em destruí-la. Se conseguirem, os rios vão desaparecer debaixo da terra, o chão vai se desfazer, as árvores vão murchar e as pedras vão rachar no calor. A terra ressecada ficará vazia e silenciosa. Os espíritos xapiri, que descem das montanhas para brincar na floresta em seus espelhos, fugirão para muito longe. Seus pais, os xamãs, não poderão mais chamá-los e fazê-los dançar para nos proteger. Não serão capazes de espantar as fumaças de epidemia que nos devoram. Não conseguirão mais conter os seres maléficos, que transformarão a floresta num caos. Então morreremos, um atrás do outro, tanto os brancos quanto nós. Todos os xamãs vão acabar morrendo. Quando não houver mais nenhum deles vivo para sustentar o céu, ele vai desabar. - Davi Kopenawa”. (Kopenawa; Albert, 2015, p. 6).

Considerando o constante desequilíbrio e as múltiplas e violentas crises desencadeadas por um sistema centrado no capitalismo, no consumo e no utilitarismo, os saberes de matrizes africanas e indígenas podem consolidar formas de adiar o fim do mundo (Krenak, 2019), contando histórias plurais que estejam atreladas à natureza, ao cosmos e à integração entre os seres, bem como expandindo as formas de produzir ciência.

A contribuição do pensamento negro-africano, no continente e na diáspora afro-americana, e do pensamento indígena, para a ciência, entendida como busca do conhecimento, não está em sua predisposição para a resistência, a concorrência ou a sobreposição ao pensamento científico ocidental. Sua potencialidade decorre do quanto a ela seja reconhecido o valor e a capacidade de responder às exigências de uma outra maneira de se relacionar com o mundo, um mundo não determinado pelo “paradigma da simplicidade”, baseado na hierarquização e na exclusão, na disjunção e na redução, mas em uma “ciência da complexidade” cuja produção de sentido leva em conta interações e inter-reações entre o antro-sociocultural e a dimensão biofísica, em bases solidárias, coletivas, afetivas em relação à natureza e ao planeta Terra. (Alves-Brito; Macedo, 2022, p. 407).

As concepções científicas localizadas em perspectivas de povos africanos e originários apresentam maneiras de recontar narrativas historicamente vinculadas à centralidade europeia e à dominação colonial. No âmbito da arte, a obra *A queda do céu e a mãe de todas as lutas* (Figura 9), de Daiara Tukano, representa Pietá, de Michelangelo, como uma de suas referências visuais¹⁶ e reescreve a história a partir do pensamento Yanomami de Davi Kopenawa.

Figura 9 – Obra *A queda do céu e a mãe de todas as lutas*, de Daiara Tukano



Fonte: Brasil Futuro, Museu da República, Brasília

¹⁶ Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/especiais/daiara-tukano/>. Acesso em: 08 jun. 2025.

Ao longo do histórico e complexo processo que culminou no advento da ciência moderna, diferentes teorias e postulados foram questionados, dando lugar a novas ideias, premissas e métodos. Sob o recorte do campo astronômico, os fragmentos apresentados até aqui foram construídos durante muitos séculos, atravessados por disputas, discordâncias, interesses e reflexões de diferentes cientistas. No entanto, o breve panorama desta seção também demonstrou que a autorreflexão da ciência moderna foi majoritariamente realizada por homens brancos, em um contexto eurocêntrico, hegemônico e colonialista.

Outros caminhos necessários para a compreensão da produção científica, portanto, perpassam as pessoas envolvidas em seus processos, uma vez que a ciência “[...] não é, nesse sentido, um simples estudo apolítico da verdade, mas a reprodução de relações raciais de poder que ditam o que deve ser considerado verdadeiro e em quem acreditar” (Kilomba, 2019, p. 53-54). Se a ciência pode - e deve - refletir sobre si mesma, as dimensões interseccionais de raça, gênero, classe social, geolocalização, entre outras, revelam perspectivas que deslocam a universalidade, a objetividade e a neutralidade da produção de conhecimento.

1.2 Perspectivas interseccionais, localizadas e contracoloniais: quem faz ciência?

Em um processo de manutenção de poder que conservou aparatos da colonização, a ciência foi amplamente concebida ao longo do tempo a partir da perspectiva eurocêntrica. As histórias contadas sobre a produção científica e seus campos de conhecimento se constituem enquanto formas sistemáticas e naturalizadas de exclusão de diferentes percepções e vivências, “[...] já que interesses podem moldar a cognição - e as sociedades escolhem o que querem lembrar e o que querem esquecer” (Bento, 2022, p. 24). Dessa forma, o processo de indagar “quem faz ciência?” também sugere outras importantes questões, como “[...] quem define quais perguntas merecem ser feitas? Quem as está perguntando? Quem as está explicando? E para quem as respostas são direcionadas?” (Kilomba, 2019, p. 54).

De acordo com Alves-Brito (2021b, p. 6), a “[...] explícita e irreconciliável separação "sujeito-objeto", premissa da própria definição moderna e contemporânea de ciência, nos ajuda a refletir” sobre o papel indissociável do corpo e da corporeidade na produção intelectual de saberes. Nesse sentido, a construção do saber científico carrega uma herança histórica de um contexto no qual “[...] o sujeito do conhecimento não era apenas homem, mas homem branco europeu e de elite” (Gomes; Casarin; Duarte, 2019, p. 54).

Segundo Haraway (2009, p. 16), o empreendimento da ciência, sobretudo no progresso almejado pela modernidade, esteve vinculado ao reducionismo, na medida em que uma linguagem universalizante é “[...] imposta como o parâmetro para todas as traduções e conversões”. Em um contexto forjado pelo progresso e pela modernidade, a universalidade está relacionada aos princípios de objetividade de cada campo da ciência, que permitem determinar suas proposições verdadeiras e protocolares, independente dos sujeitos (Agazzi, 2020).

Quando se fala, por exemplo, que um determinado juízo é objetivo, que alguma pesquisa foi conduzida de maneira objetiva, ou que alguma qualidade é possuída objetivamente por algo ou por alguém, geralmente se entende que o juízo, a pesquisa ou a qualidade não dependem do sujeito que expressa o juízo, conduz a pesquisa ou atribui a qualidade. (*ibidem*, p. 71).

Ao problematizar tal objetividade científica descorporificada (Haraway, 2009), as epistemologias feministas passam a trabalhar com os saberes localizados, que se valem de subjetividades, experiências, perspectivas parciais e críticas para privilegiar a responsabilidade pelo conhecimento produzido e a possibilidade de contestação, em detrimento do processo de universalismo e da cisão completa entre sujeito e objeto. A teoria feminista na ciência, fruto dos desdobramentos do vasto movimento social e político do feminismo, buscava identificar os rastros de disparidades de gênero deixados por estruturas sociais em todos os aspectos do empreendimento científico (Harding, 1986). De maneira similar, Keller (2006, p. 15) afirma que a intenção de seus estudos feministas da ciência se voltava para a gênese da exclusão das mulheres na produção científica, bem como das distinções subjacentes que rotulavam “[...] mente, razão e objetividade como "masculinas", e coração (e corpo), sentimento e subjetividade como "femininos"”.

O âmbito da ciência, bem como outras importantes esferas da vida em sociedade, foi (e ainda é) dominado por homens, amparados por privilégios de classe e cisheteronormatividades (Akotirene, 2019), que também nos permitem destacar a ausência de matrizes africanas, afro-diaspóricas e indígenas nos processos da produção científica. A partir do conceito de “cosmologias racializadas”, em uma abordagem que, para além da física e da astronomia, estendemos ao conhecimento de diferentes áreas, Alves-Brito (2021b, p. 6) defende que os processos da ciência “[...] não estão isentos de construir e reafirmar relações sociais desiguais, hierarquizadas entre as pessoas com base no conceito de raça”.

É nessa distribuição territorial de “corpos” que a superioridade de conhecimentos é atrelada à ciência produzida pelos europeus (e norte-americanos) enquanto todos os outros conhecimentos, de africanos e suas diásporas e/ou indígenas, são destituídos de pensamento, criminalizados e descivilizados. (*ibidem*, p. 7).

Tal silenciamento e invisibilização podem ser atribuídos a uma série de fatores, alguns deles explicitados na seção anterior, que incluem a relação de dependência entre a liberdade intelectual e as condições financeiras e materiais (Mesquita, 2022). Desse modo, o exercício do fazer científico passou a depender de certos níveis mínimos de autonomia econômica, política e educacional, historicamente relegados a diferentes grupos, e, nas particularidades de gênero, se tornou cada vez mais uma carreira na qual os homens poderiam se beneficiar “[...] do apoio daquelas que mantêm a casa, cuidam dos filhos, poupam-lhes das preocupações práticas, permitem-lhes passar noites em claro no laboratório e se ausentar devido aos vários estágios e deslocamentos ao exterior” (Stengers, 2023, p. 46-47).

Ao discutir as desigualdades presentes na produção literária, Woolf (2022) menciona estruturas de opressão que mantêm determinados grupos em posição de superioridade, por meio de noções compartilhadas e reforçadas sistematicamente na sociedade. Ainda que a autora (*ibidem*) se refira às disparidades de gênero, é possível estender suas observações para as condições desiguais entre diferentes povos, territórios, origens, línguas e culturas.

A vida para ambos os sexos [...] é árdua, difícil, uma batalha perpétua. Requer uma coragem e uma força gigantescas. Mais do que tudo, talvez, já que somos criaturas de ilusões, requer confiança em si próprio. Sem autoconfiança, somos como bebês no berço. E como podemos produzir mais rapidamente essa qualidade imponderável e, no entanto, tão inestimável? Pensando que os outros são inferiores a nós. Sentindo que temos alguma superioridade inata sobre os demais — pode ser riqueza, status, um nariz fino ou o retrato de um antepassado feito por Romney, pois não há limites para os patéticos recursos da imaginação humana. Por isso a enorme importância, para o patriarca que precisa conquistar e comandar, do sentimento de que um grande número de pessoas — de fato, metade da humanidade — é por natureza inferior a ele. Essa deve ser, na verdade, uma das principais fontes de seu poder. (*ibidem*, p. 65-66).

Inúmeras assimetrias existentes nos processos da produção científica são ocultadas por uma lógica que visa o conhecimento objetivo, replicável e válido (Agazzi, 2020) para todas as pessoas. A neutralidade, a objetividade e a universalidade do conhecimento, portanto, se parecem mais com um lugar dominante de poder (Kilomba, 2019) do que com uma renúncia completa e genuína (ou até mesmo ilusória) da subjetividade.

Ainda que diferentes pressupostos, conceitos e técnicas embasadas pela ciência circulem na sociedade, sem qualquer referência aos sujeitos individuais (Agazzi, 2020) que os empregam, Ziman (2004) aponta que a objetividade é consensual e socialmente construída, por meio de processos coletivos, heterogêneos e críticos que transformam interesses e afirmações individuais em conhecimentos consistentes (não absolutos ou inalteráveis) e

aceitos pela comunidade. Logo, tais processos não estão isentos das marcas de seus atores e dos contextos em que estão inseridos.

Um fato científico empírico origina-se de uma observação – um ato de percepção humana. Para se tornar propriedade comum, precisa ser aceito pelos membros de uma comunidade de pesquisa – isto é, por meio de atos de cognição humana. O que pode ser conhecido pela ciência só pode ser conhecido pelos cientistas. Por essa razão, o conhecimento científico é moldado, talvez fundamentalmente limitado, pelos poderes da mente humana. O processo de pesquisa não pode ser isento de elementos pessoais. Não pode ser inteiramente mecanizado ou perfeitamente regulado socialmente. É verdade que uma comunidade de pesquisa não é diferente de um instrumento complexo, cujos componentes são sensibilizados, padronizados e calibrados por sua educação e experiência científicas. Mas ela é energizada por variações individuais em sua capacidade de raciocinar, sentir, perceber e se mover. A possibilidade de que essas variações possam eventualmente ser eliminadas pela automação é irrelevante.¹⁷ (*ibidem*, p. 102-103, tradução nossa).

Isso posto, os saberes localizados se apresentam como uma alternativa à totalização do conhecimento, na medida em que incluem perspectivas parciais para a “[...] construção de mundos menos organizados por eixos de dominação” (Haraway, 2009, p. 24). A objetividade feminista defendida por Haraway (*ibidem*) é contrária ao conhecimento não localizável e, por consequência, inapto a prestar contas e a ser responsabilizado. Os saberes localizados, então, se distanciam da universalidade na mesma medida em que se afastam do relativismo. Enquanto abandonam respostas totalizantes “[...] que não dão conta da complexidade do mundo” (Costa, 2019, p. 195), também negam a relativização que impede a avaliação crítica das dinâmicas de dominação.

Nas ideologias de objetividade, o relativismo é o perfeito gêmeo invertido da totalização; ambos negam interesse na posição, na corporificação e na perspectiva parcial; ambos tornam impossível ver bem. O relativismo e a totalização são, ambos, "truques de deus", prometendo, igualmente e inteiramente, visão de toda parte e de nenhum lugar, mitos comuns na retórica em torno da Ciência. Mas é precisamente na política e na epistemologia das perspectivas parciais que está a possibilidade de uma avaliação crítica objetiva, firme e racional. Assim, como muitas outras feministas, quero argumentar a favor de uma doutrina e de uma prática da objetividade que privilegie a contestação, a desconstrução, as conexões em rede e a esperança na transformação dos sistemas de conhecimento e nas maneiras de ver. Mas não é qualquer perspectiva parcial que serve; devemos ser hostis aos relativismos e holismos fáceis, feitos de adição e subsunção das partes. (Haraway, 2009, p. 24).

¹⁷ No original: “*An empirical scientific fact originates in an observation – an act of human perception. To become communal property it has to be accepted by the members of a research community – that is, through acts of human cognition. What can be known to science can only be what can be known to scientists. For this reason, scientific knowledge is shaped, perhaps fundamentally limited, by the powers of the human mind. The research process cannot be cleansed of personal elements. It cannot be entirely mechanized or perfectly regulated socially. It is true that a research community is not unlike a complex instrument, whose components are sensitized, standardized and calibrated by their scientific education and experience. But it is energized by individual variations in their capacity for reasoning, feeling, perceiving and moving. The possibility that these variations might eventually be eliminated by automation is beside the point. We are concerned with academic science and its present day successors, not with the hypothetical knowledge-producing machines of a conjectural future*”.

Ao reconhecer as profundas contribuições e as significativas mudanças proporcionadas pelo pensamento e pelas lutas do feminismo, ressaltamos que os estudos feministas da ciência nos séculos XIX e XX foram em grande parte realizados por mulheres brancas dos Estados Unidos. É essencial, portanto, a compreensão de que “[...] não existe uma identidade única, pois a experiência de ser mulher se dá de forma social e historicamente determinadas” (Bairros, 1995, p. 461). Logo, outras matrizes complexificam o pensamento feminista a partir de diferentes dimensões opressivas, para além do patriarcado, como o capitalismo e o racismo:

O capitalismo não hesita em adotar o feminismo corporativo (aquele que exige que as pessoas se integrem a seu mundo) ou o discurso dos direitos das mulheres segundo o qual as desigualdades entre homens e mulheres são uma questão de mentalidade, de falta de educação, e não de estruturas opressivas. Não que a transformação de mentalidade e uma educação antirracista e antissexista sejam questões a se negligenciar, longe disso. No entanto, devemos chamar a atenção para a insistência em não se admitir que estamos falando de estruturas, que o capitalismo racial desmorona sem o racismo, e com ele um mundo inteiro construído sobre a invisibilização, a exploração e a expropriação. [...] existem obstáculos estruturais à igualdade, seja entre as mulheres como um todo, seja entre os homens como um todo. (Vergès, 2020, p. 86).

Nesse sentido, a prevalência do universalismo também foi confrontada no âmbito das instituições de direitos humanos pela perspectiva interseccional, cunhada em 1989 pela professora de Direito Kimberlé Crenshaw, como uma forma de apontar os efeitos interativos de discriminações, as injustiças provocadas pela homogeneização de experiências e a sobreposição de eixos de poder (Crenshaw, 2002). A interseccionalidade também está profundamente ligada aos movimentos do feminismo negro, que já demonstravam a articulação entre categorias de raça, classe e gênero e evidenciavam que “[...] as necessidades das mulheres de cor não podem ser atendidas por um pensamento mono-categórico”¹⁸ (Collins, 2017, p. 11).

A partir de um *ethos* de justiça social (*ibidem*), voltado para possibilidades de mudança, ações e políticas mais democráticas, a perspectiva interseccional está engajada em analisar as relações de poder que permeiam a sociedade. Sua origem, enraizada na luta e resistência das mulheres negras, parte de mobilizações atentas às desigualdades sociais e aos modos pelos quais as dimensões de opressão e privilégio são organizadas e persistem. Isso

¹⁸ O termo “mulheres de cor” (*women of color*, em inglês) foi cunhado nos Estados Unidos, a partir dos movimentos feministas da década de 1970, para se referir à autodefinição de mulheres de diferentes origens e etnias, como as ascendências africanas, asiáticas, indígenas, caribenhas e latino-americanas. Ainda que seja atravessado por disputas e debates, o termo carrega perspectivas políticas de “[...] existências que estão justamente afirmando uma diferenciação da branquitude, a qual tem sido usada há séculos como o único referente viável, possível, pronunciável” (nascimento, 2017, p. 140).

porque, como elucidado por Lorde (2019, p. 138), o feminismo negro já denunciava o fato de que “[...] em uma sociedade em que o bom é definido em relação ao lucro, e não a necessidades humanas, deve sempre existir um grupo de pessoas que, mediante a opressão sistemática, pode ser levado a se sentir dispensável, ocupando o lugar do inferior desumanizado”.

Os opressores mantêm sua posição e se esquivam da responsabilidade pelos seus atos. Há um constante dispêndio de energia, que poderia ser mais bem empregada numa redefinição de nós mesmos e na elaboração de roteiros realistas para alterar o presente e construir o futuro. [...] todos fomos programados para responder às diferenças humanas que há entre nós com medo e aversão, e a lidar com elas de três maneiras: ignorar e, se não for possível, copiar quando a consideramos dominante ou destruir quando a consideramos subalterna. (*ibidem*, p. 139).

Enquanto modo crítico¹⁹ de compreender e perceber o mundo, a abordagem interseccional demonstra como múltiplos sistemas de poder atuam de forma sinérgica e produzem lugares sociais distintos para diferentes sujeitos e grupos (Collins, 2017). Ao contrário de uma hierarquização de opressões e de uma “[...] simples soma de identidades e categorias” (Corrêa, 2022, p. 137), há uma perspectiva voltada para a sobreposição e a articulação de diferentes estruturas sociais em experiências e identidades. Corrêa *et al.* (2018, p. 156) defendem que a interseccionalidade complexifica a análise das dinâmicas sociais e das práticas de deslegitimação discursiva e violência epistêmica que, vinculadas às formas de opressão estruturais e estruturantes, “[...] se ramificam em toda a sociedade, organizando todos os espaços de poder e visibilidade”.

Na medida em que busca tratar das constituições identitárias marginalizadas, a abordagem interseccional também se torna “[...] aplicável para outras categorias sociais” (Carrera, 2021, p. 5), como orientação sexual, território, idade e deficiência. Assim, é possível identificar dimensões de dominação, que se baseiam em matrizes de opressão, sustentadas pelo viés branco, europeu, cristão e patriarcal que “[...] viria a ser não só o referencial das classificações triádicas do evolucionismo positivista das nascentes ciências do homem como ainda hoje direciona o olhar da produção acadêmica ocidental” (Gonzalez, 2020, p. 117).

Ao ponderar que a interseccionalidade fortalece a produção intelectual contra-hegemônica como uma forma de expor grupos e percepções tradicionalmente negligenciadas e silenciadas (Corrêa *et al.*, 2018), é válido destacar que o conhecimento, bem

¹⁹ Em aula intitulada “Afiando as bordas críticas da interseccionalidade”, na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Patricia Hill Collins aborda a palavra crítico (*critical*, em inglês) por meio de dois significados: o primeiro se refere à crítica/protesto, visando criticar tanto as práticas sociais quanto as ideias que sustentam as injustiças sociais; e o segundo está relacionado a algo importante, essencial e urgente, suscitando questões como “Importante para a vida de quem? Atendendo a que propósitos?”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zFLrCRZGMVU>. Acesso em: 29 out. 2025.

como a memória, a identidade e a cultura, de povos africanos e originários foi apagado como “[...] um dos principais resultados de um processo colonial que os países ocidentais executaram no decorrer da história” (Menezes; Álvarez, 2019, p. 171).

Nesse contexto ocidental, sobretudo da Europa, os museus são capazes de “[...] dissimular suas formas de exploração sob o véu do universal” (Vergès, 2023, p. 13), partindo de uma constituição “[...] frequentemente ligada à história da exploração simbólica e econômica dos povos” (Menezes; Álvarez, 2019, p. 175). Desse modo, é possível levantar questionamentos sobre a concepção de ciência difundida pelos espaços museais, os grupos que produzem o conhecimento científico exposto e as marcas colonialistas deixadas pela produção de saberes em diferentes instituições.

Em relação ao debate sobre as nações historicamente submetidas à dominação colonial, o pensamento latino-americano²⁰ alcança fôlego e autonomia a partir de estudos realizados pelo Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C), nos anos 1990, que evidenciaram a trajetória da América Latina enquanto continente atravessado de forma específica pelo capitalismo e pela violenta lógica colonial e imperial moderna, sobretudo “[...] por parte do novo império estadunidense – ele mesmo tendo sido uma colônia nas Américas” (Ballestrin, 2013, p. 96).

Segundo Castro-Gómez e Grosfoguel (2007), os primeiros membros do que viria a se tornar o Grupo Modernidade/Colonialidade se reuniram em 1996, quando Aníbal Quijano (sociólogo peruano) participou de seminários organizados por Kelvin Santiago (sociólogo porto-riquenho), Ramón Grosfoguel (sociólogo porto-riquenho), Agustín Lao-Montes (à época doutorando em Sociologia) e Sylvia Wynters (pensadora afro-caribenha), membros do então Grupo de Trabalho sobre Colonialidade (*Coloniality Working Group*), na Universidade Estadual de Nova York, em Binghamton. A partir de 1998, o Grupo M/C passou a se estruturar por meio de eventos, reuniões e publicações (Ballestrin, 2013), que também agregaram a participação de outros integrantes²¹.

É nesse contexto que surge uma virada epistêmica, chamada de “giro decolonial”, que buscava compreender e problematizar um mundo marcado “[...] pela permanência da

²⁰ O pensamento decolonial firmou raízes na região da América Latina e também percorreu de forma autônoma a Ásia e a África (Mignolo, 2007), a partir de especificidades do contexto colonialista e das marcas da colonialidade em cada continente.

²¹ Entre eles, é possível citar Walter Mignolo (semiólogo argentino), Santiago Castro-Gómez (filósofo colombiano), Zulma Palermo (semióloga argentina), Catherine Walsh (linguista dos Estados Unidos) e Nelson Maldonado Torres (filósofo porto-riquenho). Ainda que o Grupo M/C também tenha dialogado com movimentos sociais brasileiros e conformado uma “segunda geração” de jovens pesquisadores vinculados a programas acadêmicos em diferentes países, como a escola doutoral “Fábrica de Ideias” da Universidade Federal da Bahia (Castro-Gómez; Grosfoguel, 2007), Ballestrin (2013, p. 111) chama atenção para as lacunas do diálogo sobre e com o Brasil, privilegiando “[...] a análise da América hispânica em detrimento da portuguesa”.

colonialidade global nos diferentes níveis da vida pessoal e coletiva” (Ballestrin, 2013, p. 89). Mesmo após a independência dos países colonizados, a colonialidade perpetua mecanismos de dominação, que reforçam e reproduzem ações de exploração e opressão (*ibidem*), demonstrando que “[...] o colonialismo, como um sistema histórico está terminado, mas não a lógica colonial” (Menezes; Álvarez, 2019, p. 173).

Segundo Castro-Gómez e Grosfoguel (2007, p. 13, tradução nossa), o conceito de decolonialidade apresentado pelo trabalho do Grupo M/C visava “[...] transcender a suposição sustentada por certos discursos acadêmicos e políticos de que, com o fim das administrações coloniais e a formação de Estados-nação na periferia, vivemos agora em um mundo descolonizado e pós-colonial”²². Quanto à sua origem, o pensamento decolonial emergiu de heranças coloniais, como contrapartida à própria fundação da modernidade e da colonialidade:

[...] a genealogia do pensamento decolonial se estrutura no espaço planetário da expansão colonial/imperial, ao contrário da genealogia da modernidade europeia, que se estrutura ao longo de uma linha temporal estreita, da Grécia à Roma, à Europa Ocidental e aos Estados Unidos. [...] a genealogia do pensamento decolonial é pluriversal (não universal). Assim, cada nó na rede dessa genealogia é um ponto de partida e abertura que reintroduz línguas, memórias, economias, organizações sociais, subjetividades, esplendores e misérias de legados imperiais. A situação atual exige um pensamento decolonial que articule genealogias espalhadas pelo planeta e ofereça “outras” modalidades econômicas, políticas, sociais e subjetivas.²³ (Mignolo, 2007, p. 44-45, tradução nossa).

Considerando que “[...] o colonialismo não reproduz uma heterogeneidade irregular e caleidoscópica das diferenças: ele estrutura hierarquias, cria instituições de normalização-totalização e incuba formas de pedagogia que se implantam nos corpos e no senso comum cotidiano com força repressiva”²⁴ (Cusicanqui, 2018, p. 36, tradução nossa), as dinâmicas de dominação ainda permanecem, sobretudo nas relações de poder, engendradas na perspectiva de que “[...] os povos colonizados eram raças inferiores e – portanto – anteriores aos europeus. [...] a modernidade e a racionalidade foram imaginadas como experiências e

²² No original: “[...] *transcender la suposición de ciertos discursos académicos y políticos, según la cual, con el fin de las administraciones coloniales y la formación de los Estados-nación en la periferia, vivimos ahora en un mundo descolonizado y poscolonial*”.

²³ No original: “[...] *la genealogía del pensamiento decolonial se estructura en el espacio planetario de la expansión colonial/imperial, contrario a la genealogía de la modernidad europea, que se estructura en la línea temporal de un espacio reducido, de Grecia a Roma, a Europa occidental y a Estados Unidos. [...] la genealogía del pensamiento decolonial es pluriversal (no universal). Así, cada nudo de la red de esta genealogía es un punto de despegue y apertura que reintroduce lenguas, memorias, economías, organizaciones sociales, subjetividades, esplendores y miserias de los legados imperiales. La actualidad pide, reclama, un pensamiento decolonial que articule genealogías desperdigadas por el planeta y ofrezca modalidades económicas, políticas, sociales y subjetivas "otras"*”.

²⁴ No original: “[...] *el colonialismo no reproduce una heterogeneidad informe y caleidoscópica de las diferencias: estructura jerarquías, crea instituciones de normalización-totalización e incuba formas de pedagogía que se implantan en los cuerpos y en el sentido común cotidiano con fuerza repressiva*”.

produtos exclusivamente europeus” (Quijano, 2005, p. 122). Nesse sentido, a colonialidade do poder (*ibidem*) se expande para o controle de outras estruturas sociais, a partir do pensamento eurocêntrico e voltado para a modernidade ocidental.

O pensamento moderno ocidental se baseia em um sistema de distinções – visíveis e invisíveis, sendo que as invisíveis fundamentam as visíveis. A realidade social estaria dividida entre dois universos: “deste lado da linha” e “do outro lado da linha”. Ou seja, tudo o que está do outro lado da linha, fora do centro da modernidade ocidental, seria desconsiderado. (Cassino, 2021, p. 30).

Por meio de tal divisão, “o outro lado” e “este lado”, o colonialismo se sustentava em uma premissa de que havia determinados grupos, sobretudo os colonizadores europeus, que precisavam “iluminar” os povos considerados inferiores. Segundo Krenak (2019, p. 8), “[...] esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história”. Tais assimetrias fizeram com que a colonização fosse fundante para a branquitude, por meio de um processo desigual que colocou a identidade eurocêntrica em uma posição universal e permitiu “[...] que os brancos estipulassem e disseminassem o significado de si próprios e do outro através de projeções, exclusões, negações e atos de repressão” (Bento, 2022, p. 17).

É válido ressaltar que as estruturas da colonialidade são complexificadas por dimensões interseccionais e opressões entrecruzadas que envolvem raça e outras categorias sociais, como gênero, orientação sexual, território, idade e classe, provocando experiências diversas e diferentes relações dissonantes de poder.

Desde a formação inicial do sistema-mundo capitalista, a acumulação incessante de capital esteve complexamente entrelaçada com os discursos racistas, homofóbicos e sexistas do patriarcado europeu. A divisão internacional do trabalho articulava uma série de hierarquias de poder: étnico-racial, espiritual, epistêmica, sexual e de gênero. A expansão colonial europeia foi realizada por homens europeus heterossexuais. Para onde quer que fossem, exportavam seus discursos e formavam estruturas hierárquicas em termos raciais, sexuais, de gênero e de classe. Assim, o processo de incorporação periférica à acumulação incessante de capital articulou-se de forma complexa com práticas e discursos homofóbicos, eurocênicos, sexistas e racistas.²⁵ (Castro-Gómez; Grosfoguel, 2007, p. 19, tradução nossa).

²⁵ No original: “Desde la formación inicial del sistema-mundo capitalista, la incesante acumulación de capital se mezcló de manera compleja con los discursos racistas, homofóbicos y sexistas del patriarcado europeo. La división internacional del trabajo vinculó en red una serie de jerarquías de poder: etno-racial, espiritual, epistémica, sexual y de género. La expansión colonial europea fue llevada a cabo por varones heterossexuales europeos. Por donde quiera que fueran, exportaban sus discursos y formaban estructuras jerárquicas en términos raciales, sexuales, de género y de clase. Así, el proceso de incorporación periférica a la incesante acumulación de capital se articuló de manera compleja con prácticas y discursos homofóbicos, eurocênicos, sexistas y racistas”.

Ao se posicionar como um tradutor, ao invés de um pensador, Antônio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo) trata da contracolonização, em uma perspectiva que não anula a decolonialidade, mas que diz respeito à trajetória quilombola de resistência e luta diária “[...] em defesa dos territórios dos povos contra colonizadores, os símbolos, as significações e os modos de vida praticados nesses territórios” (Santos, 2015, p. 48).

Eu penso que a decolonialidade é a depreciação do colonialismo, ou seja, a depressão. É “de”, é deprimir o colonialismo. Se é assim, bom, eu até compreendo e acho que tem sentido. Agora, onde é que os decoloniais devem atuar? Esse é o debate. Se um europeu é um decolonialista ou descolonialista, seja lá como ele prefira, que quer deprimir o colonialismo, ou se ele quer depreciar o colonialismo, ele tem que atuar lá na Europa. E como é que ele tem que atuar? Ele tem que atuar orientando a geração neta dele para não atacar a minha geração neta. É isso que é deprimir o colonialismo, depreciar. Se ele orientar a geração neta dele para não atacar a minha geração neta, e eu orientar a minha geração neta para se defender da geração neta dele, porque pode ser que ele não oriente bem, daí nós vamos resolver o problema. Nós vamos estacionar o colonialismo, ou seja, vai mudar muita coisa. (Dorneles; Santos, 2021, p. 21).

Dessa forma, a contracolonização se constitui como uma defesa e um modo de vida (Santos, 2023) contrário à dominação colonial. Segundo Nêgo Bispo, os estudos decoloniais podem atuar para “[...] deprimir os acadêmicos colonialistas” (Dorneles; Santos, 2021, p. 22). No entanto, para os povos contracolonizadores, ser “contra” representa o enfrentamento diário pela preservação de suas culturas, memórias, saberes, terras, corporeidades e identidades: é não aceitar e não permitir ser colonizado (*ibidem*).

Desde o início da colonização, de 1500 a 1888, o povo africano era tido e tratado como escravo, e o que ele pensava e falava não entrou no pensamento brasileiro. De 1888 a 1988, nossas expressões culturais, a capoeira, o samba, continuaram a ser tidas como crime. Isso é o colonialismo. Colonizar é subjugar, humilhar, destruir ou escravizar trajetórias de um povo que tem uma matriz cultural, uma matriz original diferente da sua. E o que é contracolonizar? É reeditar as nossas trajetórias a partir das nossas matrizes. (Santos, 2018, n.p.).

Em reflexões sobre o colonialismo na América Latina, Cusicanqui (2018) narra que foi introduzida à palavra *ch'ixi*, que, para o povo andino aimará, se refere a uma tonalidade de cinza formada por manchas brancas e pretas que distinguem determinadas figuras ou entidades poderosas em sua cultura. As ideias *ch'ixi* passam a reverberar para a autora (*ibidem*, p. 153) em questionamentos que confluem ao encontro da equivalência de poderes cognitivos: “[...] por que temos sempre de estar nas disjuntivas de um ou de outro, ou somos pura modernidade, ou pura tradição? Talvez sejamos as duas coisas... Mas as duas coisas não fundidas, porque essa fusão privilegia apenas um lado”²⁶.

²⁶ No original: “[...] por qué tenemos siempre que estar en las disyuntivas de lo uno o de lo otro, o somos pura modernidad o pura tradición. Tal vez somos las dos cosas..., pero las dos cosas no fundidas, porque ese fundido privilegia a un solo lado”.

Ainda que as relações sociais e de poder no século XXI sigam sustentadas por um violento sistema de práticas capitalistas, imperialistas e colonialistas, é possível encontrar “[...] possibilidades de rupturas, resistências, [...] movimentos sociais e populares (que encontram seu próprio lugar e definem seu próprio relacionamento com a modernidade)” (Ballestrin, 2017, p. 533). Essas lutas provêm, em especial, de grupos que buscam ser a referência de suas próprias vidas, mesmo que essas “(r)existências” sejam forjadas “[...] em termos de disputas raciais étnicas com uma hegemonia embranquecedora, pois é hegemônica mas não total, não é opressão sufocante qual não há resistência possível” (nascimento, 2017, p. 140).

A partir de saberes localizados em diferentes tradições, ancestralidades e cosmopercepções, que “[...] ajudam a pensar as múltiplas intersecções entre as encruzilhadas dos marcadores sociais da diferença (raça, gênero, classe, geração, espiritualidade, origem geográfica, entre outros)” (Alves-Brito; Alves, 2022, p. 162), a produção científica acadêmica pode ampliar possibilidades para se afastar da universalidade e da colonialidade. No caso dos museus, é necessário buscar práticas comunicacionais que reflitam sobre a continuidade de processos e narrativas, nas quais determinadas matrizes “[...] ainda estejam marginalizadas, exotizadas, quando não silenciadas, e, por vezes, até mesmo apagadas” (Santos; Moura, 2023, p. 5). Uma exposição em um museu universitário, portanto, se configura como um importante espaço para que a comunicação pública possa emergir, aliada a múltiplos modos de fazer e pensar a produção e a circulação do conhecimento científico.

2 AO LONGO DO CÉU E DA TERRA: COMUNICANDO A CIÊNCIA EM CURSO

As águas se movimentam em um ciclo que vai das florestas para as nuvens e que a chuva devolve para a terra (Krenak, 2022), permitindo que estejam em contato com todas as formas de vida (Dorneles; Santos, 2021). Por meio de sua energia e de sua força indomável, os “[...] cursos d’água são capazes de percorrer longas distâncias, de encontrar novos caminhos, de mergulhar dentro da terra e — por que não? — de voar” (Krenak, 2022, p. 9).

Assim como os rios, a ciência em curso pode alcançar contextos múltiplos e seguir trajetórias que desafiam lógicas dominantes, valorizando e integrando modos cada vez mais plurais de compreender o mundo. Nesse sentido, ao considerar que “[...] ainda há um bom espaço a ser conquistado para que o diálogo com a sociedade faça parte da atividade científica” (Barata, 2024, p. 27), este capítulo visa discutir a comunicação pública enquanto prática contínua, no gerúndio, que deve expressar o comprometimento com a reverberação de ações, processos e resultados.

As seções que se seguem abordam a comunicação pública (Brandão, 2006; Duarte, 2009 e 2007) e a comunicação pública da ciência (Brandão, 2006; Castelfranchi, 2008; Kunsch, 2019; Lewenstein, 2003), sobretudo no contexto dos museus (Colombo Junior e Marandino, 2020; Cury, 2007; Moraes, 2021; Pantoja, 2022). O capítulo também conta com uma discussão sobre a cultura científica (Barata *et al.*, 2023; Castelfranchi, 2003; Castelfranchi e Fazio, 2021; Vogt, Cerqueira e Kanashiro, 2008; Vogt, 2003), atravessada pelos estudos culturais (Canclini 2009 e 2006; Escosteguy, 2004; Hall, 2003; Johnson, 2004; Martín-Barbero, 2024 e 1997).

Em diálogo com as Relações Públicas (Baldissera, 2009; Kunsch, 2022; Oliveira, 2009), a perspectiva relacional (França, 2001) e o pensamento de Nêgo Bispo (2023, 2020 e 2018) e Ailton Krenak (2022), buscamos reforçar que os fluxos de circulação do conhecimento científico fortalecem a democratização da informação, a ampliação do potencial decisório e o exercício da cidadania, expandindo o repertório dos atores sociais no que diz respeito aos mais diversos âmbitos e situações do cotidiano.

2.1 Comunicação pública

Para que as produções científicas possam atuar junto da participação social, política e cultural, em meio a disputas, interesses e assimetrias de poder, a comunicação pública se apresenta como um fator essencial na configuração do diálogo entre cientistas, instituições e

sociedade. A partir do processo de redemocratização brasileira, após o fim da ditadura militar em meados da década de 1980, a pressão popular por acesso à informação e prestação de contas fortaleceu uma postura de “[...] perceber e utilizar a comunicação como instrumento de interesse coletivo para fortalecimento da cidadania” (Duarte, 2009, p. 1).

Nesse contexto, tais mudanças levaram “[...] ao surgimento do conceito de comportamento empresarial socialmente responsável no setor privado (mesmo que muitas vezes subordinado a estratégias comerciais), ao empoderamento do terceiro setor e a uma maior demanda por transparência no setor público” (*idem*, 2007, p. 1). No que concerne à Constituição de 1988, a articulação entre esses setores aparece, por exemplo, no Art. 223, em que o serviço de radiodifusão sonora e de sons e imagens deve observar o princípio da complementaridade dos sistemas privado, público e estatal (Brasil, 1988). Já o Art. 70 define que deve prestar contas qualquer pessoa física ou jurídica, pública ou privada, que utilize, arrecade, guarde, gerencie ou administre bens, valores ou patrimônios públicos (*ibidem*).

[...] a restauração da democracia e o conseqüente crescimento de novas formas de vivências democráticas despertaram a necessidade de informação voltada para a construção da cidadania. [...] A mudança política implicou também em uma nova arena para a comunicação que se manifesta como um ator político, ocupando de forma privilegiada este novo espaço público. Expressa através de canais e formas de fazer comunicação que podem ser mídias alternativas, comunitárias, de protesto, de relacionamento com públicos e com a opinião pública ou mesmo descobrindo, como o empresariado, que o respeito à cidadania, a responsabilidade social, a prestação de contas à sociedade, a transparência nas suas atividades, enfim, atitudes consideradas politicamente corretas, vendem mais do que apenas propaganda. Daí também o crescimento nas agências de comunicação das técnicas de marketing social. (Brandão, 2006, p. 11).

Apesar de integrar estudos em constante consolidação e apresentar um variado repertório teórico e profissional, ressaltamos características específicas da comunicação pública em relação à comunicação governamental e política.

A comunicação governamental, muitas vezes identificada na atuação da comunicação pública, diz respeito aos fluxos e relações estabelecidas entre o Estado e os cidadãos a partir de questões que provocam o debate público (*ibidem*). Já a comunicação política está voltada para o “[...] discurso e ação de governos, partidos e seus agentes na conquista da opinião pública em relação a ideias ou atividades que tenham a ver com poder político, relacionado ou não a eleições” (Duarte, 2007, p. 3).

Ainda que abarque interfaces com outras práticas e conceituações, a comunicação pública é “[...] constituída pelos fluxos de informação e de interação entre agentes públicos e atores sociais (governo, Estado e sociedade civil – inclusive partidos, empresas, terceiro setor e cada cidadão individualmente) em temas de interesse público” (*ibidem*, p. 3). Desse modo, a

comunicação pública parte da informação, mas não se limita a ela, com o objetivo de fomentar o diálogo e a participação recíproca (Mainieri; Ribeiro; 2011) dos públicos, em torno de assuntos que mobilizam diferentes âmbitos da vida em sociedade. Contudo, as diferentes condições de acesso à informação, a variação dos níveis de engajamento e adesão popular, a baixa diversidade de representantes na esfera pública e as disparidades que permeiam realidades diversas no país são alguns dos aspectos que complexificam e devem ser considerados no escopo da comunicação pública.

Segundo Kunsch (2012, p. 20), a atuação prática da área nos setores público, privado e da sociedade civil organizada “[...] dependerá, imprescindivelmente, de um trabalho integrado das diversas áreas da comunicação, como relações públicas, comunicação organizacional, jornalismo, publicidade e propaganda, editoração multimídia, comunicação audiovisual, comunicação digital etc.”. Aqui, destacamos a relevância das Relações Públicas para as ações de comunicação pública, uma vez que o objeto de estudo de RP se trata da construção de relacionamentos (Oliveira, 2009).

No âmbito das organizações, considera-se que as relações públicas, como parte integrante do subsistema institucional das organizações, têm como papel fundamental cuidar dos relacionamentos públicos desses agrupamentos sociais, configurados a partir de diferentes tipologias e características estruturais, que vão das instituições públicas às organizações privadas e aos segmentos organizados da sociedade civil do terceiro setor. Tal incumbência implica uma série de questões que envolvem planejamento, gestão, processos, desempenho de funções e atividades com bases científicas e suporte técnico e tecnológico. (Kunsch, 2022, p. 30).

A área de Relações Públicas compõe o quadro da comunicação no ambiente das organizações (Oliveira, 2009) e se constitui estrategicamente, na medida em que os profissionais de RP apresentam uma acentuada aptidão para “[...] conhecer e criar oportunidades de relacionamento da organização com grupos específicos [...], de acordo com as necessidades e demandas da organização” (*ibidem*, p. 61). No decorrer de canais e plataformas cada vez mais simultâneas e não sequenciais, alimentadas por um enorme volume de informações e pela constante produção e consumo de conteúdos, as estratégias de RP baseadas na escuta dos públicos também se mostram particularmente positivas para a gestão de vínculos, já que se mantêm distantes da lógica de “[...] linearidade que considerava um emissor como detentor de informações privilegiadas, devendo repassá-las a um receptor isolado e passivo” (Basile; Gomes, 2022, p. 65).

A quebra da lógica linear na comunicação permite ampliar as possibilidades de compromisso público com a cidadania, integrando diferentes modos de vida, matrizes de pensamento e expressões culturais. Nesse sentido, as múltiplas cosmologias baseadas na

oralidade e na circularidade indicam caminhos para reforçar a alteridade que fundamenta a interação:

Vemos de forma circular, pensamos e agimos de forma circular e, para nós, não existe fim, sempre demos um jeito de recomeçar. Nosso pensamento é um pensamento que nos permite dimensionar melhor as coisas, os movimentos e os espaços. Nos espaços circulares cabe muito mais do que nos espaços retangulares. E isso nos permite conviver bem com a diversidade e nos permite sempre achar que o outro é importante, que a outra é importante. A gente sempre compreende a necessidade de existirem as outras pessoas. (Santos, 2018, n.p.).

Na perspectiva relacional, também entrelaçamos a ideia de confluência, que representa o compartilhamento, a complementação e o fortalecimento (Dorneles; Santos, 2021), à própria comunicação, que “[...] compreende um processo de produção e compartilhamento de sentidos entre sujeitos interlocutores, realizado através de uma materialidade simbólica (da produção de discursos) e inserido em determinado contexto sobre o qual atua e do qual recebe os reflexos” (França, 2001, p. 16).

Como articula França (*ibidem*, p. 16), a comunicação é um processo vivo, dinâmico e instituidor de sentidos e relações; “[...] é um espaço de realização e renovação da cultura [...]; um lugar frutífero para analisar e compreender a realidade em que vivemos”. Afinal, o mesmo ocorre com a confluência proposta por Nêgo Bispo, enquanto força do reconhecimento e do encontro “[...] entre seres, entre vidas que se movimentam dentro do mesmo cosmo” (Dorneles; Santos, 2021, p. 20). Ainda que não se pretenda soluções totalizantes para cada lacuna deixada pelo mundo contemporâneo, as confluências abrem possibilidades para realidades plurais e evocam “[...] um contexto de mundos diversos que podem se afetar” (Krenak, 2022, p. 21).

O quadro relacional da comunicação enfatiza, ainda, a circularidade e a globalidade do processo comunicacional (França, 2001), se aproximando mais uma vez dos saberes pluriversais e da percepção quilombola de que “[...] nada no mundo tem fim, que as coisas têm começo, meio e fim [...] a gente chega num lugar, aí a gente retorna, a gente chega e a gente retorna” (Santos, Antônio, 2020, p. 38). A interface com diferentes áreas do conhecimento e os diálogos epistemológicos com cosmologias afro-indígenas, portanto, fortalecem o compromisso público da comunicação por meio da diversidade, do retorno às trajetórias históricas e do movimento em direção a múltiplas confluências.

Ao considerar que a comunicação pública “[...] trata de compartilhamento, negociações, conflitos e acordos na busca do atendimento de interesses referentes a temas de relevância coletiva” (Duarte, 2007, p. 2), destacamos também a perspectiva de Baldissera (2009, p. 119), sob a qual os sujeitos em interação comunicacional revelam disputas que “[...]”

(re)constroem os sentidos em circulação nos processos comunicacionais, isto é, além de ser fortemente marcado pela contextura eco-psico-histórico-sociocultural em que se realiza, esse diálogo presentifica sujeitos (identidade/alteridade) tensionados como forças em relação”.

Enquanto se ocupa da “[...] viabilização do direito social coletivo e individual ao diálogo, à informação e expressão” (Duarte, 2007, p. 2), a comunicação pública, em interseção com a própria natureza do processo comunicacional, também é marcada por dimensões de poder, constantes negociações, fluxos dialógicos multidirecionais e desvios de sentido (Baldissera, 2009), que são mutuamente influenciados pelos contextos sociais, culturais, econômicos e políticos. Nesse sentido, a atuação de RP, bem como a sua presença nas atividades de comunicação integrada, representa possibilidades de fortalecer relacionamentos, realizar diagnósticos e relatórios, bem como trabalhar a imagem e a reputação institucional.

Como função estratégica, as relações públicas devem, com base na pesquisa e no planejamento, encontrar as melhores estratégias comunicacionais para que as organizações se posicionem institucionalmente e prestem contas à sociedade dos seus atos. Suas ações nos relacionamentos com os públicos e a opinião pública, devem se pautar pelo diálogo e pela negociação sob o prisma dos princípios éticos dentro da dinâmica social. (Kunsch, 2022, p. 30).

De acordo com o Guia de Comunicação Pública da Associação Brasileira de Comunicação Pública (ABCPública), organizado por Medeiros e Chirnev (2021), os princípios da área incluem o combate à desinformação, a diversidade e acessibilidade, a promoção da democracia e o atendimento à população, com o objetivo de contribuir para a participação e a ampla compreensão das decisões que influem na sociedade e no uso de recursos públicos. Dessa forma, a comunicação pública também apresenta um papel fundamental para os museus universitários, na medida em que visam promover o contato dos visitantes com a produção artística, cultural e científica das universidades.

Ao refletir sobre o ambiente museal, a publicação Conceitos-Chave de Museologia afirma que a comunicação “[...] aparece simultaneamente como a apresentação dos resultados da pesquisa efetuada sobre as coleções (catálogos, artigos, conferências, exposições) e como o acesso aos objetos que compõem as coleções (exposições de longa duração e informações associadas)” (Comunicação, 2013, p. 35). Ainda que tais aspectos sejam fundamentais para a rede de ações promovidas pelos museus, salientamos que não são os únicos definidores de seus processos comunicacionais. Isso porque, na medida em que as instituições museais ultrapassaram a lógica transmissiva e unilateral, a abordagem dialógica se tornou um

elemento estruturador e constitutivo (Cury, 2007) de suas práticas, complexificadas e direcionadas pela interação e a participação dos sujeitos.

Em meio a experiências compartilhadas e negociadas (*ibidem*), a comunicação se torna motor do funcionamento museal (Comunicação, 2013), “[...] pois comunicar significa, antes de tudo, trazer o público para dentro do museu, não no sentido físico somente, mas como elemento da sinergia do sistema que o museu é” (Cury, 2007, p. 85). Nesse cenário, a comunicação pública se estabelece de modo ainda mais pertinente para as possibilidades de participação dos visitantes, em uma lógica na qual “[...] é sua presença, protagonismo e infiltração por entre as dinâmicas [...] que amplificam a dimensão pública dos museus e seu papel transformador na sociedade” (Moraes, 2021, p. 188).

A partir dos processos comunicacionais no contexto das organizações, compreendemos os museus como “[...] espaços de interação, nos quais os atores organizacionais são sujeitos em relação” (Oliveira; Dornas, 2019, p. 182), que fazem parte das dinâmicas interacionais, da circulação e da (re)construção de sentidos. Logo, as práticas comunicacionais buscam propiciar conexões com os objetos, as narrativas e os conteúdos presentes nos museus, na mesma medida em que o “[...] público, sujeito criativo, redefine o discurso museológico ao interpretar e (re)significar” (Cury, 2007, p. 76), integrando diferentes interpretações em seu cotidiano.

Assim, cabe destacar que a comunicação não se trata de uma linha de chegada destinada exclusivamente à divulgação do que está exposto ou pronto. Ao contrário, as ações comunicacionais, sobretudo calcadas em estratégias de Relações Públicas, também estão voltadas para os trajetos possíveis, as decisões em curso e as interações negociadas (Oliveira, 2009) entre os sujeitos e equipes, por meio de interesses, repertórios socioculturais e demandas divergentes, que fazem parte de processos diversos, como a curadoria de exposições. No caso do processo curatorial, Cury (2007, p. 85) pontua que a “[...] comunicação não é o fim, e tampouco o começo, da cadeia operatória, e sim possibilidade de participação dos sujeitos do museu – profissionais e público – na dinâmica da cultura material”.

As ações do processo curatorial são: Formação de acervo, pesquisa, salvaguarda (conservação e documentação museológica), comunicação (exposição e educação). Apesar de ser cadeia operatória, não deve ser entendido como sequência linear, o que o caracterizaria como estrutura estática, mecânica e artificial. Ao contrário, uma visão cíclica seria a melhor representação do processo, visto a interdependência de todos os fatores entre si e a sinergia que os agrega e que agrega valor dinâmico à curadoria. Se um museu deve ser dinâmico, igualmente deve ser o processo curatorial. O processo curatorial organiza o cotidiano em torno do objeto

museológico, mas traz à luz do processo um outro elemento constitutivo do que entendemos ser o museu: o público. (*idem*, 2010, p. 274).

Com isso, a exposição se consolida por meio de fluxos de trabalho multidimensionais que permitem a construção e o planejamento de estratégias comunicacionais específicas desde a idealização do projeto conceitual até a divulgação. Tal perspectiva é ampliada no que tange às exposições de longa duração, uma vez que também representam aspectos da identidade e da missão institucional.

As exposições de longa duração devem ser entendidas como o principal canal de comunicação do museu com seu público visitante. É por meio delas que a missão institucional e os objetivos traçados pela instituição serão expressos e concretizados, com o apoio das ações que complementam e enriquecem a exposição, como as ações educativas, visitas mediadas, etc. (Espaço do Conhecimento UFMG; Martins, 2025, p. 67-68).

Devido à “[...] situação de precariedade da estrutura e do quadro de funcionários que acometem os museus públicos [...] tendo em conta que as tiranias também partem da estrutura na qual o museu, como instituição pública, está inserido” (Pantoja, 2022, p. 44-45), a comunicação pode acabar negligenciada, o que reforça a importância do reconhecimento da área, por parte das instâncias de liderança, bem como dos recursos e condições de trabalho adequadas, em todos os setores, para que as ações comunicacionais possam reverberar de forma qualificada. Isso porque a efervescência dos processos comunicacionais ao longo do ciclo operatório do museu também se torna especialmente positiva para que o relacionamento com diferentes públicos seja considerado em tomadas de decisão e definições curatoriais. Assim, a exposição se torna “[...] elemento de um sistema de comunicação mais geral” (Comunicação, 2013, p. 35), que inclui uma série de ações presenciais e digitais, e uma forma de comunicação pública própria nos museus.

[...] a dimensão (qualidade de potência) pública dos museus é exercida e intensificada quanto maior for seu envolvimento com as demandas e necessidades dos públicos diversos e quanto mais impregnadas as vozes e expressões desses estiverem nas políticas, na gestão e no cotidiano das instituições. [...] Isto significa um reposicionamento da autoridade exclusiva e irrestrita do museu e disposições, em diferentes níveis e esferas, para o compartilhamento do poder de voz, deliberação, criação e avaliação junto a públicos marcados pela diversidade e pluralidade. (Moraes, 2021, p. 177).

Apesar de conter diferentes perspectivas imbricadas, a comunicação pública é fundamentada por uma noção basilar de cidadania que a torna essencial, “[...] seja na perspectiva de diálogo com o cidadão, seja na perspectiva da percepção pública da sociedade” (Moser, 2022, p. 68), para que as instituições construam relações éticas com seus públicos.

Portanto, orientados por objetivos específicos, os museus podem estimular o diálogo e fortalecer a prestação de contas, reconhecendo que o acesso às informações e conhecimentos expostos faz parte da interlocução com diferentes comunidades e da garantia de direitos sociais.

2.1.1 Comunicação pública da ciência

A ciência é frequentemente encontrada em forma de produtos, patentes, vacinas e diversos outros resultados que incidem na sociedade, mesmo que seus processos e pesquisas não sejam evidenciados. Para além da comunicação entre pares e pesquisadores, as organizações que lidam diretamente com o fomento acadêmico das áreas do saber carecem do envolvimento dos atores sociais em meio a controvérsias, complexidades e processos da produção científica. Entre essas instituições estão as universidades, que devem refletir constantemente sobre sua influência social e suas possibilidades de difundir o conhecimento e as interações com a comunidade:

A universidade, como centro de produção sistematizada de conhecimentos, necessita canalizar suas potencialidades no sentido da prestação de serviços à comunidade, revigorando os seus programas de natureza cultural e científica e procurando irradiar junto à opinião pública a pesquisa, os debates, as discussões e os progressos que gera nas áreas de ciências, tecnologia, letras, artes etc. Isto só é possível mediante a comunicação, que viabiliza o relacionamento entre a universidade e os seus diversos públicos. Daí a importância de um sistema planejado de comunicação para difundir de forma eficiente e eficaz a sua produção científica e, com isso, abrir as suas portas a todos os segmentos da sociedade civil. (Kunsch, 1992, p. 9-10).

Para que as universidades possam promover a interlocução com a sociedade de forma efetiva, a comunicação pública em função da ciência se apresenta como um processo que incorpora “[...] preocupações sociais, políticas, econômicas e corporativas que ultrapassam os limites da ciência pura e que obrigaram as instituições de pesquisa a estender a divulgação científica além do círculo de seus pares” (Brandão, 2006, p. 4). A autora também elenca fatores que levaram ao estreitamento da relação entre comunicação e ciência:

Entre os novos horizontes, a preocupação com o papel social da ciência na sociedade; o aumento da competitividade entre equipes e instituições de pesquisa em âmbito nacional e internacional; os altíssimos investimentos em dinheiro, tempo e capacitação dos pesquisadores; a premissa que o acesso às informações de ciência e tecnologia é fundamental para o exercício pleno da cidadania; a necessidade de posicionar a ciência e os cientistas de modo a influenciar as decisões políticas e econômicas e se legitimar perante a sociedade, o que significa despertar o interesse da opinião pública, dos políticos, da sociedade organizada e, principalmente, da mídia. (*ibidem*, p. 4).

Assim, a comunicação pública da ciência visa partilhar informações científicas, de forma confiável e contextualizada, para pessoas que não são especialistas em determinados assuntos (Castelfranchi; Fazio, 2021) e a serviço de diferentes propósitos:

[...] para que a população tome decisões mais informadas; para educação; como antídoto para a desinformação e a anti-ciência; para aumentar a confiabilidade das instituições; mobilizar a população em campanhas; para fornecer instrumentos de promoção social e profissional; estimular vocações científicas; implementar melhores políticas públicas; estimular o crescimento de trabalhadores qualificados e a geração de empregos e renda; por um resolução de conflitos mais eficiente; para ele desenvolvimento; para a própria ciência²⁷. (*ibidem*, p. 10, tradução nossa).

A circulação da produção científica não visa criar uma desconfiança deliberada e acrítica em relação à ciência, sua eficácia, relevância e inúmeras contribuições que avançaram historicamente, ou ocasionar o questionamento inesgotável sobre o funcionamento de cada objeto que perpassa a vida habitual. Ao contrário, apesar de envolverem um caminho complexo e heterogêneo, as contextualizações e problematizações podem estar presentes na sociedade, fortalecendo ações democráticas e senso crítico, e compelindo os pesquisadores a “[...] apresentar seus resultados de modo lúcido, isto é, oferecendo respostas que situem tais resultados em relação a perguntas precisas” (Stengers, 2023, p. 21).

Ao ser difundida e buscar o interesse da esfera de opinião pública, “[...] a Comunicação Científica se expande a partir de uma área tradicional da Ciência da Informação, a divulgação científica, acrescida dos conhecimentos e experiências acumulados no campo da difusão de informação” (Brandão, 2006, p. 4). Em uma perspectiva voltada para as redes assimétricas de poder, Caldas e Zanvettor (2014, p. 5) apontam que a divulgação dos resultados e da cadeia produtiva da ciência “[...] deve ser precisa e articulada historicamente, incluindo as controvérsias naturais do processo de produção e das relações de poder entre seus atores sociais”. Do mesmo modo, Santaella (2019, p. 13) afirma que a divulgação científica competente pode compartilhar até mesmo “[...] suas limitações e sua capacidade de corrigir suas falhas, pois fazem parte do método científico os processos de autocorreção, conforme a investigação caminha”.

²⁷ No original: “[...] que la población tome decisiones mejor informadas; para la educación; como antídoto contra la desinformación y la anti-ciencia; para aumentar la confiabilidad de las instituciones; para movilizar a la población en campañas; para brindar instrumentos de ascenso social y profesional; para estimular vocaciones científicas; implementar mejores políticas públicas; estimular el crecimiento de trabajadores calificados y la generación de empleos e ingresos; para una resolución de conflictos más eficiente; para el desarrollo; para la ciencia misma”.

No âmbito de políticas públicas nacionais, a divulgação científica se apresenta de forma articulada à popularização da ciência²⁸, sobretudo no que concerne à rede²⁹ de fundações, unidades de pesquisa e órgãos vinculados ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e o Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST).

Ainda que o MCTI não apresente uma distinção exata para o seu uso dos termos “divulgação” e “popularização”, muitas vezes “[...] escolhidos em função da designação das fontes de recursos nos planos e orçamentos oficiais pré-definidos” (Ferreira, 2014, p. 4), é notável que a agenda do Governo Federal tem buscado uma sinergia entre a sociedade e os cientistas para que a população possa compreender, dialogar e até mesmo contribuir com os processos de produção de conhecimento.

[...] é preciso que os resultados científicos e tecnológicos sejam divulgados para além dos espaços acadêmicos, fortalecendo a educação formal e não formal e a formação para a cidadania, no processo de popularização da ciência. Para tal, a pesquisa científica e tecnológica necessita interagir mais com a sociedade, favorecendo a participação ativa das pessoas interessadas em seu desenvolvimento, por meio da divulgação científica para distintos e variados públicos e pela promoção de um diálogo mais efetivo. Assim, reconhecemos a atividade de divulgação científica como complexa, envolvendo equipes inter e transdisciplinares, devendo ser orientada para que os conhecimentos científicos e tecnológicos sejam colocados não apenas ao alcance da população, mas em diálogo com distintos públicos, promovendo uma reflexão crítica e participativa, permitindo a compreensão e a apropriação social da ciência nas tomadas de decisão pessoais e coletivas, no cotidiano em sociedade. (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 2013, n.p.).

Exemplo desse contexto é a institucionalização do Programa Nacional de Popularização da Ciência (Pop Ciência) e do Comitê de Popularização da Ciência e Tecnologia (Comitê Pop), por meio de decreto federal de 25 de outubro de 2023. O Pop Ciência visa desenvolver a cultura científica e estimular a prática da ciência, tecnologia e inovação para promover a inclusão social e reduzir as desigualdades sociais, com o auxílio do Comitê Pop no detalhamento de suas ações.

O Programa, segundo Art. 2º, apresenta objetivos como a promoção de diversidade, equidade e inclusão no campo da popularização da ciência; o fomento de ações para a preservação e a restauração de acervos históricos, científicos e culturais de alto valor para o país; e a promoção de iniciativas de popularização da ciência para o respeito ao meio ambiente, à diversidade regional, à diversidade cultural e ao reconhecimento e à valorização

²⁸ Popularização da Ciência. Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/assuntos/popularizacao-da-ciencia>. Acesso em: 12 jul. 2025.

²⁹ Rede MCTI. Disponível em: <https://www.gov.br/mcti/pt-br/aceso-a-informacao/institucional/rede-mcti>. Acesso em: 12 jul. 2025.

de saberes tradicionais e suas tecnologias (Brasil, 2023). O Art. 4º também afirma que o Pop Ciência será desenvolvido, entre outros, por meio de espaços científico-culturais (centros e museus de ciência, planetários, jardins botânicos, zoológicos, unidades de conservação, parques e praças da ciência, laboratórios (itinerantes ou não) e instituições similares em todas as áreas do conhecimento); e ações de comunicação pública da ciência que promovam o engajamento do público e visem alcançar diversas camadas da população (*ibidem*).

Em nível regional, relacionado com o objeto desta pesquisa, as diretrizes da Política de Divulgação Científica da Universidade de Minas Gerais (UFMG), estabelecidas em 2021, consideram que toda atividade de ensino, pesquisa e extensão pode estar alinhada à divulgação científica a partir do compartilhamento, com um público não especializado, do conhecimento constituído na universidade e dos processos, controvérsias e riscos inerentes à sua produção, privilegiando o diálogo e a escuta do conjunto da sociedade. O Art. 2º da resolução estabelece que:

A divulgação científica da UFMG deverá contemplar, em sua concepção, estruturação e prática: I - a reflexão ética quanto aos processos de produção da ciência e tecnologia, seus benefícios e riscos; II - a valorização da escuta e da abordagem interdisciplinar; III - o diálogo entre saberes na perspectiva da construção de processos participativos de produção de conhecimento e de tecnologias; IV - a equidade na valorização das diversas ciências e tecnologias; V - a articulação com a política de direitos humanos da UFMG e com as políticas públicas de saúde e políticas da educação básica e profissional, educação superior e de ciência e tecnologia. (Universidade Federal de Minas Gerais, 2021, p. 1).

Nesse sentido, retomando Brandão (2006), compreendemos a comunicação pública da ciência como uma expansão da divulgação científica, que se organiza pelo compromisso público e se direciona pela perspectiva cidadã:

[...] a comunicação pública está inserida no âmbito das discussões que dizem respeito à gestão das questões públicas e pretende influir na mudança de hábitos de segmentos da população, bem como na tomada de decisão política a respeito de assuntos da ciência que influenciam diretamente a vida do cidadão. (*ibidem*, p. 5).

Ao longo do tempo, como reforçado por Kunsch (2019), a literatura vinculada à comunicação pública da ciência identificou duas grandes tendências: a unidirecional e a dialógica, das quais se desdobram diferentes modelos. A tendência unidirecional atua de forma linear (próxima da perspectiva informacional da comunicação e, acrescentamos, de concepções colonialistas da interação entre os sujeitos) e privilegia “[...] as fontes e os cientistas como os detentores do conhecimento, deixando de considerar os saberes de outros atores” (*ibidem*, p. 15). Tal tendência inclui o que ficou conhecido como “modelo do déficit”, no qual

[...] a) a ciência é pensada (conscientemente ou não) como em certa medida autônoma em relação ao resto da sociedade, e “impermeável”; b) o público é visto como massa homogênea e passiva de pessoas caracterizadas por déficits, falhas, buracos cognitivos e informativos que devem ser preenchidos por uma espécie de transmissão de tipo “inoculador”. (Castelfranchi, 2008, p. 10).

Ainda priorizando características da tendência unidirecional, o “modelo contextual” passa a reconhecer que o contexto, bem como aspectos socioculturais e psicológicos, influenciam a maneira com que os sujeitos recebem e respondem às informações (Lewenstein, 2003). Apesar de adotar uma posição que utiliza contextos específicos para aproximar o público da ciência, o modelo contextual foi interpretado como um nível mais sofisticado do modelo do déficit e que mantinha-se majoritariamente atrelado aos interesses da comunidade científica e aos “problemas” da recepção do público (*ibidem*).

No caso da tendência dialógica, dois modelos se destacam. O primeiro deles, chamado de “expertise leiga” argumenta que “[...] os cientistas muitas vezes têm uma certeza insensata – até mesmo arrogante – sobre seu nível de conhecimento, deixando de reconhecer as contingências ou informações adicionais necessárias para tomar decisões pessoais ou políticas no mundo real”³⁰ (*ibidem*, p. 4, tradução nossa). Mesmo recebendo críticas pela incipiência de sua aplicabilidade e ações práticas, o modelo da expertise leiga é guiado por um “[...] compromisso político com o empoderamento das comunidades locais”³¹ (*ibidem*, p. 5, tradução nossa). De acordo com Lewenstein (*ibidem*), ao invés de encaixar saberes diversos em parâmetros científicos, esse modelo busca reconhecer a expertise própria das comunidades locais e os modos pelos quais enfrentam questões científicas e técnicas.

O segundo modelo da tendência dialógica que abordamos aqui é o da “participação pública”, orientado pela democratização da ciência e por assuntos políticos que envolvem conhecimentos científicos e tecnológicos (Contier; Navas; Marandino, 2007). A participação pública se ramifica em atividades variadas que buscam o empoderamento e o engajamento dos sujeitos, sem exigir necessariamente uma inversão total do controle dos processos científicos (Lewenstein, 2003). Em uma perspectiva crítica, Stengers (2023, p. 16) indica também a inteligência pública da ciência, buscando uma relação com os públicos que seja inteligente, interessada e lúcida “[...] a ser criada não apenas com as produções científicas, mas também com os próprios cientistas”.

³⁰ No original: “[...] scientists are often unreasonably certain – even arrogant – about their level of knowledge, failing to recognize the contingencies or additional information needed to make real-world personal or policy decisions”.

³¹ No original: “[...] political commitment to empowerment of local communities”.

O fortalecimento de modelos dialógicos na comunicação pública da ciência “[...] busca valorizar os conhecimentos locais das comunidades e interagir com os públicos envolvidos, inclusive os marginalizados e esquecidos. [...] A ciência é percebida como parte integrante da sociedade e é incentivado o desenvolvimento de uma cultura científica” (Kunsch, 2019, p. 15). Ao colocar em primeiro plano o caráter indissociável entre o meio social e o conhecimento científico, também emergem maneiras de evidenciar, responsabilizar e refletir sobre os efeitos da ciência e da tecnologia em diferentes ambientes e territórios.

Guiadas por confluências com cosmologias diversas, as ações de comunicação podem instigar gestos para ampliar o papel da produção de saberes no fomento de uma relação “[...] biointerativa entre todos os elementos vitais” (Santos, 2015, p. 90), enfraquecendo a excessiva “[...] necessidade de desenvolver, de desconectar, de afastar-se da originalidade” (Santos, 2023, p. 27) que provém da cosmofobia. Assim, a ciência se aproxima dos sujeitos por meio de seu caráter vivo e crítico, enfatizando experiências de pertencimento (Krenak, 2022) coletivas e integradas ao cosmos. Ao contrário de uma oposição ao método e ao rigor, a valorização do diálogo e da interação entre os seres se torna uma forma de conduzir estudos conectados com a complexidade das estruturas sociais e de múltiplos mundos no contexto contemporâneo.

Essa liberdade que tive na infância de viver uma conexão com tudo aquilo que percebemos como natureza me deu o entendimento de que eu também sou parte dela. Então, o primeiro presente que ganhei com essa liberdade foi o de me confundir com a natureza num sentido amplo, de me entender como uma extensão de tudo, e ter essa experiência do sujeito coletivo. Trata-se de sentir a vida nos outros seres, numa árvore, numa montanha, num peixe, num pássaro, e se implicar. A presença dos outros seres não apenas se soma à paisagem do lugar que habito, como modifica o mundo. Essa potência de se perceber pertencendo a um todo e podendo modificar o mundo poderia ser uma boa ideia de educação. Não para um tempo e um lugar imaginários, mas para o ponto em que estamos agora. [...] Não se trata de um manual de vida, mas de uma relação indissociável com a origem, com a memória da criação do mundo e com as histórias mais reconfortantes que cada cultura é capaz de produzir. (*ibidem*, p. 49).

A comunicação pública da ciência, complexificada por disputas e relações de força entre diferentes públicos, pode se beneficiar de uma atuação que demonstre “[...] que a ciência, mais que uma máquina semi-mágica para fornecer respostas certas, é um jogo apaixonante para inventar novas perguntas” (Castelfranchi, 2008, p. 19). No contexto das universidades e das instituições que produzem conhecimento, essa é uma frente de atuação que merece prioridade e investimento por parte da gestão (Kunsch, 2019), e que, de maneira integrada, viabiliza a circulação da ciência por meio de periódicos, livros, ações de ensino, pesquisa e extensão, eventos abertos à comunidade externa e museus.

No âmbito de interesse desta pesquisa, reconhecendo que as instituições museais podem desempenhar um papel significativo para que os públicos se posicionem e reflitam sobre assuntos científicos e tecnológicos (Colombo Junior; Marandino, 2020), é possível citar a atuação de comunicação no Espaço do Conhecimento UFMG. Ainda que o museu não possua uma política própria para a divulgação da ciência, suas práticas estão alinhadas às diretrizes da Universidade, que visam:

[...] ampliar o diálogo das ciências e o intercâmbio de saberes com os diversos setores da sociedade, promover a democratização do conhecimento científico e ampliar o reconhecimento da ciência e dos saberes tradicionais como ferramenta para o enfrentamento das questões locais, regionais e internacionais e para a promoção do desenvolvimento social, cultural e econômico. (Universidade Federal de Minas Gerais, 2021, p. 1).

A partir do parágrafo acima, enfatizamos a importância de que as políticas universitárias contemplem os saberes em sua diversidade, porém chamamos atenção para o caráter utilitarista e instrumental atribuído ao conhecimento proveniente das cosmologias pluriversais. Nesse sentido, é fundamental que a comunicação, orientada por gestos políticos e críticos, não encaixe os diálogos epistemológicos em denominações acadêmicas (Dorneles; Santos, 2021), mas construa possibilidades para que públicos cada vez mais diversos se sintam convidados a dialogar, ocupar espaços acadêmicos e serem ouvidos.

Outros aspectos da Política de Divulgação Científica da UFMG também dialogam diretamente com ações do Espaço do Conhecimento, na medida em que o museu busca: a ampliação do alcance e da visibilidade do conhecimento produzido na UFMG, o aprimoramento da divulgação científica junto a crianças e jovens, dando prioridade aos pertencentes a grupos desfavorecidos e minorias, e a construção de um ambiente reflexivo sobre as relações entre ciência, tecnologia e sociedade, que se distancie da clássica visão da ciência neutra, descontextualizada e apolítica (Universidade Federal de Minas Gerais, 2021).

Enquanto autora deste trabalho e assistente de comunicação, que realiza simultaneamente o trabalho e a produção acadêmica sobre o Espaço do Conhecimento, destaco que as práticas de comunicação pública da ciência no museu são realizadas pela equipe da Assessoria de Comunicação, vinculada ao Núcleo de Comunicação e Design, composta, em janeiro de 2026, por dois relações-públicas, um estagiário de comunicação, um bolsista de som e uma bolsista de comunicação.

As ações executadas pela Assessoria incluem a produção de conteúdos para as mídias sociais, podcasts de divulgação científico-cultural, *releases*³² e notas, monitoramento de *clipping*³³, relatórios de prestação de contas, atendimento ao público nos canais de comunicação e relacionamento com a imprensa. O Programa de Comunicação, inserido no Plano Museológico que visa traçar as diretrizes centrais para o planejamento estratégico das atividades do Espaço do Conhecimento, também estabelece:

[...] o planejamento estratégico das ações de comunicação que se referem a pesquisa e produção de conteúdo em distintos formatos e mídias, elaboração de campanhas para públicos diversos, que objetivam não apenas divulgar o Museu e suas ações, mas promover relacionamentos, facilitar o acesso do público às informações e fortalecer a identidade da organização. As estratégias de comunicação são pensadas não somente no momento em que o público vai ao museu e tem uma experiência com as múltiplas camadas de informação e interação que permeiam a visita. Além disso, o visitante pode se informar sobre o museu, suas atividades e produtos, antes, durante e depois, por meio dos canais oficiais e de notícias. Nesse sentido, é importante que seja dada especial atenção às áreas de recepção e acolhimento ao público. É preciso garantir que as informações sobre o museu e suas atividades sejam apresentadas de forma clara, objetiva e acessível. (Espaço do Conhecimento UFMG; Martins, 2025, p. 86).

Desse modo, a comunicação deve estar atrelada à concepção de conteúdos e à execução de diferentes procedimentos no museu (antes, durante e depois da visita), em meio a etapas de trabalho multidimensionais e interativas, evitando práticas isoladas. Inspirada pelas ideias de Nêgo Bispo, Pantoja (2022) caracteriza esse arranjo como um “sistema confluyente museológico”, conectado ao pensamento quilombola de “começo, meio, começo”, que, ao invés de almejar um fim, é guiado pela circularidade.

A partir das várias referências de Antônio Bispo dos Santos [...] é possível deduzir que sua noção de confluência se relaciona a um rio composto por afluentes que se encontram em determinados momentos, juntando seus fluxos para continuar a correr como um só rio. Trazendo essa concepção de Bispo para o contexto museal e museológico, os afluentes seriam as funções museais concernentes à salvaguarda e comunicação, colocadas em confluência com práticas de preservação do objeto de museu, convergindo para um objetivo comum, conforme o fluxo das coisas. (*ibidem*, p. 38).

Em relação às estratégias comunicacionais, o Programa de Comunicação do Espaço do Conhecimento indica as parcerias com influenciadores digitais e artistas locais, a realização de eventos, a ampliação do engajamento por meio de aplicativos interativos e gamificação, a

³² O *release* é um texto produzido para a imprensa, com o objetivo de fomentar sugestões de pautas jornalísticas e mídia espontânea em veículos de comunicação, sobre eventos, lançamentos, resultados e outras notícias de organizações, figuras públicas, projetos, etc.

³³ O *clipping* se refere à prática de coleta e organização das menções feitas à determinada organização, figura pública, marca ou situação específica na mídia (TV, rádio, jornais impressos, portais de notícias e até mesmo em podcasts ou nas mídias sociais).

expansão da divulgação nas cidades (jornais de ônibus, painéis eletrônicos, estações de metrô), e a aproximação com outros espaços de cultura e ciência da Universidade.

A produção e divulgação de ciência no museu também está diretamente atrelada à cultura e demonstra oportunidades para refletir sobre os diversos estereótipos e vieses que acompanham os modos de fazer e reverberar o conhecimento, “[...] uma vez que operam a partir de seus resultados, raramente, a partir de seus sistemas internos” (Costa, 2019, p. 48). A integração das equipes e de suas diferentes perspectivas, técnicas, experiências e repertórios contribui para processos de diagnóstico, criação, atualização e revisão, considerando aspectos como definição conceitual, expografia, acessibilidade, diversidade, identidade institucional, linguagem, formato, mediação e curadoria. No âmbito do Espaço do Conhecimento, esse processo pode ser exemplificado pela renovação da exposição de longa duração *demasiado humano*, proposta em 2022, que envolveu membros de todas as equipes do museu nas definições e mudanças realizadas entre 2023 e 2026:

Em 2022, diante da necessidade de renovar parte dos equipamentos da exposição, já defasados, a equipe do Espaço do Conhecimento UFMG propôs um projeto à Lei Estadual de Incentivo à Cultura. O financiamento integral do projeto pela Cemig abriu caminho para um movimento, por parte dos diferentes núcleos de trabalho do museu, de reflexão sobre a exposição e suas transformações ao longo do tempo, bem como sobre os desejos e as possibilidades de elaboração de uma “nova versão” da mostra. (Diniz; Mantovani, 2024, p. 8).

A construção de práticas de trabalho integrativas em museus, que também pressupõem a alteridade, as dimensões de poder e as disputas de sentidos, possibilita que as ações de comunicação atuem em diferentes momentos do relacionamento com o público interno, visitantes, patrocinadores, imprensa, comunidade acadêmica, entre outros. Logo, os objetivos dos processos comunicacionais, como argumentado por Marques e Mafra (2018, p. 16), não se realizam ao unificar os sujeitos em uma harmonia completa, mas ao “[...] articulá-los em redes de negociação, conflito e dissenso capazes de expor assimetrias e opressões, deslocando enquadramentos ideológicos que continuam a permitir sua naturalização”.

Os autores (*ibidem*, p. 4) também suscitam as ações comunicacionais na perspectiva da humanização, em uma abordagem que aqui estendemos à produção da ciência e às atividades museais, na qual “[...] a comunicação se torna mais humana não porque nos simpatizamos com os outros, mas porque damos atenção às diferenças que desafiam nossa compreensão do senso comum de como o mundo funciona”. Os processos comunicacionais, então, não estão e nem devem estar isentos da desordem, das fissuras e dos confrontos. Isso porque a força da alteridade e do caráter humanizado encontram oportunidades para emergir

nos momentos de deslocamento, que provocam a escuta recíproca e a coletividade necessárias para buscar confluências entre diferentes matrizes e concepções do saber.

Em relação ao ambiente museal, considerando que “[...] tão importante quanto entender um conceito científico em particular, é interpretá-lo em meio as relações que este estabelece com os aspectos sociais e culturais existentes no mundo” (Colombo Junior; Marandino, 2020, p. 2), a comunicação pública da ciência, conforme veremos a seguir, pode contribuir para que a produção de conhecimento se aproxime da população, construindo pontes entre o saber e a cultura, a cidadania e a democracia, a produção universitária e as manifestações urbanas, a memória e o futuro.

2.2 Cultura científica

A produção de conhecimento está presente na vida dos sujeitos desde a tenra infância. Ainda que de maneira tácita e irregular, quando comparada com os processos de ambientes escolares ou científicos, a curiosidade e a criatividade se manifestam acerca dos mais diversos aspectos do mundo. A elaboração do pensamento lógico, a busca por uma linguagem que expresse as descobertas cotidianas, a criação de métodos e técnicas que possam transformar a imaginação em realidade: todos esses fatores fazem parte do universo infantil e se aproximam dos modos de fazer ciência no universo adulto. Após observar brincadeiras de rua, na cidade de Belo Horizonte, Anjos (2013) registrou a circulação de conhecimentos que, mesmo prescindindo de ordenações e sequências específicas, possibilitaram o aprendizado:

Quem chega à rua e vê crianças pequenas com os seus papagaios no céu pode não conseguir dimensionar o processo necessário para fazer o papagaio chegar até ali. Não é simples confeccionar um papagaio, muito menos colocá-lo nas alturas. Tudo isso demanda muito conhecimento. É preciso saber, inicialmente, se o papagaio que se tem nas mãos está com o peso bem distribuído. Se o tamanho de sua “barbela” está compatível com o tamanho do papagaio. Se o vento é suficiente para fazê-lo subir e permanecer no céu, entre outros saberes que envolvem o assunto. Conseguir empinar um papagaio é uma ação muito complexa e, apesar disso, não é simplificada para ser ensinada no território das brincadeiras de rua. Tem-se contato com o todo, todo o tempo. (*ibidem*, p. 121).

O contato com a ciência, ao experienciar a realidade, é estimulado por meio das dúvidas acerca da origem do universo, da fascinação pelos astros que permeiam o céu noturno, e do arcabouço audiovisual projetado por filmes e séries de ficção científica. Retomando as perguntas que atravessaram a concepção da exposição *demasiado humano*, no Espaço do Conhecimento UFMG, os sujeitos são confrontados, em diferentes fases da vida, pela busca de respostas para questões como “De onde viemos? Como viemos? Para onde

iremos?”. A fim de encontrar soluções e explicações, seja de maneira lúdica ou rigorosa, os saberes não estão deslocados da sociedade.

Há muita ciência na mente de cada um de nós. [...] Olhando as estrelas hoje, um camponês e um poeta imaginam um objeto que é muito mais parecido com o objeto descrito por um astrofísico do que com as estrelas imaginadas por Aristóteles. Mas essas imagens científicas nas nossas cabeças não são somente na forma de conceitos mais ou menos aproximativos, de dados, leis, fatos. São também na forma ambígua, contraditória e interessantíssima de metáforas, símbolos, sonhos e medos estratificados. São, em uma palavra, cultura. [...] Antes de aprender a palavra e o conceito, uma criança pode intuir o que é o frio tomando um sorvete. Antes de ler um livro de texto ou uma revista, um cidadão constrói uma imagem da ciência e do cientista por meio das novelas, do cinema, da arte, da música. (Castelfranchi, 2003, n.p.).

Tal contextualização preambular permite inferir que o conhecimento, ainda que muitas vezes seja reforçado a partir de uma concepção austera e restrita ao âmbito acadêmico, também faz parte de diversas situações, ideias e práticas que surgem das sutilezas inventivas do cotidiano. Com isso, há um processo cultural que favorece a presença da ciência e da tecnologia na sociedade “[...] da mesma forma que a ficção, a poesia e arte fazem parte do imaginário social e simbólico de nossa realidade e de nossos sonhos, multiplicando em nossa existência única, e provisória, a infinitude de vidas e vivências que vivemos sem jamais tê-las vivido” (Vogt, 2003, n.p.). É essa a premissa do conceito de cultura científica, que surgiu em um período fervoroso para novos modos de pensar e executar a divulgação de ciência.

Isso porque, após o fim da Segunda Guerra Mundial, a ideia de alfabetização científica (*scientific literacy*) ganhava força nos Estados Unidos, mas também suscitava críticas relacionadas à perspectiva do déficit de informação, na qual a divulgação científica deveria levar o conhecimento para a população considerada “leiga” (Vogt; Cerqueira; Kanashiro, 2008). Diante disso, como abordado nas seções anteriores, surgem outras vertentes para a circulação da ciência, com o objetivo de superar a lógica informacional e criar condições de formação crítica e de diálogo para os cidadãos. No caso da cultura científica, a participação da sociedade é evidenciada por meio de um processo cultural que perpassa diferentes momentos relacionados à ciência e à tecnologia.

Melhor do que alfabetização científica (tradução para *scientific literacy*), popularização/vulgarização da ciência (tradução para *popularisation/vulgarisation de la science*), percepção/compreensão pública da ciência (tradução para *public understanding/awareness of science*) a expressão cultura científica tem a vantagem de englobar tudo isso e conter ainda, em seu campo de significações, a ideia de que o processo que envolve o desenvolvimento científico é um processo cultural, quer seja ele considerado do ponto de vista de sua produção, de sua difusão entre pares ou na dinâmica social do ensino e da educação, ou ainda do ponto de vista de sua divulgação na sociedade, como um todo, para o estabelecimento das relações críticas

necessárias entre o cidadão e os valores culturais, de seu tempo e de sua história. (Vogt, 2003, n.p.).

Apesar de sua complexidade semântica, a formação da cultura científica “[...] não se trata de cultura da ciência, trata-se de uma cultura orientada e determinada por tudo aquilo que a ciência faz, pelas suas técnicas e consequência, mas cujos participantes não são necessariamente cientistas” (Barata *et al.*, 2023, p. 125). Cabe ressaltar um possível paralelo com o conceito de comunicação pública da ciência, na medida em que a cultura científica equivale ao exercício da cidadania na sociedade contemporânea (*ibidem*), considerando comunidades para além dos cientistas.

A dinâmica da cultura científica também pode ser compreendida no formato de uma espiral criada por Vogt (2003), com o objetivo de “[...] representar a dinâmica constitutiva das relações inerentes e necessárias entre ciência e cultura” (*ibidem*, n.p.). A Espiral da Cultura Científica se movimenta em dois eixos (um horizontal, de tempo, e um vertical, de espaço) que envolvem diferentes categorias constitutivas, atores sociais e momentos da circulação de ciência (*ibidem*).

Figura 10 – Espiral da Cultura Científica



Fonte: Elaboração de Padilha; Presser e Zarias (2016)³⁴, baseado em Carlos Vogt

³⁴ PADILHA, S. C.; PRESSER, N. H.; ZARIAS, A. Divulgação científica: uso social do produto dos estudos científicos na Fundação Joaquim Nabuco. *Em Questão*, v. 22, n. 1, p. 161-187, 2016.

A dinâmica da espiral se inicia com a comunicação entre pares, que compartilham códigos, linguagens e convenções específicas. O segundo quadrante se refere à didática entre professores e alunos para o ensino da ciência e a formação de cientistas. Em seguida, o terceiro quadrante conforma o ensino para ciência, fora do ambiente escolar e acadêmico, em museus e eventos científico-culturais, por exemplo. Por fim, o quarto e último quadrante completa a divulgação da ciência na interlocução entre jornalistas e cientistas com a sociedade. Ao fim do ciclo, a espiral é retomada em um “[...] ponto alargado de conhecimento e de participação da cidadania” (Vogt, 2003, n.p.) que se abre para novos momentos e atores.

Reiteramos que, assim como a natureza do processo comunicacional mencionada anteriormente, a circulação espiralar da ciência, mesmo que assentada em uma concepção moderna e hegemônica do saber científico, não é estabelecida de forma completamente linear, constante, regular e equiparada entre os atores envolvidos em cada quadrante. A partir de inúmeras realidades, dimensões interseccionais, disputas de poder e relações de força, os processos culturais que envolvem a ciência são fortalecidos por políticas públicas, direitos sociais e acesso a informações qualificadas.

A disseminação da cultura científica não pode ser o mesmo que fortalecer a compreensão ou a alfabetização do público em ciência e tecnologia, visto que nenhuma cultura é composta apenas de conhecimento factual ou compreensão de noções e fatos. Cultura também significa valores, estética, padrões e normas, rituais, hierarquias e relações de poder. A apropriação de uma cultura científica vai muito além da alfabetização: implica o reconhecimento do lugar da ciência na sociedade, a visibilidade e a compreensão de seu funcionamento como instituição, suas relações com o sistema econômico e político e a compreensão de seus dilemas, contradições e conflitos.³⁵ (Castelfranchi; Fazio, 2021, p. 13, tradução nossa).

Desse modo, a cultura científica está entrelaçada às várias forças determinantes (econômicas, políticas, culturais), em articulação e também em disputa, que compõem a complexa trama da sociedade (Escosteguy, 2004). Isso nos permite expandir a discussão por meio de uma conexão teórica com os estudos culturais, que, por sua vez, “[...] dizem respeito ao lado subjetivo das relações sociais” (Johnson, 2004, p. 25).

Qualquer que seja o tema abordado, a propensão do analista de estudos culturais é enfatizar a natureza contextual, multidimensional e contingente – em suma, complexa – do objeto de estudo, e um esforço correspondente para representar e

³⁵ No original: “*La diseminación de la cultura científica no puede ser lo mismo que fortalecer la comprensión o la alfabetización del público en CyT, ya que ninguna cultura está hecha solo de conocimiento fáctico o comprensión de nociones y hechos. Cultura también significa valores, estéticas, pautas y normas, rituales, jerarquías y relaciones de poder. La apropiación de una cultura científica va mucho más allá de la alfabetización: implica el reconocimiento del lugar de la ciencia en la sociedad, la visibilidad y comprensión de su funcionamiento como institución, de sus relaciones con el sistema económico y político, la comprensión de sus dilemas, contradicciones y conflictos*”.

fazer justiça a essa complexidade. Além disso, o esforço não é apenas epistemológico, mas também político: os estudos culturais lidam com a complexidade cultural para promover formas mais eficazes de ver e intervir no mundo, geralmente no contexto de princípios amplamente definidos de democracia cultural.³⁶ (Ang, 2008, p. 227-228, tradução nossa).

Em meio a um profundo e irremediável caráter polissêmico, a cultura apresenta a síntese de uma história (Johnson, 2004) que se deslocou da tradição elitista para as práticas culturais cotidianas (Escosteguy, 2004). Imbuída por relações de poder e por uma autonomia relativa (*ibidem*) no meio social, a cultura se caracteriza como um espaço de lutas, resistências, legitimações, ideologias e negociações. Conforme indica Hall (2003), a dimensão cultural implica uma área de deslocamento contínuo:

Há sempre algo descentrado no meio cultural [*the medium of culture*], na linguagem, na textualidade, na significação; há algo que constantemente escapa e foge a tentativa de ligação, direta e imediata, com outras estruturas. E ainda, simultaneamente, a sombra, a estampa, o vestígio daquelas outras formações, da intertextualidade dos textos em suas posições institucionais, dos textos como fontes de poder, da textualidade como local de representação e de resistência, nenhuma destas questões poderá jamais ser apagada dos estudos culturais. (*ibidem*, p. 211-212, grifo do autor).

No contexto da América Latina, os estudos culturais buscam evidenciar uma dinâmica cultural incontornável, engajada na densidade e na pluralidade das culturas populares (Martín-Barbero, 1997). Em sua obra *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*, Martín-Barbero (*ibidem*) aborda a comunicação como uma questão de cultura e, portanto, vinculada aos âmbitos sociais, políticos e econômicos. A partir de um deslocamento teórico-metodológico, o autor (2024, p. 15) também reforça que é fundamental compreender não apenas “[...] o que fazem os meios com as pessoas, mas o que fazem as pessoas com elas mesmas, o que elas fazem com os meios, sua leitura”.

Nesse sentido, para além da produção, os estudos culturais (em suas mais diferentes vertentes, com destaque para a perspectiva latino-americana) estabeleceram um forte compromisso com a recepção, buscando evidenciar os sentidos que dela emergem, bem como analisar os limites e as exclusões sociais ao longo da complexa vida cotidiana (*ibidem*). Múltiplos trabalhos, em especial a partir da década de 1980 (Escosteguy, 2004), passaram a reforçar a noção de que a “[...] recepção não é somente uma etapa no interior do processo de comunicação, um momento separável, em termos de disciplina, de metodologia, mas uma

³⁶ No original: “Whatever theme is addressed, the cultural studies analyst’s penchant is to emphasize the context-specific, multidimensional, and contingent, in short, complex nature of the subject matter, and a corresponding effort to represent and do justice to that complexity. Moreover, the endeavour is not just epistemological but also political: cultural studies grapples with cultural complexity to advance more effective ways of seeing and intervening in the world, usually in the context of broadly defined principles of cultural democracy”.

espécie de um outro lugar, o de rever e repensar o processo inteiro da comunicação” (Martín-Barbero, 2024, p. 15).

Outro importante aspecto para esta discussão provém dos estudos de Canclini (2006) sobre hibridização e globalização, nos quais defende a relação entre o consumo e a cidadania, a partir de um “[...] marco conceitual em que possam ser consideradas conjuntamente as atividades do consumo cultural que configuram uma dimensão da cidadania” (*ibidem*, p. 37). O autor (*ibidem*, p. 14) propõe “[...] reconceitualizar o consumo, não como simples cenário de gastos inúteis e impulsos irracionais, mas como espaço que serve para pensar e no qual se organiza grande parte da racionalidade econômica, sociopolítica e psicológica nas sociedades”.

Canclini (2009) argumenta, ainda, que o consumo em sua dimensão cultural está diretamente ligado ao acesso. Isso porque “[...] relacionar-se com a cultura significa, cada vez mais, participar em redes imateriais, ter experiências, aceder a serviços”³⁷ (*ibidem*, p. 115, tradução nossa). Situadas na interseção entre cidadania, consumo e acesso, as instituições museais se constituem como um espaço privilegiado para a reelaboração de sentidos sociais (*idem*, 2006), uma vez que “[...] o público reivindica ser satisfeito em seus anseios de sujeito cultural, aquele que participa da dinâmica cultural ressignificando, fora e dentro do museu” (Cury, 2007, p. 76).

A partir das especificidades dos museus de ciência, os profundos vínculos entre a cultura científica, a memória e a participação pública se tornam uma forma de “[...] redimensionar as estruturas para confrontar uma narrativa hegemônica de apagamento, silenciamento e exclusão sistêmica de formas outras de pensar o mundo e o Universo” (Alves-Brito; Nunes, 2024, p. 710). Dessa forma, as ações construídas em constante interação com o meio social, a realidade política e até mesmo a conjuntura econômica que as circundam, permitem buscar:

[...] arcabouços teóricos alternativos para alcançarmos outros modelos de divulgação e popularização científica que levem em conta contra-histórias e outras perspectivas de saber e interagir com o mundo, senão aqueles referendados pelo modelo científico de dominação — europeu, racista, classista e sexista. (*ibidem*, p. 691).

Segundo Johnson (2004, p. 30), todas as práticas sociais, a partir de suas constituições subjetivas, “[...] podem ser examinadas de um ponto de vista cultural”. Isso também é válido para a ciência, na medida em que se organiza “[...] como uma atividade social complexa, quer

³⁷ No original: “[...] relacionarnos con la cultura significa cada vez más participar en redes inmateriales, tener experiencias, acceder a servicios”.

seja como produtora de conhecimento ou como produtora de visões de mundo” (Reis; Videira, 2013, p. 587). Mesmo que os estudos culturais constituam um campo heterogêneo e interdisciplinar, que visa acolher os limites de sua pluralidade multidimensional (Fornäs, 2022), suas interfaces com a investigação de concepções científicas demonstram oportunidades para refletir criticamente e questionar “[...] as normas dominantes e as estruturas de poder na cultura e na sociedade, bem como na produção do próprio conhecimento acadêmico” (*ibidem*, p. 69).

Tal compreensão, ao ponderar que “[...] a credibilidade da ciência depende tanto de como ela opera como um empreendimento social coletivo quanto dos princípios que regulam o tipo de informação que esse empreendimento aceita e transforma em conhecimento”³⁸ (Ziman, 2004, p. 58, tradução nossa), reforça a responsabilidade e a importância da cultura científica na reverberação da influência mútua e dos vínculos estabelecidos entre a produção de saberes e as complexas dimensões da sociedade.

³⁸ No original: “[...] the credibility of science depends as much on how it operates as a collective social enterprise as it does on the principles regulating the type of information that this enterprise accepts and transforms into knowledge”.

3 ENTRE MEANDROS: A REPRESENTAÇÃO DA CIÊNCIA NOS MUSEUS

Permeado por lutas políticas, econômicas, simbólicas (Tolentino, 2016) e socioculturais, o museu se constitui “[...] não só como um espaço de memória, mas sobretudo como um espaço de poder e como reflexo e resultado dos distintos atores sociais que o constroem e reconstroem” (*ibidem*, p. 90). A partir da construção de discursos sobre o patrimônio e a trajetória de diferentes grupos, as exposições museais reverberam narrativas imbuídas de autoridade e legitimidade. Com isso, os museus expressam vozes e silêncios, reproduzem controles hegemônicos, fomentam imaginários e repertórios, perpetuam apagamentos históricos e hierarquizam identidades, acontecimentos, objetos e saberes.

Conforme Adichie (2019), uma história reiterada sistematicamente se torna única e definitiva, com a capacidade de destituir a dignidade dos sujeitos. Em contrapartida, a pluralidade de histórias se torna uma forma de reparação e uma “[...] oportunidade para confrontar controvertidos regimes de verdades” (Moura, 2021, p. 2). Nesse sentido, diante das disputas, dissensos e conflitos que envolvem a (re)circulação de sentidos, nos encaminhamos para os meandros, as curvas, os deslocamentos e as imprevisibilidades que complexificam os processos comunicacionais no âmbito museal.

Após apresentar um breve panorama dos museus de ciência no Brasil, este capítulo visa desvelar algumas das diversas possibilidades que acompanham a representação da ciência nas exposições museais (Bordinhão, Valente e Simão, 2017; Cunha, 2010; Cury, 2007; Marandino, 2005; Oliveira e Leite, 2014; Pantoja, 2022; Vergès, 2023), bem como a construção de narrativas e discursos acerca do conhecimento, que serão apropriados, interpretados e percebidos pelos públicos. O capítulo também propõe um debate sobre a musealização (Cunha, 2017; Cury, 2005b; Lowande, 2023; Moraes, 2021), atrelada à perspectiva contracolonial, e o papel social dos museus na construção de uma sociedade mais justa e democrática.

3.1 Museus de ciência no Brasil

Segundo a definição aprovada pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM) em 2022, um museu:

[...] é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e

comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimentos.³⁹

No que tange à etimologia, a palavra “museu” vem do grego *mouseion*: o templo das musas (Museu, 2013). Filhas de Zeus (o deus supremo) e de Mnemosyne (a deusa da memória), as musas eram consideradas guardiãs da oralidade e da criatividade, bem como fonte de inspiração para a poesia, música, dança, ciência e outras manifestações artísticas, culturais e intelectuais (Mello, 2023).

Na cultura grega, a memória estava intimamente associada à literatura oral (*ibidem*) e não se referia somente a um fragmento pontual do tempo, mas à habilidade criativa de unir o passado, o presente e o futuro. O conhecimento, por sua vez, era compreendido como algo vivo, que dependia de movimento, vida e alma para ser difundido entre os sujeitos. Já a escrita representava uma pequena porção desse conhecimento vivo, e aqueles que dependiam exclusivamente de textos para acessar o saber se tornavam “sábios de aparências” (*ibidem*).

Ao longo do tempo, o museu foi idealizado para realizar a seleção, o estudo e a apresentação de testemunhos materiais e imateriais (Museu, 2013) da humanidade e de seu meio, passando por transformações de acordo com os recursos disponíveis e os contextos emergentes em cada época. No Brasil, datam do século XIX as primeiras instituições brasileiras dedicadas à ampliar a circulação da ciência, aliada ao patrimônio histórico e cultural, por meio da visitação aberta ao público: o Jardim Botânico do Rio de Janeiro (1808) e o Museu Nacional (1818), ambos no Rio de Janeiro/RJ, o Museu Paraense Emílio Goeldi (1868), em Belém/PA, e o Museu Paulista (1893), em São Paulo/SP⁴⁰.

Cem anos depois, já na década de 1980, com o incentivo de políticas públicas no âmbito da União e de governos estaduais, foram fundados novos centros de ciência e divulgação científica, como o Espaço Ciência Viva, o Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), a Casa da Ciência da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a Estação Ciência, o Espaço Ciência, o Museu de Ciência e Tecnologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e o Museu da Vida da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)⁴¹.

Na perspectiva da legislação nacional, o Estatuto de Museus, instituído pela Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, indica que são princípios fundamentais dos museus a valorização da dignidade humana; a promoção da cidadania; o cumprimento da função social;

³⁹ Disponível em: <https://www.icom.org.br/nova-definicao-de-museu-2/>. Acesso em: 17 set. de 2024.

⁴⁰ Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/assuntos/popularizacao-da-ciencia/museus-e-centros-de-ciencia>. Acesso em: 17 jul. de 2025.

⁴¹ Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/assuntos/popularizacao-da-ciencia/museus-e-centros-de-ciencia>. Acesso em: 17 jul. de 2025.

a valorização e preservação do patrimônio cultural e ambiental; a universalidade do acesso, o respeito e a valorização à diversidade cultural; e o intercâmbio institucional (Brasil, 2009a). Já a Lei nº 11.906, de 20 de janeiro de 2009, que diz respeito à criação do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), considera:

[...] as instituições museológicas: os centros culturais e de práticas sociais, colocadas a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, que possuem acervos e exposições abertas ao público, com o objetivo de propiciar a ampliação do campo de possibilidades de construção identitária, a percepção crítica da realidade cultural brasileira, o estímulo à produção do conhecimento e à produção de novas oportunidades de lazer. (Brasil, 2009b, n.p.).

Desde 2005, levantamentos feitos pela Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciência (ABCMC), em parceria com a Casa da Ciência/UFRJ e o Museu da Vida/Fiocruz, têm mapeado os espaços⁴² direcionados à preservação e à divulgação científica no país. A primeira versão⁴³ do Guia de Centros e Museus de Ciência no Brasil identificou 110 instituições e quatro anos depois, em 2009⁴⁴, o número havia aumentado para 190 organizações. A partir de 2015⁴⁵, o guia passou a contemplar toda a América Latina e o Caribe, contabilizando 464 espaços científico-culturais (268 deles localizados no Brasil). Já o volume mais recente, lançado em 2023⁴⁶ no XVIII Congresso da Rede de Popularização da Ciência e da Tecnologia na América Latina e no Caribe (RedPOP), estimou 1.896 instituições na região latino-americana e caribenha, das quais 448 enviaram informações para a produção do guia (221 delas situadas no Brasil).

Por meio de um painel analítico, o sistema nacional de identificação de museus, disponível na plataforma Museusbr⁴⁷, apresenta 3.622 instituições museais abertas no país, das quais 475⁴⁸ estão cadastradas nas temáticas de Ciências Exatas (Estatística, Física),

⁴² Os levantamentos compreendem os museus de ciência em um sentido amplo, que contempla museus de história natural, museus de tecnologia, museus de antropologia, museus de arqueologia, museus de etnografia, museus históricos, centros interativos, jardins botânicos, aquários, planetários, zoológicos, centros de educação ambiental, parques ambientais e outros. É válido destacar que o guia de 2023 também demarca o primeiro levantamento após a pandemia de covid-19.

⁴³ Disponível em: <https://abcmc.org.br/abcmc/wp-content/uploads/2016/12/guiacentrosciencia2005.pdf>. Acesso em: 18 jul. de 2025.

⁴⁴ Disponível em: https://www.museudavida.fiocruz.br/images/Publicacoes_Educacao/PDFs/GuiaCentroseMuseusdeCiencia2009.pdf. Acesso em: 18 jul. de 2025.

⁴⁵ Disponível em: https://www.museudavida.fiocruz.br/images/Publicacoes_Educacao/PDFs/GuiaAmericaLatinaPortugues.pdf. Acesso em: 18 jul. de 2025.

⁴⁶ Disponível em: https://www.museudavida.fiocruz.br/images/Publicacoes_Educacao/PDFs/Guia-de-Centros-e-Museus-de-Ci%C3%A0ncia-da-America-Latina-e-do-Caribe-2022.pdf. Acesso em: 18 jul. de 2025.

⁴⁷ Dados coletados em julho de 2025. Disponível em: <https://cadastro.museus.gov.br/painel-analitico/>. Acesso em: 18 jul. 2025.

⁴⁸ Chama atenção a diferença entre os números apresentados pelo Guia de Centros e Museus de Ciência no Brasil e pelo sistema Museusbr, que pode ser atribuída, entre outras hipóteses, às nuances dos métodos de coleta de

Ciências Biológicas (Biologia, Botânica, Genética, Zoologia, Ecologia etc.), Ciências da Terra (Geologia, Mineralogia etc.) e da Saúde (animal e humana), incluindo os aquários, oceanários, herbários, jardins botânicos, jardins zoológicos, observatórios e planetários.

Apesar da progressão aferida ao longo de uma década pelos guias da ABCMC e da quantidade de instituições elencadas no sistema Museusbr, os dados também apontam outros importantes aspectos. É o caso da predominância geográfica dos museus na região Sudeste do país. Isso porque a maior parte dos 475 museus de ciência disponíveis na plataforma Museusbr estão concentrados no Sudeste (220 instituições), seguido pela região Sul (94 instituições) e região Nordeste (87 instituições). As regiões Centro-Oeste e Norte localizam 40 e 34 instituições, respectivamente, considerando, ainda, que os estados do Amapá e de Rondônia não possuem museus de ciência cadastrados no sistema.

A prevalência sudestina também permanece no caso dos museus universitários mapeados pela Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários (RBCMU)⁴⁹. Em agosto de 2023, a plataforma da Rede reuniu 841 Núcleos Museológicos Universitários, definidos como museus, centros de memória, centros de divulgação científica, coleções didáticas, planetários, etc. Os núcleos contemplados pela RBCMU estão majoritariamente situados na região Sudeste (39,97%), seguida pela região Sul (25,94%) e região Nordeste (18,39%). As regiões Centro-Oeste e Norte contam com 9,66% e 6,1%, respectivamente.

De acordo com a pesquisa Percepção Pública da C&T no Brasil - 2023⁵⁰, realizada pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE) e pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), as taxas de visitação a museus de ciência e tecnologia aumentaram de 6,3%, em 2019, para 11,5%, em 2023. Esse aumento foi vivenciado, por exemplo, pelo Espaço do Conhecimento UFMG que, em julho de 2023⁵¹, atingiu um recorde de público mensal ao receber 15.279 visitas. Após a retomada das atividades presenciais, com o fim do status de emergência global da pandemia de covid-19, os números apontaram que “[...] as trocas e experiências proporcionadas face a face não podem ser substituídas, mas sim complementadas pelas atividades virtuais” (Diniz *et al.*, 2023, p. 670), provocando um certo resgate de interações nos espaços de lazer das cidades.

informações autodeclaradas utilizados por ambos. Também é oportuno considerar que os dados, independente da fonte, podem estar subnotificados, decorrente de fatores como geolocalização, acesso à informação e meios para participação digital.

⁴⁹ Disponível em: <https://rbcmu.com.br/sobre-a-rede/>. Acesso em: 18 jul. 2025.

⁵⁰ Disponível em:

https://www.cgge.org.br/documents/10195/4686075/CGEE_OCTI_Resumo_Executivo-Perc_Pub_CT_Br_2023.pdf. Acesso em: 18 jul. 2025.

⁵¹ Disponível em:

<https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/noticia/espaco-do-conhecimento-ufmg-atinge-o-recorde-de-visitacao-mensal/>. Acesso em: 18 jul. 2025.

Os dados da pesquisa Percepção Pública também indicaram a presença em eventos, palestras, visitas virtuais a espaços e museus científicos e debates *online* sobre ciência entre 16,2% dos 1.931 entrevistados. No entanto, ainda segundo o estudo, a participação em atividades relacionadas à ciência e tecnologia cresce com as taxas de escolaridade e renda, e é mais baixa entre residentes da área rural e idosos. Tais fatores demonstram que a dificuldade de acesso e a desigualdade, envolvendo aspectos interseccionais de classe, geolocalização e idade, se tornam entraves para a democratização do conhecimento e da produção científica. Nesse sentido, diferentes inquietações surgem em torno da relação entre as instituições museais e a sociedade. Como as histórias contadas pelos museus também definem o que deve ser lembrado ou apagado? Quem pode se aproximar dessas narrativas expostas? Como se dá a interlocução com os públicos por meio de uma exposição? Essas são algumas das perguntas que instigam e guiam a seção subsequente deste capítulo, a partir de discussões sobre o ambiente museal e suas práticas no âmbito expositivo.

3.2 Exposições e narrativas no contexto museal

O ato de contar uma história expressa certos níveis de poder e autoridade. É também uma ação que implica, no mínimo, a autonomia necessária para ordenar fatos, lembranças ou circunstâncias que possam ser consideradas críveis, confiáveis ou pertinentes por parte dos interlocutores. Em um contexto mais amplo e institucional, que autoriza representações de diferentes comunidades, territórios e memórias, os museus se tornam exímios contadores de histórias. Enquanto espaço legítimo e legitimador (Oliveira; Leite, 2014), alicerçado pela retórica da neutralidade isolada das desordens do mundo (Vergès, 2023), o ambiente museal desencadeia dimensões de controle relacionadas ao que deve ser lembrado ou esquecido, a partir dos modos com que retrata a produção artística, cultural e intelectual da humanidade.

De acordo com Cunha (2017, p. 80), o resguardo do patrimônio revela estratégias ideológicas e subjetivas de rememoração, acentuadas pela “[...] ação de quem detém o poder político de escolher o que vai ser preservado, pois esse processo pode levar a visões e ações hegemônicas sobre a memória e sua preservação patrimonializada”. Nesse sentido, “[...] por trás da aparente neutralidade, o museu tem participação nos processos de dominação e na representação do Estado-nação sobre si mesmo” (Vergès, 2023, p. 83), corroborando para a consolidação de imaginários coletivos acerca de identidades, símbolos e acontecimentos.

O que deve ser lembrado e necessariamente o que precisa ser esquecido sempre irão permear os processos de constituição das memórias e identidades coletivas e de suas

representações, sobretudo na instituição museu, *locus* por excelência dos suportes de memórias. Os conflitos, disputas e a formatação ideológico-política da construção das narrativas dessas representações são aspectos essenciais a serem levados em consideração no jogo social de conformação de memórias coletivas. (Tolentino, 2018, p. 66).

Na perspectiva de que “[...] é através da comunicação que o museu se faz visível à sociedade e ganha forma” (Cury, 2005a, p. 14), cada linguagem, formato e materialidade utilizada se torna uma maneira de estruturar narrativas que estarão disponíveis para a interação com os públicos no contexto museal.

As narrativas são elementos que estão diretamente relacionados a qualquer objeto museal, assim como de qualquer exposição, seja frisando narrativamente o objeto de forma individual ou coletivamente, mas sempre tendo um fio condutor que os une de certa maneira, assim se presume, a partir da curadoria. (Pantoja, 2022, p. 20).

Tais narrativas, alicerçadas por discursos que permitem a construção de sentidos, são o “[...] resultado de uma construção social em que também estão presentes os conflitos e as relações de forças” (Tolentino, 2016, p. 14) entre os sujeitos. Logo, os museus comunicam e legitimam determinadas histórias que podem empoderar e valorizar ou hierarquizar e subjugar grupos sociais (*ibidem*).

Guiadas por objetivos, interesses e fluxos de trabalho próprios, as instituições museais concebem inúmeros modos de narrar e produzir sentidos, seja por meio de oficinas, visitas mediadas, programações temáticas, conteúdos nas mídias sociais ou, na especificidade de interesse desta pesquisa, exposições. Segundo Bordinhão, Valente e Simão (2017, p. 8), uma exposição “[...] se baseia na escolha e na apresentação de objetos que possam sustentar uma narrativa sobre um assunto determinado. As seleções e definições apontam as ideias e imagens desejadas e estabelecem, pelos sentidos, diálogos com o público”.

Ao indicar que as exposições sistematizam ações de salvaguarda e comunicação, Cunha (2010) as compreende como um texto, a partir da articulação de seus elementos, permitindo a percepção de ênfases, metáforas e diferentes leituras, que dependem do nível de interação com o tema e os elementos apresentados no contexto expositivo. O autor (*ibidem*, p. 110) caracteriza, ainda, a exposição “[...] não somente pelo que se expõe, mas inclusive, pelo que se oculta, traduzindo e conectando várias referências, que conjugadas buscam dar sentido e apresentar um texto, uma ideia a ser defendida”. Ao passo em que as exposições apresentam tal caráter polissêmico, Cury (2007) também reforça a interação entre a experiência do público e a atuação profissional no museu, que, simultaneamente, constroem e negociam sentidos:

[...] o público busca aquele significado que lhe satisfaça culturalmente, isto porque, ao interpretar, ele mobiliza o seu próprio repertório de conhecimento e experiência vivencial. Então, ao refazer o trabalho do profissional de museu de uma forma única e sua, o público torna-se sujeito porque lê, interpreta e ressignifica. A leitura de uma exposição não é “desvendamento” ou “deciframento”, e sim trabalho do público que se sustenta no trabalho do profissional. (*ibidem*, p. 77).

Conforme Marandino (2005), a transposição de conteúdos e conhecimentos no âmbito expositivo envolve processos para tornar as informações acessíveis aos visitantes, ao mesmo tempo em que proporcionam momentos de lazer e contemplação, e questões institucionais particulares do espaço museal em questão. Cabe ressaltar que tais práticas constituem uma forma viva e coletiva de elaboração, por meio de convicções, interesses e escolhas implicadas nas exposições que, por sua vez, “[...] espelham intenções, apresentadas como missões ou projetos institucionais, que se fundamentam e se legitimam no processo de naturalização das narrativas construídas pela própria instituição” (Oliveira; Leite, 2014, p. 55). Dessa forma, a representação e a exibição de objetos, textos e materialidades diversas nos museus não se dão ao acaso, de maneira intuitiva ou inconsciente.

Vemos assim que as escolhas do que será exposto e da forma de exposição são carregadas de implicações que transbordam os limites do julgamento da importância e qualidade científica, histórica ou artística do material, e é da responsabilidade do museu optar por posicionamentos expressos em eventos que acentuam o impacto estético e ético. Em outras palavras, cabe a ele evitar uma postura pretensamente neutra, através da qual apresenta materiais de forma fria e objetiva, e perceber que qualquer prática refletida visa provocar questionamentos e posicionamentos por parte do visitante. (Passetti, 1999, p. 170).

A partir de um complexo conjunto de ações, a construção expositiva também faz parte do processo de musealização que se trata da “[...] operação de extração, física e conceitual, de uma coisa de seu meio natural ou cultural de origem, conferindo a ela um estatuto museal – isto é, transformando-a em *musealium* ou *musealia*, em um “objeto de museu” que se integre no campo museal” (Musealização, 2013, p. 56). Por meio de um conjunto técnico “[...] para atribuição de sentidos, potencialização e valorização de objetos materiais e imateriais” (Santos; Moura, 2023, p. 5), a musealização pressupõe diferentes atividades para a constituição do museu.

Em síntese, entende-se o processo de musealização como uma série de ações sobre os objetos, quais sejam: aquisição, pesquisa, conservação, documentação e comunicação. O processo inicia-se ao selecionar um objeto de seu contexto e completa-se ao apresentá-lo publicamente por meio de exposições, de atividades educativas e de outras formas. Compreende, ainda, as atividades administrativas como pano de fundo desse processo. (Cury, 2005b, p. 26).

Tais condutas, procedimentos e operações exercem o papel de diferenciação entre o objeto *em* um museu e o objeto *de* museu (Musealização, 2013). Forjadas por pilhagens

cometidas por exércitos revolucionários e imperiais (Vergès, 2023), em um projeto que tomava forma desde as Grandes Navegações e que privilegiava a classe burguesa, as coleções museais europeias do século XVIII e XIX expropriaram objetos de diferentes povos, territórios e contextos de origem, sob o argumento de que os artefatos perderiam o caráter original fora de seu ambiente, naturalizando a violência da colonização (*ibidem*). Os museus, então, instituíram representações e explicações por meio de abordagens exotizantes e exotizadas (Cunha, 2017), que contam histórias controladas pela perspectiva ocidental.

O Ocidente protegeu o patrimônio de países que ele mesmo destruiu, os museus não estão a serviço dos habitantes de uma nação e sim de toda a humanidade, e privar a humanidade desse patrimônio é um desserviço a ela. Em outras palavras, a humanidade está encarnada no museu universal ocidental, que se tornou depositário do seu patrimônio graças à história (e a violência dela é minimizada). [...] O argumento da complexidade em história e a noção de objeto viajante não conseguem resolver essa contradição; o que é negado é a própria reparação. É evidente que a história é complexa, o colonialismo nunca foi igual numa região e noutra; houve trocas e encontros, zonas de contato, alianças, traições e circulação. É preciso entender como os sistemas perduram, como se criam os consentimentos, como se elaboram os compromissos e como surgem novas formas culturais e políticas. Mas nada disso justifica que as demandas de dignidade, liberdade e reparação sejam rejeitadas. (Vergès, 2023, p. 96-97).

Essa herança colonialista, que destitui significados ancestrais, históricos, culturais, afetivos e espirituais dos objetos (e que, ao mesmo tempo, deslegitima, invisibiliza e subjuga corpos e identidades), pode ser exemplificada pelo retorno ao Brasil de um exemplar de Manto Tupinambá⁵² e do fóssil do dinossauro não-aviário *Ubirajara jubatus*⁵³, ambos retirados de seus locais de origem e mantidos durante anos na Europa.

Quando concebida de forma neutra ou despolarizada, a musealização pode se tornar instrumento de dominação, que perpetua exclusões e promove violências simbólicas (Moraes, 2021). Isso porque, como elucidado por Cury (2020, p. 170), “[...] uma das formas de se manter no museu uma lógica hegemônica é a naturalização das desigualdades que se expressam nas narrativas e representações [...], e no ocultamento de intenções para perpetuar-se no pensamento neoliberal”. Ao longo dos processos de musealização de patrimônios e da representação de memórias e identidades, “[...] o jogo de construções discursivas tende a reproduzir, como um discurso homogeneizante, a manutenção de uma hegemonia de determinados grupos sociais dominantes” (Tolentino, 2016, p. 11).

⁵² Disponível em:

<https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2024/manto-tupinamba-governo-federal-celebra-retorno-do-arte-fato-sagrado-ao-brasil-e-reafirma-direitos-indigenas-como-uma-prioridade>. Acesso em: 22 jul. 2025.

⁵³ Disponível em:

<https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/noticias/2023/06/apos-retorno-ao-brasil-fossil-ubirajara-jubatus-e-levado-para-o-ministerio-da-ciencia-tecnologia-e-inovacao>. Acesso em: 22 jul. 2025.

Assim, ao compreender que por trás da narrativa de um museu “[...] está subjacente uma ideologia e intencionalidade de quem a produziu, os contextos sócio-históricos em que foi produzida e o resultado de uma seleção entre o que dizer e o que deve ficar no campo do não-dito ou do esquecimento” (*idem*, 2018, p. 72), é notável que também há uma “[...] assimetria entre o poder que regulou a aquisição - o objeto foi adquirido num contexto em que a força toma o lugar do direito - e a exigência de reconhecimento de dano da parte dos/as que foram privados/as de seus objetos” (Vergès, 2023, p. 97).

Esse contexto se estende aos museus de ciência que, fundamentados pelos ideais do progresso, também conceberam narrativas fundamentadas pelas concepções ocidentais:

No ambiente em que se discutia e praticava uma ciência evolucionista voltada à ordem e ao progresso republicano brasileiro, pouco a pouco foram sendo forjados referências e imaginários que colocavam em nível inferior as culturas africanas, afrodescendentes e ameríndias. Fora daqui, em nome da ciência, ou chancelada por ela, durante o século XIX e até meados do XX, nações europeias empreenderam um projeto de rapina e invasão de territórios, alimentando e realimentando as suas teorias, ilustradas pelos elementos de cultura material recolhidos em suas incursões e prospecções científicas. Surgiram desse processo várias formas de se expor, que a partir da apresentação de elementos considerados exóticos, respondiam à vontade das populações urbanas, ditas civilizadas, de entrar em contato com o diferente e o exótico. (Cunha, 2017, p. 85).

As relações entre ciência e sociedade demonstram que, “[...] para além das evidências científicas, há as narrativas sobre os fatos e que, dependendo de quem tem o poder sobre essas narrativas, elas podem possuir maior ou menor grau de convencimento” (Alvaro *et al.*, 2021, p. 2). De modo correlato, Alves-Brito e Nunes (2024) demarcam dimensões interseccionais, que incluem (mas não se restringem) a raça e o território, para abordar as estruturas que endossam os vínculos entre ciência e poder:

No mundo exterior aos museus, as comunidades negras e indígenas imaginadas não são dotadas de humanidade e, portanto, suas realidades científicas e culturais inferiorizadas são tratadas como dados naturais, independentes dos agentes sociais, culturais e políticos. Uma idealização — parada no tempo e no espaço — que não se realiza no presente e nem poderá vir a ser futuro. As referências de museu estão colocadas apenas nos anseios das elites econômicas (ditas pensantes e culturais), que tampouco se racializam, que se notam como uma raça que distribui privilégios por meio de métodos seculares de hierarquização. (*ibidem*, p. 702).

Situando a discussão no ambiente dos museus universitários, como o Espaço do Conhecimento UFMG, é possível inferir que “[...] seja qual for o desenho institucional e os processos aos quais as pesquisas acadêmicas estão ligadas, o desenvolvimento científico (investigação, debate, formação, difusão) é um dos pilares institucionais e está presente em praticamente todas as etapas do ciclo curatorial” (Silva, 2021, p. 22). Com isso, os museus

vinculados às universidades acumulam lógicas institucionais, marcadas pela colonialidade, que provêm tanto das práticas de musealização quanto dos processos da produção científica.

Ao ponderar que a exposição “[...] é o local de encontro e relacionamento entre o que o museu quer apresentar e como deve apresentar visando um comportamento ativo do público e à sua síntese subjetiva” (Cury, 2005b, p. 40), os museus universitários apresentam um papel social ativo no fomento do “[...] pensamento crítico para superar imaginários sociais e culturais permeados de vieses, preconceitos e estereótipos que estão na base da própria construção do conhecimento científico, atravessado pelas interarticulações de sistemas globais como o colonialismo, o capitalismo e o patriarcado” (Alves-Brito; Nunes, 2024, p. 689).

Em contraposição à perspectiva patrimonial que hierarquiza, domestica e objetifica, e em direção aos modos de vida contracoloniais de Nêgo Bispo, Lowande (2023, p. 157) defende a ideia de patrimônio cosmológico que “[...] se refere à temporalidade da ancestralidade”, na qual as experiências do passado, presente e futuro convivem de maneira criativa. A partir desse conceito, os processos museais visam “[...] trazer para o primeiro plano as histórias de composição de mundos resistentes às catástrofes que lhes foram impostas pela colonização” (*ibidem*, p. 170), ultrapassando o viés da preservação das heranças cosmológicas e criando “[...] lugares de potencialização dos novos agenciamentos que elas podem produzir” (*ibidem*, p. 171).

Logo, a musealização alicerçada por cosmopercepções não implica em descartar as práticas museais vigentes e nem se guia pela rejeição total das diretrizes e convenções dessas instituições. Ao contrário, busca-se o reconhecimento dos museus enquanto espaços de construção (cultural, científica e política) de narrativas, a valorização de diferentes matrizes de experiências, e a colaboração com povos, territórios e expressões diversas.

[...] a musealização não é uma ação técnica supraobjetiva ou desinteressada sobre coisas, mas um ato simbólico, político e poético sobre aquilo que os grupos partilham como revelador de suas identidades, interações e interfaces com o mundo e a cultura, dando origem a narrativas sobre tal. Nesta perspectiva, a participação de diferentes sujeitos e grupos sociais não somente parece ser positiva e alavancar autoestimas, como também postura ética no âmbito da musealização. Além disso, concorre para a atualização da musealidade, qualidade a partir da qual são construídas narrativas sobre o patrimônio e, logo, potencializa múltiplas conexões entre as culturas. (Moraes, 2021, p. 187).

Esse gesto pode ser exemplificado, em nível local, pela decisão do Espaço do Conhecimento UFMG de convidar Ailton Krenak e Nêgo Bispo a atuarem como mestres da renovação da exposição *demasiado humano* (Diniz; Mantovani, 2024), germinando diálogos entre os saberes afro-indígenas e as práticas da instituição.

Uma prática patrimonial e museal que se pretenda contracolonial precisa, portanto, ser protagonizada por pessoas e comunidades que vivenciam esse tipo de luta, com suas próprias concepções de tempo e território. Isso não quer dizer que essa prática também não possa contar com a atuação de aliados(as) em posição de mobilizar recursos estratégicos para o fortalecimento dessas lutas. (Lowande, 2023, p. 158).

De forma geral, ainda que os museus estejam longe de um caminho satisfatório que contribua com reparações históricas, culturais e epistêmicas, a reflexão sobre as decisões que envolvem as exposições e narrativas construídas permite combater vícios coloniais para que, de fato, a ciência expresse sua construção humana, coletiva e demarcada politicamente (Alves-Brito; Nunes, 2024). O diálogo entre museus, universidades e sociedade se apresenta como uma forma de hackear os códigos coloniais por meio de dispositivos ancestrais (Amâncio, 2023) e criar uma cultura científica mais diversa, em constante confluência de saberes e perspectivas.

3.3 Espaço do Conhecimento UFMG

Após a discussão sobre museus de ciência e exposições no contexto museal, apresentamos a seguir o objeto de interesse da pesquisa, o Espaço do Conhecimento UFMG, esmiuçando diferentes aspectos da história e estrutura organizacional que conformam a instituição e sua complexa rede de atores. A partir de um projeto baseado na cultura, no conhecimento acadêmico e na tecnologia, o Espaço do Conhecimento está localizado no maior complexo cultural da América Latina (o Circuito Liberdade, em Belo Horizonte/MG) e promove múltiplas atrações e conteúdos que contribuem para a construção de relacionamentos com diversos públicos. As seções seguintes também abordam a exposição *demasiado humano*, suscitando uma breve contextualização da trajetória que culmina em sua versão renovada, sob a qual se concentram o interesse e os movimentos de análise desta pesquisa.

3.3.1 O museu

Inaugurado em 21 de março de 2010, o Espaço do Conhecimento UFMG (Figura 11) é um museu universitário que articula ciência, arte e cultura, buscando contribuir para a confluência de saberes. Por meio de diferentes linguagens e formatos, o museu concebe e apresenta uma programação diversa (Diniz *et al.*, 2023) para crianças, jovens, adultos e idosos. As atividades realizadas incluem oficinas, contação de histórias, visitas mediadas,

agendamento de visitas em grupo, observações com telescópios, sessões de Planetário e atrações acessíveis na Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Figura 11 – Edifício do Espaço do Conhecimento UFMG



Fonte: Foto de Luis Felipe Amaral (Reprodução/Site do Espaço do Conhecimento UFMG)

Primeiro equipamento integrante do Circuito Liberdade⁵⁴, à época chamado de Circuito Cultural Praça da Liberdade (Belo Horizonte/MG), o museu foi inicialmente aberto ao público como Espaço TIM UFMG do Conhecimento, por meio de uma parceria entre o Governo do Estado, a empresa de telefonia TIM e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), formalizada pelo Convênio nº 2916/0/2010 (Espaço do Conhecimento UFMG; Martins, 2025). Viabilizada por investimentos da iniciativa privada, sob o mandato de Aécio Neves no governo estadual⁵⁵, a construção do Circuito buscou criar um expoente de cultura e entretenimento para a população do estado e do país, após a administração pública de Minas Gerais, antes localizada nos prédios da Praça da Liberdade, ser transferida para a Cidade Administrativa. O Espaço do Conhecimento, portanto, é fruto de uma cooperação intersetorial entre as esferas pública e privada⁵⁶, que, mesmo após a interrupção do patrocínio da TIM em 2015 (*ibidem*), evidencia o tripé que conecta a cultura, a ampliação do acesso ao conhecimento científico produzido pela Universidade e a tecnologia.

⁵⁴ Disponível em: <https://circuitoliberalidade.com.br/sobre>. Acesso em: 30 abr. 2025.

⁵⁵ SECRETARIA DE GOVERNO. Governador participa da entrega do primeiro prédio do Circuito Cultural. Governo MG. 2010. Disponível em: <https://www.governo.mg.gov.br/Noticias/Detalhe/1330>. Acesso em: 30 abr. 2025.

⁵⁶ Ressaltamos que as ações científico-culturais realizadas pelo museu perpassam inúmeras dimensões de poder intrinsecamente envolvidas em seu arranjo organizacional.

O museu faz parte de duas instâncias da UFMG que visam fortalecer, articular, preservar e divulgar a produção universitária cultural e científica: a Pró-reitoria de Cultura (Procult) e a Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura. Já a gestão é realizada pela Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade (FRMFA) e a Fundação de Apoio da UFMG (Fundep), sob a coordenação da Diretoria do museu (*ibidem*), a partir das seguintes fontes financeiras: recursos orçamentários anuais da UFMG; patrocínio⁵⁷ do Instituto Unimed-BH, desde 2017, por meio da Lei Federal e da Lei Municipal de Incentivo à Cultura; patrocínio da Cemig, desde 2022, por meio da Lei Estadual de Incentivo à Cultura; apoio do Grupo CYMI, em 2025, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura; aluguel da cafeteria e da Sala Multiuso para eventos de fins educativos, culturais e científicos; recursos de bilheteria (derivados exclusivamente do Planetário, a única atração paga do Espaço do Conhecimento); venda de produtos e *souvenirs*; e o programa *Amigos do Espaço*, que recebe doações diretas ou deduzidas no Imposto de Renda.

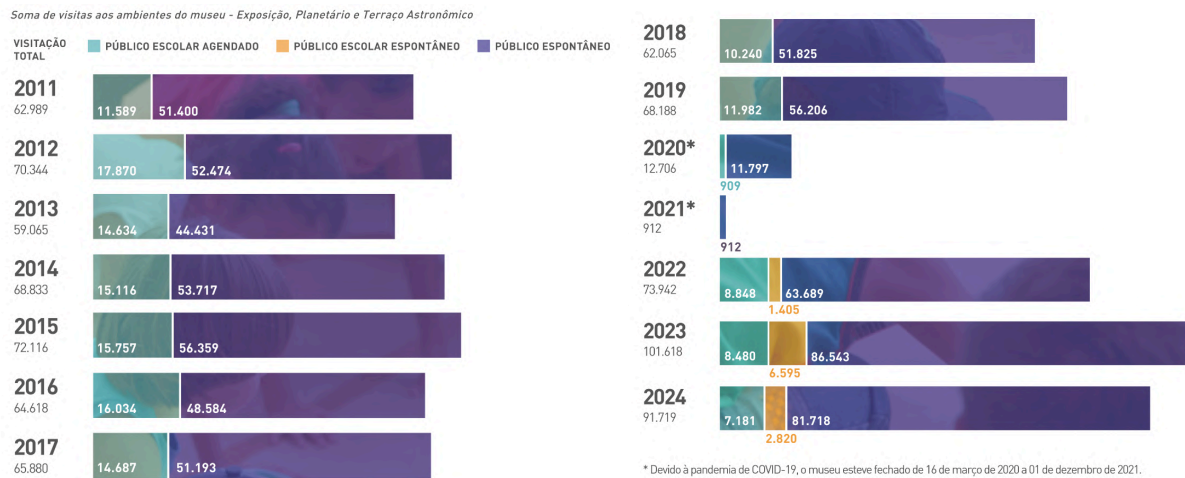
O Plano Museológico do Espaço do Conhecimento define que o museu tem o objetivo geral de “[...] pesquisar, preservar e comunicar a ciência e a cultura, fortalecendo o diálogo entre as diversas formas de conhecimento por meio de ações, produtos e linguagens diversas e inovadoras” (*ibidem*, p. 22). Entre os valores da instituição, disponíveis no documento, é possível citar o “[...] comprometimento com a valorização, preservação e divulgação dos diversos tipos de saberes, incluindo o científico” (*ibidem*, p. 22), por meio de ações cooperativas, transdisciplinares e éticas que estejam em consonância com as diretrizes da UFMG. Ainda em relação ao escopo institucional do Espaço do Conhecimento, o Plano indica que:

Foi diagnosticado que o Espaço se mostra como uma “vitrine” de pesquisas realizadas pela UFMG no âmbito, principalmente, da ciência, arte e cultura, abrangendo diversas áreas do conhecimento, divulgando e desenvolvendo trabalhos e pesquisas acadêmicas. Os núcleos contam com pesquisadores em suas áreas temáticas e também há pessoas externas que desenvolvem pesquisas sobre o Espaço. Nessa medida, a Instituição, além da vocação extensionista, realiza ações nos campos do ensino e da pesquisa universitária. (*ibidem*, p. 75).

Cabe destacar que, a partir do aspecto diagnosticado, os estudos voltados para os visitantes (Figura 12) do museu se mostram particularmente relevantes para verificar como essa “vitrine” tem circulado na sociedade, seja promovendo diálogos, propiciando reflexões ou criando relações entre os processos de musealização e os públicos. Isso faz com que seja possível aprofundar compreensões e investigar de que forma a instituição tem criado uma cultura científica que é apreendida e (re)significada pelos sujeitos no meio social.

⁵⁷ Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/parceiros/>. Acesso em: 30 mar. de 2025.

Figura 12 – Visitação presencial ao Espaço do Conhecimento UFMG nos anos de 2011 a 2024



Fonte: Plano Museológico/Espaço do Conhecimento UFMG

Outro importante fator para o entendimento do museu diz respeito ao próprio prédio. O projeto arquitetônico assinado por Jô Vasconcellos⁵⁸ teve o objetivo de revitalizar a estrutura antiga que abrigou a Secretaria de Estado de Educação, nos anos 1960, e a reitoria da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), na década de 1990 (Figura 13). Para a inauguração do Espaço do Conhecimento, o edifício de 1.548 m² foi envolto por uma camada de vidro e buscou refletir a contemporaneidade e a inovação tecnológica do projeto que incluía o primeiro Planetário de Minas Gerais e um teto retrátil para observação do céu.

Figura 13 – Antigo edifício que abrigou a reitoria da UEMG

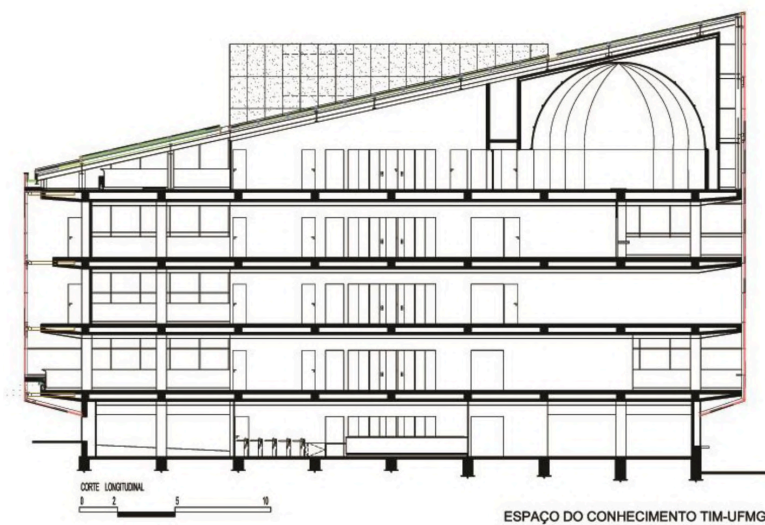


Fonte: Reprodução/Site do Espaço do Conhecimento UFMG

⁵⁸ Entrevista de Jô Vasconcellos à TV UFMG sobre a arquitetura do Espaço do Conhecimento. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Oby762ne4XA>. Acesso em: 30 abr. 2025.

Dessa forma, a arquitetura do museu (Figura 14) se difere do conjunto de equipamentos da Praça da Liberdade, constituído em sua maioria por edifícios neoclássicos do século XIX, a partir de uma concepção moderna, em formato de cubo e encapsulada por vidro, que expande a ideia do ambiente museal para além de suas funções ligadas ao acervo e ao patrimônio. Em contrapartida, ao abandonar a composição tradicional, o prédio reflete a ideia do progresso contínuo, que também se assemelha à “[...] versão eurocentrista da modernidade” (Quijano, 2005, p. 129), orientado por aspectos tecnológicos e científicos. Tal dualidade suscita questões contrastantes e permite refletir sobre até que ponto é necessário encapsular o passado para delinear o futuro, e o quanto o constante avanço da ciência e da tecnologia está calcado em um apagamento de diferentes maneiras de abordar o conhecimento.

Figura 14 – Corte longitudinal do Espaço do Conhecimento UFMG



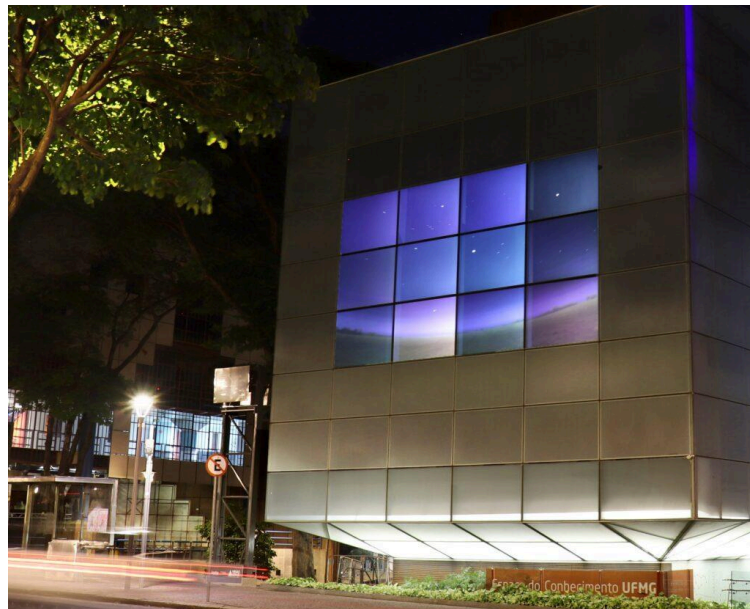
Fonte: Projeto arquitetônico de Jô Vasconcellos (Reprodução/ArchDaily)

Desde a sua inauguração, o Espaço do Conhecimento recebeu mais de 850 mil visitantes (Espaço do Conhecimento UFMG; Martins, 2025) que puderam percorrer os cinco andares de seu espaço físico na Praça da Liberdade. Cada andar é dotado de atrações que formam possibilidades de narrativas (Marandino, 2003) e experiências, direcionadas pela proposta conceitual e institucional do museu nos ambientes que o compõem. Em sua estrutura externa revestida por material vítreo, o Espaço do Conhecimento conta com uma fachada de

projeção digital, chamada de Fachada Digital⁵⁹ (Figura 15). Esse sistema faz com que o edifício se transforme em uma grande tela que projeta imagens e vídeos todas as noites, das 18h às 22h, para pedestres e motoristas que transitam pela Praça da Liberdade.

O objetivo da fachada é proporcionar uma experiência de divulgação científico-cultural baseada em conteúdos visuais, expandindo as temáticas trabalhadas pelo museu para um dos principais pontos turísticos de Belo Horizonte e fomentando a interatividade com diferentes públicos. Com isso, o museu é capaz de estabelecer um meio de comunicação com os visitantes, antes mesmo de sua entrada no prédio.

Figura 15 – Fachada Digital do Espaço do Conhecimento UFMG



Fonte: Reprodução/Site do Espaço do Conhecimento UFMG

O quinto andar já abrigou, entre 2010 e 2025, 12 exposições de menor porte e curta duração (01 a 06 meses), viabilizadas tanto por iniciativas próprias quanto por parcerias entre instituições, projetos e grupos. De maneira fixa, também abriga um Terraço Astronômico e um Planetário, que marcam a forte presença da astronomia e a recorrência das ciências exatas para explicar o universo e seus fenômenos, ao longo dos assuntos abordados pelo museu.

Quanto ao Planetário⁶⁰ (Figura 16), sua construção foi idealizada em 1991, por representantes do Grupo de Astronomia da UFMG e do Centro de Estudos Astronômicos de Minas Gerais (Ceamig), a partir de uma proposta apresentada ao então Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia. Após aprovação, em parceria com a Prefeitura de Belo Horizonte,

⁵⁹ Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/fachada-digital/>. Acesso em: 30 mar. de 2025.

⁶⁰ Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/planetario/>. Acesso em: 30 mar. de 2025.

“[...] a UFMG iniciou os estudos sobre o planetário em 1997, com a elaboração de um projeto científico e arquitetônico para a construção de um grande centro de ensino e divulgação científica” (Espaço do Conhecimento UFMG; Martins, 2025, p. 19).

Figura 16 – Planetário do Espaço do Conhecimento UFMG



Fonte: Foto de Daniel Mansur (Reprodução/Site do Espaço do Conhecimento UFMG)

Anos se passaram até que o edifício localizado na Praça da Liberdade fosse revitalizado, como abordado anteriormente, para abrigar o Espaço do Conhecimento e o primeiro Planetário de Minas Gerais, com um sistema híbrido de projetores que permite a reprodução do céu, de qualquer data e localização, e a exibição de filmes digitais *fulldome*. Realizadas em um domo climatizado de nove metros de diâmetro, com visão de 180° x 360° e capacidade de até 61 pessoas, as sessões de Planetário são as únicas atrações pagas do museu e se dividem entre filmes de origem externa e produções próprias do Espaço do Conhecimento. É válido ressaltar, na perspectiva de acessibilidade, que o ambiente “[...] ainda carece de assentos reservados para pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida e para pessoas obesas” (Espaço do Conhecimento UFMG; Martins, 2025, p. 29).

O Terraço Astronômico⁶¹, por sua vez, é um ambiente próprio para a realização de observações astronômicas noturnas e solares (Figuras 17 e 18), a partir de um teto retrátil que permite a utilização de telescópios e a visualização de determinados astros a olho nu. As sessões de observação celeste são acompanhadas e comentadas pela equipe de Astronomia do

⁶¹ Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/terraço-astronomico/>. Acesso em: 30 mar. de 2025.

museu, que recebe cerca de 105 participantes nos sábados à noite e 90, aos domingos de manhã.

Figuras 17 e 18 – À esquerda, a observação noturna. À direita, a observação solar



Fonte: À esquerda, foto de Kayke Quadros (Reprodução/Site do Espaço do Conhecimento UFMG) | À direita, Reprodução/Site do Espaço do Conhecimento UFMG

Com uma instalação inicial no quinto andar (Figura 19), a exposição de longa duração⁶² *demasiado humano* também ocupa, em totalidade, o quarto e o terceiro andar do museu. Após a curadoria inicial, em 2010, a exposição recebeu intervenções e um processo de renovação expositiva, sob o qual se concentra o interesse desta pesquisa. Composta por quatro módulos (*O Aleph*, *Pensar as Origens*, *Modos de Existir* e *Sonhar a Terra*) e 23 instalações, a principal exibição do museu instiga os visitantes a desvelarem o que caracteriza a construção de um saber considerado “demasiado humano”.

Figura 19 – Instalação *O Aleph*, no quinto andar do Espaço do Conhecimento UFMG



Fonte: Reprodução/Site do Espaço do Conhecimento UFMG

⁶² Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/exposicoes/>. Acesso em: 30 mar. de 2025.

O segundo pavimento do Espaço do Conhecimento é destinado a exposições de média (12 a 24 meses) e curta duração (01 a 06 meses), que estabelecem interfaces com as demais atrações disponíveis e apresentam maior flexibilidade de temas e dinamicidade de recursos expográficos. Entre 2010 e 2025, o museu recebeu 16 exposições que ocuparam o segundo andar de forma temporária, abordando assuntos como literatura, astronomia, saberes indígenas e sustentabilidade. Em 2025, a mostra em cartaz, intitulada *MetropoliTRAMAS*⁶³ (Figura 20), retrata a Região Metropolitana de Belo Horizonte por meio de nove instalações que entrelaçam a diversidade de suas cidades: Tramas do Tempo, Tramas e Utopias, Tramas do Território, Tramas e Trilhas, Tramas em Luta, Tramas Afetivas, Tramas Culturais, Tramas Educativas e Tramas em Movimento.

Figura 20 – Exposição *MetropoliTRAMAS*, no segundo andar do Espaço do Conhecimento



Fonte: Foto de Júlia Lobato (Reprodução/Site do Espaço do Conhecimento UFMG)

Por fim, o primeiro andar do museu inclui a recepção, a cafeteria e a Sala Multiuso⁶⁴ (Figura 21) - um espaço para a realização de eventos, lançamentos de livros, palestras e rodas de conversa, que estejam de acordo com as diretrizes institucionais do Espaço do Conhecimento e da UFMG.

⁶³ Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/exposicoes/metropolitramas/>. Acesso em: 30 mar. de 2025.

⁶⁴ Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/sala-multiuso/>. Acesso em: 30 mar. de 2025.

Figura 21 – Sala Multiuso do Espaço do Conhecimento UFMG



Fonte: Reprodução/Site do Espaço do Conhecimento UFMG

Para além de suas programações e atrações presenciais, o Espaço do Conhecimento também promove projetos de divulgação científico-cultural que reverberam nas mídias sociais, entre eles: a seção *Blog do Espaço*⁶⁵ no site institucional; os podcasts *Pílulas do Conhecimento*⁶⁶ e *Papo em Pauta*⁶⁷; e o Calendário Astronômico⁶⁸. A presença digital do museu também é marcada por perfis no Instagram⁶⁹, Facebook⁷⁰, LinkedIn⁷¹, TikTok⁷² e YouTube⁷³ que, juntos, somam mais de 60 mil seguidores.

Em relação à equipe (Figura 22), o Espaço do Conhecimento conta com uma Diretoria, apoiada pela Comissão Consultiva Acadêmica e pela Comissão Curatorial do Planetário e Fachada Digital, uma Seção Administrativa (subdivida em uma Secretaria e três setores: Apoio Administrativo, Gestão de Projetos e Produção), e cinco Núcleos (Ações Educativas e Acessibilidade; Astronomia; Audiovisual; Comunicação e Design; Expografia).

⁶⁵ Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/blog-do-espaco/>. Acesso em: 30 mar. de 2025.

⁶⁶ Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/podcast-pilulas-do-conhecimento/>. Acesso em: 30 mar. de 2025.

⁶⁷ Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/podcast-papo-em-pauta/>. Acesso em: 30 mar. de 2025.

⁶⁸ Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/calendario-astronomico/>. Acesso em: 30 mar. de 2025.

⁶⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/espacoufmg/>. Acesso em: 29 jul. de 2025.

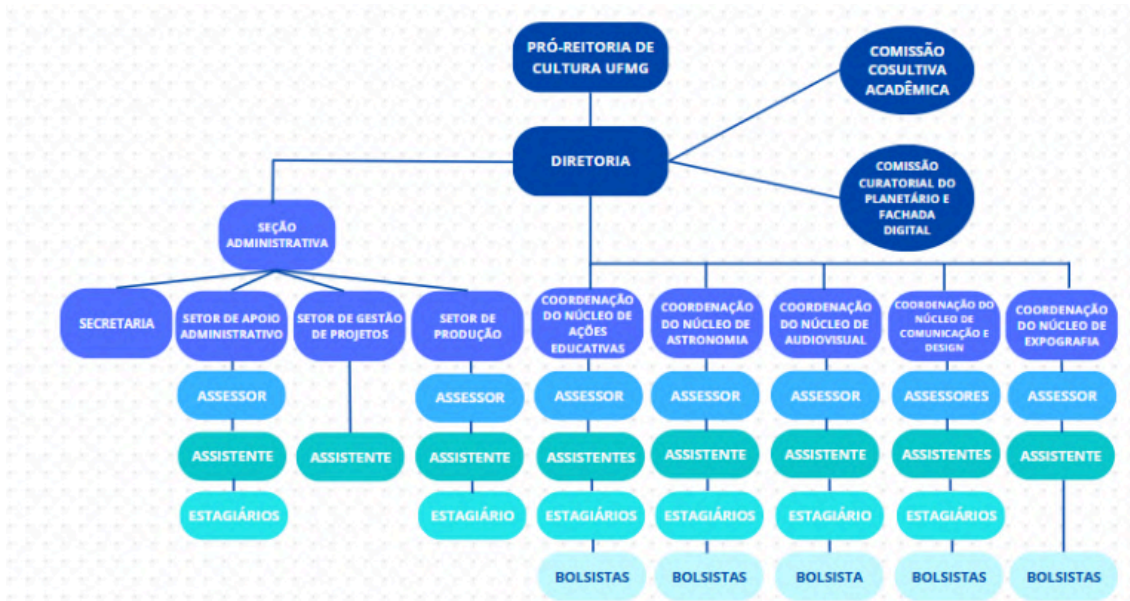
⁷⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/espacodoconhecimentoufmg/>. Acesso em: 29 jul. de 2025.

⁷¹ Disponível em: <https://br.linkedin.com/company/espacoufmg>. Acesso em: 29 jul. de 2025.

⁷² Disponível em: <https://www.tiktok.com/@espacoufmg>. Acesso em: 29 jul. de 2025.

⁷³ Disponível em: <https://www.youtube.com/espacoufmg>. Acesso em: 29 jul. de 2025.

Figura 22 – Organograma do Espaço do Conhecimento UFMG



Fonte: Plano Museológico/Espaço do Conhecimento UFMG

O Plano Museológico indica que a equipe técnica principal é composta por 26 funcionários, dos quais 07 são servidores da UFMG (06 professores e 01 técnica administrativa) e 19 são contratados em regime de Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) pela Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade (FRMFA). Os cargos de Diretoria e de coordenação dos Núcleos que compõem o museu são ocupados por professores da Universidade, que também participam do processo de curadoria de exposições. Nesse sentido, a UFMG, representada por seus docentes e pesquisadores, exerce alto nível de influência na tomada de decisões cotidianas e no conteúdo promovido pelo Espaço do Conhecimento, voltado para as pesquisas e temas de interesse da comunidade universitária de acordo com as diretrizes estabelecidas pela Reitoria e pela Pró-reitoria de Cultura.

O museu também apresenta 32 bolsistas de extensão (em sua maioria mediadores que lidam diretamente com os visitantes), 14 estagiários, 01 bolsista de Iniciação Científica e 01 bolsista do Programa de Apoio à Inclusão e Promoção à Acessibilidade (PIPA). A instituição conta, ainda, com 10 funcionários de empresas terceirizadas, contratadas pela UFMG, que executam os serviços de limpeza, portaria e vigilância. A equipe totaliza 82 pessoas envolvidas nas atividades museais (Espaço do Conhecimento UFMG; Martins, 2025).

No que tange à especificação da equipe técnica principal, o Plano Museológico indica que há 18 mulheres e 08 homens. Outro notável aspecto indica que os membros desse corpo técnico estão de alguma forma vinculados ao ambiente universitário, seja na UFMG ou em

outra instituição de ensino superior: há funcionários com doutorado completo, mestrado completo, mestrado em andamento, pós-graduação completa, graduação completa e graduação em andamento. Esse contexto também se manifesta, sobretudo, no caso dos bolsistas e estagiários, demonstrando intensa interlocução entre a produção museal e acadêmica.

3.3.2 *Exposição demasiado humano*

“De onde viemos? Como viemos? Para onde iremos?”. Essas são as questões que nortearam a concepção da exposição de longa duração *demasiado humano*, em cartaz no museu universitário Espaço do Conhecimento UFMG desde a sua inauguração no ano de 2010. Inspirado pela obra *Humano, Demasiado Humano: Um livro para espíritos livres* (1848), do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, o cerne da mostra propõe um percurso que permite ao visitante compreender de que maneira “[...] a dúvida se instaura como o mais poderoso motor” (Kauark-Leite, 2010, p. 16) da ciência.

Em 2026, quase 16 anos após a sua inauguração, a exposição recebeu atualizações, manutenções, novos conteúdos e instalações, a partir de um projeto de renovação concluído em interlocução com Antônio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo) e Ailton Krenak, ambos convidados a atuarem como mestres desse processo (Diniz; Mantovani, 2024). A renovação, portanto, não teve a intenção de substituir a proposta original ou construir uma nova exposição, mas de superar tais reflexões ausentes e defasadas por meio de diálogos epistemológicos e do pensamento contracolonial afro-indígena.

Com o objetivo de contextualizar a história da exposição ao longo dos anos e demarcar as transformações que culminaram em sua versão de 2026, sob a qual se concentram o interesse e os movimentos de análise desta pesquisa, apresentamos a seguir aspectos sobre o projeto inaugural (2010) e o projeto de renovação (2026) de *demasiado humano*.

3.3.2.1 *Projeto Inaugural*

A exposição *demasiado humano*, em sua concepção inaugural, contou com uma equipe composta por mais de 20 pesquisadores da UFMG, em áreas como arqueologia, antropologia, astrofísica, paleontologia, literatura, linguística, história e ecologia (Espaço do Conhecimento UFMG; Martins, 2025), sob a curadoria de Patrícia Kauark Leite (professora do Departamento de Filosofia da UFMG, com ampla experiência nas áreas de física e

epistemologia). Conforme Ronaldo Pena e Heloisa Starling, respectivamente reitor e vice-reitora da Universidade na gestão de 2006-2010, a exposição se baseou na dimensão do encontro e do diálogo para conectar a construção do conhecimento acadêmico ao espaço público da cidade:

[...] não basta apenas divulgar ou popularizar a competência, o conhecimento, a tecnologia e a arte produzidos na e pela Universidade. Ao contrário, é preciso que nossa exposição seja capaz de construir e executar o diálogo, a interatividade, a complexidade da integração dos diferentes campos do conhecimento. Também é necessário que, no interior da narrativa expográfica, os vários campos do conhecimento se encontrem conjugados com os riscos, com os assombros, com as aventuras, com a imaginação da vida contemporânea. Mas, é igualmente decisivo que, no decorrer de toda a exposição, as humanidades e as artes estejam em contato permanente com a ciência. Mais do que isso: é decisivo que nunca, em qualquer das atividades que terão lugar nesse prédio, a ciência se apresente dissociada do humano. (Pena; Starling, 2010, p. 12).

A partir da ideia estrutural de apresentar a aventura do conhecimento humano, a exposição se debruçou sobre a origem do universo, a trajetória da humanidade no planeta Terra e as relações estabelecidas com a cultura e a biodiversidade (Kauark-Leite, 2010). Dividido em três seções (*Origens*, *Vertentes* e *Águas*), o projeto inaugural também reforçava a possibilidade de “[...] traduzir o que há de mais avançado na ciência numa linguagem estética” (Portal UFMG; Kauark-Leite, 2010, n.p.) e de aproximar o público das pesquisas universitárias.

A exposição pretende apontar os modos como nossa civilização vê e constrói o mundo, numa miríade de formas - poéticas, filosóficas, científicas e tecnológicas, tradicionais ou modernas. Assim, a metáfora de um certo caminho, com suas “Origens” (de onde viemos?), “Vertentes” (como viemos?) e “Águas” (para onde iremos?), servirá ao exercício de descrever e de questionar a aventura humana na Terra. (*ibidem*, n.p.).

O título da mostra, proveniente do pensamento de Friedrich Nietzsche, indica de antemão o fio condutor filosófico que se assenta na noção de que “[...] tudo veio a ser; *não existem fatos eternos*: assim como não existem verdades absolutas” (Nietzsche, 2005, p. 16, grifo do autor). Nesse sentido, a exposição busca interpretar e compreender, de modo sempre parcial e fragmentário, os fenômenos do mundo (Kauark-Leite, 2010, p. 16).

Contra certa concepção ingênua e ultrapassada da ciência como verdade absoluta sobre fatos objetivos imutáveis, a exposição vale-se da máxima nietzschiana segundo a qual as “convicções são inimigos da verdade mais perigosos que as mentiras”. [...] O conhecimento, assumindo as várias formas que seu tempo possibilita, é um testemunho histórico sobre aquele que o produziu [...] Dessa forma, esta exposição não se propõe como a confirmação de fatos e postulados que a ciência e as tradições culturais estabelecem como verdades absolutas. (*ibidem*, p. 16).

Quanto à disposição no museu, *demasiado humano* ocupava, em sua versão inaugural, quatro pavimentos do prédio: o quinto andar, com a instalação inicial *O Aleph*; o quarto andar, com a seção *Origens*; o terceiro andar, com a seção *Vertentes*; e o segundo andar, com a seção *Águas* (Espaço do Conhecimento UFMG; Martins, 2025). A instalação *O Aleph* (Figura 23), pautada pelo conto homônimo do escritor argentino Jorge Luis Borges, foi concebida de forma a abordar a incomensurabilidade do conhecimento e abrir o percurso da exposição (Kauark-Leite, 2010), do quinto ao segundo andar.

Figura 23 – Instalação *O Aleph* | Versão inaugural da exposição



Fonte: Divulgação/Espaço do Conhecimento UFMG

A seção *Origens* (Figura 24) visava apresentar “[...] diversas teorias e descobertas produzidas por vários ramos da ciência contemporânea (como a Astrofísica, a Paleontologia, a Arqueologia e a Genética), em suas tentativas” (*ibidem*, p. 16-17) de compreender questões relacionadas às origens da humanidade. As instalações incluíam, entre outros, a teoria do *Big Bang*, um experimento laboratorial sobre a atmosfera do planeta Terra, as transformações ao longo das eras geológicas e uma réplica do sítio arqueológico de Montalvânia.

Figura 24 – Instalações na seção *Origens* | Versão inaugural da exposição



Fonte: Divulgação/Espaço do Conhecimento UFMG

Segundo Kauark-Leite (*ibidem*, p. 17), a seção *Vertentes* (Figura 25) se dedicava à “[...] abordagem da diferença como fundamento da cultura”. A dimensão cultural da vida, em suas inúmeras formas de expressão, também foi abordada pela seção por meio de instalações voltadas ao papel da escrita, à diversidade linguística e ao “[...] trânsito de pessoas e mercadorias” (*ibidem*, p. 17-18).

Figura 25 – Instalações na seção *Vertentes* | Versão inaugural da exposição



Fonte: Divulgação/Espaço do Conhecimento UFMG

Por fim, a seção *Águas* (Figura 26) teve o objetivo de evidenciar os equilíbrios e desequilíbrios da relação humana com o planeta, discutindo o futuro (“para onde iremos?”) e questões relativas “[...] ao crescimento populacional, ao consumo, aos recursos renováveis e não renováveis de energia, aos biomas brasileiros e ao problema social e ambiental da água” (*ibidem*, p. 18).

Figura 26 – Instalações na seção *Águas* | Versão inaugural da exposição



Fonte: Reprodução/Catálogo demasiado humano, 2010 (Editora UFMG)

É válido destacar que, em 2014, todas as instalações da seção *Águas* foram retiradas da exposição para que o segundo andar do Espaço do Conhecimento pudesse abrigar mostras de curta e média duração (Espaço do Conhecimento UFMG; Martins, 2025). Outra intervenção ocorreu na seção *Vertentes*, em 2017, a partir da desmontagem da instalação *Paisagens Escritas*, que foi substituída pela instalação *Fábrica da Letra*.

Também é notável que a concepção inaugural da exposição desencadeou uma experiência sensorial baseada no tripé (cultura, conhecimento científico produzido pela Universidade e tecnologia) que fundamentou a inauguração do museu. Desse modo, a estética, a interatividade e a inovação foram elementos essenciais para a versão inicial de *demasiado humano*:

A experiência estética do conhecimento produz uma perspectiva de deslocamento. A ideia é que o visitante seja afetado de certa maneira pelas instalações, pela interatividade. Isso faz com que ele desperte o gosto e a curiosidade pelo conhecimento, e o leva a indagar. Abre as portas da imaginação, suscitando aquilo que é o motor da produção do conhecimento, que é o desejo pela pesquisa. Todos nós somos beneficiados de alguma forma, desde crianças, pela experiência

acadêmica do conhecimento. A inovação aqui é a possibilidade de as pessoas serem afetadas esteticamente pela ciência e pelo conhecimento. (Portal UFMG; Kauark-Leite, 2010, n.p.).

Orientada por uma discussão filosófica sobre o conhecimento científico enquanto construção limitada e inerente à sociedade, a exposição emergiu de tentativas para contrapor “[...] a ideia positivista de que a ciência busca a verdade e somente ela é capaz de oferecer uma narrativa verdadeira” (Anjos, 2019, p. 70). No entanto, apesar de suscitar questões existenciais que atravessam a história humana (De onde viemos? Como viemos? Para onde iremos?), o projeto inaugural de *demasiado humano* não situou tais dúvidas em relação a uma outra pergunta indispensável: De quem estamos falando?

A partir de trabalhos que analisaram a exposição em suas versões anteriores (Anjos, 2019; Teixeira, 2020), é possível notar que as lacunas deixadas pela ausência do “*quem?*” foram preenchidas por narrativas dominantes e imaginários colonizadores que desconsideram “[...] as rupturas, as subjugações e o silenciamento de certos povos e culturas nesse processo” (Teixeira, 2020, p. 119). Logo, o projeto inaugural da exposição deixava em aberto questões como: Que hierarquizações e assimetrias de poder foram reforçadas pela ascensão da escrita na cultura ocidental? Que povos e grupos têm sido majoritariamente afetados por desequilíbrios ambientais? O que significa um “trânsito de pessoas e mercadorias” no contexto de um continente marcado pelo colonialismo? Isso fez com que a mostra abordasse a humanidade de maneira geral, sem demarcar os sujeitos ou grupos a que se referia e homogeneizando, em muitas de suas instalações, a experiência do conhecimento e da vida na Terra.

Ao longo dos anos, a identificação dos elementos supracitados e a obsolescência dos recursos tecnológicos presentes na exposição foram determinantes para que a equipe do Espaço do Conhecimento se reunisse em torno de possibilidades e movimentos para a renovação de *demasiado humano*.

3.3.2.2 Projeto de Renovação

Em 2022, a equipe do Espaço do Conhecimento UFMG propôs um projeto à Lei Estadual de Incentivo à Cultura, com o objetivo de substituir equipamentos e elaborar uma versão mais atualizada da exposição *demasiado humano* (Diniz; Mantovani, 2024). Assim, o financiamento integral do projeto por parte da Companhia Energética de Minas Gerais

(Cemig) permitiu que os diferentes Núcleos do museu pudessem trabalhar na renovação da mostra (*ibidem*), que ocorreu entre os anos de 2023 e 2026.

O projeto de renovação foi pautado, sobretudo, por três níveis de intervenções: o primeiro estava voltado à substituição de equipamentos defasados, como telas, aparelhos de som e computadores, e a manutenções estruturais, como pinturas, plotagens e ajustes espaciais; o segundo se concentrou na atualização de conteúdos (texto, imagem e vídeo), dados e informações; e o terceiro, fruto de diagnósticos realizados pela equipe, buscou substituir determinadas instalações, agregando novas camadas conceituais e diálogos epistemológicos à exposição.

Desse modo, diante da necessidade de reverberar discussões contemporâneas que careciam na exposição, como é o caso das reflexões sobre emergências climáticas e socioambientais que ficaram ausentes na mostra após a retirada da seção *Águas*, o Espaço do Conhecimento convidou Antônio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo) e Ailton Krenak para atuarem como mestres da renovação:

[...] entendemos que a ausência da discussão socioambiental [...] deveria ser repensada, tendo em vista sua centralidade na realidade contemporânea. A urgência do tema e a escassez de respostas eficientes por parte do “nosso mundo” fizeram com que convidássemos dois pensadores contemporâneos reconhecidos por sua imersão nessa discussão: o indígena Ailton Krenak e o quilombola Antônio Bispo dos Santos, o Nego Bispo (que nos deixou em 2023). Chamados a serem nossos “mestres” nesse processo, ambos se reuniram com a equipe do Espaço do Conhecimento e fizeram ricas e potentes falas sobre o papel dos museus, da ciência e do conhecimento na contemporaneidade. Ainda, deixaram claro como os “Modos de Existir” de seus povos podem conceder respostas a muitas das questões que afligem nossa “humanidade” em crise. Esses encontros reviraram nossos corações e nossas mentes, e nos deram fôlego e gás para pensarmos novas instalações para o terceiro andar do museu. (Diniz; Mantovani, 2024, p. 8-9).

A interlocução entre a equipe do museu, Bispo e Krenak se expandiu para as dimensões coloniais da produção intelectual, abrindo caminhos para “[...] rediscutir os processos e as vivências humanas na Terra, bem como a repensar o próprio conceito de “humano” e sua centralidade em nossos modos de reconhecer e de conviver” (*ibidem*, p. 9).

[...] a equipe do Espaço do Conhecimento se abriu aos ensinamentos de Ailton e Bispo, que serviram de semente para germinar novos pensamentos sobre a exposição, a partir de um ponto de vista que complexifica as certezas instituídas pela ciência moderna em diálogo com outras epistemologias, com formas originárias de habitar o mundo e com pensamentos contracoloniais⁷⁴.

O gesto de investigação sobre as interpretações acerca da própria humanidade e as crises fomentadas pelo antropocentrismo fez com que a renovação de *demasiado humano* se

⁷⁴ Texto apresentado na contracapa do catálogo “*demasiado humano* - Projeto de Renovação Parte 1”.

voltasse para as lacunas deixadas pela versão anterior da exposição, relacionadas à pergunta “De quem estamos falando?”. Entender as disputas de legitimação e poder em torno da história do conhecimento também se tornou uma forma de compreender os apagamentos históricos e as violências simbólicas e epistêmicas provocadas pela narrativa até então exposta no museu.




A produção de um humano *des-envolvido*, *des-enraizado*, está na base das crises sociais, econômicas e ambientais, e das múltiplas formas de violência perpetradas contra diferentes povos no passado e atualmente. Por isso, hoje, para além de afirmar que o conhecimento é humano, devemos questionar de qual humano estamos falando. De que lugar falamos quando dizemos que conhecemos algo? Quais memórias e quais perspectivas compartilhamos quando julgamos conhecer o mundo? Essas perspectivas são únicas? Como outras perspectivas sobre o humano, a natureza e a vida podem ativar outras memórias e outros futuros possíveis para o conhecimento?. (Lima *et al.*, 2024a, p. 5, grifo dos autores).

A escuta de vozes contrárias às premissas colonialistas e o diálogo com as cosmologias afro-indígenas marcaram gestos imprescindíveis para que a renovação da exposição pudesse empreender tentativas de “[...] abandonar a narrativa única e penetrante da colonização, que não menciona fatos desconcertantes do colonialismo e da escravização, como os aniquilamentos e extermínios cometidos” (Lima *et al.*, 2024b, p. 4). Nesse contexto, a versão de 2026 da mostra, a partir do pensamento de Bispo e Krenak, também foi guiada pelo “[...] desejo de dar uma guinada nas premissas dos museus convencionais, pensados como espelhos da civilização moderna e, por isso, ancorados muitas vezes nas conquistas coloniais” (*ibidem*, p. 3-4).

Em relação à disposição da versão renovada da mostra, o quinto andar manteve a instalação inicial *O Aleph*, que abre o percurso da exposição, com o acréscimo de placas e informações pontuais sobre a obra de Jorge Luis Borges. O quarto andar, anteriormente ocupado pela seção *Origens*, passou a abrigar o módulo *Pensar as Origens*, com atualizações e novas instalações que buscam indicar diferentes maneiras de compreender o surgimento da vida. Já a seção *Vertentes*, que ocupava o terceiro andar no projeto inaugural da exposição, deu lugar aos módulos *Modos de Existir* e *Sonhar a Terra*, em sua versão renovada. Nesse sentido, o terceiro e último andar de *demasiado humano* foi o que passou por mais transformações, contando com atualizações e a substituição de boa parte das instalações. Os módulos do terceiro andar são também os que evocam de maneira categórica o pensamento contracolonial de matrizes africanas, afro-diaspóricas e indígenas.

A seguir, apresentamos uma tabela que sintetiza todas as instalações que compõem a exposição *demasiado humano*, após o projeto de renovação finalizado em 2026, com seus respectivos nomes e imagens, do quinto ao terceiro andar.

Quadro 1 – Instalações da versão renovada de *demasiado humano*

5º andar O Aleph	
Texto curatorial	
O Aleph	
4º andar Pensar as Origens	
Extratos do Tempo	

A Origem da Vida na Atmosfera Primitiva da Terra



Paisagens Geológicas



Pangeia




Era dos Grandes Mamíferos



<p>Árvore da Vida</p>	<p>ÁRVORE DA VIDA</p> <p>A Teoria da Evolução Biológica explica a diversidade de organismos vivos que existem na Terra e a sua origem - na Terra, a partir de modificações sofridas por linhagens descendentes de ancestrais comuns.</p> <p>Hoje, aproximadamente 8 milhões de anos, há, aproximadamente, 6 milhões de espécies de plantas e animais, como resultado do processo de especiação.</p> <p>No entanto, os primeiros organismos a surgir na Terra foram bactérias há aproximadamente 3,5 bilhões de anos, tendo evoluído para células eucariotas, de que se originaram todos os outros organismos vivos: plantas, animais e fungos.</p>
<p>Árvore dos Primatas</p>	<p>ÁRVORE DOS PRIMATAS</p> <p>Os primatas originaram-se no Hemisfério Norte, há pelo menos 65 milhões de anos e rapidamente espalharam-se pela Ásia e pela África durante o período que se seguiu. Há cerca de 25 milhões de anos, os primatas que habitavam por diferentes partes do mundo começaram a migrar para o sul, para a América do Sul e para a América Central. Outros descendentes evoluíram para a espécie humana, mas para outros primatas. Outros descendentes evoluíram para espécies modernas, como o chimpanzé, o gorila e o orangotango.</p> <p>Os primatas originaram-se no Hemisfério Norte, há pelo menos 65 milhões de anos e rapidamente espalharam-se pela Ásia e pela África durante o período que se seguiu. Há cerca de 25 milhões de anos, os primatas que habitavam por diferentes partes do mundo começaram a migrar para o sul, para a América do Sul e para a América Central. Outros descendentes evoluíram para a espécie humana, mas para outros primatas. Outros descendentes evoluíram para espécies modernas, como o chimpanzé, o gorila e o orangotango.</p>
<p>Árvore Humana</p>	<p>ÁRVORE HUMANA</p> <p>A árvore humana é formada por todos os seres humanos que já viveram em algum momento da história da humanidade. Ela é formada por todos os seres humanos que já viveram em algum momento da história da humanidade. Ela é formada por todos os seres humanos que já viveram em algum momento da história da humanidade.</p>
<p>Uma Profunda História de Diversidade</p>	<p>UMA PROFUNDA HISTÓRIA DE DIVERSIDADE</p> <p>Populações indígenas demonstram a antiguidade de suas descendências e a diversidade genética que existia no mundo há milhares de anos. Há cerca de 100 mil anos, essas populações já tinham migrado para a América do Sul e para a América Central.</p>
<p>Modos de Guardar</p>	<p>Modos de Guardar</p> <p>Desde o início da agricultura, o homem tem buscado maneiras de armazenar alimentos para garantir a sobrevivência durante os períodos de seca e de frio. Uma das primeiras maneiras de armazenar alimentos foi a secagem, que remove a água dos alimentos, impedindo o crescimento de bactérias e fungos.</p>

<p>Grafismos Rupestres</p>	
<p>Povoamento das Américas</p>	 <p>POVOAMENTO DAS AMÉRICAS</p> <p>Não é "descoberto" chegar a um território que já é ocupado. Com certeza que hoje Champanha de Arroz já era amplamente povoado há milhares de anos por diversos povos indígenas, quando os europeus chegaram no século XVI.</p> <p>De acordo com os evidências, hoje pensa-se em que, há mais de 20.000 anos antes da chegada dos europeus, as Américas já eram povoadas por milhares de indivíduos provenientes da Ásia. No entanto, existem evidências que indicam que a chegada dos primeiros humanos ocorreu há cerca de 15 mil quilômetros de extensão territorial, que ligava a Sibéria ao Alasca.</p> <p>As áreas mais antigas que conhecemos hoje sobre a ocupação do novo continente foram as das áreas de passagem geológica do continente Beringia, há mais de 10 mil anos. Há evidências de ocupação humana há mais de 10 mil anos na América do Sul, o que indica que os primeiros humanos chegaram ao novo continente através da Beringia, uma área de terra que ligava a Sibéria ao Alasca.</p> <p>Tudo indica que não houve apenas uma, mas múltiplas ondas de migração. A primeira teria ocorrido há mais de 20 mil anos, quando os primeiros humanos chegaram ao novo continente através da Beringia, uma área de terra que ligava a Sibéria ao Alasca.</p> <p>As áreas mais antigas que conhecemos hoje sobre a ocupação do novo continente foram as das áreas de passagem geológica do continente Beringia, há mais de 10 mil anos. Há evidências de ocupação humana há mais de 10 mil anos na América do Sul, o que indica que os primeiros humanos chegaram ao novo continente através da Beringia, uma área de terra que ligava a Sibéria ao Alasca.</p>
<p>Beringia</p>	 <p>Beringia</p> <p>A Beringia é uma região entre a Sibéria e o Alasca que, há mais de 12.000 anos atrás, era um continente perdido. Com o deslizar da água de uma "ponte de terra" ligando as duas regiões, a Beringia era uma área ampla, com cerca de 1000 quilômetros de extensão, a mesma distância entre BH e Salvador.</p> <p>Comunidades humanas vindas da Sibéria povoaram essa terra há mais de 20.000 anos. Ao longo do tempo, essas populações foram ampliando seu espaço de vivência, incluindo o que é hoje o Alasca e o Canadá.</p> <p>Os povos indígenas antigos da América descendem dessas comunidades de Homo sapiens que se espalharam da Sibéria para a Beringia, e depois já da Beringia para a América, ocupando os territórios do continente americano.</p>
<p>Pesquisas Arqueológicas em Minas Gerais</p>	 <p>PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS EM MINAS GERAIS</p> <p>A arqueologia é um dos meios de conhecermos melhor o passado. No entanto, a arqueologia não é apenas a escavação de vestígios do passado, mas também a interpretação desses vestígios, a construção de um relato que permita ao público conhecer o passado.</p> <p>Em Minas Gerais, há muitos sítios arqueológicos que permitem conhecer o passado. Um dos mais importantes é o Sítio Arqueológico de Monte Formoso, em Monte Formoso, Minas Gerais. Este sítio foi descoberto em 1970, durante uma pesquisa arqueológica realizada pelo Instituto de Arqueologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Desde então, o sítio tem sido alvo de pesquisas arqueológicas contínuas, resultando na descoberta de diversos vestígios do passado, como cerâmicas, ferramentas e objetos pessoais.</p>
<p>O Complexo Arqueológico de Montalvânia</p>	

3º andar Modos de Existir	
<p>Reexistência Afro-indígena no Brasil de Muitas Línguas</p>	 <p>Reexistência afro-indígena no Brasil de muitas línguas</p>
<p>O Rio e os Seus Seres</p>	
<p>Cosmologias</p>	
3º andar Sonhar a Terra	
<p>Des-envolvimento</p>	 <p>Des-envolvimento</p> <p>Apesar de serem criaturas da natureza, os humanos se dissociam da natureza e se tornam criadores. De sua materialidade, se sintetizam o orgânico, de chamar todas as vidas de natureza. Essa materialidade passa a ser um objeto a ser utilizado, beneficiado e sintetizado pelos humanos. Entretanto, a palavra companheira da palavra des-envolvimento, sua sósia e irmão, os seres humanos como seres que também são criados e não criaturas da natureza, que sempre sempre a natureza. Do lado oposto dos humanos, estão os deuses – os cosmólogos ou orgânicos. Se os humanos querem caminhar lado a lado com os orgânicos, os orgânicos querem que os humanos se tornem orgânicos, se tornando cada vez mais orgânicos.</p> <p>Para os diversos, não se trata de des-reencontrar, mas de encontrar. A humanidade é contra o envolvimento e contra mesmo envolvimento humano. E contra o envolvimento e contra mesmo envolvimento humano. E contra o envolvimento e contra mesmo envolvimento humano. E contra o envolvimento e contra mesmo envolvimento humano.</p> <p>Amílcar Lopes dos Santos</p>

<p style="text-align: center;">Saberes Tradicionais</p>	 <p>The image shows an exhibition panel titled "Saberes tradicionais". It features a small screen displaying a video of a person, with a pair of headphones hanging below it. The panel has a light-colored background with some text and a small graphic at the bottom.</p>
<p style="text-align: center;">Roça Mãe do Mundo</p>	 <p>The image shows an exhibition panel titled "Roça mãe do mundo". It features a screen displaying a video of a person, with a pair of headphones hanging below it. The panel has a light-colored background with some text and a small graphic at the bottom. Two wooden stools are visible in the foreground.</p>
<p style="text-align: center;">Sonhar a Terra</p>	 <p>The image shows an exhibition panel titled "Sonhar a Terra". It features a curved wall with a screen displaying a video of a person, with a pair of headphones hanging below it. The panel has a light-colored background with some text and a small graphic at the bottom.</p>

Com base na contextualização apresentada nesta seção sobre o Espaço do Conhecimento UFMG e a exposição *demasiado humano*, o próximo capítulo desta pesquisa trata das decisões metodológicas e da análise, a fim de compreender que concepções de ciência são comunicadas pela mostra. O gesto analítico também permitirá aprofundar aspectos da renovação discutidos até aqui, evidenciando como, de fato, se apresentam os diálogos epistemológicos que orientaram a versão de 2026 de *demasiado humano*.

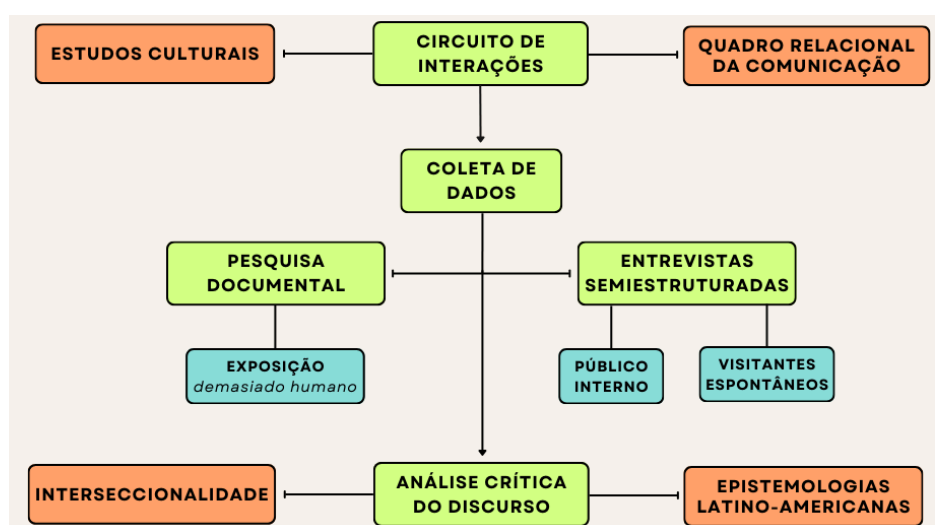
4 PERCURSO METODOLÓGICO

Com o objetivo de compreender as concepções de ciência comunicadas pela versão renovada da exposição de longa duração *demasiado humano*, a partir das interações com os públicos no Espaço do Conhecimento UFMG, o percurso metodológico desta pesquisa foi realizado em abordagem qualitativa e caráter exploratório, visando ampliar conceitos e percepções acerca da situação analisada (Duarte, 2006).

Como abordado na seção de apresentação deste trabalho, os movimentos metodológicos também estiveram inseridos em um contexto participante, no qual a autora faz parte do Núcleo de Comunicação e Design do museu, proporcionando “[...] uma oportunidade única de exercitar o confronto entre intenção e resultado, o aprimoramento profissional e, antes de tudo, de exercitar o compromisso [...] com o objeto de estudo” (Cury, 2005a, p. 19). Desse modo, é válido ressaltar que a realização da pesquisa foi autorizada pela Diretoria do Espaço do Conhecimento (ver Apêndice E), sem interferências quanto à autonomia da pesquisadora nas “[...] decisões sobre os objetivos da pesquisa e demais processos de coleta e interpretação dos dados” (Peruzzo, 2006, p. 138).

A seguir, apresentamos um esquema que ilustra as etapas (em verde), as fontes para o *corpus* de análise (em azul) e os aportes teórico-metodológicos (em laranja), que sustentam a estrutura (Figura 27) deste estudo:

Figura 27 – Estrutura metodológica da pesquisa



Fonte: Elaboração própria

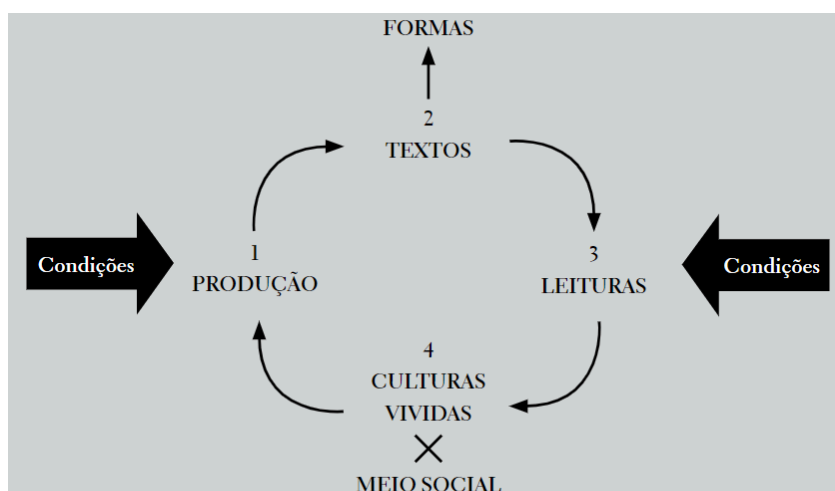
O presente percurso teve início a partir de um circuito de interações, relativo à exposição *demasiado humano*, inspirado pelo modelo dos estudos culturais de Johnson (2004) e pelo quadro relacional da comunicação (França, 2001), buscando evidenciar a ciência como prática social, imbricada em contextos, relações e subjetividades. Enquanto narrativa e forma de comunicação pública da ciência, também consideramos que a exposição museal, bem como suas interações, se realiza por meio de discursos, considerados formas de agir, representar, perceber, (r)existir, pensar e (re)estruturar (n)o mundo.

A coleta de dados foi empreendida por meio de pesquisa documental e entrevistas individuais semiestruturadas em profundidade com membros da equipe do museu e visitantes espontâneos. Já a interpretação do material coletado contou com a Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2001), atravessada pelas perspectivas epistemológicas latino-americanas e pela interseccionalidade. Tal desenho metodológico será detalhado nas próximas seções, incluindo a descrição das etapas de pesquisa e seus eixos analíticos.

4.1 O circuito de interações

Em sua abordagem dos estudos culturais, Johnson (2004) propõe um diagrama que representa o “[...] circuito da produção, circulação e consumo de produtos culturais” (*ibidem*, p. 33), articulando momentos com características distintas, bem como condições específicas de capital, que se estabelecem de forma interdependente e não fragmentada. Essa é, portanto, a premissa do circuito da cultura (Figura 28), composto pelos momentos de produção, textos, leituras e culturas vividas no meio social.

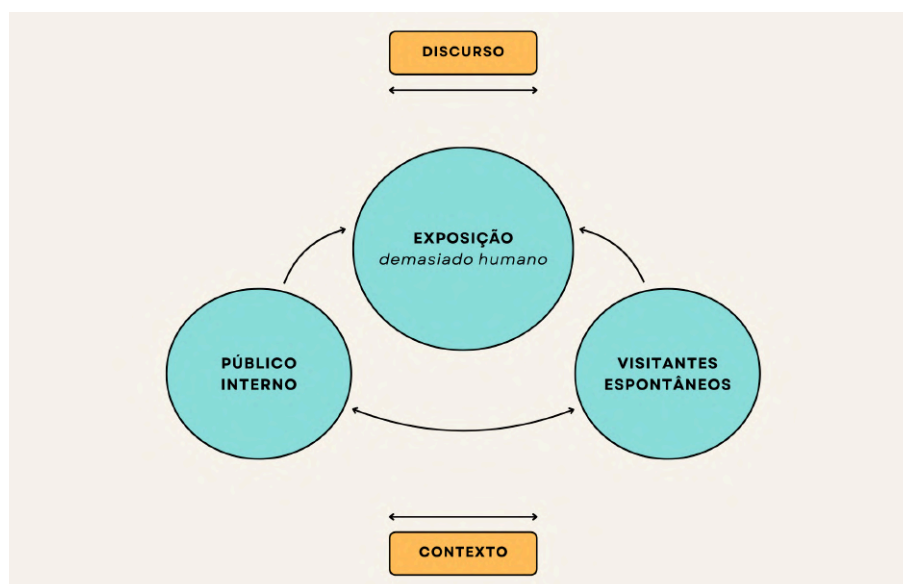
Figura 28 – Circuito da Cultura



Fonte: Elaboração de Ana Carolina Escosteguy (2008), baseada em Richard Johnson

Partindo do esquema diagramático acima, esta pesquisa propõe um gesto de adaptação do protocolo teórico-metodológico de Johnson (*ibidem*) como forma de evidenciar as especificidades do processo de produção, circulação e consumo de textos culturais no ambiente museal, integrando elementos da perspectiva relacional da comunicação (França, 2001). Assim, apresentamos um modelo (Figura 29) que reúne as interações entre os públicos e os conteúdos da exposição de longa duração *demasiado humano*, no contexto do museu universitário Espaço do Conhecimento UFMG:

Figura 29 – Circuito de Interações no Espaço do Conhecimento



Fonte: Elaboração própria

O circuito de interações é formado pela exposição *demasiado humano*, o público interno (membros da equipe do Espaço do Conhecimento) e os visitantes espontâneos do museu. Em paralelo com o circuito da cultura de Johnson, o público interno representa a instância de produção, enquanto os visitantes representam o momento de leituras, que se volta para as “[...] práticas sociais de recepção, entendidas como um espaço de produção de sentido” (Escosteguy, 2008, p. 121). Desse modo, consideramos que os museus são ambientes de relacionamento e interação, que visam suscitar comportamentos ativos (Cury, 2005b), interpretações e diálogos com os públicos.

Já a exposição ocupa a posição do texto, compreendido não como um objeto de estudo por si próprio, mas sim pelas formas subjetivas e culturais que efetiva e torna disponíveis (Johnson, 2004). Assim, na perspectiva do autor, as corporificações textuais em circulação se

tornam um meio que faz parte de um campo discursivo mais amplo e do qual podem ser abstraídos diferentes aspectos da “[...] *vida subjetiva das formas sociais*” (*ibidem*, p. 75, grifo do autor), incluindo elementos de narrativa, ideologia e posições dos sujeitos.

Outra importante adaptação que aplicamos ao circuito de interações está situada na mútua conexão entre o público interno e os visitantes espontâneos. Isso porque no diagrama de Johnson não há uma ligação direta entre o momento de produção e leituras. Entretanto, buscamos enfatizar a circularidade e a globalidade do processo comunicacional (França, 2001), conectado à perspectiva contracolonial e ao pensamento quilombola de “começo, meio, começo”, que busca o retorno ao longo da trajetória (Dorneles; Santos, 2021). Também compreendemos os museus como espaços de relacionamento, construção de sentidos e interação constante entre equipe e visitante.

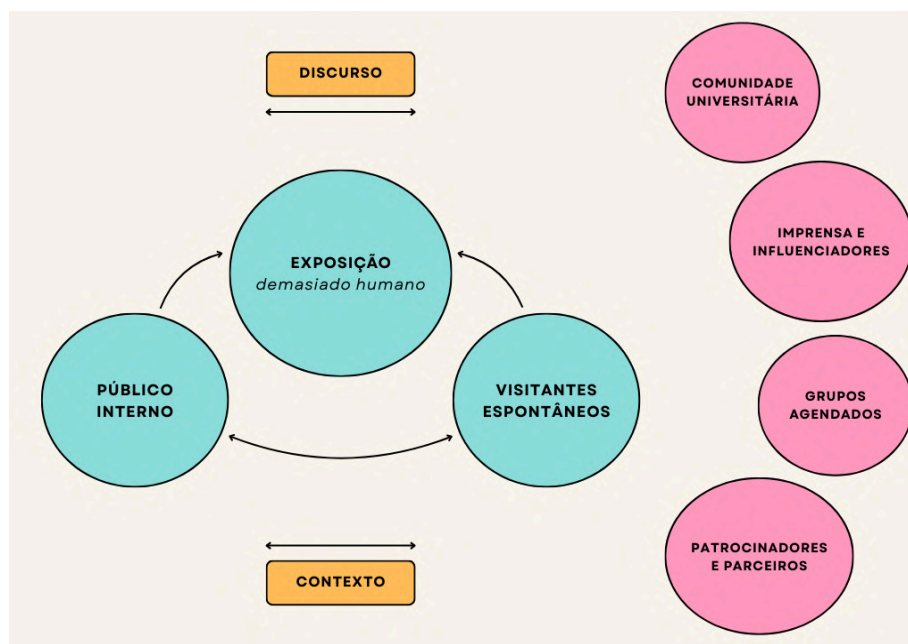
No ambiente museal, os profissionais estruturam suas práticas e discursos para propor diálogos a partir dos códigos culturais do público (Cury, 2007). Os visitantes, então, fazem a sua interpretação, atravessada pelo próprio repertório cotidiano (*ibidem*), negociando e reconstruindo sentidos com a equipe do museu. Ainda que os membros da equipe tenham maior poder decisório, o relacionamento e o contato com o público também se tornam essenciais para a tomada de decisão (*ibidem*) em inúmeras atividades e ações propostas pelo museu, como é o caso específico do projeto de renovação da exposição *demasiado humano*.

Há uma dinâmica interacional incessante entre o público interno e os visitantes, seja no diálogo durante a visita, ou no ciclo de interpretações dos conteúdos e narrativas expostas, ou até em pesquisas de público presenciais e digitais. Por isso, consideramos fundamental que o circuito contemple as interações estabelecidas com a exposição, bem como as interações estabelecidas entre o que Johnson considera originalmente como produção e leituras.

Nesse cenário, ressaltamos que, na conjuntura desta pesquisa, nos atemos às interações relacionadas ao público interno e aos visitantes espontâneos, mas outros públicos também interagem com a exposição museal e configuram importantes dimensões para o museu. Logo, o circuito de interações proposto por esta pesquisa abre diversas possibilidades para que pesquisadores com diferentes objetivos e objetos de estudo possam realizar novas adaptações, alinhadas a públicos e contextos específicos.

A título de representação, a imagem abaixo (Figura 30) exemplifica alguns dos variados sujeitos (em rosa, à direita) que podem integrar o circuito (em azul, à esquerda) e adaptar a sua dinâmica interacional. Ainda que não sejam acionados por este trabalho, tais sujeitos se configuram como oportunidades e sugestões para pesquisas no Espaço do Conhecimento e em instituições diversas.

Figura 30 – Circuito de Interações no Espaço do Conhecimento | Representação de públicos



Fonte: Elaboração própria

A partir da interação entre os sujeitos, enquanto atores sociais “[...] envolvidos em processos de produção e interpretação de sentidos” (França, 2001, p. 15), o circuito de interações, baseado no quadro relacional da comunicação, também inclui dois importantes elementos que se articulam e se interligam com cada momento do processo: o contexto e o discurso. O discurso se constitui como a forma simbólica que traz “[...] as marcas de sua produção, dos sujeitos envolvidos, de seu contexto” (*ibidem*, p. 15). Por sua vez, o contexto manifesta uma aproximação com o diagrama de Johnson, no que tange às culturas vividas no meio social, e representa a situação histórica e sociocultural de uma sociedade, em mútua influência com os interlocutores e os sentidos que produzem (*ibidem*).

O circuito elaborado para esta pesquisa busca, assim, superar hierarquias de saberes e abordar as interações relativas à exposição, sua produção, circulação e interpretação (Johnson, 2004) no ambiente do museu, juntamente com os elementos que permitem a construção de sentidos, situacionalmente localizados (França, 2001), entre os sujeitos em interação por meio da materialidade simbólica do discurso.

4.2 Etapas da pesquisa e as categorias de análise

Guiado pela perspectiva dos processos comunicacionais em museus, este estudo buscou discutir diferentes concepções de ciência em um panorama sócio-histórico e propor

reflexões sobre a exposição museal (Bordinhão, Valente e Simão, 2017; Cunha, 2010; Cury, 2007; Marandino, 2005; Oliveira e Leite, 2014; Pantoja, 2022; Vergès, 2023) como forma de comunicação pública da ciência (Brandão, 2006; Castelfranchi, 2008; Kunsch, 2019; Lewenstein, 2003). Para isso, a primeira etapa da pesquisa consistiu em uma pesquisa bibliográfica, apresentada nos capítulos teóricos anteriores, baseada na “[...] identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado, [...] de forma a evidenciar o entendimento do pensamento dos autores” (Stumpf, 2006, p. 51), bem como as ideias e argumentações próprias da pessoa pesquisadora.

Para a articulação do circuito de interações, a coleta de dados contou com pesquisa documental para “[...] localizar, identificar, organizar e avaliar textos, som e imagem, [...] contextualizar fatos, situações, momentos” (Moreira, 2006, p. 276), relativos à exposição *demasiado humano*. Foram utilizados os catálogos da exposição (em suas edições de 2010 e 2024), bem como as fotografias, objetos e textos que compõem suas instalações. Essa etapa foi fundamental para a definição das categorias analíticas, com base na identificação de temas recorrentes na exposição. Seguindo o critério de temáticas interdependentes, mas que pudessem ser interpretadas de forma autônoma para fins de análise, os seguintes eixos analíticos foram determinados: Tempo; Ancestralidade; Território; Humano. A pesquisa documental também norteou a seleção de instalações expositivas para o *corpus* de análise, correspondentes ao tema de cada uma das quatro categorias, conforme tabela abaixo:

Quadro 2 – Categorias e instalações do *corpus* de análise

Categoria analítica	Instalação da exposição <i>demasiado humano</i>
Tempo	Extratos do Tempo
Ancestralidade	Árvore Humana
Território	Roça Mãe do Mundo
Humano	O Aleph

A etapa de coleta de dados seguiu com entrevistas individuais semiestruturadas em profundidade, de forma *online*, via *Google Meet*, com membros da equipe do Espaço do Conhecimento UFMG. A opção por entrevistas *online*, ao invés de presenciais, se deu com o objetivo de evitar que a entrevistadora e as pessoas entrevistadas se reunissem no próprio local de trabalho para discutirem questões relativas à atuação profissional com a exposição

demasiado humano. A modalidade *online* também ampliou as possibilidades de agendamento de acordo com a escala de trabalho dos funcionários do museu.

Segundo Duarte (2006, p. 62), a entrevista em profundidade visa, “[...] com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer”. O autor (*ibidem*) também afirma que esse tipo de entrevista não busca a quantificação ou a representação estatística, mas permite a “[...] apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido” (*ibidem*, p. 64). Assim, o método visa “[...] explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão” (Gaskell, 2008, p. 68). No caso das entrevistas semiestruturadas “[...] pode haver a inclusão de questões específicas, a divisão das perguntas em partes, pequena modificação de algum tópico ou, ainda, a supressão de perguntas já contempladas em respostas anteriores” (Sanglard; Garcêz; Maia, 2022, p. 175). Desse modo, a pessoa entrevistadora também deve se atentar ao fato de que “[...] a produção de evidências por entrevistas é indissociável das circunstâncias em que a prática da entrevista acontece” (*ibidem*, p. 181).

Para a realização das entrevistas, foram contatados oito profissionais, entre contratados e servidores que atuam nos Núcleos e na Diretoria do museu. Os critérios de exclusão levaram em conta os membros da equipe que, mesmo em constante interação com a versão renovada da exposição *demasiado humano*, ingressaram no Espaço do Conhecimento após o início da execução do projeto de renovação expositiva (junho de 2023) ou que não estiveram envolvidos com o projeto. De acordo com disponibilidade, interesse em participar ou conciliação de agendas, as entrevistas foram realizadas com seis dos oitos profissionais contatados. O convite para as entrevistas foi enviado individualmente por *e-mail* e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver Apêndice C) foi realizada à caneta por cada uma das seis pessoas entrevistadas. As entrevistas *online* ocorreram entre as semanas de 27 de outubro e 26 de novembro de 2025, com duração média de 1h15.

O roteiro semiestruturado (ver Apêndice A) foi dividido em três blocos: o primeiro focado em uma contextualização sobre o perfil da pessoa entrevistada e o trabalho no museu; o segundo voltado para o planejamento e a execução do projeto de renovação expositiva e o terceiro interessado nas perspectivas sobre a ciência retratada na exposição. As entrevistas foram gravadas via *Google Meet*, com a permissão dos seis profissionais, e as transcrições foram realizadas por meio da ferramenta *Google Pinpoint*.

Também foram realizadas entrevistas individuais semiestruturadas em profundidade, de forma presencial, com pessoas visitantes no Espaço do Conhecimento UFMG. As entrevistas ocorreram sem agendamento prévio, a partir do contato entre entrevistadora e visitante espontâneo na exposição *demasiado humano*. Durante a abordagem, a entrevistadora apresentou sua atuação como profissional do museu e sua pesquisa vinculada à PUC Minas. Logo após, verificou o interesse e a disponibilidade da pessoa visitante para participar do estudo e responder as perguntas no momento de sua visita. Em caso positivo, a abordagem prosseguiu com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver Apêndice D) e a condução imediata da entrevista.

Considerando que a visita teria que ser interrompida por cerca de 10 a 15 minutos para que a pessoa entrevistada pudesse interagir com a pesquisadora e responder as perguntas na própria exposição, foram realizadas entrevistas-teste com o objetivo de calibrar essa dinâmica e adquirir experiência e “[...] conhecimento prático das condições e circunstâncias que envolvem a interação com o entrevistado” (Sanglard; Garcêz; Maia, 2022, p. 180). Foram realizadas seis entrevistas-teste, entre os dias 16 e 17 de outubro de 2025, registradas por anotações à mão da entrevistadora. É válido ressaltar que, a partir de sua relevância para a pesquisa, determinadas experiências que se sucederam durante as entrevistas-teste foram mencionadas ao longo da análise.

O roteiro semiestruturado (ver Apêndice B), por sua vez, contou com perguntas sobre o perfil da pessoa entrevistada e a sua relação com a ciência, bem como questões voltadas para as percepções, a experiência e o acesso ao conteúdo da instalação em que a entrevista ocorreu. Com o objetivo de articular a coleta de dados dos visitantes com o *corpus* de análise, bem como delimitar a condução da entrevista na exposição, tanto a rodada de testes quanto a rodada definitiva foram realizadas nas instalações previamente selecionadas durante a pesquisa documental. Destacamos que, durante as entrevistas-teste, duas instalações que compõem o *corpus* estavam sendo renovadas, ocasionando a realização da entrevista em outra instalação que já estava aberta ao público, conforme o seguinte quadro:

Quadro 3 – Rodada de entrevistas-teste

Entrevistas	Instalação da exposição <i>demasiado humano</i>
Entrevista-teste 1	Extratos do Tempo
Entrevista-teste 2	Extratos do Tempo
Entrevista-teste 3	O Aleph

Entrevista-teste 4	O Aleph
Entrevista-teste 5	Pangeia ⁷⁵
Entrevista-teste 6	Pangeia

A rodada de entrevistas definitivas foi aplicada nos dias 05, 16, 18 e 19 de dezembro⁷⁶ de 2025 e no dia 09 de janeiro⁷⁷ de 2026. Treze pessoas visitantes concederam a entrevista e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver Apêndice D) à caneta. Entretanto, devido à repetição e redundância de informações (Sanglard; Garcêz; Maia, 2022), foram consideradas nove pessoas entrevistadas. Abaixo, a tabela indica as entrevistas de acordo com a instalação em que ocorreram:

Quadro 4 – Entrevistas e instalações do *corpus* de análise

Pessoas Entrevistadas	Instalação da exposição <i>demasiado humano</i>
Pessoa Visitante 1	Extratos do Tempo
Pessoa Visitante 2	Extratos do Tempo
Pessoa Visitante 3	O Aleph
Pessoa Visitante 4	O Aleph
Pessoa Visitante 5	Árvore Humana
Pessoa Visitante 6 Pessoa Visitante 7 ⁷⁸	Árvore Humana
Pessoa Visitante 8	Roça Mãe do Mundo
Pessoa Visitante 9	Roça Mãe do Mundo

Sete das nove entrevistas foram gravadas em áudio pelo celular da entrevistadora, com a autorização das pessoas visitantes, e as transcrições foram realizadas por meio da ferramenta *Google Pinpoint*. Já as duas entrevistas que não contaram com a autorização para gravação

⁷⁵ Durante o período de aplicação das entrevistas-teste, as instalações do terceiro andar do museu e de uma parte do quarto andar estavam fechadas para a renovação da exposição *demasiado humano*. Dessa forma, a instalação *Pangeia* foi escolhida para complementar a dinâmica piloto das entrevistas.

⁷⁶ Entrevistas realizadas nas instalações *Extratos do Tempo* e *Árvore Humana* (ambas no quarto andar) e *O Aleph* (no quinto andar).

⁷⁷ Entrevistas realizadas na instalação *Roça Mãe do Mundo* (no terceiro andar), considerando sua abertura ao público no dia 06 de janeiro de 2026.

⁷⁸ As Pessoas Visitantes 6 e 7 se encontram agrupadas na tabela, uma vez que estavam juntas durante a visita e participaram da entrevista concomitantemente.

em áudio, foram registradas à mão e, posteriormente, em um documento do *Google Docs* pela pesquisadora.

A seguir, destacamos o perfil das 15 pessoas que compõem a amostra final⁷⁹ de entrevistas (seis membros da equipe e nove visitantes), de acordo com dimensões de gênero, raça, idade, escolaridade e geolocalização.

Quadro 5 – Perfil da amostra de pessoas entrevistadas

Pessoas Entrevistadas	
Gênero	10 mulheres e 05 homens
Raça	09 pessoas brancas, 03 pessoas pretas e 03 pessoas pardas
Idade	Espectro variável entre 21 e 52 anos
Escolaridade	Médio completo: 01 pessoa Superior completo: 07 pessoas Superior incompleto: 02 pessoas Pós-graduação <i>stricto sensu</i> (mestrado) incompleto: 01 pessoa Pós-graduação <i>stricto sensu</i> (doutorado) incompleto: 02 pessoas Pós-graduação <i>stricto sensu</i> (doutorado) completo: 02 pessoas
Geolocalização (região do Brasil) ⁸⁰	Norte: 01 pessoa Nordeste: 01 pessoa Sudeste: 13 pessoas

Ainda que a pesquisa não tenha a intenção de propor representações estatísticas das pessoas que visitam ou trabalham no Espaço do Conhecimento, o perfil da amostra entrevistada representa um pequeno universo de públicos que interagem com o museu, sobretudo a partir da intersecção de seus marcadores sociais. Conforme projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC Minas e pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep), via Plataforma Brasil (ver Anexo A), as informações coletadas devem ser utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos, mantendo o anonimato dos participantes. Vale destacar que, após a banca de qualificação desta pesquisa, os instrumentos de coleta passaram por

⁷⁹ Optamos por agrupar a amostra final com o objetivo de ampliar a anonimização dos dados relativos ao perfil dos participantes, sobretudo dos membros da equipe do Espaço do Conhecimento UFMG.

⁸⁰ A partir dessas regiões do Brasil, foram entrevistadas pessoas das seguintes cidades: Assis/SP, Belo Horizonte/MG, Feira de Santana/BA, Guarulhos/SP, Manaus/AM, Rio de Janeiro/RJ e São José dos Campos/SP.

alterações e foram novamente submetidos à Plataforma Brasil, como uma emenda do projeto (ver Anexo A).

Em sua etapa final, este trabalho contou com a Análise Crítica do Discurso e a interpretação do *corpus* composto pelas instalações (*Extratos do Tempo; Árvore Humana; Roça Mãe do Mundo; O Aleph*) e pelas transcrições das entrevistas com a equipe e as pessoas visitantes. Ressaltamos que a análise se dedicou à versão renovada da exposição *demasiado humano*, contando com menções pontuais à sua versão inaugural para ilustrar determinados aspectos que surgiram durante as falas das pessoas entrevistadas, em uma travessia formada pelos eixos analíticos de Tempo, Ancestralidade, Território e Humano.

4.3 Análise Crítica do Discurso

Os dados coletados por meio das etapas descritas anteriormente, guiadas pelos momentos e sujeitos que integram o circuito de interações, foram interpretados a partir da Análise Crítica do Discurso (ACD) de Fairclough (2001). Assim, tomamos como abordagem analítica a concepção tridimensional (Figura 31) na qual o autor articula, simultaneamente, as dimensões de texto, prática discursiva e prática social, buscando “[...] relacionar sistematicamente propriedades detalhadas de textos às propriedades sociais de eventos discursivos como instâncias de prática social” (*ibidem*, p. 27).

Figura 31 – Concepção tridimensional do discurso



Fonte: Elaboração própria, baseada em Fairclough (2001, p. 101)

Recorrendo a um procedimento de descrição (análise textual) e duas partes de interpretação (análise da prática discursiva e análise da prática social), Fairclough (*ibidem*, p. 89) propõe um arranjo que visa “[...] reunir a análise de discurso orientada linguisticamente e o pensamento social e político relevante para o discurso e a linguagem, na forma de um quadro teórico que será adequado para uso na pesquisa científica social e, especificamente, no estudo da mudança social”. Nesse sentido, a ACD compreende que há uma relação dialética entre o discurso e as estruturas sociais (*ibidem*): o meio social é, ao mesmo tempo, uma condição e um efeito das práticas discursivas, enquanto o discurso é restringido e moldado pela sociedade que ajuda a constituir.

No que diz respeito ao elemento do texto, o mais interno dentro do modelo tridimensional, Fairclough (*ibidem*) ressalta quatro itens para a análise de aspectos formais que perpassam a construção verbal e verbo-visual: o vocabulário, a gramática, a coesão e a estrutura textual. A prática discursiva, por sua vez, trata de outros três elementos principais: a força dos enunciados (componente acional que desempenha atos de fala, como fazer uma promessa, dar uma ordem, etc.), a coerência (propriedades interpretativas necessárias para que os sujeitos possam realizar conexões/inferências e construir sentido) e a intertextualidade (constituição heterogênea de um texto por meio de fragmentos de outros textos) ou interdiscursividade (no caso das relações textuais estabelecidas com convenções da ordem do discurso). Ainda que a análise da prática discursiva possa envolver características formais do texto, sua abordagem privilegia os processos produtivos e interpretativos da circulação e do consumo textual.

Já a análise da prática social abarca as circunstâncias institucionais e os contextos sociais que moldam a natureza da prática discursiva para representação e significação do mundo. A prática social também inclui a ideologia, enquanto modo de múltiplas significações e construções da realidade. Segundo Fairclough (*ibidem*, p. 119), “[...] os processos ideológicos pertencem aos discursos como eventos sociais completos - são processos entre as pessoas - não apenas aos textos que são momentos de tais eventos”. Nesse momento da abordagem tridimensional, o autor também aborda a hegemonia como espaço de constantes lutas “[...] para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas” (*ibidem*, p. 122).

Ao considerar que “[...] as práticas discursivas em mudança contribuem para modificar o conhecimento (até mesmo as crenças e o senso comum), as relações sociais e as identidades sociais” (*ibidem*, p. 27), a concepção da ACD destaca as dimensões de poder

presentes no discurso e permite desvelar determinados mecanismos discursivos (naturalizados ou não) de dominação e resistência. É a partir desse fator que nos inspiramos em gestos metodológicos de Carvalho (2024), Duarte-Alves (2022) e Gomes (2020) para propor conexões entre a abordagem de Fairclough (2001), as perspectivas latino-americanas e a interseccionalidade, considerando que as aproximações epistemológicas são importantes para “[...] romper determinadas estruturas hierarquizantes de saberes” (Faria; Souza; Bevilacqua, 2025, p. 13).

Orientada pela mudança social, a concepção de Fairclough (2001) abarca possibilidades de conjugação com abordagens de matrizes latino-americanas, que visam “[...] identificar e reconhecer saberes e pessoas que foram apagadas pelo epistemicídio colonial e reconectá-las” (Faria; Souza; Bevilacqua, 2025, p. 12) a seus contextos políticos e socioculturais. Ao invés de abandonar ou rejeitar os conhecimentos já produzidos e aceitos, o movimento de aproximação epistemológica busca se manter vigilante quanto à “[...] crença ingênua da validade universal de teorias” (Resende, 2019, p. 28), bem como reconhecer que existem conhecimentos diversos igualmente válidos que provêm de lugares antes relegados a apenas aceitar a ciência hegemônica (Faria; Souza; Bevilacqua, 2025).

Partindo do giro decolonial na América Latina, conforme contextualização teórica abordada anteriormente nesta pesquisa, a colonialidade se refere a um padrão de poder no qual “[...] o trabalho, o conhecimento, a autoridade, e as relações intersubjetivas se articulam entre si por meio do mercado capitalista global e da ideia de raça”⁸¹ (Maldonado-Torres, 2007, p. 131, tradução nossa). Nesse sentido, a integração entre a ACD e os estudos latino-americanos envolve:

[...] construir uma análise de discurso criticando o papel da colonialidade nos problemas e violências sociais que afetam os corposterritórios-epistemes latino-americanos. Lembramos que, a colonialidade é entendida não somente como resíduo pós-colonial, uma cicatriz deixada pelo colonialismo após a independência das colônias, mas como um elemento que dá sustentação ao atual modelo capitalista neoliberal e globalizado. (Duarte-Alves, 2022, p. 51-52).

Logo, essa é uma proposta crítica e insurgente que se baseia na estrutura triangular (Castro-Gómez, 2007) da colonialidade: a colonialidade do ser, a colonialidade do poder e a colonialidade do saber.

A ideia era que, se além da colonialidade do poder existia também a colonialidade do saber, então poderia muito bem haver uma colonialidade específica do ser. E, se a colonialidade do poder se refere à inter-relação entre as formas modernas de

⁸¹ No original: “[...] *el trabajo, el conocimiento, la autoridad y las relaciones intersubjetivas se articulan entre sí, a través del mercado capitalista mundial y de la idea de raza*”.

exploração e dominação, e a colonialidade do saber tem a ver com o papel da epistemologia e as tarefas gerais da produção de conhecimento na reprodução dos regimes coloniais de pensamento, então a colonialidade do ser se refere à experiência vivida da colonização e seu impacto na linguagem.⁸² (Maldonado-Torres, 2007, p. 129-130, tradução nossa).

A partir de uma perspectiva dialética e relacional, Vieira (2019) apresenta um esquema que relaciona a internalização de ideologias por meio do discurso e as dinâmicas ser-poder-saber que perpassam redes da ordem discursiva: a) a colonialidade do poder, engendrada a partir de ações e relações sociais modernas de exploração e dominação organizadas em gêneros discursivos; b) a colonialidade do saber, engendrada nos regimes de pensamento e nos modos de representação e projeção do mundo em discursos; c) a colonialidade do ser, engendrada nos modos de (auto)identificação em estilos/performances.

Dessa forma, ponderamos em nossa análise que o discurso é um espaço de disputa que pode atuar “[...] como instrumento de colonização, articulando poder, saber e ser” (Faria; Souza; Bevilacqua, 2025, p. 10). Concomitantemente, consideramos que o inverso é válido, a partir do “[...] jogo de contrariar as palavras coloniais como modo de enfraquecê-las” (Santos, 2023, p. 13), conforme elucidada Nêgo Bispo:

[...] aprendi que adestrar e colonizar são a mesma coisa. Tanto o adestrador quanto o colonizador começam por desterritorializar o ente atacado quebrando-lhe a identidade, tirando-o de sua cosmologia, distanciando-o de seus sagrados, impondo-lhe novos modos de vida e colocando-lhe outro nome. O processo de denominação é uma tentativa de apagamento de uma memória para que outra possa ser composta. [...] para enfrentar a sociedade colonialista, em alguns momentos “precisamos transformar as armas dos inimigos em defesa”, como dizia um dos meus grandes mestres de defesa. Então, para transformar a arte de denominar em uma arte de defesa, resolvemos denominar também. (*ibidem*, p. 11-13).

O discurso, portanto, pode compor e corroborar tanto com a lógica da colonialidade quanto da contracolonialidade. Isso porque a mesma dimensão discursiva que perpetua heranças coloniais, também promove dinâmicas que possibilitam mudanças, transgressões e transformações (Faria; Souza; Bevilacqua, 2025). Enquanto elemento sócio-histórico da humanidade (*ibidem*), a linguagem, rodeada por memória e criatividade, se torna um importante elemento para semear palavras, confluenciar ideias e germinar o pensamento contracolonial (Santos, 2023). Tais possibilidades discursivas também ampliam caminhos para que as epistemologias latino-americanas do giro decolonial possam se fortalecer

⁸² No original: “La idea era que si en adición a la colonialidad del poder también existía la colonialidad del saber, entonces, muy bien podría haber una colonialidad específica del ser. Y, si la colonialidad del poder se refiere a la interrelación entre formas modernas de explotación y dominación, y la colonialidad del saber tiene que ver con el rol de la epistemología y las tareas generales de la producción del conocimiento en la reproducción de regímenes de pensamiento coloniales, la colonialidad del ser se refiere, entonces, a la experiencia vivida de la colonización y su impacto en el lenguaje”.

enquanto “[...] uma perspectiva sociopolítica ampla que contribua na identificação e ruptura com os valores coloniais e seus desdobramentos” (Moura, 2022, p. 105).

Ao colaborar para a construção “[...] do que variavelmente é referido como 'identidades sociais' e 'posições de sujeito’” (Fairclough, 2001, p. 91), o discurso, socialmente constitutivo e construído, se entrelaça às práticas sociais nas mais diversas experiências vividas e à abordagem interseccional que, por sua vez, “[...] evidencia as relações entre as identidades individuais e sua dimensão coletiva, destacando a construção das identidades como lugares sociais em estruturas de poder” (Corrêa *et al.*, 2018, p. 154).

Para nossa ontologia interseccional, em seu cruzo com as teorias críticas, os sistemas de opressão capitalista, racista e cisheteropatriarcal [...] tem poderes causais que reiteram a noção binária da diferença; poderes os quais, de maneira interligada, operam, através da socialização, nas práticas sociais, posicionando as pessoas que delas participam, de forma a oprimi-las como “outro” ou privilegiá-las como “eu”. (Carvalho, 2024, p. 86).

Em sua proposta de uma Análise de Discurso Crítica Generificada, atravessada pelas dinâmicas estruturais de gênero, Gomes (2020, p. 83, grifo da autora) apresenta a inserção da “[...] categoria *corpo* no conceito de prática social”. Para a autora (*ibidem*, p. 85), integrar o corpo à prática social “[...] torna-se relevante para discutir as dinâmicas de gênero na nossa sociedade, não só de gênero, mas também questões raciais, gordofóbicas, periféricas, homofóbicas, sexistas, entre outros”. Nesse sentido, uma análise “[...] discursivo-crítica que se preocupa em analisar questões relacionadas ao gênero e outros eixos identitários, como raça e classe, deve levar em consideração o corpo” (Carvalho, 2024, p. 90), pois é nele que incidem relações de poder e se manifestam a sobreposição e a articulação de diferentes marcadores sociais em matrizes de dominação ou de luta pela justiça social.

O olhar interseccional nos permite perceber como ocorre a corporificação numa dada prática social, pois visibiliza os variados aspectos do poder, muitas vezes, “invisíveis”, principalmente para as pessoas que pertencem ao eixo dos privilégios. Esse olhar permite-nos entender que o corpo, como um dos momentos da prática social, se corporifica diferentemente a partir das dinâmicas atravessadas pelos eixos de poder e opressão. (Gomes, 2020, p. 88).

O corpo em intersecção, como elemento da prática social, orienta a análise em direção a “[...] eixos identitários que se cruzam e que sentem-fazem-pensam” (Carvalho, 2024, p. 93) por meio do discurso, complexificando a articulação da ACD. A corporeidade da prática social se alinha ao interesse da concepção de Fairclough (2001, p. 126) quanto à “[...] mudança discursiva em relação à mudança social e cultural” e às formas pelas quais diferentes grupos “[...] reproduzem, reestruturam ou desafiam as hegemonias” (*ibidem*, p. 126) e as (des)ordens de discurso existentes.

A análise elaborada parte, então, da concepção tridimensional da ACD (*ibidem*), considerando: marcas da produção e distribuição do discurso; contextos suscitados pelo discurso; e elementos formais do texto. Os movimentos analíticos, a partir de cada um desses aspectos, também buscam suscitar dimensões coloniais e contracoloniais, bem como os marcadores sociais que atravessam o discurso do *corpus* e as concepções de ciência comunicadas pela exposição *demasiado humano*.

4.3.1 Tempo

Segundo Martins (2021, p. 21), o tempo, antes de uma cronologia, é uma ontologia que “[...] inaugura os seres no próprio tempo e os inscreve em suas rítmicas cinesias”. Nessa perspectiva (*ibidem*), a experiência da temporalidade é vivida em espirais que ressoam nos corpos, ritmos, vozes, curvas e gestos, a partir de um princípio basilar: o movimento. Tudo o que se (re)cria, (re)vitaliza e (re)constitui parte do impulso da movimentação.

Esse é o caso da versão renovada da exposição *demasiado humano*, presente no Espaço do Conhecimento UFMG, que será analisada daqui em diante. O tempo, primeira categoria de análise sob a qual nos debruçamos, representou para a equipe do museu uma das principais motivações e também um dos maiores desafios para a realização do projeto.

Segundo a Pessoa Entrevistada 1⁸³, a renovação proposta 12 anos após a inauguração da exposição identificou informações desatualizadas, necessidade de manutenções técnicas e até a perpetuação de preconceitos em algumas instalações (os quais serão abordados mais à frente na análise). Nesse sentido, ainda de acordo com a Pessoa Entrevistada 1, para além dos reparos de estrutura e equipamento, a equipe percebeu que poderia fazer mais pelo público e pela sociedade, por meio dos conceitos e da narrativa da exposição. De maneira correlata, a Pessoa Entrevistada 4 também apontou a relação entre o tempo e a demanda do projeto:

A exposição *demasiado humano* foi inaugurada em 2010 e já estava à frente do seu tempo porque ela se propunha a trazer uma discussão crítica do conhecimento. Mas é claro que, quando você observa essa exposição quase 15 anos depois, muita coisa mudou no mundo. E a gente quis trazer um pouco dessa mudança e atualização sobre o próprio posicionamento da UFMG diante da produção de conhecimento. Então, pensamos “o que a gente pode trazer de mais contemporâneo para essa exposição, sem substituí-la?” porque a nossa proposta não era substituir a exposição por uma nova, mas sim renovar os seus argumentos. Toda exposição deixa recados para o visitante e a gente queria renovar esses recados. Cada intervenção feita, tanto nas instalações que foram atualizadas quanto nas instalações que foram totalmente

⁸³ Ao longo da análise, nos referimos aos membros da equipe que foram entrevistados como “Pessoa Entrevistada” (reduzindo “Pessoa da Equipe Entrevistada”) e ao público visitante entrevistado como “Pessoa Visitante”.

modificadas, tiveram esse objetivo de trazer uma discussão mais atual sobre a ciência e as formas de conhecimento, considerando essa transformação da sociedade e sobretudo da própria UFMG nos últimos anos. (Pessoa Entrevistada 4)⁸⁴.

O discurso de ambas as pessoas entrevistadas reforça que a ciência se atualiza e se movimenta com o tempo. Mais do que dados e conceitos científicos que precisavam ser revisados, as marcas temporais deixadas pela versão inaugural da exposição refletiam a sociedade e a Universidade daquele contexto. Como endossado pela Pessoa Entrevistada 6, a necessidade de renovação também surgiu de uma consciência de que a vida é muito mais dinâmica do que uma exposição museal. Dessa forma, o projeto lidou com mudanças sociais e institucionais que influenciam os modos de produção do conhecimento.

No âmbito de desafios, a Pessoa Entrevistada 1 e a Pessoa Entrevistada 5 indicaram questões pragmáticas, como os limites de orçamento, equipe e tempo, que provocaram alterações ao longo do processo e a impossibilidade de implementar todas as ideias que a equipe gostaria. A dificuldade de realizar uma renovação que mantivesse a proposta original da exposição foi mencionada pela Pessoa Entrevistada 1 e pela Pessoa Entrevistada 4. Já a Pessoa Entrevistada 3 levantou questões sobre a construção coletiva do projeto e o curto período para sua execução:

Inicialmente, uma dificuldade foi que havia muitas ideias e uma coisa muito aberta para um curto espaço de tempo de realização. Por mais que seja importante envolver todo mundo, são pessoas com visões muito diferentes, muitos assuntos a serem discutidos e isso é complexo. E a questão do tempo também foi complicada. Olhando em retrospecto, acho que foi um tempo curto para fazer tanta coisa. Isso muitas vezes acaba atropelando o próprio processo porque temos que priorizar a entrega. Então, foi um projeto ambicioso quando comparado com o tempo que a gente tinha. (Pessoa Entrevistada 3).

A prática social na qual a renovação se insere também esteve atrelada à dificuldade de conciliar o tempo de realização do projeto com o tempo de trabalho da equipe curatorial, composta por professores e pesquisadores da UFMG. Conforme a Pessoa Entrevistada 4, os curadores, ainda que solícitos e muito interessados na exposição, estiveram simultaneamente dedicados a inúmeras outras funções na Universidade.

É um desafio muito grande você ter, nesse caso, dois anos de projeto para desenvolver a curadoria e o projeto expográfico, contratar e executar todos os serviços, com um recurso limitado. E a curadoria não está por conta do projeto. Os professores envolvidos na curadoria dividiram o seu tempo com muitas outras atividades que um professor universitário realiza. Então, a diferença entre o tempo

⁸⁴ Os trechos mais longos das entrevistas serão apresentados em formato recuado, acompanhados da identificação da pessoa entrevistada/visitante entre parênteses. Já as respostas mais objetivas serão incorporadas ao texto de maneira indireta. Ressaltamos que a duração das entrevistas (cerca de 1h15 para a equipe e cerca de 15 minutos para as pessoas visitantes) também influenciaram a dinâmica de elaboração das respostas.

do projeto, que precisa ter um cronograma certinho, e o tempo da Universidade também foi um desafio muito presente. (Pessoa Entrevistada 4).

As distinções entre o tempo do projeto e o tempo da Universidade também se assemelham às diferenças entre o tempo da produção e da divulgação científica, na medida em que pesquisadores, instituições científicas, jornalistas, assessorias de comunicação, comunidades, populações e demais públicos interessados apresentam demandas e ritmos específicos. Assim, fazer comunicação pública da ciência é também orquestrar diferentes cadências para que o conhecimento possa circular na sociedade.

Em relação às discussões sobre temporalidades presentes na exposição, a Pessoa Entrevistada 6 afirmou que o módulo *Pensar as Origens*, no quarto andar do museu, reforça de maneira bastante evidente a concepção linear de passado, presente e futuro, sobretudo a partir da linha do tempo e do calendário que compõem a instalação *Extratos do Tempo* (Figura 32).

Figura 32 – Totem do módulo *Pensar as Origens* e instalação *Extratos do Tempo*



Fonte: Imagem da autora, 2025

O texto do totem *Pensar as Origens* indica que “a ciência é uma das formas de conhecimento que busca desvendar os mistérios das origens da vida, do Universo e do Cosmos”⁸⁵. A utilização do plural em “uma das formas de conhecimento” evidencia que o

⁸⁵ Texto disponível no totem do módulo *Pensar as Origens*, da exposição *demasiado humano*.

saber científico não é a única forma de compreender o mundo e as inquietações da humanidade. O discurso também indica que o pensamento científico moderno está sempre em transformação e pode “ser entendido como um processo, nunca chegando a resultados e conclusões definitivas e imutáveis. Além disso, é uma forma de saber construída a partir de determinada matriz de pensamento e modo de existência”⁸⁶. Esse trecho, apesar de desencadear afirmações sobre o que a ciência é, apresenta um subtexto que permite inferir o que a ciência *não* é: um conhecimento absoluto, universal e neutro.

Em seus parágrafos finais, o texto constrói uma argumentação assentada em um caráter de dualidade que aborda a ciência moderna por meio de uma perspectiva crítica, mas a utiliza como ponto de referência para definir os *outros* modos de conhecimento. Assim, o módulo *Pensar as Origens* suscita reflexões sobre a diversidade de saberes, bem como sua importância para as múltiplas formas de se relacionar com o mundo, ao mesmo tempo em que parte da concepção hegemônica do pensamento científico moderno.

Outros modos de conhecer também possuem suas lógicas e tecnologias próprias, com base nas vivências concretas e nas reflexões passadas de geração a geração, seja na forma escrita ou através da oralidade. Apesar de funcionarem de modo diferente do conhecimento científico, também devem ser respeitados e considerados em pé de igualdade enquanto modos de entendimento e explicação do mundo.

Os diferentes sistemas de conhecimento devem coexistir, contribuindo para a multiplicidade de respostas para os fenômenos e de perguntas sobre os mistérios da nossa existência.⁸⁷

Ao lado do totem, a instalação *Extratos do Tempo* se inicia com o Calendário Cósmico, inicialmente proposto pelo astrônomo e divulgador científico Carl Sagan, que condensa os 13,8 bilhões de anos do universo nos moldes do calendário gregoriano (Fonseca; Oliveira, 2024) e amplia a compreensão de grandes escalas temporais em uma perspectiva mais próxima do cotidiano. Assim, a instalação apresenta ao visitante um vídeo (Figura 33) que demonstra a comparação entre a idade do universo e o período de um ano no calendário ocidental:

⁸⁶ Texto disponível no totem do módulo *Pensar as Origens*, da exposição *demasiado humano*.

⁸⁷ Texto disponível no totem do módulo *Pensar as Origens*, da exposição *demasiado humano*.

Figura 33 – Vídeo do Calendário Cósmico na instalação *Extratos do Tempo*



Fonte: Imagem da autora, 2025

O vídeo também inclui uma introdução que busca dialogar diretamente com o público, por meio dos seguintes enunciados: “Nosso tempo de vida é um piscar de olhos para o universo”; “O Universo tem 13,8 bilhões de anos... Isso é muito tempo, não é mesmo?”; “As escalas de tempo nessa narrativa ultrapassam a nossa compreensão”; “E se compararmos a idade do universo a uma escala de tempo mais comum ao nosso tempo de vida, por exemplo, um ano?”; “Em quais datas teriam acontecido os principais eventos do cosmos?”⁸⁸. Cabe pontuar que tais frases desempenham atos de fala questionadores e também contam com a primeira pessoa do plural, em um gesto que demarca a presença da equipe no roteiro do vídeo, bem como posiciona o público como parte integrante da realidade abordada.

Já o caráter de dualidade mencionado anteriormente reaparece por meio das perguntas plotadas no painel ao redor do vídeo: “Quanto tempo é muito tempo?” e “Qual é a sua forma de contar o tempo?”. Nesse sentido, a instalação parte do referencial do Calendário Cósmico enquanto busca dialogar diretamente com o público, provocando reflexões sobre as possibilidades de compreender as temporalidades. De maneira similar, a frase “Para o *Big Bang*, o começo do Universo também foi o começo do espaço e do tempo”⁸⁹ é outro exemplo dessa recorrente e sutil construção discursiva. Isso porque, com o uso da expressão “Para o *Big Bang*”, a instalação demarca a perspectiva da ciência moderna e, simultaneamente, sugere que existem maneiras diversas de assimilar a discussão proposta.

⁸⁸ Frases retiradas do vídeo sobre o Calendário Cósmico, disponível na instalação *Extratos do Tempo*.

⁸⁹ Frase disponível no painel da linha do tempo, na instalação *Extratos do Tempo*.

A partir do *Big Bang*, a linha do tempo (Figuras 34 e 35) que compõe a instalação se inicia, apresentando uma sucessão cronológica de eventos que foram fundamentais para a origem do universo e da humanidade.

Figuras 34 e 35 – Painel da linha temporal, na instalação *Extratos do Tempo*



Fonte: Imagens da autora, 2025

A linha do tempo segue, entre outros acontecimentos, com a formação das primeiras estrelas e galáxias, a constituição do Sistema Solar e posteriormente da Lua, a formação da crosta terrestre e dos oceanos, a evolução dos organismos multicelulares, a extinção dos dinossauros e o aparecimento do ser humano moderno. Logo, o painel de *Extratos do Tempo* comporta teorias e fenômenos de áreas como a astrofísica, a biologia, a paleontologia e a arqueologia, que, a partir da natureza mutável da ciência (Fonseca; Oliveira, 2024), exigem constantes revisões e atualizações:

Desde o Big Bang, o Universo está em constante expansão, tanto no espaço quanto no tempo. Mas nem sempre essa foi a visão mais aceita pela comunidade científica. Por alguns milênios, a ideia de um Universo eterno e imutável prevaleceu, sendo contestada somente no início do século XX, com o surgimento de novas teorias e descobertas. Esse é um bom exemplo da natureza mutável da ciência, que muitas vezes não é retratada, estimulando uma ideia errônea de que teorias científicas são verdades absolutas e inquestionáveis. As interpretações científicas do mundo estão em constante investigação, sendo testadas e refinadas a partir de experimentos, pesquisas e observação de fenômenos. Dessa maneira, uma instalação material como a “Extratos do Tempo”, que apresenta a visão da ciência sobre nossa compreensão do cosmos, naturalmente ficará defasada em suas informações ao longo dos anos. (*ibidem*, p. 7).

De acordo com a Pessoa Entrevistada 3, a renovação da instalação demandou que a equipe se dedicasse a intensas pesquisas para obter as informações mais atualizadas possíveis.

Tais estudos envolveram fontes como a Organização Europeia para Pesquisa Nuclear (CERN) e a consulta de inúmeros materiais em língua inglesa:

Foi um trabalho de pesquisa mais baseado na literatura internacional. Mesmo porque até a ciência produzida no Brasil é frequentemente comunicada em inglês. Então, pode ser até que a gente tenha usado algum trabalho que envolveu brasileiros, mas tudo comunicado em inglês. Nós consultamos artigos científicos, com temas muito técnicos, e também pesquisamos alguns materiais de divulgação científica, voltados para algumas áreas e informações específicas. A gente ficou nessas duas frentes para tentar compreender as informações mais recentes, mas infelizmente tudo em inglês. (Pessoa Entrevistada 3).

Dessa forma, o parágrafo acima chama atenção para a centralização hegemônica da produção científica, que privilegia majoritariamente países anglófonos. No que tange dimensões geográficas e culturais, a publicação e a divulgação do conhecimento se baseiam em uma lógica assimétrica que “[...] não apenas influencia o âmbito linguístico, mas também desempenha um papel significativo na política global, reforçando a posição de países de língua inglesa como centros de poder” (Oliveira, 2024, p. 7).

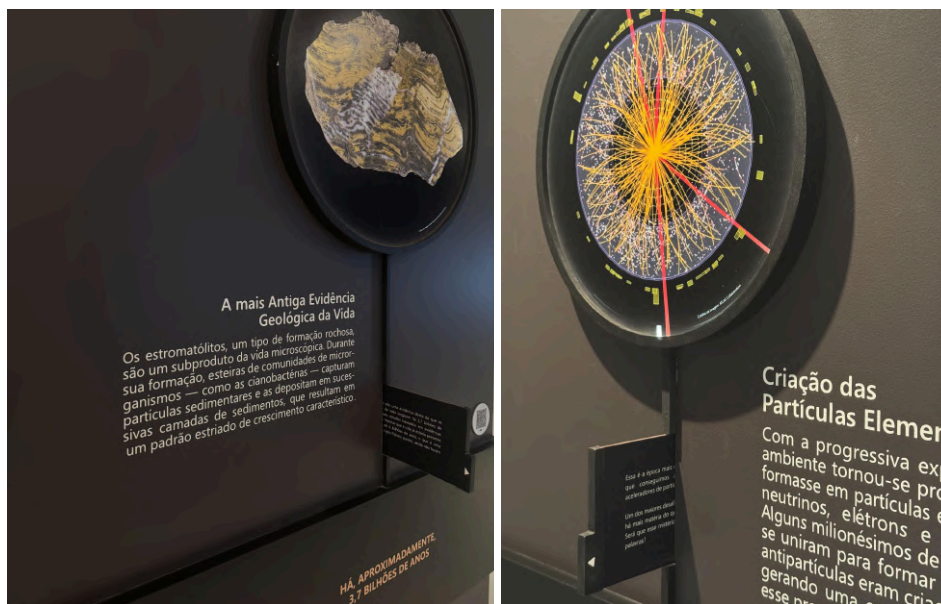
O trabalho de pesquisa e revisão de conteúdos para a versão renovada da exposição também resultou na inserção de informações que complementam os eventos apresentados pela linha do tempo, com o objetivo de apresentar mudanças paradigmáticas ao longo da construção do conhecimento (Fonseca; Oliveira, 2024). Segundo a Pessoa Entrevistada 3, os conteúdos acrescidos tratam de aspectos invisibilizados ou que não são frequentemente divulgados sobre a ciência. Entre as informações extras incluídas na instalação, é possível citar a teoria de George Lemaître (astrônomo e padre que foi a primeira pessoa a propor que o universo teve início quando tudo estava concentrado em um átomo primordial), a contribuição do filósofo Immanuel Kant para a compreensão das galáxias, o trabalho da astrônoma Henrietta Leavitt e a repatriação do fóssil do dinossauro *Ubirajara jubatus*.

As mudanças de paradigmas também evidenciam as limitações e o contínuo esforço da comunidade científica para a compreensão do mundo, por meio de um discurso que instiga o visitante a refletir sobre os limites dos saberes diante do desconhecido: “Um dos maiores desafios da ciência é descobrir por que há mais matéria do que antimatéria no Universo atual. Será que esse mistério persiste enquanto você lê estas palavras?”⁹⁰.

Conforme as imagens abaixo (Figuras 36 e 37), o conteúdo extra foi inserido no painel de *Extratos do Tempo* como um recurso de interatividade, que permite que o público puxe as pequenas placas posicionadas no decorrer da linha do tempo:

⁹⁰ Trecho disponível no painel da linha do tempo, na instalação *Extratos do Tempo*.

Figuras 36 e 37 – Placas interativas com informações extras, na instalação *Extratos do Tempo*



Fonte: Imagens da autora, 2025

Quanto à percepção do público, é válido destacar que, entre as quatro pessoas visitantes entrevistadas na instalação *Extratos do Tempo* (duas entrevistas-teste e duas entrevistas definitivas), apenas uma relatou ter lido e interagido com as informações extras:

As placas trouxeram várias informações que eu não sabia. Eu gostei da informação de que o Kant, um filósofo, foi o primeiro a considerar que a nossa galáxia não era a única. Achei legal porque conectou essas diferentes áreas [do conhecimento]. (Pessoa Visitante 2).

As demais três pessoas entrevistadas informaram que não perceberam as placas ou que ficaram em dúvida sobre a possibilidade de puxá-las. Por outro lado, de acordo com as Pessoas Visitantes 1 e 2, o que, de fato, chamou atenção durante a visita foram as imagens e o vídeo da formação da Lua que integram o painel da linha temporal, tornando as informações textuais mais perceptíveis.

Essa parte visual é muito importante e eu achei bem positiva porque muitas vezes a gente vai nos museus e tem contato com a história toda, mas a gente não consegue imaginar, não é? Então, o fato de ter essa parte visual torna mais interessante e fácil de visualizar. (Pessoa Visitante 1).

Ao refletir sobre a dimensão de acessibilidade, destacamos que, durante uma das entrevistas-teste, a pessoa visitante manifestou que não havia conseguido ler os textos presentes na instalação, devido à uma recente cirurgia ocular. Tal situação a impossibilitou de compreender o conteúdo, uma vez que o painel conta com audiodescrição em QR Codes, mas não disponibiliza recursos auditivos ou táteis em sua própria estrutura.

Desse modo, a dependência do recurso textual como principal forma de acesso às informações presentes na instalação pode prejudicar, por exemplo, a experiência de pessoas com deficiência visual ou de pessoas não alfabetizadas. Como reforçado pelo discurso da Pessoa Entrevistada 2, apesar do projeto de renovação ter inserido novos recursos acessíveis para a exposição (audiodescrição e janela de Libras⁹¹), a acessibilidade ainda pode ser melhorada, garantindo e ampliando sua presença na estrutura das instalações. A renovação, portanto, deixa espaço para o aprimoramento da experiência de visita em futuras oportunidades.

No que se refere às concepções de ciência, as Pessoas Entrevistadas 1 e 6, mencionaram que *Extratos do Tempo* se concentra nas chamadas “ciências duras” (como física, química e biologia). Já a Pessoa Entrevistada 2 manifestou a percepção de que a instalação, bem como outros conteúdos do módulo *Pensar as Origens*, aborda a produção científica de um modo similar aos assuntos trabalhados no ambiente escolar:

O quarto andar traz uma ideia mais ortodoxa de pensar a ciência. Evidenciando os métodos e que esses métodos têm os seus resultados. Eu acho que é uma forma um pouco mais próxima de como a gente aprende na escola, sabe? Como uma aula de ciência. (Pessoa Entrevistada 2).

Tais noções foram corroboradas pelo discurso das pessoas visitantes entrevistadas, na medida em que afirmaram terem estabelecido relações diretas entre a instalação *Extratos do Tempo* e suas respectivas áreas de estudo. Cabe apontar que a Pessoa Visitante 2 também presumiu que, sem o seu repertório acadêmico de vestibulanda, poderia ter enfrentado entraves para compreender toda a instalação:

Acho que um tempo atrás eu teria dificuldade para compreender alguns conceitos que a instalação aborda, mas como estou estudando para o vestibular de medicina, tenho muito contato com temas da física e da química. Então, consegui fazer uma conexão com o que estudei ao longo do ano. (Pessoa Visitante 2).

O mesmo ocorreu com a Pessoa Visitante 1, que associou os conteúdos da instalação com a sua graduação em Biologia. Os eventos apresentados pela linha do tempo também fizeram com que refletisse sobre uma relação entre a ciência e a religiosidade, na qual a produção de conhecimento e a fé não se excluem. Assim, é notável que a exposição museal suscita a circulação de sentidos diversos, a partir de vivências, interesses e contextos dos públicos, que contribuem para que o museu seja um espaço em que correlações múltiplas, e até mesmo imprevisíveis ou inusitadas, possam ser imaginadas e formadas:

⁹¹ A Janela de Libras se trata de um espaço delimitado em produções audiovisuais, no qual as informações são traduzidas por um intérprete da Língua Brasileira de Sinais.

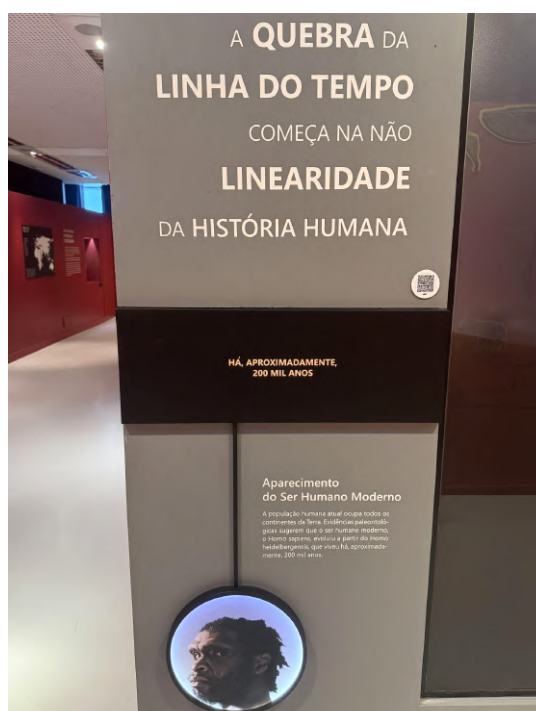
Eu sou estudante de biologia, mas eu também tenho a questão da fé muito presente na minha vida. Quando eu penso sobre a ciência, fico muito impressionada com as coisas e os processos que acontecem porque pra mim tudo isso está ligado à minha fé também. Então, eu fico maravilhada e aumento ainda mais a minha fé em Deus por conta disso. E aqui eu também consegui visualizar muitas coisas que aprendi na teoria durante a graduação, então achei incrível e muito interessante. (Pessoa Visitante 1).

Retomando as considerações da equipe, a Pessoa Entrevistada 3 ponderou que a ciência comunicada pela instalação *Extratos do Tempo* está alinhada à concepção que perpassa o módulo *Pensar as Origens*, no quarto andar do museu, evidenciando a ciência ocidental, mas também rompendo com a universalidade e com a ideia de um conhecimento absoluto:

O quarto andar foca na concepção de ciência tradicional, pensada e desenvolvida pelos pesquisadores, e ocidental mesmo. O que não acho que seja uma questão de valorizar mais essa ciência do que outras ciências. Mas essa perspectiva tradicional faz parte do nosso dia a dia e é uma forma de compreender o mundo que está sempre sendo colocada à prova e sempre em constante construção. (Pessoa Entrevistada 3).

Nesse sentido, a linha do tempo proposta pela instalação parte da cronologia de eventos na perspectiva da ciência moderna ocidental e se encerra com o aparecimento do *Homo sapiens* (Figura 38), há cerca de 200 mil anos:

Figura 38 – Fim da linha temporal, na instalação *Extratos do Tempo*



Fonte: Imagem da autora, 2025

A partir da diversidade da história humana, a Pessoa Entrevistada 3 afirma que a lógica temporal se torna muito mais complexa, provocando uma ruptura na linearidade evocada pela instalação até então. Logo, o pensamento científico moderno busca construir narrativas, por meio do conhecimento, para dar sentido à vida. É uma forma de interpretar e ordenar o tempo e seus eventos, ainda que a própria produção da ciência e a evolução da humanidade, repletas de mudanças paradigmáticas, transformações e ramificações, não sigam um arranjo sequencial.

No contexto que envolve a ciência moderna, a ordenação e a compreensão do tempo também se norteiam pelo ideal do progresso, que está continuamente avançando em direção ao futuro. Contudo, em diferentes culturas e sociedades, incluindo as ocidentais, “[...] sobrevivem outros modos de conceber, experimentar e vivenciar o tempo e, também, de expressá-lo como linguagem” (Martins, 2021, p. 30).

Em seus estudos sobre religiões e filosofias africanas, Mbiti (1990) suscita uma proposição geral, embasada pelo pensamento teológico, na qual o futuro distante é inexistente como tempo concreto. Buscando evitar comparações com os termos “passado, presente e futuro”, o autor (*ibidem*) aborda a concepção temporal por meio de duas palavras em suaíli: *Sasa* e *Zamani*. *Sasa* constitui a dimensão do tempo vivido e experienciado, no qual as pessoas estão conscientes de sua existência, concentrando a proximidade e a atualidade de eventos que “[...] devem estar prestes a ocorrer, ou em processo de realização, ou terem sido vivenciados recentemente”⁹² (*ibidem*, p. 22, tradução nossa). Já *Zamani* é o período interminável que fornece “[...] fundamentos sobre os quais o *Sasa* repousa e pelos quais é explicável ou deve ser compreendido”⁹³ (*ibidem*, p. 23, tradução nossa). É também a dimensão além da qual nada pode ir, incorporando todos os fenômenos e eventos:

Sasa é em si uma dimensão temporal completa ou plena, com seu próprio futuro curto, um presente dinâmico e um passado experienciado. Podemos chamá-la de Micro-Tempo (Pequeno Tempo). O Micro-Tempo só é significativo para o indivíduo ou para a comunidade por meio de sua participação ou experiência. *Zamani* não se limita ao que em inglês é chamado de passado. Também possui seu próprio 'passado', 'presente' e 'futuro', mas em uma escala mais ampla. Podemos chamá-lo de Macro-Tempo (Grande Tempo). *Zamani* se sobrepõe a *Sasa* e os dois não são separáveis. *Sasa* alimenta ou desaparece em *Zamani*. Mas, antes que os eventos sejam incorporados a *Zamani*, eles precisam ser realizados ou atualizados dentro da dimensão *Sasa*. Quando isso acontece, os eventos 'se movem' para trás, de *Sasa* para *Zamani*.⁹⁴ (*ibidem*, p. 22, tradução nossa).

⁹² No original: “[...] must be either about to occur, or in the process of realization, or recently experienced”.

⁹³ No original: “[...] foundations on which the *Sasa* rests and by which it is explainable or should be understood”.

⁹⁴ No original: “*Sasa* is in itself a complete or full time dimension, with its own short future, a dynamic present, and an experienced past. We might call it the Micro-Time (Little-Time). The Micro-Time is meaningful to the individual or the community only through their participating in it or experiencing it. *Zamani* is not limited to

Tal concepção privilegia as experiências vividas, tornando a dimensão do que seria o futuro extremamente breve, já que o tempo, ao invés de uma *commodity* que pode ser utilizada, desperdiçada ou comercializada, deve ser vivenciado. Isso demarca que as temporalidades ganham significado não a partir de seus marcos matemáticos, mas ao longo dos eventos (*ibidem*) da própria vida. As dimensões *Sasa* e *Zamani* também se diferenciam da lógica utilitarista contemporânea, que atribui mais valor ao que foi produzido (e não ao que foi vivido) no decorrer do tempo.

Mbiti (*ibidem*, p. 23, tradução nossa) considera que “[...] não existe o conceito de história se movendo 'para frente' em direção a um clímax futuro ou em direção ao fim do mundo”⁹⁵. Ao contrário, as vastas e plurais histórias dos povos africanos se movem “[...] 'para trás', do período *Sasa* para o *Zamani*, do momento de experiência intensa para o período além do qual nada pode ir”⁹⁶ (*ibidem*, p. 22-23, tradução nossa). Esse é, portanto, um movimento circular de retorno a uma dimensão viva em que as temporalidades se sobrepõem, a ancestralidade e os múltiplos ritmos de vida coexistem e novos ciclos se inauguram:

Para as comunidades da diáspora africana e para os povos da terra, que sofreram a violência do colonizador, retorno ou retomada é o plano de começo e recomeço do caminho da luta e de reconhecimento das referências, cantos, estradas, terreiros, histórias por onde passamos. É também o plano do conhecer a respeito de nós mesmos, nossa antropologia, sociologia, historiografia, psicologia, geografia, ciências políticas, literatura de ficção, crítica literária, filosofia, oralitura. [...] O retorno não nos constrange no tempo para trás, como procederia se tivéssemos uma concepção linear do tempo. Aqui o tempo é Kitembo, a bandeira ancestral tremulante nos terreiros angola-congo, que indica a ida e o retorno. O tempo é circular e não segue o critério do progresso, pois que a cada geração surgem novos anseios, novas questões, novos destinos, novas soluções e o tempo é o tempo do começar. (Santos, Abrahão, 2020, p. 20).

Ainda de acordo com Mbiti (1990, p. 23, tradução nossa), como o futuro distante não existe, não se pode esperar que ele “[...] inaugure uma era de ouro ou um estado de coisas radicalmente diferente do que existe no *Sasa* e no *Zamani*”⁹⁷. A chamada “era de ouro” reside em *Zamani*, propondo uma lógica que transgride a sucessão temporal. Nesse contexto, o tempo extrapola as concepções que progridem da gênese ao apocalipse: não há a noção de

what in English is called the past. It also has its own 'past', 'present' and 'future', but on a wider scale. We might call it the Macro-Time (Big Time). Zamani overlaps with Sasa and the two are not separable. Sasa feeds or disappears into Zamani. But before events become incorporated into the Zamani, they have to become realized or actualized within the Sasa dimension. When this has taken place, then the events 'move' backwards from the Sasa into the Zamani”.

⁹⁵ No original: “[...] there is no concept of history moving 'forward' towards a future climax, or towards an end of the world”.

⁹⁶ No original: “[...] moves 'backward' from the *Sasa* period to the *Zamani*, from the moment of intense experience to the period beyond which nothing can go”.

⁹⁷ No original: “[...] to usher in a golden age, or a radically different state of affairs from what is in the *Sasa* and *Zamani*”.

uma esperança messiânica ou o forte imaginário sobre a destruição e o fim do mundo, já que o próprio tempo não tem fim (*ibidem*) e pode se mover como uma espiral:

Espiralar é o que, no meu entendimento, melhor ilustra essa percepção, concepção e experiência. [...] o tempo pode ser ontologicamente experimentado como movimentos de reversibilidade, dilatação e contenção, não linearidade, descontinuidade, contração e descontração, simultaneidade das instâncias presente, passado e futuro, como experiências ontológica e cosmológica que têm como princípio básico do corpo não o repouso, como em Aristóteles, mas, sim, o movimento. (Martins, 2021, p. 23).

A maneira de compreender as temporalidades também molda diversos aspectos da vida, como o que é lembrado, valorizado, mensurado, consumido, experienciado e perseguido pela sociedade. Diante disso, destacamos as vivências e reflexões de Mernissi (1991), que aborda as relações entre o Ocidente e o Oriente, sobretudo no contexto dos povos muçulmanos. Segundo a autora (*ibidem*), o tempo se torna um elemento de dominação e controle, no qual o presente é engendrado pelo futuro:

A sociedade ocidental pós-industrial obriga todas as outras culturas a se adequarem ao seu ritmo. Através do seu ritmo temporal, que padroniza o comportamento independentemente do lugar ou da cultura, o Ocidente manifesta a sua dominação sobre a nossa era. [...] Com esta temporalização, que é, entre outras coisas, uma desvalorização da geopolítica, o controle do espaço, que é a base e a essência do poder político e econômico de uma nação, é hoje substituído pelo controle do tempo. [...] A geopolítica era uma estratégia baseada na defesa do tangível – território, fronteiras e as riquezas neles encontradas. Hoje, isso foi substituído pelas leis da "cronopolítica", um cenário temporal em que o poder é conquistado pelo controle do intangível: o fluxo de sinais, a circulação de informações e somas líquidas. [...] O novo imperialismo que nos domina, a nós, os não ocidentais, não se apresenta mais como uma ocupação física. O novo imperialismo não é sequer econômico; é mais insidioso — é uma forma de contabilizar, de calcular, de avaliar.⁹⁸ (*ibidem*, p. 17-18, tradução nossa).

Conforme Krenak (2022, p. 51), o “[...] risco de projetar um futuro assim é muito grande, pois vem embalado em ansiedade, fúria e uma tremenda aceleração do tempo”. Os desafios desencadeados pela flecha do tempo (Mernissi, 1991), deslocam as experiências do presente que nos rodeia para futuros cada vez mais distantes, e contribuem para o desequilíbrio das sociedades e dos ecossistemas do planeta Terra (Krenak, 2022).

⁹⁸ No original: “*The post-industrial Western society obliges all other cultures to fall into line with its rhythm. Through its time-rhythm, which standardizes behavior whatever the place or culture, the West manifests its domination of our era. [...] With this temporalization, which is, among other things, a devaluation of geopolitics, the control of space, which is the basis and essence of the political and economic power of a nation, is today replaced by that of time. [...] Geopolitics was a strategy based on defense of the tangible - territory, frontiers, and the riches found within them. Today that is replaced by the laws of "chronopolitics," a time scenario in which power is achieved through control of the intangible: the flow of signs, the circulation of information, and liquid sums. [...] The new imperialism that dominates us, the non-Westerners, no longer appears as a physical occupation. The new imperialism is not even economic; it is more insidious - it is a way of reckoning, of calculating, of evaluation*”.

A partir dessa discussão, é possível inferir que a presença do tempo na versão renovada da exposição *demasiado humano* parte da lógica temporal como uma forma de interpretar o mundo, seja em seu âmbito econômico, político, social ou cultural, e a origem da vida. Em seu entendimento como parte da equipe, a Pessoa Entrevistada 3 considerou que a quebra da linearidade na concepção da ciência moderna suscita importantes perspectivas. Isso porque auxilia a construir um discurso que se aproxima do público visitante, demonstrando que o pensamento científico é complexo e mais amplo do que os imaginários dominantes constantemente reforçados.

Já o trecho abaixo sinaliza que a Pessoa Entrevistada 6 atribui um caráter de equivalência entre as teorias do astrônomo e padre George Lemaître e o pensamento contracolonial de Ailton Krenak, considerando que ambas as formas de conhecimento são válidas e correspondentes a fatos científicos:

A ciência não é linear. Ela tem alguns marcos, mas as coisas dão um salto, depois regridem e voltam. Então, acho que a exposição ajuda a demonstrar isso. Por exemplo, trazendo o fato de que um padre também teve relação com a teoria do *Big Bang*. Isso pode provocar a reflexão: “como assim, um padre pode falar sobre ciência?”. E, a partir disso, o conteúdo vai se aproximando do cotidiano das pessoas porque existe o imaginário de que a ciência é feita somente por homens brancos em laboratórios. Mas não é assim. A gente pode pensar nesse fato do padre ou no modo como o [Ailton] Krenak pensa sobre a nossa sociedade capitalista. Todas essas coisas não deixam de ser fatos científicos e ajudam a demonstrar para as pessoas que elas podem fazer e talvez já façam ciência também. (Pessoa Entrevistada 6).

Nesse sentido, a exposição se torna um espaço passível de expandir discussões hegemônicas e inserir a multiplicidade da percepção “[...] espiralada, na qual os tempos, desvestidos de uma cronologia linear, estão em um processo de perene transformação” (Martins, 2021, p. 132). O processo de renovar e transformar, então, permite imaginar múltiplas possibilidades para além de um tempo que preconiza o fim e de uma ciência que almeja o progresso desenfreado.

4.3.2 Ancestralidade

Em fluxos circulares de saberes, tradições, expressões artísticas e culturais, a ancestralidade fortalece o presente e ecoa no futuro, por meio da coletividade, do afeto e dos “[...] pertencimentos simbólicos, espirituais e territoriais” (Carvalho, 2024, p. 43), sobretudo de matrizes africanas e originárias, que atravessam gerações. Tais legados ancestrais provêm das trajetórias de luta e resistência para a retomada de modos de vida que foram apagados e subjugados pela colonização. Conforme elucida Martins (2021), a ancestralidade:

[...] em muitas culturas, é um conceito fundador, espargido e imbuído em todas as práticas sociais, exprimindo uma apreensão do sujeito e do cosmos, em todos os seus âmbitos, desde as relações familiares mais íntimas até as práticas e expressões sociais e comunais mais amplas e mais diversificadas. (*ibidem*, p. 23).

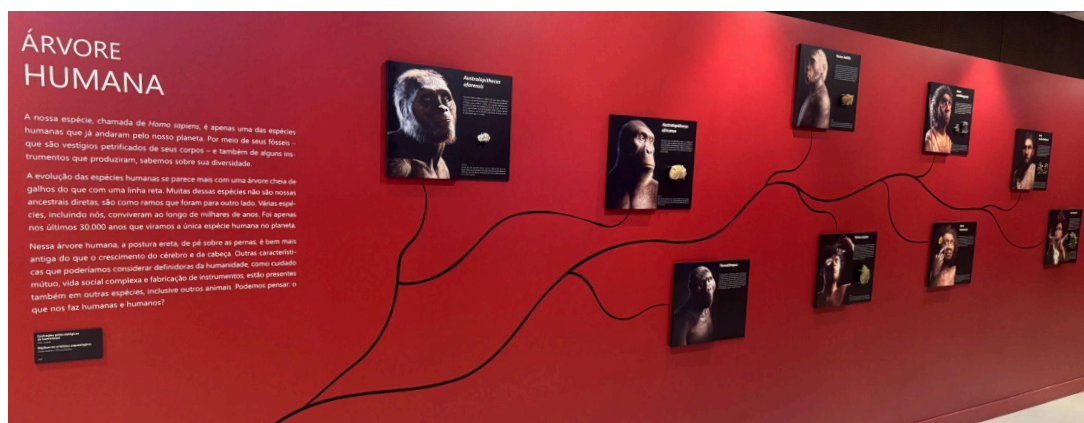
Na perspectiva da diáspora, “[...] o anseio em estabelecer conexões com as formas que representam o reencontro com as origens” (Gomes; Moura, 2023, p. 84) e com os antepassados forjou estratégias de sobrevivência (*ibidem*), diante dos violentos processos de “[...] apagamento linguístico, inferiorização espiritual e arquitetônica, dos quais partem os genocídios europeus, alargados pela exportação de corpos feminizados, pelo saqueamento, catequização e falsa descoberta da América” (Akotirene, 2019, p. 22). Desse modo, a força ancestral sustenta vozes, corporeidades e cosmopercepções de povos que historicamente buscam a emancipação e a (re)conquista de sua própria liberdade.

As manifestações culturais criadas e transmitidas ao longo do tempo pelas populações negras, entre elas as religiões afrobrasileiras, foram influenciadas por este originário respeito ético às formas ancestrais que, em sua síntese primária, valorizava tudo aquilo que antecedia o ser e seus espaços de habitação, compreendendo uma relação de dependência que assegurava sua existência no presente, possibilitava sua ascensão ao futuro, bem como sustentaria a existência de seus descendentes. (Gomes; Moura, 2023, p. 84).

Em conexão com a discussão anterior referente ao tempo, Martins (2021, p. 62) denota que a “[...] ancestralidade é o princípio base e o fundamento maior que estrutura toda a circulação da energia vital”, ao longo de uma temporalidade espiralar que gira, simultaneamente, para a frente e para trás:

A ancestralidade é clivada por um tempo curvo, recorrente, anelado; um tempo espiralar, que retorna, restabelece e também transforma, e que em tudo incide. Um tempo ontologicamente experimentado como movimentos contíguos e simultâneos de retroação, prospecção e reversibilidades, dilatação, expansão e contenção, contração e descontração, sincronia de instâncias compostas de presente, passado e futuro. É através da ancestralidade que se alastra a força vital, dinamismo do universo, uma de suas dádivas. (*ibidem*, p. 63).

A autora (*ibidem*, p. 133) também demarca que, nessa sincronia que oblitera a sucessividade temporal, “[...] o passado pode ser definido como o lugar de um saber e de uma experiência acumulativos que habitam o presente e o futuro, sendo também por eles habitado”. Assim, na versão renovada da exposição *demasiado humano*, a presença imanente do passado (*ibidem*) se constitui de maneira bastante evidente na instalação *Árvore Humana* (Figura 39), que integra o módulo *Pensar as Origens*, no quarto andar do museu.

Figura 39 – Instalação *Árvore Humana*

Fonte: Imagem da autora, 2025

Baseada nas áreas de paleontologia e arqueologia, a instalação apresenta um cladograma que trata das relações estabelecidas ao longo da evolução da humanidade, por meio de ilustrações paleontológicas de hominínios⁹⁹ e réplicas de artefatos arqueológicos. Como forma de deslocar a centralidade atribuída ao ser humano moderno, a instalação afirma que o *Homo sapiens* “é apenas uma das espécies humanas que já andaram pelo nosso planeta”¹⁰⁰, indicando a multiplicidade dessa trajetória evolutiva.

Ao constatar que foi somente “nos últimos 30.000 anos que viramos a única espécie humana no planeta”¹⁰¹, o discurso de *Árvore Humana* demonstra que, ao contrário do pensamento colonial e antropocêntrico, a presença do *Homo sapiens* não é inexorável ou imprescindível para a Terra. Essa perspectiva também provoca reflexões sobre a lógica não linear e fragmentada que circunda a humanidade:

A evolução das espécies humanas se parece mais com uma árvore cheia de galhos do que com uma linha reta. Muitas dessas espécies não são nossas ancestrais diretas, são como ramos que foram para outro lado. Várias espécies, incluindo nós, conviveram ao longo de milhares de anos.¹⁰²

O trecho acima permite compreender que a instalação, a partir de seus elementos verbais e visuais, constrói uma noção que rompe com a linha sequencial, absoluta e progressiva (Martins, 2021) da humanidade. O texto também utiliza a primeira pessoa do plural (a exemplo das frases “espécies humanas que já andaram pelo nosso planeta”, “não são nossas ancestrais diretas” e “várias espécies, incluindo nós”), marcando uma ideia de

⁹⁹ Os hominínios se referem especificamente aos membros da Tribo *Hominini*: os seres humanos e suas espécies ancestrais. Já os hominídeos designam um nível taxonômico mais amplo, da Família *Hominidae*, que, além dos humanos, inclui chimpanzés, bonobos, gorilas e orangotangos (Guida, 2022).

¹⁰⁰ Trecho do texto plotado na instalação *Árvore Humana*, da exposição *demasiado humano*.

¹⁰¹ Trecho do texto plotado na instalação *Árvore Humana*, da exposição *demasiado humano*.

¹⁰² Trecho do texto plotado na instalação *Árvore Humana*, da exposição *demasiado humano*.

coletividade que posiciona a equipe do museu e o público como partes da mesma realidade compartilhada.

Segundo a Pessoa Entrevistada 5, as mudanças que constituíram a instalação *Árvore Humana*, na versão renovada da exposição *demasiado humano*, foram motivadas pela intenção de romper com a homogeneização das espécies de hominínios:

A renovação trouxe contribuições que evidenciaram a diversidade de técnicas e objetos que cada hominínio produzia, bem como suas diferenças em cada época e região do planeta. Então, eu acho que essa contribuição veio no sentido de evitar entendê-los como uma massa homogênea. (Pessoa Entrevistada 5).

Nesse sentido, houve a elaboração de uma árvore ramificada, curvilínea e não sequenciada, reunindo a relação entre ancestrais diretos e indiretos de espécies que conviveram, criaram seus modos de vida e foram extintas, em uma miríade de temporalidades e localizações, até chegar ao *Homo sapiens*. O discurso da instalação, bem como das pessoas da equipe que foram entrevistadas, também demonstra que a busca pela diversidade norteou muitas das decisões implementadas pelo projeto de renovação da exposição, a partir de desconfortos sentidos pela própria equipe e pelos visitantes:

Antes da renovação, foi a partir do momento que a gente começou a ter, até na própria equipe, um movimento maior de pessoas cotistas, pessoas negras, pessoas trans, e que elas começaram a mediar partes da exposição que eram problemáticas, no sentido de não falar sobre a escravização ou de idealizar esse período de forma harmônica, é que, tanto a equipe quanto os visitantes, passaram a entender que aquele recorte da história não era mais o suficiente e que outros recortes também deveriam estar ali. Então, na minha opinião, houve esse desconforto do público e, principalmente, da equipe preta do Espaço. As pessoas chegavam no Espaço e a gente estava falando um monte sobre os colonizadores, mas não sobre a história das pessoas negras. E esses desconfortos também motivaram a renovação da exposição. (Pessoa Entrevistada 6).

O trecho acima nos permite inferir que, com uma equipe cada vez mais diversa, o museu pôde refinar suas perspectivas quanto às violências simbólicas e silenciamentos que permeavam a versão inaugural da exposição. De modo correlato, segundo a Pessoa Entrevistada 2, a renovação reverberou nas práticas do Espaço do Conhecimento e se tornou uma oportunidade para que a equipe se aprofundasse e estudasse mais sobre diferentes temáticas, como educação, mediação e condutas no ambiente museal, em uma dimensão antirracista, contracolonial e anticapacitista. O projeto, então, suscitou ações que visavam reparar as relações de ausência anteriormente provocadas pela versão inaugural de *demasiado humano*, em um movimento viabilizado pela retroalimentação entre mediação e exposição:

Eu acho que o público sentia a ausência de muitas vozes. Antes da renovação, a exposição trazia muito o período das Grandes Navegações, abordando essa visão europeia dos portugueses chegando no Brasil para colonizar tudo, mas as outras

narrativas não estavam tão presentes. Então, às vezes os públicos, principalmente as pessoas negras, tinham uma relação de desconforto muito grande ao chegar naquele espaço da exposição. Eu acredito que hoje ainda não supre todas as questões, mas agora a relação que a gente tem da população de pessoas pretas e pessoas indígenas visitando o museu é uma relação de identificação e não de ausência. (Pessoa Entrevistada 2).

Ampliando a discussão para o contexto museal em geral, é válido ressaltar que essas ausências podem reverberar tanto na interação com os conteúdos presentes no ambiente museal quanto na própria forma de experienciar a visita. Ao refletir sobre o que chama de operações discriminatórias em instituições culturais, na conjuntura de vanguarda, Canclini (1990, p. 46, tradução nossa) considera que os museus impõem ao público determinadas ritualizações que sacralizam o espaço e os objetos, organizando “[...] as diferenças entre os grupos sociais: aqueles que entram e aqueles que ficam de fora; aqueles que são capazes de compreender a cerimônia e aqueles que não conseguem atuar de modo significativo”¹⁰³.

Ainda que já tenham passado por profundas transformações, os museus despertam nos públicos diferentes níveis de pertencimento, a partir da intersecção de matrizes de privilégio e opressão, fazendo com que determinados grupos se sintam mais propensos a interagir e a se reconhecer como parte dos discursos da instituição. Frente a essa realidade, é possível citar uma situação que ocorreu durante a realização das entrevistas-teste deste estudo, quando a pesquisadora se aproximou de uma visitante para verificar o interesse em conceder a entrevista. A visitante recusou o convite, dizendo que era babá, acompanhada de duas crianças, e pediu que a pesquisadora conversasse com a avó delas, que também estava na exposição, por ser uma pessoa mais adequada e que já estava acostumada a responder pesquisas similares.

Essa atitude pode ser atribuída a diversos fatores, como o fato de que a visitante abordada não se sentiu confortável em participar da entrevista por considerar que estava em um momento de trabalho, ao invés de um momento de lazer. Apesar disso, tal situação demonstra que algumas vozes seguem desprovidas de legitimação social. Isso porque, ainda que as pessoas acessem os mesmos espaços, não possuem as mesmas condições de pertencimento, participação e reconhecimento.

Ressaltamos que essa experiência não foi provocada e nem se circunscreve ao Espaço do Conhecimento, mas nos permite compreender que, mesmo que o museu se dedique a práticas cada vez mais democráticas e acessíveis, existem múltiplas barreiras que provêm das estruturas hierárquicas de poder da sociedade, sobretudo demarcadas pela articulação de

¹⁰³ No original: “[...] las diferencias entre los grupos sociales: los que entran y los que quedan fuera; los que son capaces de entender la ceremonia y los que no pueden llegar a actuar significativamente”.

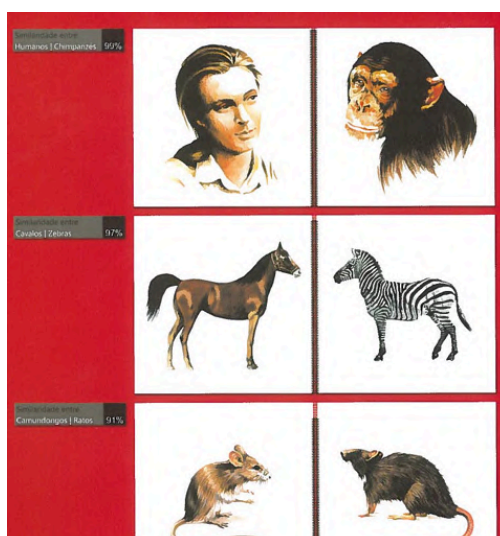
categorias como raça, classe e gênero. Desse modo, gestos como a renovação de uma exposição se tornam muito relevantes, em um contexto no qual os discursos museais são influenciados pelas dimensões sociais (Fairclough, 2001), mas também podem ampliar percepções e ações críticas acerca da perpetuação de desigualdades e opressões.

Outro aspecto ligado às carências suscitadas pela versão inaugural da exposição *demasiado humano* foi identificado na dimensão de gênero, devido à baixa representatividade de mulheres cientistas, fazendo com que os mediadores do museu buscassem alternativas para suprir essa falta:

Anteriormente, existia uma grande ausência feminina na exposição. Durante a mediação da versão antiga, houve um esforço grande das mediadoras para demonstrar às crianças e aos adolescentes que existem cientistas mulheres. Nesses momentos, muitas crianças ficavam impressionadas e perguntavam: “Mas existem mesmo cientistas mulheres?” e a gente falava: “Sim, existem”. Na época, tinha uma mediadora negra que vestia jaleco e mediava. Então, as mediadoras passaram a fazer a mediação de jaleco para mostrar que cientistas também estão dentro do museu e também são mulheres. Era uma forma de tornar isso presente na exposição, diante dessa ausência. (Pessoa Entrevistada 2).

É possível exemplificar a invisibilidade de cientistas mulheres na antiga versão de *demasiado humano*, por meio de uma foto de Jane Goodall (Figura 40), referência nos estudos de primatologia, presente na instalação *Similaridade Genética* (retirada da exposição durante a execução do projeto de renovação). A foto não disponibilizava uma legenda com nome ou informações adicionais, dificultando a identificação da cientista e demonstrando que a representação visual pode não ser suficiente para que as práticas discursivas em museus valorizem e reconheçam, de fato, determinadas identidades e grupos.

Figura 40 – Imagem de Jane Goodall na antiga instalação *Similaridade Genética*



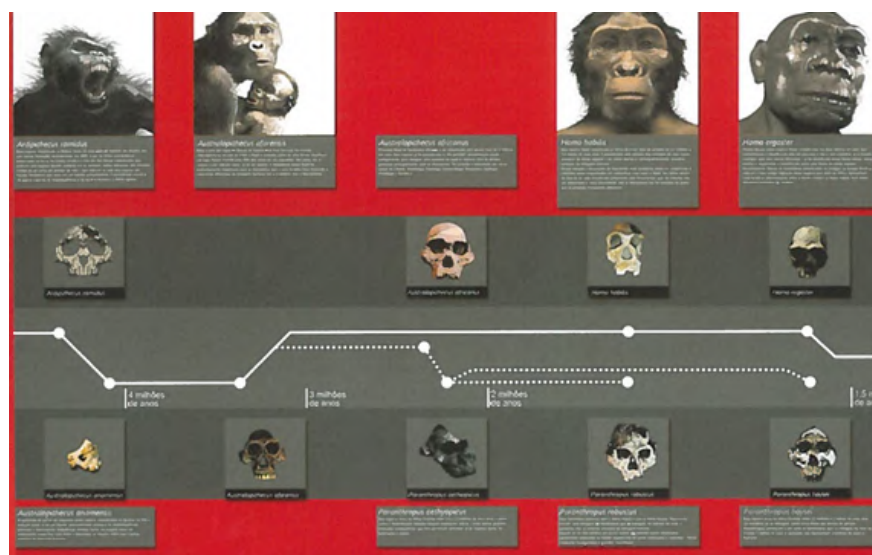
Fonte: Reprodução/Catálogo demasiado humano, 2010 (Editora UFMG)

Em seu discurso, a Pessoa Entrevistada 2 também mencionou que as representações das espécies humanas na versão inaugural da exposição eram majoritariamente masculinas, o que provocava questionamentos por parte do público quanto à presença das mulheres ao longo da história da humanidade:

Quando a gente estava passando pelas espécies humanas, quase todas as imagens eram representações masculinas. Então, essa falta aparecia durante as visitas em forma de perguntas, quando as crianças questionavam assim: “As mulheres não existiam nesse período? Quando é que as mulheres surgiram?”. E a gente respondia que as mulheres estavam presentes junto com os homens em todos esses períodos. Existiam mulheres *erectos*, mulheres *sapiens*, só que elas não estavam representadas ali. E aí as crianças perguntavam: “Por quê?”. E a gente tinha que explicar que a ciência era majoritariamente construída por homens, e que os ilustradores científicos também eram homens e faziam representações masculinas. A gente perguntava: “Lá no livro de ciências, tem mais homens ou mais mulheres?” e ouvia a resposta “Mais homens”. Então, era uma tentativa de explicar assim: “Isso é um processo da ciência, mas está mudando”. (Pessoa Entrevistada 2).

Com isso, uma das principais transformações propostas para a instalação *Árvore Humana*, que na versão anterior da exposição se chamava *Pré-história Humana*, foi a substituição das antigas imagens (Figura 41) que retratavam estereótipos bestiais e expressões ferozes e que também focavam nas representações de crânios:

Figura 41 – Imagens na antiga instalação *Pré-história Humana*



Fonte: Reprodução/Catálogo demasiado humano, 2010 (Editora UFMG)

Conforme a figura acima, é também notável que a única representação feminina (na segunda imagem, da esquerda para a direita) faz referência ao fóssil alcunhado de Lucy, pertencente à espécie *Australopithecus afarensis*, que foi encontrado nos anos 1970. A

imagem retrata Lucy segurando um bebê e suscita uma prática discursiva que reforça a ideia de que a presença da mulher, desde os primórdios da humanidade, está atrelada ao cuidado, à maternidade e à procriação da espécie.

Diante desses fatores, a versão renovada da exposição reformulou a instalação, com destaque para as novas representações visuais (Figura 42), compostas por ilustrações do paleoartista Júlio Lacerda. As imagens incluem figuras femininas¹⁰⁴, na representação de *Homo erectus*, *Homo floresiensis* e *Homo sapiens*, e propõem uma releitura artística e menos bestial das espécies humanas:

Figura 42 – Ilustrações paleontológicas na instalação *Árvore Humana*



Fonte: Imagem da autora, 2025

Para além das ilustrações, cada placa contém informações sobre as espécies e réplicas de artefatos arqueológicos, que ampliam a acessibilidade e permitem a interação tátil com a instalação. Os recursos que compõem as placas também demonstram a variedade de técnicas, habilidades, costumes e características que acompanharam a evolução humana.

Para a Pessoa Visitante 7, um aspecto que chamou sua atenção na *Árvore Humana* foi a baixa estatura de algumas espécies, como *Australopithecus africanus* que mediam de 1,15m a 1,40m e *Homo floresiensis* que tinham cerca de 1,0m de altura. A abordagem enfática do

¹⁰⁴ Apesar das ilustrações paleontológicas de figuras femininas demonstrarem uma transformação fundamental desencadeada pelo projeto de renovação da exposição, é válido ressaltar que a representação de mulheres em outras instalações ainda é menor, quando comparada às menções feitas aos homens cientistas, por exemplo.

surgimento de espécies na África e na Ásia (que como prática discursiva colabora para o deslocamento da centralidade europeia), bem como a multiplicidade dos objetos arqueológicos, também foram fatores marcantes e curiosos ao longo da visita:

Eu realmente desconhecia a evolução e é interessante ver os objetos que eram produzidos em cada etapa evolutiva do humano porque eles produziram desde os mais simples até os mais complexos. Uma coisa que também me chamou a atenção foi a altura porque eles eram bem pequenos e ao longo do tempo realmente foram crescendo. E outra coisa foi que a árvore da evolução humana está muito focada e presente na África, principalmente, e um pouco na Ásia. Eu achei isso muito interessante e era algo que eu confesso que desconhecia. (Pessoa Visitante 7).

Em relação às representações femininas na instalação, as Pessoas Visitantes 6 e 7 consideraram surpreendente, de maneira positiva, uma vez que nunca tiveram contato com imagens similares antes.

Eu acho que quando a gente fala em antepassados e em evolução, a gente sempre vê a figura do homem. Então, realmente me chamou atenção, principalmente a *floresiensis*. (Pessoa Visitante 6).

Em nossa sociedade, a prevalência masculina como figura central da evolução também foi muito reforçada pelo uso do termo “homem” para se referir à totalidade de *Homo sapiens*. Desse modo, o entendimento dos ancestrais e das espécies como uma “humanidade” contribui para que múltiplas dimensões do humano possam ser representadas. A ancestralidade, então, não é o *locus* de um passado estático, mas sim o princípio de todos os tempos, que “[...] inter-relaciona tudo o que no cosmos existe” (Martins, 2021, p. 42). É também o que nos guia em direção à diversidade:

[...] ancestralidade é luta pela democracia e emancipação não somente do povo preto, mas de todos os corpos que são marginalizados, discriminados e desumanizados. É também o reconhecimento de quem veio antes e a capacidade que temos, de forma lúcida, de pensar novas possibilidades de vida e um novo projeto de nação. Por fim, todos temos ancestralidade na medida em que somos um corpo que carrega memórias de vidas na pele. (Correia, 2025, p. 111).

A partir das informações de *Árvore Humana*, o visitante pode compreender que, entre três e quatro milhões de anos atrás, *Australopithecus afarensis* já andavam em postura ereta plena. Por sua vez, *Homo erectus* já manejavam o fogo há 1,9 milhões de anos e *Homo heidelbergensis* já produziam artefatos complexos e praticavam ritos funerários há cerca de 400 mil anos. Assim, ciente de que os ancestrais possuem inúmeras semelhanças com *Homo sapiens*, o discurso da instalação finaliza com um ato de fala questionador que provoca o público a pensar: “o que nos faz humanas e humanos?”.

Nessa árvore humana, a postura ereta, de pé sobre as pernas, é bem mais antiga do que o crescimento do cérebro e da cabeça. Outras características que poderíamos considerar definidoras da humanidade, como cuidado mútuo, vida social complexa e fabricação de instrumentos, estão presentes também em outras espécies, inclusive outros animais. Podemos pensar: o que nos faz humanas e humanos?¹⁰⁵

Segundo a Pessoa Visitante 5, a instalação a fez refletir sobre o conhecimento produzido pelas espécies ao longo de sua evolução, por meio dos recursos e repertórios que tinham disponíveis e de suas necessidades, bem como sobre a quebra do ser humano como sujeito universal:

Esse conhecimento produzido ao longo do tempo também foi utilizado para oprimir e colonizar. Mesmo construindo e descobrindo tantas coisas, o ser humano invisibiliza constantemente o que considera diferente. Na área de psicologia que eu estudo, é muito recorrente abordarmos como os animais têm muito conhecimento, cognição e percepções complexas, por exemplo. Só que mesmo diante de tudo isso, o ser humano sempre se coloca no centro. (Pessoa Visitante 5).

Ao ponderar que a noção de humanidade na concepção da ciência moderna ocidental também deriva do projeto do colonialismo, que considerava determinadas pessoas mais humanas do que outras, as representações reverberadas pela sociedade constroem imaginários sobre quem pode ser designado como parte da humanidade.

Com isso, a multiplicidade que acompanhou a trajetória evolutiva nos leva a pensar o que define o ser humano. Poderiam ser as características biológicas ou cognitivas? A razão, as linguagens e os regimes de pensamento que nos cercam? Ou o conjunto desses fatores (nem sempre restritos ao *Homo sapiens*), sustentado por fundamentos ideológicos que permeiam o que julgamos essencial para a nossa espécie?

Em meio a um discurso que suscita possibilidades de interpretação repletas de questões e deslocamentos, a instalação *Árvore Humana* contribui para que o museu possa ampliar imaginários e ideias sobre a humanidade e o seu vasto repertório sociocultural, a partir da aproximação com a dimensão da ancestralidade.

4.3.3 Território

A comunhão entre todos os seres e os elementos vitais, a partir de uma lógica em que tudo o que produzimos é fruto da energia orgânica e a ela deve retornar (Santos, 2015), é o que Nêgo Bispo chama de biointeração. As relações biointerativas com a Terra indicam um movimento oposto à cosmofofia, responsável pelo “[...] sistema cruel de armazenamento, de

¹⁰⁵ Trecho do texto plotado na instalação *Árvore Humana*, da exposição *demasiado humano*.

desconexão, de expropriação e de extração desnecessária” (*idem*, 2023, p. 27), e aos fundamentos coloniais, eurocêntricos e monoteístas do desenvolvimento sustentável.

Isso porque as sociedades desconectadas do cosmos produzem objetos sintéticos e os reutilizam com o objetivo de alcançar “[...] finalidades não planejadas no seu processo de fabricação e/ou reciclá-los para a produção de novos objetos também sintéticos” (*idem*, 2015, p. 98). No entanto, os povos envolvidos com o planeta buscam a reedição da natureza (*ibidem*), por meio de processos orgânicos que reintegram e regeneram os recursos naturais no próprio ambiente em que foram extraídos, fortalecendo outras espécies e seres. Conforme Martins (2021, p. 109), “[...] o que se retira da natureza deve ser respeitado e repostado, numa relação de correspondências, de mútua troca de substâncias, energias e insumos que garantem não apenas a sobrevivência alimentar, mas a própria possibilidade plena da existência cósmica”.

Frente a um comportamento humano que se considera capaz de viver apartado das relações socioambientais que compõem o planeta (Lima *et al.*, 2024b), a exposição *demasiado humano*, em seus módulos *Modos de Existir* e *Sonhar a Terra*, localizados no terceiro andar do museu, versa sobre formas de confluir, biointeragir, respeitar e se reconhecer como parte do cosmos e dos seres que o habitam. Essa abordagem foi guiada pelas epistemologias afro-indígenas e pelo pensamento contracolonial de Nêgo Bispo e Ailton Krenak, que foram fundamentais para que a equipe do museu pudesse expandir percepções sobre a exposição.

As Pessoas Entrevistadas 3 e 4 afirmaram que, inicialmente, houve um receio de que o intuito de não substituir ou não construir uma nova exposição tivesse que ser reformulado para que fosse possível dialogar com o pensamento de Bispo e Krenak. Entretanto, a ideia apresentada por eles foi a de manter as narrativas que a exposição já abarcava, mas também acrescentar histórias, percepções e questionamentos que pudessem evidenciar os modos de vida e os conhecimentos dos povos afro-indígenas. Dessa forma, a colaboração de ambos, de acordo com a Pessoa Entrevistada 3, desencadeou uma nova perspectiva para todos os profissionais envolvidos no projeto de renovação, demonstrando ser possível integrar reflexões diversas, sem eliminar o que já existia na exposição.

Cabe notar que a preocupação inicial da equipe estava enraizada em uma dicotomia que foi recontextualizada a partir da escuta, do reconhecimento e da colaboração com as ideias integrativas e circulares das confluências afro-indígenas:

A princípio, eu imaginei que, para trazer o pensamento colonial, a gente teria que mudar a proposta e acabar tirando o que já havia na exposição, mas quando a gente recebeu o Nêgo Bispo foi muito interessante a maneira com que ele foi lendo a exposição junto com a equipe. A gente fez uma visita mediada e ele disse “tudo isso

aqui que vocês estão apresentando é isso mesmo, é a forma como os brancos vêem o mundo. A gente não tem que tirar isso aqui, a gente tem é que acrescentar diferentes leituras”. Então, tanto o Bispo quanto o Ailton [Krenak] não vieram com uma ideia de apagar ou substituir toda a exposição. A ideia deles era somar mais uma camada de conteúdo e de reflexão para as pessoas visitantes. Foi um processo muito rico desde o início e de grande aprendizado para mim e para a equipe toda. (Pessoa Entrevistada 4).

A partir da superação dessa noção dicotômica que afasta o conhecimento acadêmico das matrizes africanas, afro-diaspóricas e originárias, os diálogos com Nêgo Bispo e Ailton Krenak também ecoaram na prática social e profissional da equipe do Espaço do Conhecimento quanto às experiências nos ambientes museais em geral. Ao considerar que o museu é a “capelinha da ciência”, conforme relato da Pessoa Entrevistada 5, Krenak deslocou o pedestal historicamente associado pelos museus ocidentais ao conhecimento científico e propôs uma reflexão crítica sobre tais instituições:

Os encontros com o Nêgo Bispo e depois com o Ailton Krenak reverberaram na renovação e também foram uma oportunidade de aprender muito e compreender outras visões de mundo de uma forma mais profunda. A contribuição do Ailton, por exemplo, foi muito voltada para questionar esse lugar da verdade na ciência e questionar os próprios museus enquanto instituições. Ele até chamou o museu de “capelinha da ciência”, o que foi uma provocação muito legal e que realmente nos fez pensar qual é o nosso papel e o nosso impacto no público. Então, eu acho que ampliou o nosso cuidado na atuação profissional, com o que a gente está apresentando, como está sendo apresentado e como podemos fazer com que esse espaço museal e expositivo não seja um espaço sagrado. Também foi uma forma de pensar em outras experiências no museu, que não se resumem a estar em silêncio com a mão para trás, sem poder tocar em nada. Eu acho que a gente tenta romper um pouquinho com isso e provocar interações e experiências mais corpóreas. (Pessoa Entrevistada 5).

Já a visita de Nêgo Bispo à *demasiado humano*, ainda segundo a Pessoa Entrevistada 5, levantou a importância de trazer pensamentos, pessoas e perspectivas diversas para o museu, o que, após o projeto de renovação, ocorreu com veemência na instalação *Roça Mãe do Mundo* (Figura 43), que integra o módulo *Sonhar a Terra*, no terceiro andar do Espaço do Conhecimento.

Figura 43 – Instalação *Roça Mãe do Mundo*

Fonte: Imagem da autora, 2025

A instalação apresenta a roça como uma “miniatura do mundo envolvido”¹⁰⁶, que “compõe com as pessoas, as plantas, os animais e os espíritos, a simbiose com a Terra”¹⁰⁷. Ao longo do texto, a ideia de envolvimento volta a se repetir, por meio do enunciado: “desde o preparo do solo, o plantio, até a colheita e o descanso da terra, homens, mulheres e crianças interagem com os seres da roça envolvidos no movimento de produzir alimento, criar pessoas, manter a vida e sonhar a terra”¹⁰⁸. Logo, o discurso suscita características que marcam os modos de vida nas roças, como o respeito pela natureza e a convivência entre humanos e seres diversos.

Apesar de mencionar que “agricultores indígenas, quilombolas, do cerrado, de várzeas, de terras firmes e também dos enclaves urbanos tratam a roça com respeito e gratidão”¹⁰⁹, indicando a sua importância para diferentes povos em múltiplos locais, os elementos textuais da instalação não se aprofundam na diversidade das roças em relação aos aspectos geográficos, culturais e até mesmo agrícolas, como no caso das roças-florestas indígenas, que existem nesses territórios ao redor do Brasil. Esse é um fator que chama atenção, uma vez que, no cotidiano, a palavra “roça” também pode estar associada a um caráter pejorativo e depreciativo. A instalação, portanto, apresenta uma lacuna ao não evidenciar a complexidade da vida nas roças e ao não evitar a homogeneização de

¹⁰⁶ Trecho do texto plotado na instalação *Roça Mãe do Mundo*, da exposição *demasiado humano*.

¹⁰⁷ Trecho do texto plotado na instalação *Roça Mãe do Mundo*, da exposição *demasiado humano*.

¹⁰⁸ Trecho do texto plotado na instalação *Roça Mãe do Mundo*, da exposição *demasiado humano*.

¹⁰⁹ Trecho do texto plotado na instalação *Roça Mãe do Mundo*, da exposição *demasiado humano*.

experiências, deixando de ampliar o contato dos públicos com a pluralidade dessas comunidades.

O texto de *Roça Mãe do Mundo* finaliza com uma menção à confluência afro-indígena, que fortalece a biointeração por meio de seus modos de plantio e uso dos recursos naturais, e mais uma vez destaca a presença das roças em diferentes territórios que abrigam inúmeras espécies de plantas e vegetais:

Cada espécie tem usos e modos de plantio que compõem ricas enciclopédias vividas nas florestas, várzeas, terras-firmes e quintais. A roça é mãe do mundo e nos convida a evocar a paixão pelo que a confluência afro-indígena produziu, produz e produzirá, a partir da terra e com ela, nas aldeias, nos quilombos e nas cidades.¹¹⁰

É válido ressaltar, que os recursos textuais da instalação não contam com atos de fala interrogativos, como os das instalações analisadas nas categorias anteriores. Ao invés disso, os enunciados são construídos de maneira mais afirmativa e descritiva, buscando criar uma ambientação sobre as roças, e utilizam analogias (como é o caso das frases “a roça é uma miniatura do mundo envolvido” e “compõem ricas enciclopédias vividas”). No que tange outros recursos disponíveis em *Roça Mãe do Mundo*, é possível citar objetos como tamboretas, um tipiti de palha e um pau de chuva (ambos do povo Tikuna).

No quesito audiovisual, a instalação inclui um vídeo-animação, intitulado *Puk hep mîmâti yôg hemén - Mel, remédio da floresta*, sobre o Projeto Socioambiental Hâmhi Terra Viva¹¹¹, que visa formar agentes agroflorestais e contribuir para o reflorestamento e a recuperação ambiental. Há, ainda, um vídeo com um depoimento de Nêgo Bispo, durante sua visita ao Espaço do Conhecimento em maio de 2023. Outro interessante aspecto está localizado no rodapé que se estende por toda a parede, onde foram plotados nomes de diversos vegetais, plantas, grãos e frutas (Figura 44). Em seu discurso, portanto, a instalação também utiliza os recursos verbo-visuais de forma lúdica para fazer uma conexão com o cultivo das roças e com os alimentos que provêm da terra.

¹¹⁰ Trecho do texto plotado na instalação *Roça Mãe do Mundo*, da exposição *demasiado humano*.

¹¹¹ Mais informações: <https://www.hamhi.org/o-projeto>. Acesso em: 21 dez. 2025.

Figura 44 – Tipiti Tikuna, tamboretas, vídeo de Nêgo Bispo e plotagens no rodapé



Fonte: Imagem da autora, 2025

Por meio de áudios que entoam cantos, tecidos suspensos (Figura 45), obras que entrelaçam dimensões de gênero e território, como os bordados das Comunidades das Mulheres da Ponte e do Quilombo do Curtume, e um tehê¹¹² (Figura 46) de Liça Pataxoop, a instalação cria um ambiente lúdico, sensorial e colorido.

Figuras 45 e 46 – À esquerda, os tecidos suspensos. À direita, o tehê de Liça Pataxoop



Fonte: Imagens da autora, 2025

¹¹² O tehê é um instrumento de pescaria, que também tem sido trabalhado por Liça Pataxoop como um instrumento pedagógico que “pesca” conhecimento, por meio de desenhos-narrativas que permitem que as crianças conheçam valores relacionados à vida, natureza, cultura, força e identidade de seu povo. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/noticia/teheys-povo-pataxoop-exposicao-mundos-indigenas/>. Acesso em: 21 dez. 2025.

Tal disposição de elementos permite que o público interaja com o espaço expositivo de diferentes maneiras, seja caminhando entre ou ao redor dos tecidos, ou observando o que há do outro lado através dos panos translúcidos. Para a Pessoa Visitante 9, esse foi um ponto muito positivo, já que os recursos visuais são chamativos e proporcionam uma sensação imersiva na instalação. Já a Pessoa Visitante 8 afirmou que sua experiência em *Roça Mãe do Mundo* poderia ser definida pelas palavras riqueza cultural e interatividade.

Nesse sentido, a instalação reforça que o conhecimento também pode ser pensado por meio da arte, da cultura e do território, como uma lente criativa e inventiva que calibra perspectivas mais integrativas sobre o mundo:

Disseram-nos que a poesia expressa o que sentimos, e a teoria afirma o que sabemos; [...] que a poesia tem alma e a teoria tem mente, e que precisamos escolher entre elas. A estrutura do patriarcado branco ocidental exige que acreditemos na existência de um conflito inerente entre o que sentimos e o que pensamos - entre a poesia e a teoria. É mais fácil que nos controlem quando uma parte do nosso eu é separada da outra, fragmentada e sem equilíbrio. Contudo, existem outras configurações, outras formas de experimentar o mundo, ainda que seja difícil nomeá-las. Podemos senti-las e procurar articulá-las. (Bereano, 2019, p. 4).

Na exposição, o impulso para que a dicotomia entre arte e teoria pudesse ser confrontada veio também dos encontros que a equipe teve com Nêgo Bispo e Ailton Krenak. De acordo a Pessoa Entrevistada 2, os profissionais do Espaço do Conhecimento foram motivados a pensar além do conteúdo científico e do viés conceitual, que pode ser combinado com múltiplas formas de expressão em uma exposição museal:

As contribuições dos dois convidaram a gente a pensar a exposição de uma forma muito mais humana inclusive, sabe? Eu acho que eles mostraram como a gente estava pensando muito em conteúdo e pouco em experiência. Eu lembro do Nêgo Bispo falar assim: “tem pouco som aqui, precisa ter pássaro, precisa ter água”, e isso é muito o que eu acredito que uma exposição tem que ter. Mais experiência, mais imagem, mais tato, mais cheiro e mais sentidos. Então, eu acho que a gente conseguiu pensar mais sobre a exposição pelo viés da experiência e dessa convocação para a natureza, o visual e o artístico. Isso era uma coisa que a gente não pensava tanto antes porque a exposição era muito mais conteudista do que é hoje. Mas é possível transformar o conteúdo científico em algo mais sensorial e lúdico, e eu acho que os ensinamentos do Nêgo Bispo e do Ailton Krenak deixaram isso com a gente. (Pessoa Entrevistada 2).

Como reforçado pela Pessoa Entrevistada 1, o museu tomou para si a missão de continuar reverberando as confluências afro-indígenas semeadas por Bispo e Krenak, seja por meio da exposição, ou em eventos, divulgações e ações externas:

Eu acho que a presença de Bispo e Krenak teve um impacto muito grande nessa renovação. Isso pode ficar mais evidente no terceiro andar, com *Modos de Existir* e *Sonhar a Terra*, mas muitas práticas da equipe foram reestruturadas e eu acho que

agora a gente tem o trabalho de continuar, digamos, essa missão deles. Assim como um mestre ensina para o seu aprendiz e o aprendiz repassa, e assim consecutivamente. Para além da exposição, essas reverberações se manifestam nos eventos que fazemos, nos congressos que participamos, e até na maneira com que o museu divulga a exposição e outras atividades. Então, tem esse impacto intenso que vem da presença e da colaboração com os dois. (Pessoa Entrevistada 1).

No que tange às concepções científicas, a Pessoa Entrevistada 2 considerou que *Roça Mãe do Mundo*, bem como o conjunto de instalações no terceiro andar do museu, pensam a ciência em uma perspectiva cultural, a partir de diferentes povos e seres. De maneira similar, as Pessoas Entrevistadas 1 e 4 afirmaram que os módulos *Modos de Existir* e *Sonhar a Terra*, sobretudo em comparação com o módulo *Pensar as Origens* no quarto andar, apresentam o conhecimento científico de forma bem menos similar ao ambiente escolar, se voltando para mensagens e experiências potentes que se relacionam com a diversidade de territórios, religiões e linguagens.

A Pessoa Entrevistada 3 trouxe uma perspectiva complementar de que o terceiro andar propicia uma quebra com a questão da ciência ocidental, buscando valorizar percepções afro-indígenas com as quais as pessoas costumam ter pouco contato. Já a Pessoa Entrevistada 6 disse que há uma concepção que extrapola a ideia da ciência moderna colonial, ocidental, europeia e branca, mostrando que é possível produzir conhecimento a partir de outros mecanismos e matrizes.

Tais percepções da equipe se assemelham às das pessoas visitantes que foram entrevistadas. Isso porque as Pessoas Visitantes 8 e 9 destacaram que a instalação aborda a ciência por meio de diferentes culturas, que abrangem tanto o presente quanto os ancestrais e o futuro. A Pessoa Visitante 9 também acrescentou que muitas pessoas estão acostumadas a associar a ciência apenas a átomos, biologia, física e áreas correlatas, quando, na verdade, a produção de saberes é muito mais do que isso e abrange as matrizes afro-indígenas e os conhecimentos marginalizados que foram evocados pela instalação.

A estrutura de *Roça Mãe do Mundo* segue com plotagens de citações de Nêgo Bispo, Iyá Ewé Angela Gomes, doutora em geografia, com ênfase em etnobotânica negro-africana, e Darupü'üna, artista e ativista do povo Tikuna. É válido ressaltar que as citações não acompanham contextualizações, ainda que mínimas, sobre a trajetória de vida ou o trabalho dessas três pessoas - apenas o nome é mencionado -, deixando em aberto questões sobre os sujeitos aos quais a exposição se refere.

Assim, a instalação pressupõe que o visitante já tenha um conhecimento prévio, a partir de materiais complementares da versão renovada de *demasiado humano*, como o catálogo, ou de conteúdos externos à exposição. Pontuamos, ainda, que essa ausência faz com

que a instalação desenraíze saberes vinculados ao território, ao repertório cultural e à ancestralidade, invisibilizando até mesmo a atuação e a formação dessas pessoas (características que, contraditoriamente, são muito valorizadas e quase inseparáveis da própria identidade dos sujeitos nas sociedades ocidentais e em suas instituições).

As três citações se debruçam sobre a natureza como expressão da vida e de conexões cosmológicas resgatadas, preservadas e respeitadas pelas comunidades afro-diaspóricas e originárias. O trecho de Bispo provoca reflexões sobre a colonização no Brasil e a resistência das confluências afro-indígenas: “nos trouxeram de forma forçada para cá, mas também houve uma contribuição do cosmos. Nós transfluímos pelos elementos da natureza, pelas cosmologias e, ao chegarmos aqui, exatamente por essa língua cosmológica, nós e os indígenas nos entendemos”¹¹³.

Já a citação de Darupü’üna aponta para o crescente desequilíbrio ambiental do planeta: “todos os seres humanos que estão neste planeta dependem da nossa Mãe Terra de pé. Se ela for destruída como está sendo, será uma destruição fatal: não haverá mais as medicinas da Terra, a troca de saberes, a continuação das futuras gerações”¹¹⁴. Por fim, Iyá Ewé Angela Gomes amplia a discussão na direção da fé, enquanto um dos fundamentos que sustenta cosmopercepções historicamente resistentes à hegemonia eurocêntrica de dominação cultural e ambiental engendrada pela colonização: “a monocultura, a homogeneização cultural, a dominação cultural eurocêntrica reduzem a diversidade viva, e nós temos como premissa a ampliação da vida. Por isso, a saúde ambiental do Candomblé é uma possibilidade planetária”¹¹⁵.

Com isso, as citações complementam o discurso de *Roça Mãe do Mundo* e entrelaçam, no alicerce da dimensão de território, a religião e os modos de vida envolvidos com o cosmos, a partir de um

[...] potencial criativo, através da arte e da espiritualidade, que produz formas outras de tempo e de espaço que transgridem a concepção monológica de que a “descoberta” é o ponto zero temporal bem como a concepção espacial globalizada que uniu Europa e América, sob a hegemonia da primeira, desde os tempos da Colonização (Carvalho, 2024, p. 42).

É também no território que se manifestam as performances corporais e orais fundamentais para a “[...] inscrição das experiências de temporalidade e para sua elaboração epistêmica” (Martins, 2021, p. 32). Ao contrário da concepção excludente, associada à “[...] falsa dicotomia entre a oralidade e a escrita, enfatizada pelo Ocidente, que prioriza a

¹¹³ Trecho da citação de Antônio Bispo dos Santos, plotada na instalação *Roça Mãe do Mundo*.

¹¹⁴ Trecho da citação de Darupü’üna, plotada na instalação *Roça Mãe do Mundo*.

¹¹⁵ Trecho da citação de Iyá Ewé Angela Gomes, plotada na instalação *Roça Mãe do Mundo*.

linguagem discursiva escrita como modo exclusivo e privilegiado de postulação e expansão do conhecimento” (*ibidem*, p. 32), a oralidade e a corporeidade constituem maneiras históricas de reinvenção, afirmação e memorização de saberes e culturas.

Enquanto forma de defesa contra os mecanismos coloniais de dominação, Nêgo Bispo evidencia a prática de contrariar as palavras dos colonizadores com o objetivo de enfraquecê-las (Santos, 2023). Para extenuar os saberes sintéticos, semeia-se os saberes orgânicos e o mesmo acontece entre a colonização e a contracolônização, a coincidência e a confluência, o desenvolvimento e o envolvimento (*ibidem*). Assim, a palavra tem poder (Martins, 2021) e a comunicação verbal também se torna espaço de resistência e afirmação política dos modos de existir no mundo.

De maneira similar, é possível citar os termos amefricanidade e pretuguês, ambos cunhados por Lélia Gonzalez (2020), com a intenção de abordar a presença africana na língua portuguesa e na fundação cultural do continente americano. Como elucidada Alves-Brito (2021a, p. 26), práticas discursivas como essas contribuem para que seja possível recuperar cosmopercepções que não são excludentes e contribuir “[...] para a (des)construção subjetiva, institucional e estrutural de nossos sistemas opressores de produção de conhecimento”.

Nesse contexto, a Pessoa Visitante 8 contou durante a entrevista que nunca havia visto algo similar à *Roça Mãe do Mundo* em um museu, sobretudo no que diz respeito à presença dos povos afro-diaspóricos e indígenas.

Eu definiria a instalação como a riqueza escondida dentro do nosso país e do nosso mundo. Espero que as pessoas busquem se aprofundar cada vez mais porque é muita cultura e muita coisa linda que a gente nem imagina. E nos faz ter vontade de trazer nossos sobrinhos ou nossos netos para ver tudo isso também. É muito legal. (Pessoa Visitante 8).

Tomando a instalação como ponto de partida para nos aprofundarmos na compreensão das roças, é possível considerá-las como territórios de comunidades e relações plurais, bem como de resistência e defesa por direitos territoriais que não são garantidos e que demandam lutas constantes. São, ainda, os locais que semeiam o cultivo de plantas e que também germinam possibilidades para a criação de novas realidades e mundos possíveis que não sejam baseados na violência da colonialidade, no capitalismo acelerado e na cosmofobia. Como questiona Iyá Ewé Angela Gomes, “se não respeitarmos a vida, se não soubermos defender a vida, o que será de nós?”¹¹⁶.

O território indica formas plurais de produzir conhecimento e de abrigar na educação “[...] o pensamento de que tudo à natureza se liga, de que tudo nela se transfere, pois dela

¹¹⁶ Trecho da citação de Iyá Ewé Angela Gomes, plotada na instalação *Roça Mãe do Mundo*.

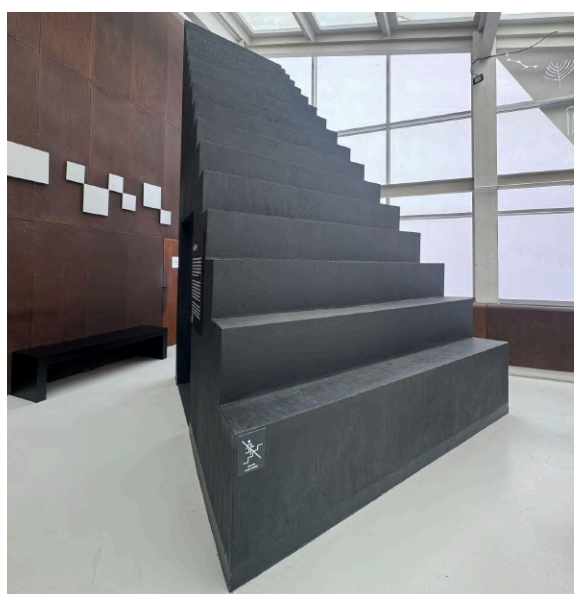
advêm alimentos e remédios, aromas curativos, os incensos, os perfumes, os lumes e todos os sabores. A relação com a natureza é, assim, também uma postura ética” (Martins, 2021, p. 108). Em contextos de emergências climáticas, conflitos e catástrofes, o reconhecimento e a valorização das confluências afro-indígenas se tornam cada vez mais fundamentais e os diálogos epistemológicos, ainda que desafiadores, se tornam inevitáveis.

4.3.4 Humano

No conto *O Aleph*, do escritor argentino Jorge Luis Borges, o autor-personagem Borges recebe a notícia de que a casa onde vivia sua falecida amada Beatriz Viterbo será demolida e que o porão da residência esconde um segredo: há um objeto que abarca simultaneamente todos os lugares e coisas do mundo. Esse objeto, cujo nome é Aleph, se localiza no décimo nono degrau da escada do porão, tem a forma de uma pequena esfera furta-cor e é “[...] um dos pontos no espaço que contém todos os outros pontos”¹¹⁷ (Borges, 1971, p. 10, tradução nossa), permitindo que tudo o que existe, existiu e existirá possa ser visto de cada ângulo do universo.

A obra de Borges, a partir da trama brevemente descrita acima, é a inspiração para a instalação homônima (Figura 47) que abre a exposição *demasiado humano*, por meio de uma grande escada no quinto andar do Espaço do Conhecimento:

Figura 47 – Instalação *O Aleph*



Fonte: Imagem da autora, 2025

¹¹⁷ No original: “[...] is one of the points in space that contains all other points”.

Para a Pessoa Visitante 3 os aspectos mais chamativos na instalação foram o tamanho e a singularidade que envolve a escada de cor sóbria, posicionada no canto do andar. Durante a entrevista, a Pessoa Visitante 3 também relatou que, se não tivesse recebido a orientação da mediadora na entrada do quinto andar, não seria possível compreender que a instalação dá início e faz parte da exposição *demasiado humano*. Assim, *O Aleph* surpreende, com uma forma enigmática e intrigante, mas não faz indicações diretas à exposição, o que demanda uma posição ativa da equipe de mediação para evitar confusões quanto à disposição do andar, que também conta com outras atrações (como o Planetário, o Terraço Astronômico e, ocasionalmente, exposições de curta duração) que não fazem parte de *demasiado humano*.

De modo correlato, a Pessoa Visitante 4 considerou que o tamanho e a estrutura d'*O Aleph* chamaram sua atenção por proporcionarem uma experiência visual atrativa, quase cênica e dramática, sem recorrer às telas. As características descritas por ambas as pessoas entrevistadas remetem a uma das noções da concepção inaugural da exposição (conforme abordado no capítulo anterior), orientada pela busca de uma experiência que pudesse traduzir o conhecimento científico a partir da linguagem estética (Portal UFMG; Kauark-Leite, 2010).

Em relação à estrutura, a parte da frente da escada conta com uma pequena sinalização, indicando que é proibido subir os degraus. Já a lateral (Figura 48) revela uma parte interna, na qual o visitante pode adentrar a instalação e ter acesso a conteúdos textuais e visuais relacionados à obra ficcional de Borges.

Figura 48 – Lateral da instalação *O Aleph*

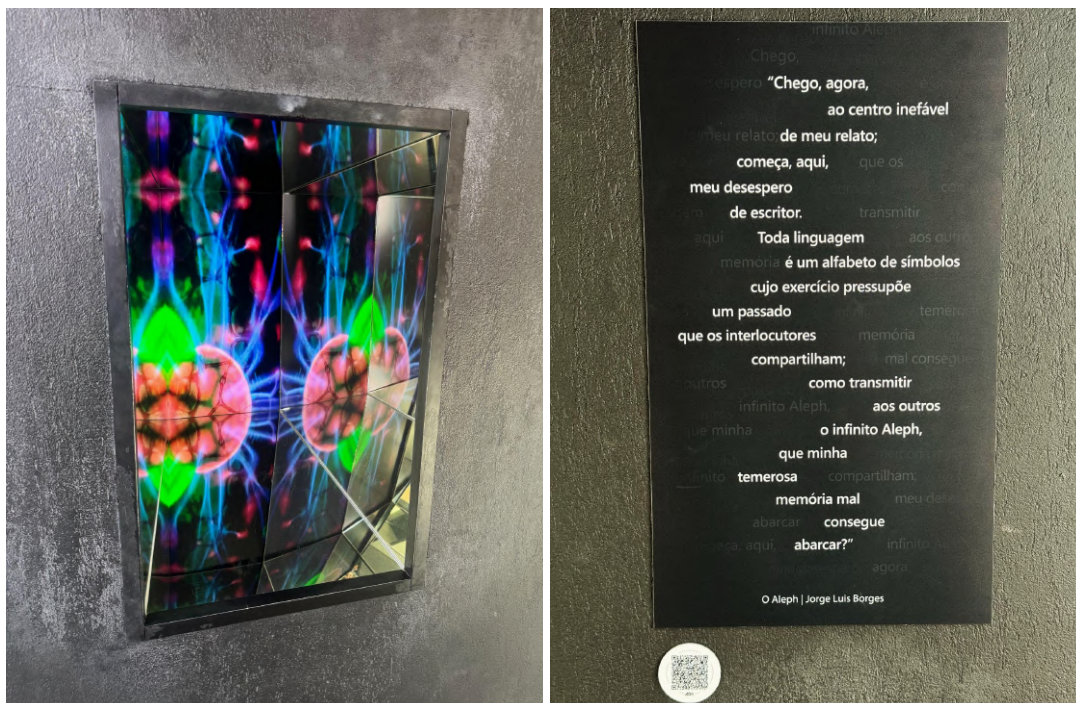


Fonte: Imagem da autora, 2025

O texto presente na placa externa da escada afirma que “embora à primeira vista o conto pareça sugerir um elogio à busca incessante pelo conhecimento, O Aleph pode ser interpretado como uma reflexão sobre a memória, a simultaneidade e a infinitude de perspectivas de conhecimento”¹¹⁸. Desse modo, o discurso da instalação apresenta uma leitura crítica sobre a possibilidade de compreender o universo em sua totalidade, direcionando a discussão para outros aspectos suscitados pelo conto, como as múltiplas interpretações possíveis, que formam um prisma único para cada coisa, lugar e pessoa que conhecemos ao longo da vida.

O caráter simultâneo e a justaposição dos vertiginosos espetáculos (Borges, 1971) contidos no Aleph também são reforçados por meio de um vídeo (Figura 49) na parte interna da instalação, disposto ao redor de espelhos, que faz referência à “pequena esfera fantástica que daria acesso a todo o conhecimento”¹¹⁹. Do lado oposto, uma placa (Figura 50) exhibe um trecho retirado do conto de Borges, com palavras que se repetem, compondo uma espiral em alusão à forma caleidoscópica das incomensuráveis dimensões do universo.

Figuras 49 e 50 – À esquerda, o vídeo rodeado por espelhos. À direita, a placa interna



Fonte: Imagens da autora, 2025

¹¹⁸ Trecho do texto presente na instalação *O Aleph*, da exposição *demasiado humano*.

¹¹⁹ Trecho do texto presente na instalação *O Aleph*, da exposição *demasiado humano*.

Cabe ressaltar que, durante a rodada de entrevistas-teste, o vídeo foi descrito pelas pessoas visitantes como um elemento positivo, atrativo, abstrato e psicodélico. Ao longo das entrevistas, também foi possível notar que as práticas discursivas da instalação, na perspectiva da ACD de Fairclough (2001), estabelecem uma intertextualidade com fragmentos do conto *O Aleph*, fazendo com que o público visitante possa interagir com elementos distintos da história ou apreender mais detalhes, quanto maior for a familiaridade com a obra, como é o caso da análise empreendida nesta seção.

Já o trecho escolhido para compor a instalação, na placa interna, evidencia que o conto de Borges se aproxima dos limites da memória e da linguagem:

Chego agora ao centro inefável de meu relato; começa aqui, meu desespero de escritor. Toda linguagem é um alfabeto de símbolos cujo exercício pressupõe um passado que os interlocutores compartilham; como transmitir aos outros o infinito Aleph, que minha temerosa memória mal consegue abarcar?¹²⁰

Assim, o conto propõe uma reflexão sobre as limitações humanas diante da busca pelo conhecimento e constrói uma narrativa que é contraditória em si mesma: o autor-personagem tenta contar uma história impossível, já que “[...] qualquer enumeração de um conjunto infinito está fadado a ser infinitesimal”¹²¹ (Borges, 1971, p. 13, tradução nossa), e o leitor não pode compreendê-la porque não compartilha da realidade contida no Aleph.

Mantendo sua lógica contrastante, o narrador afirma que, apesar de ter contemplado tantas coisas simultâneas, sua escrita será sucessiva porque a linguagem assim é (*ibidem*), e conta que a completude do Aleph o fez sentir uma infinita admiração e uma infinita lástima (*ibidem*). A ambivalência dessa rara experiência também se manifesta no trecho que encerra o conto:

Na rua, descendo as escadas da Estación Constitución, andando de metrô, cada um dos rostos parecia-me familiar. Tive medo de que nada mais na Terra fosse voltar a me surpreender; tive medo de que nunca mais estivesse livre de tudo o que tinha visto. Felizmente, depois de algumas noites sem dormir, fui visitado mais uma vez pelo esquecimento.¹²² (*ibidem*, p. 15, tradução nossa).

Mesmo após ter visto o universo inteiro, em suas dimensões de passado, presente e futuro, e ter encontrado todos os saberes do mundo, Borges não se sente completo ou satisfeito. Isso porque é o desconhecido que fascina e move o ser humano. O esquecimento,

¹²⁰ Trecho do conto de Jorge Luis Borges, presente na instalação *O Aleph*.

¹²¹ No original “[...] any listing of an endless series is doomed to be infinitesimal”.

¹²² No original “Out on the street, going down the stairways inside Constitution Station, riding the subway, every one of the faces seemed familiar to me. I was afraid that not a single thing on earth would ever again surprise me; I was afraid I would never again be free of all I had seen. Happily, after a few sleepless nights, I was visited once more by oblivion”.

então, se torna motivo de alívio para o autor-personagem, que recupera a liberdade de se surpreender e descobrir coisas novas.

Esse caráter contraditório também foi manifestado pela Pessoa Visitante 3, em sua interpretação da instalação, ao relatar que a escada é um objeto cotidiano, mas que está exposto no museu de uma maneira que não parece feita para humanos:

Eu definiria o tema dessa instalação como “obstáculo”. A altura dos degraus mais próximos do chão passa uma sensação de que é muito difícil subir essa escada, ou que você sobe, sobe, sobe e não chega ao fim. Então, essa escada é um objeto que os humanos usam, mas, ao mesmo tempo, parece que não foi feita para humanos. E dá para fazer uma relação disso com o próprio conhecimento porque no começo parece tudo muito difícil, mas à medida que você vai passando de um degrau para o outro, o aprendizado também vai se tornando parte da nossa rotina. (Pessoa Visitante 3).

Logo, consideramos que a contradição presente no conto e, conseqüentemente, na instalação é também uma característica intrínseca à humanidade. As criações, decisões e convicções do ser humano se fundamentam na ambivalência e são motivadas pela descoberta, que também nos leva a subir grandes escadas e superar obstáculos. Apesar das dificuldades, ou ainda que o esquecimento, o fracasso ou mais dúvidas nos esperem após o esforço, a busca pelo conhecimento é incessante e profundamente humana.

A seguir, apresentamos uma tabela que sintetiza o que as pessoas entrevistadas (membros da equipe do Espaço do Conhecimento e visitantes) consideram como um saber “demasiado humano”:

Quadro 6 – Respostas das pessoas entrevistadas para a pergunta: o que você considera como um saber “demasiado humano”?

Equipe do Espaço do Conhecimento	
Pessoa Entrevistada 1	“Pra mim, o nome da exposição e essa ideia de "demasiado humano" remete ao ônus e ao bônus de ser humano. Isso traz também a questão de perspectiva, principalmente com o pensamento do Bispo e do Krenak, porque tudo o que a gente pode pensar e construir é demasiado humano, mas tudo o que a gente pode destruir também é demasiado humano. Então, acho que um saber demasiado humano tem esse ônus e bônus”.

Pessoa Entrevistada 2	<p>“Eu acredito que um saber "demasiado humano" é uma multiplicidade de saberes, conhecimentos e vivências. É também um conjunto de vozes e formas de viver e estar no mundo. E a exposição traz essa reflexão: "Como eu estou no mundo? O que eu quero fazer aqui? Será que eu quero viver nesse mundo mesmo? Ou eu quero transformar essa realidade e aprender com os modos de vida indígenas e quilombolas?" Isso nos leva à curiosidade e ao pensamento crítico”.</p>
Pessoa Entrevistada 3	<p>“Eu interpreto "demasiado humano" como a inquietude e o questionamento do ser humano frente ao mundo e ao universo, sempre buscando entendê-los. Então, acho que a exposição mostra que a gente sempre se questiona: "O que eu estou fazendo aqui? De onde eu vim? Para onde eu vou?" e também tenta despertar a curiosidade e um olhar crítico para a vida em geral”.</p>
Pessoa Entrevistada 4	<p>“Eu acho que a exposição tem a proposta de apresentar os diferentes saberes humanos e sua diversidade, entendendo que o conhecimento não está circunscrito só ao método científico ou à escrita. A renovação também buscou deslocar essa centralidade do humano e demonstrar a interação com os não-humanos. Acho que "demasiado humano" tem o sentido da fragilidade das nossas respostas e da efemeridade”.</p>
Pessoa Entrevistada 5	<p>“Eu acho que "demasiado humano" acaba sendo uma provocação e a renovação da exposição busca mostrar outras visões, para além do humano na perspectiva da sociedade capitalista, ocidental, europeia... É uma tentativa de mostrar outros povos e sua relação com a natureza, e de demonstrar que não existe só uma forma de compreender o humano”.</p>

Pessoa Entrevistada 6	“Um saber "demasiado humano" indica que é a gente tentando explicar a nossa existência. É uma coisa inerente ao ser humano porque a gente sempre tenta explicar de onde viemos e quem somos. E isso pode ser feito a partir de inúmeras perspectivas e conhecimentos”.
Visitantes do Espaço do Conhecimento	
Pessoa Visitante 1	“Aqui, a exposição apresenta muito a nossa visão humana sobre o que aconteceu e como aconteceu. Então, acho que um saber "demasiado humano" diz sobre esses processos em que a gente tenta entender a nossa história”.
Pessoa Visitante 2	“Acho que é um saber muito único, e que, por ser humano, pode ser uma coisa muito boa ou muito ruim”.
Pessoa Visitante 3	“Acredito que é um saber que nos faz questionar porque a principal característica do ser humano é questionar as coisas. Aqui na exposição, por exemplo, eu fiquei confusa com algumas coisas e isso me fez querer conhecer e pesquisar mais. É o que dá mais vontade de aprender e procurar mais conhecimento”.
Pessoa Visitante 4	“Na minha opinião, um saber "demasiado humano" parte da nossa existência e tem o ser humano como referência de forma antropocêntrica mesmo. É um saber que pode ter dificuldade de fluir e de ser compartilhado porque isola a ciência, por exemplo, das outras formas de conhecimento”.

Pessoa Visitante 5	<p>“Agora que eu já vi muita coisa na visita, esse título "demasiado humano" me fez lembrar de uma obra do Carlos Drummond de Andrade, que se chama "O homem; as viagens". Esse conto fala um pouco sobre a insatisfação do ser humano, que se cansa da Terra e coloniza a Lua, depois coloniza Marte e assim por diante. Até ter que viajar de si para si mesmo e humanizar a própria humanidade. Então, acho que traz essa reflexão do quanto podemos ser muito ou pouco humanos ao mesmo tempo”.</p>
Pessoa Visitante 6	<p>“Esse título "demasiado humano" não me chamou muita atenção e me pareceu muito técnico. Acho que o título poderia se aproximar mais da sociedade. Só que eu acabei me surpreendendo ao longo da visita porque a exposição abordou muitos temas diferentes, com diversidade. Mostrou esse saber que traz uma progressão desde o início dos tempos”.</p>
Pessoa Visitante 7	<p>“Aqui na exposição, eu descobri muitas coisas sobre a nossa evolução, onde tudo começou e como chegamos nesse momento. Então, para mim, o "demasiado humano" tem o sentido de dar essa explicação do início até os dias atuais”.</p>
Pessoa Visitante 8	<p>“Acho que esse saber "demasiado humano" abrange tudo sobre a criação do mundo, a nossa existência e as culturas. É algo 100% humano mesmo”.</p>
Pessoa Visitante 9	<p>“Esse "demasiado humano" nos faz refletir porque alguns dos povos que estão sendo retratados aqui não foram vistos como humanos durante muito tempo. Eles foram vistos como selvagens e como inferiores. É uma provocação mesmo. A exposição propõe essa reflexão no sentido de "Olha, esse povo aqui sofreu e sofre ainda. Mas a gente quer evidenciar que eles são humanos e que não podemos violar essa humanidade". Então, é um título chamativo, que faz a gente pensar bastante”.</p>

A multiplicidade de respostas indica como as interações estabelecidas com a exposição desencadeiam interpretações diferentes, de acordo com os repertórios, vivências, interesses e referências de cada pessoa, mesmo no caso da equipe envolvida no projeto de renovação. Apesar disso, esse heterogêneo prisma de percepções também é conduzido por semelhanças que residem em palavras como *diversidade*, *questionamento*, *curiosidade* e *pensamento crítico*. Outro importante aspecto surge nas respostas da Pessoa Entrevistada 1 e das Pessoas Visitantes 2, 5 e 9, que denotam a ambivalência de uma noção de humanidade capaz de colonizar, desumanizar, menosprezar e destruir.

Os humanos, então, manifestam um pensamento contraditório a respeito de si mesmos, na medida em que se posicionam como “[...] seres que querem ser criadores, e não criaturas da natureza, que querem superar a natureza” (Santos, 2023, p. 30). Essa perspectiva colonial e antropocêntrica da humanidade também se diferencia das compreensões pluriversais acerca do caráter humano, as quais se baseiam no respeito, nas relações biointerativas, na convivência com os diferentes seres e na alteridade como parte constituinte e fundamental de cada sujeito:

A própria definição do que é a pessoa humana é outra premissa diferencial entre mundos. No mundo de matriz ocidental, temos a noção de indivíduo, composta por uma dimensão externa (o corpo físico) e pela dimensão interna (mente, psique) que é a morada da subjetividade. Tais dimensões são indivisíveis e formam uma unidade bem demarcada (o sujeito), que se relaciona com outras pessoas individuais. Já em mundos envolvidos, frequentemente a noção de pessoa não é individual, mas composta e distribuída, e as relações entre pessoas “diversas” levam a alterações em sua composição. (Lima; Andrade, 2024, p. 24).

Se na versão inaugural da exposição, a instalação *O Aleph* buscava apresentar a ideia de que “[...] o conhecimento não é uma verdade pronta e cristalizada, mas uma busca sem fim. [...] o conhecimento é demasiadamente humano. Por ser humano, é limitado” (Portal UFMG; Kauark-Leite, 2010, n.p.), a versão renovada integra novas nuances a esse discurso, em uma tentativa de romper com a universalidade do saber. Conforme a Pessoa Entrevistada 5, o projeto de renovação se sustentou no objetivo de enfatizar como a ciência é moldada pelo tempo, pelas percepções de cada povo e de cada época, o que a impede de ser imutável e imparcial. A exposição, portanto, incorpora a perspectiva de que nenhuma criação humana é neutra ou isenta dos contextos em que foi produzida.

Na opinião da Pessoa Visitante 3, a instalação *O Aleph* se aproxima da ciência por meio de uma concepção ambígua que instiga a reflexão e a vontade de descobrir mais justamente por apresentar algo desconhecido. A Pessoa Visitante 3 também considerou que

essa analogia condiz com o saber científico, guiado pelo anseio de desvendar até mesmo o que parece incerto e sem explicação.

Enquanto a humanidade existir, a gente vai continuar tentando obter mais conhecimento. Só que não importa o que aconteça ou quanto tempo passe, a gente nunca vai evoluir para um conhecimento absoluto sobre todas as coisas porque sempre vamos ter mais uma pergunta sobre aquilo que a gente já tinha chegado em uma resposta. Em determinado momento, as pessoas que se consideravam as mais inteligentes e importantes achavam que a Terra era plana, até que outras pessoas demonstraram que o planeta é esférico. Então, a ciência está sempre se movendo com a incerteza porque nós queremos saber o porquê de tudo o tempo inteiro. (Pessoa Visitante 3).

Para as Pessoas Entrevistadas 2 e 3, *O Aleph* aborda uma concepção filosófica da ciência. De maneira complementar, a Pessoa Entrevistada 6 afirmou que a instalação se volta para a ciência moderna por meio de aportes literários. A Pessoa Entrevistada 1 reforçou que há uma concepção de ciência sob a ótica das interações que o ser humano estabelece com o mundo ao seu redor, sob influência da linguagem e da memória. Já a Pessoa Entrevistada 5 considerou que a instalação conta com uma concepção artística e uma representação da obra de Borges que dão o tom de introdução à exposição *demasiado humano*.

Segundo a Pessoa Entrevistada 4, *O Aleph* desloca o imaginário de que o museu é um lugar de explicações, e de que o ser humano é o grande e exclusivo conhecedor do mundo. Ao contrário de um oráculo que carrega profecias e respostas alcançadas pela humanidade ao longo do tempo, as instituições museais também podem suscitar novas perspectivas por meio de dúvidas e de perspectivas contra-hegemônicas:

O que interessa é que o visitante saia do museu com mais perguntas do que quando ele entrou. São essas perguntas que vão fazer com que ele faça buscas, ouça um *podcast* ou faça uma pesquisa mais aprofundada sobre determinado tema. A exposição fornece algumas respostas, mas também provoca muitos questionamentos. Existem diferentes discursos da ciência em *demasiado humano*, mas eu acho que para além de dizer: “O *Big Bang* aconteceu há tantos milhões de anos; o *Homo sapiens* surgiu em tal momento; a migração da nossa espécie se deu dessa forma pelo planeta...”, é mais importante despertar a curiosidade e a dúvida sobre todas essas questões, e até mesmo sobre o que não está dito. Assim, criamos uma oportunidade de reflexão sobre o que a ciência ainda não conseguiu responder ou sobre o que a ciência não responde, mas outras formas de conhecimento respondem. Isso faz com que o público visitante saia do museu se entendendo como alguém que produz conhecimento, e que esse conhecimento pode ser produzido de diferentes maneiras. (Pessoa Entrevistada 4).

Na percepção da Pessoa Entrevistada 6, a sensação de dúvida e o assombro do questionamento também motivaram o percurso da versão renovada de *demasiado humano*, que se inicia com *O Aleph*. Isso porque, para além de uma abordagem crítica sobre o conhecimento, a exposição visa provocar a autorreflexão no público visitante:

Acho que, para mim, o cenário ideal seria que as pessoas saíssem da exposição com certas dúvidas sobre si mesmas, no sentido de que há muito mais que o ser humano. É uma forma de entendermos como o mundo é muito maior do que a gente e como esse microcosmo, chamado sociedade, que a gente criou é muito pequeno em relação a tudo que existe no mundo. Isso nos permite refletir sobre o planeta Terra, o tempo da natureza e a própria vida que, como diz Ailton Krenak, não é útil. (Pessoa Entrevistada 6).

Nesse sentido, a reflexão do humano a partir de suas limitações é guiada pela humildade que nos lembra “[...] que tudo o que queremos nesta vida é buscar explicações *lógicas* sobre a origem e evolução das estruturas, as de longe e as de perto, que sejam capazes de nos oferecer, nos trajetos aleatórios, uma perspectiva existencial libertadora” (Alves-Brito, 2021a, p. 45, grifo do autor). Frente ao universo que, como na obra de Borges, poderia estar contido em uma esfera, mas não em nossas mentes, o ser humano é forjado por inúmeras contradições que reverberam em suas interpretações de mundo e que, como uma bússola, o direcionam à busca pelo conhecimento.

4.4 Saberes pluriépistêmicos: (re)contando a história do conhecimento

A partir da análise empreendida ao longo das categorias de Tempo, Ancestralidade, Território e Humano, consideramos que a versão renovada da exposição *demasiado humano* se constitui como um rio (Figura 51) que segue à procura de novas formas de (re)contar a história do conhecimento:

Figura 51 – Exposição *demasiado humano* e as categorias de análise, na forma de um rio



Fonte: Elaboração própria

Conforme a imagem acima, o recorte empírico ao qual nos dedicamos até aqui movimentou um fluxo formado por dois eixos determinantes para a exposição desde a sua versão inaugural (Tempo e Humano) e dois eixos suscitados pelo projeto de renovação expositiva (Ancestralidade e Território). O encontro dessas quatro categorias representa nesta pesquisa o alicerce que sustenta a versão renovada de *demasiado humano*, bem como o seu modo de abordar a ciência, no Espaço do Conhecimento UFMG.

Ao se renovar, o âmbito expositivo de longa duração do museu abriu possibilidades para estabelecer confluências com novos cursos d'água, por meio de perspectivas pluriépistêmicas. Isso pode se repetir em oportunidades futuras, permitindo que a exposição continue integrando múltiplos afluentes, que também representam formas de perceber e interagir com o mundo que nos cerca.

A interpretação do *corpus* da pesquisa nos permitiu constatar que a exposição aborda a ciência moderna ocidental, ao mesmo tempo em que suscita reflexões provenientes dos saberes pluriversais de matrizes afro-indígenas. Em suas instalações, os aportes filosóficos e os conceitos das chamadas “ciências duras” (como física, química, biologia e astrofísica) coexistem com expressões do conhecimento em formas artísticas, sensoriais, poéticas e integradas ao cosmos e ao pensamento contracolonial de Nêgo Bispo e Ailton Krenak.

Esse rio, portanto, passa a se basear na pluralidade, como fato e substantivo, mas também como verbo que indica a ação de “[...] pluralizar sujeitos, pluralizar vozes, pluralizar modos de compreensão da vida e dos projetos de futuro” (Nascimento, 2020, p. 32). Assim, a presença da multiplicidade de vivências, culturas e saberes subverte a lógica hegemônica e pretensamente universal que provém da colonização:

A convivência com a pluralidade não é fácil. E nem deveria ser. A perspectiva prevalente, hegemônica, no ocidente, para “facilitar” a vida (dela), recusa, obstaculiza e, paradoxalmente, dificulta a expressão da pluralidade. Essa mesma hegemonia transforma as percepções não hegemônicas em minorias, para, em seguida, exigir que elas “se dobrem à maioria”. E, com isso, a pluralidade é violada em nome de uma ideia de democracia, de cidadania, de liberdade em que apenas uma imagem dessas experiências é percebida como válida, devendo orientar a ação de todas e todos na sociedade. E isso viola, machuca, adocece, tanto as supostas “minorias”, quanto o tecido de sustentação da própria hegemonia. Esse é o grande paradoxo – e a consequência quase incontornável – de querer subordinar as potências da pluralidade ao governo do hegemônico. (*ibidem*, p. 32-33).

Guiado pela pluralidade, o ambiente museal pode complexificar narrativas sobre a humanidade e a produção de conhecimento, expandindo a compreensão do público sobre as estruturas sociais que, a partir dos mecanismos da colonialidade, perpetuam a

homogeneização de experiências vividas. Nas palavras de Krenak (2022), ao contrário de um sistema que formata a criatividade e incentiva a competição, a diversidade sugere a criação de mundos como uma maneira de enfraquecer a noção antropocêntrica que desconecta o humano do cosmos e de seus seres:

Só assim é possível conjugar o *mundizar*, esse verbo que expressa a potência de experimentar outros mundos, que se abre para outras cosmovisões e consegue imaginar *pluriversos*. Esses termos, usados por Alberto Acosta e outros pensadores andinos, evocam a possibilidade de os mundos se afetarem, de experimentar o encontro com a montanha não como uma abstração, mas como uma dinâmica de afetos em que ela não só é sujeito, como também pode ter a iniciativa de abordar quem quer que seja. Esse outro nós possível desconcerta a centralidade do humano, afinal todas as existências não podem ser a partir do enunciado do antropocentrismo que tudo marca, denomina, categoriza e dispõe. (*ibidem*, p. 42, grifos do autor).

Ao evidenciar matrizes de pensamento historicamente marginalizadas, a abordagem pluriepistêmica aponta caminhos “[...] para a produção de saberes inter cruzados antirracistas, anticapitalistas e anticisheteropatriarcais, inseridos em um ideário de transformação social, com a intenção da luta pela justiça social” (Carvalho, 2024, p. 92). No contexto do caráter institucional de um museu universitário, como é o caso do Espaço do Conhecimento UFMG, o gesto de pluralizar também implica “[...] o reconhecimento da universidade como *lugar privilegiado de produção de conhecimento*”¹²³ (Castro-Gómez, 2007, p. 81, tradução nossa, grifo do autor). Para além de fomentar a elaboração intelectual, o âmbito universitário se torna um local dotado de dimensões de poder e autoridade que reforçam a hierarquização (*ibidem*) do que pode ser considerado um saber legítimo ou ilegítimo.

As universidades também apresentam múltiplas barreiras para o acesso e a permanência de diferentes sujeitos, que são continuamente invisibilizados nos processos de construção do conhecimento. Nesse sentido, consideramos que os espaços acadêmicos se constituem como uma fronteira para os povos afro-indígenas (Dorneles; Santos, 2021). De acordo com Nêgo Bispo, as fronteiras “[...] se movem, avançam, recuam, mas elas nunca devem ser ultrapassadas. Porque se a gente ultrapassar deixa de ser fronteira e passa a ser limite. E limite é uma coisa colonialista. Limite é uma coisa da linearidade, da verticalidade, e fronteira é uma coisa da circularidade” (*ibidem*, p. 25).

Os deslocamentos fronteiriços podem ser exemplificados pela ocupação do ambiente universitário, sobretudo a partir do sistema de cotas (como mencionado anteriormente na análise), por grupos subalternizados ou em movimento de diáspora e retomada para seus territórios e comunidades de origem. Essas pessoas “[...] desafiam o lugar social

¹²³ No original: “[...] el reconocimiento de la universidad como lugar privilegiado de la producción de conocimientos”.

tradicionalmente atribuído a elas” (Corrêa *et al.*, 2018, p. 156), buscando fortalecer memórias, conhecimentos, culturas e cosmo percepções, por meio da autoafirmação de suas vivências, repertórios epistêmicos e lutas políticas. A pesquisa se torna uma forma de semear matrizes contra-hegemônicas, nas quais “[...] as epistemologias de reexistência rasuram a colonialidade do poder ao autorizarem e legitimarem formas de conhecimento plurais e subalternas marcadas temporal e geopoliticamente fora da ordem eurocêntrica” (Carvalho, 2024, p. 42).

Ao contrário do discurso anticientífico, os saberes pluriépistêmicos fornecem, na verdade, possibilidades para que a construção da ciência esteja atenta às múltiplas realidades existentes e às práticas coletivas que se regeneram e compõem trajetórias ao longo do tempo. A diversidade de métodos e conhecimentos, calcados em modos de experienciar, sentir e se relacionar com o mundo, ampliam as perspectivas críticas do meio acadêmico, bem como a sua capacidade de lidar e compreender os complexos contextos que emergem do meio social.

Tal dinâmica pluriépistêmica de alteridade, contextualização e integração também abrange os conhecimentos menosprezados pelo centro hegemônico, em um processo de resistência que “[...] induz à possibilidade de reversibilidade e transformação das relações de poder do contexto histórico-social adverso” (Martins, 2021, p. 123). Assim, a descentralização assume um papel essencial na produção e circulação científica, sobretudo em um sistema assimétrico que continuamente privilegia a lógica eurocentrada e norte-americana, já detentora de controle e poder sobre as infraestruturas de tecnologias, dados, recursos e informações que direcionam as avaliações da ciência na conjuntura global (Oliveira, 2024).

Conforme aponta Castro-Gómez (2007), refletir sobre o conhecimento em uma perspectiva decolonial, é também pensar a universidade em uma proposta que

[...] não implica uma *cruzada contra o Ocidente* em nome de algum tipo de autoctonismo latino-americanista, culturalismos etnocêntricos e nacionalismos populistas, como alguns tendem a acreditar. Tampouco se trata de ir contra a ciência moderna e promover um novo tipo de obscurantismo epistêmico. Quando dizemos que é necessário ir “além” das categorias modernas de análise e disciplinas, não é porque devemos *negá-las*, nem porque elas precisam ser “superadas” por algo “melhor”. Falamos, na verdade, de uma ampliação do campo de visibilidade aberto pela ciência ocidental moderna, visto que esta se mostrou incapaz de se abrir para domínios proibidos, como emoções, intimidade, senso comum, saber ancestral e corporeidade. Não é, então, a disjunção, mas a conjunção epistêmica que estamos divulgando. Uma abordagem integrativa na qual a ciência ocidental pode se “conectar” com outras formas de produção de conhecimento, com a esperança de

que a ciência e a educação deixem de ser aliadas do capitalismo pós-fordista.¹²⁴ (*ibidem*, p. 90, tradução nossa, grifos do autor).

Logo, essa abordagem integrativa (*ibidem*) não tem o objetivo de deslegitimar ou substituir a ciência moderna pelos conhecimentos contra-hegemônicos porque isso seria um gesto colonial. Os saberes pluriversais operam em lógicas que não cabem nos moldes do cânone, ao se constituírem como gestos políticos para a legitimação de “[...] identidades que antes eram vistas como não-seres” (Carvalho, 2024, p. 44).

As discussões voltadas para as matrizes e confluências afro-indígenas não buscam classificar ou definir o que é (ou não) científico, mas subverter a lógica sujeito-objeto que define quem pode produzir conhecimento sobre si mesmo e fazer parte dos processos que incluem a construção, a revisão, a crítica e a reelaboração do saber. Nesse sentido, ainda que não sejam autorizados ou valorizados pelas estruturas de poder, tais povos irão (r)existir.

A experiência dos sujeitos influencia, muda e nutre suas formas de ver, sentir, pensar e agir. Refletir sobre a própria experiência pode fomentar a produção intelectual – pensamento crítico, arte, cultura e teorias – que pode levar à ação política e à formulação de políticas, que, circularmente, podem interferir nas experiências vividas de indivíduos e grupos. (Corrêa, 2022, p. 130).

Diante da ação transformadora do ensino e do conhecimento, a universidade pode assumir o papel de construir possibilidades para que sujeitos cada vez mais diversos se sintam convidados a dialogar, ocupar seus espaços institucionais e acadêmicos, deslocar fronteiras e contribuir para a circulação da ciência. Assim, o ambiente universitário pode ampliar sua escuta e aprender com os modos de vida contracoloniais:

No dia em que as universidades aprenderem que elas não sabem, no dia em que as universidades toparem aprender as línguas indígenas – em vez de ensinar –, no dia em que as universidades toparem aprender a arquitetura indígena e toparem aprender para que servem as plantas da caatinga, no dia em que eles se dispuserem a aprender conosco como aprendemos um dia com eles, aí teremos uma confluência. Uma confluência entre os saberes. Um processo de equilíbrio entre as civilizações diversas desse lugar. Uma contracolonização. (Santos, 2018, n.p.).

¹²⁴ No original: “[...] no conlleva una cruzada contra Occidente en nombre de algún tipo de autoctonismo latinoamericanista, de culturalismos etnocéntricos y de nacionalismos populistas, como suelen creer algunos. Tampoco se trata de ir en contra de la ciencia moderna y de promover un nuevo tipo de oscurantismo epistémico. Cuando decimos que es necesario ir “más allá” de las categorías de análisis y de las disciplinas modernas, no es porque haya que negarlas, ni porque éstas tengan que ser “rebasadas” por algo “mejor”. Hablamos, más bien, de una ampliación del campo de visibilidad abierto por la ciencia occidental moderna, dado que ésta fue incapaz de abrirse a dominios prohibidos, como las emociones, la intimidad, el sentido común, los conocimientos ancestrales y la corporalidad. No es, entonces, la disyunción sino la conjunción epistémica lo que estamos pregonando. Un pensamiento integrativo en el que la ciencia occidental pueda “enlazarse” con otras formas de producción de conocimientos, con la esperanza de que la ciencia y la educación dejen de ser aliados del capitalismo posfordista”.

Retomando o percurso analítico desta pesquisa, é possível inferir que a exposição *demasiado humano* suscita discursos que, mesmo contrastantes ou discordantes, não se anulam. Ao mesmo tempo em que reforça o crucial papel da ciência na sociedade, as práticas discursivas no âmbito expositivo do museu também demonstram os profundos apagamentos causados pela histórica hierarquização de saberes e o constante silenciamento provocado por estruturas de poder e mecanismos de exclusão que influenciam e também são retroalimentados pela produção científica.

Dessa maneira, corroboramos com a posição de que não parece “[...] ser eticamente adequado justificar que a divulgação científica reforce uma ideia neutra e asséptica de ciência em nome dos riscos de sua fragilização” (Alvaro *et al.*, 2021, p. 3). Os processos de autorreflexão da ciência não anulam sua validade; ao contrário, fortalecem percepções críticas de seu próprio funcionamento e de sua relação com a sociedade.

Nos museus universitários, a confluência entre concepções científicas também promove a valorização e a autoafirmação dos saberes pluriépistêmicos, em um espaço que conta com o respaldo institucional da universidade e que promove interações com diferentes públicos.

A aproximação dos museus de ciências e planetários com as experiências ancestrais (passado e presente) é, do nosso ponto de vista, crucial para nos movermos rumo à efetivação de práticas descolonizadoras e interculturais em que não apenas damos o *direito de fala* mas, mais importante, o *direito de escuta* de pessoas que foram historicamente excluídas dos processos de construção do conhecimento considerado válido. (Alves-Brito, 2025, p. 24, grifos do autor).

Por fim, consideramos que os diálogos epistemológicos representam um compromisso ético com os processos de construção e circulação do conhecimento. No caso do Espaço do Conhecimento UFMG, o projeto de renovação da exposição *demasiado humano* também amplia possibilidades de ações cada vez mais plurais na universidade. Essa é, portanto, uma das muitas sementes possíveis para germinar e reforçar a importância da construção conjunta com os povos africanos, afro-diaspóricos e originários, enquanto atores sociais que elaboram conhecimento e cultura no contexto contemporâneo, para que possam não apenas ser representados pelas instituições museais e acadêmicas, mas também fazer parte de sua atividade intelectual, (re)contando suas próprias histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ONDE O RIO DESÁGUA)

Os rios, esses seres que sempre habitaram os mundos em diferentes formas, são quem me sugerem que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui. (Krenak, 2022, p. 7).

O presente estudo teve o objetivo de compreender as concepções de ciência comunicadas pela versão renovada da exposição *demasiado humano*, a partir das interações entre os públicos e os conteúdos expostos no Espaço do Conhecimento UFMG. Para isso, partimos de uma discussão teórica sobre a exposição museal como forma de comunicação pública da ciência e sobre diferentes concepções científicas em um panorama sócio-histórico. Adiante, a pesquisa apresentou o circuito de interações, inspirado pelo modelo dos estudos culturais de Johnson (2004) e pelo quadro relacional da comunicação (França, 2001), que guiou a coleta de dados empreendida por meio de pesquisa documental e entrevistas individuais semiestruturadas em profundidade. Já a Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2001) subsidiou a interpretação do *corpus* composto por quatro instalações da versão renovada da exposição (*Extratos do Tempo; Árvore Humana; Roça Mãe do Mundo; O Aleph*) e pelas transcrições das entrevistas com membros da equipe do museu e pessoas visitantes.

As categorias analíticas de Tempo, Ancestralidade, Território e Humano demonstraram variadas relações, na medida em que o tempo se conecta à ancestralidade, que, por sua vez, se vincula ao território, nos permitindo compreender a presença do ser humano, que se reconecta à ancestralidade e ao tempo, e assim por diante. Tais eixos nos permitiram desvelar e organizar diversos aspectos da versão renovada de *demasiado humano*, ao passo em que também suscitaram questões que, mesmo extrapolando o ambiente museal, foram fundamentais para a compreensão da (re)circulação de discursos na exposição:

Como pensar a humanidade em relação ao tempo, à ancestralidade, ao território e à própria noção de ser humano? Como as diferentes compreensões sobre cada uma dessas categorias também provocam distintas interpretações sobre o mundo e a vida?

Ao longo dessa travessia, constatamos que a versão renovada da exposição *demasiado humano* comunica uma concepção da ciência moderna ocidental, partindo de uma perspectiva hegemônica, ao mesmo tempo em que apresenta ao público uma concepção pluriversal do conhecimento, embasada pelas confluências e culturas afro-indígenas. Também foi possível verificar que as práticas discursivas das instalações analisadas deixam lacunas relacionadas à

acessibilidade e à invisibilização de dimensões de gênero e território, o que ainda homogeneiza determinadas experiências e reduz o contato dos públicos com a pluralidade de determinados saberes, povos, identidades e culturas.

Outro importante aspecto suscitado pela análise demonstrou que os diálogos epistemológicos integrados à exposição contribuem para deslocamentos do pensamento colonial e antropocêntrico que permeia imaginários dominantes na sociedade. Assim, a versão renovada de *demasiado humano* provoca o público visitante a questionar a “[...] vaidade dessa humanidade que nós pensamos ser, além de diminuir a falta de reverência que temos o tempo todo com as outras companhias que fazem essa viagem cósmica com a gente” (Krenak, 2019, p. 31). Enquanto o antropocentrismo e a universalidade consideram a existência de apenas um mundo, os saberes pluriversais demonstram que a colonização instaurou inúmeros conflitos entre mundos possíveis, e que é preciso regenerar e retornar para essas confluências.

O discurso da exposição, ainda que permeado por assimetrias, suscita possibilidades de pensar e comunicar a ciência, por meio de uma coexistência entre diferentes interpretações e relações com o mundo. Nesse sentido, a construção de um saber “demasiado humano” pode ser definida pela contradição e ambivalência que acompanham a humanidade em suas criações, decisões e convicções. Isso faz com que a exposição esteja conectada a diferentes oxímoros, como futuro ancestral, humanidade devastadora e renovação permanente. Tal caráter paradoxal move os processos de produção, circulação e representação do conhecimento, criando contínuas oportunidades para a autorreflexão.

Desse modo, acreditamos que a capacidade de autorreflexão dos museus é o que guiará a sua perenidade no futuro da sociedade. Ao refletir sobre suas próprias práticas, representações, narrativas, discursos e decisões curatoriais, o ambiente museal também permite que outras instituições, como as universidades, e os públicos possam refletir sobre si mesmos e as realidades que os rodeiam.

A partir destes resultados, ressaltamos que os movimentos teórico-metodológicos deste trabalho não circunscrevem os discursos de *demasiado humano* em sua totalidade, mas apontam fatores essenciais de sua versão mais atual. Consideramos, ainda, que a exposição se torna um lembrete de que o “[...] mundo é grande e tem lugar para todo mundo” (Santos, 2023, p. 54), destacando a multiplicidade de imaginários, realidades, identidades, saberes, culturas e modos de vida.

Ao denotar que tais concepções do conhecimento continuarão em constante disputa nos mais diferentes âmbitos da sociedade, e que a ciência continuará se transformando, não há um marco que define se o âmbito expositivo de longa duração no Espaço do Conhecimento

UFMG estará completamente pronto. Logo, surgem oportunidades para futuros estudos relacionados à exposição, em interação com diferentes públicos, e suas demais instalações ou novos projetos.

Esta dissertação, portanto, constitui um registro e uma análise crítica da renovação de *demasiado humano*, que deixa em aberto múltiplos caminhos para a pesquisa das interações comunicacionais em museus. Aqui, no encontro com inúmeras possibilidades para a construção de conhecimentos diversos e pluriépistêmicos, demarco o lugar onde este rio deságua.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 64 p.
- AGAZZI, E. **A objetividade científica e seus contextos**. 1. ed. São Leopoldo/RS: Ed. Unisinos, 2020. 538 p.
- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. 1. ed. São Paulo: Pólen, 2019. 152 p.
- ALVARO, M.; MASSARANI, L.; SILVA, M. R. e; VALADARES, P. A.; MARANDINO, M. Uma análise dos artigos acadêmicos latino-americanos sobre Divulgação científica e controvérsias. **Journal of Science Communication—América Latina**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 1-17, 2021.
- ALVES-BRITO, A. A Exposição Cosmologias e Cosmopolíticas Afropindorâmicas. *In*: ALVES-BRITO, A. (Org.). **Cosmologias e cosmopolíticas Afropindorâmicas**. Porto Alegre: Marcavisual, 2025. 240 p.
- ALVES-BRITO, A. A resiliência de corpos celestes museológicos: os céus como patrimônios históricos, culturais e naturais da humanidade. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, Curitiba, v. 18, n. 46, p. 1-25, 2024.
- ALVES-BRITO, A. **Astro-antropo-lógicas**: oriki das matérias (in)visíveis. Porto Alegre: Marcavisual, 2021a. 136 p.
- ALVES-BRITO, A. Cosmologias racializadas: processos políticos e educativos anti(racistas) no ensino de Física e Astronomia. **Roteiro**, Joaçaba, v. 46, n. 1, p. 1-20, 2021b.
- ALVES-BRITO, A.; ALVES, A. M. A. Cosmologias africanas e afro-brasileiras: reflexões e estratégias didático-pedagógicas para professores e divulgadores de ciências. *In*: JASKULSKI, C. H. D. S.; SILVA, M. C. (Orgs.). **Sobre mais uma ideia para adiar o fim do mundo**: reflexões do curso de aperfeiçoamento educação para as relações étnico-raciais na educação básica-volume 1. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2022. p. 97-168.
- ALVES-BRITO, A.; CORTESI, A. Complexidade em Astronomia e Astrofísica. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, São Paulo, v. 43, suppl. 1, p. 1-18, 2021.
- ALVES-BRITO, A.; MACEDO, J. R. A história da ciência e a educação científica pelas perspectivas ameríndia e amefricana. **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 400-417, 2022.
- ALVES-BRITO, A.; NUNES, C. Museu colonial x Antimuseu: uma abordagem sobre relações étnico-raciais a partir do Museu de Ciências do Observatório Astronômico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, [S. l.], v. 41, n. 3, p. 687-714, 2024.
- AMÂNCIO, G. Cyberterreiro. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, n.p., 2023. Disponível em: <https://piseagrama.org/in-english/cyberterreiro/>. Acesso em: 23 jul. 2025.

ANG I. Cultural studies. *In*: BENNETT, T.; FROW J. (Eds.). **The Sage Handbook of Cultural Analysis**. London: Sage, 2008. p. 227-248.

ANJOS, J. P. dos. **A Construção de Narrativas em Museus de Ciências Contemporâneos**. 2019. 227f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

ANJOS, J. P. dos. **Acontecimentos nas brincadeiras de rua: encontros, movimentos, experimentações**. 2013. 135f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

BAIROS, L. Nossos feminismos revisitados. **Revista estudos feministas**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 458-463, 1995.

BALDISSERA, R. Comunicação Organizacional na perspectiva da complexidade. **Organicom**, São Paulo, v. 6, n. 10-11, p. 115-120, 2009.

BALLESTRIN, L. Modernidade/Colonialidade sem “Imperialidade”? O elo perdido do giro decolonial. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 60, n. 2, p. 505-540, 2017.

BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, [S. l.], n. 11, p. 89-117, 2013.

BARATA, G. F. As revistas científicas e o diálogo entre ciência e sociedade. **na edição**, Belo Horizonte, ano 1, n. 0, p. 24-27, 2024.

BARATA, G. F.; HAFIZ, M.; OLIVEIRA, M.; VOGT, C. As relações entre ciência e cultura: vinte anos da espiral da cultura científica. **MATRIZES**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 121-132, 2023.

BASILE, R.; GOMES, S. H. de A. A comunicação da ciência como atividade para as Relações Públicas. **Animus Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, [S. l.], v. 21, n. 47, p. 59-79, 2022.

BEIRÃO, P. S. C. Afinal, o que caracteriza o conhecimento científico?. *In*: BRUCK, M.; CARDOSO, M.; SANTOS, M. V. dos. (Orgs.). **Dossiê contra o negacionismo da ciência: A importância do conhecimento científico**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2022. *E-book*. p. 12-20.

BENTO, C. **O pacto da branquitude**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. 152 p.

BEREANO, N. K. Introdução. *In*: LORDE, A. **Irmã outsider**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 3-9.

BORDINHÃO, K.; VALENTE, L.; SIMÃO, M. dos S. S. **Caminhos da memória: para fazer uma exposição**. Brasília, DF: IBRAM, 2017. 88 p.

BORGES, J. L. **The Aleph and other stories 1933-1969**. 2. ed. Nova York: Bantam Book, 1971. 210 p.

BRAGA, M.; GUERRA, A.; REIS, J. C. **Breve história da ciência moderna** - Vol. 2: Das máquinas do mundo ao universo-máquina (séc. XV a XVIII). 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. 136 p.

BRAGA, M.; GUERRA, A.; REIS, J. C. **Breve história da ciência moderna** - Vol. 3: Das luzes ao sonho do doutor Frankenstein (séc. XVIII). 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. 160 p.

BRAGA, M.; GUERRA, A.; REIS, J. C. **Breve história da ciência moderna** - Vol. 1: Convergência de saberes (Idade Média). 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 104 p.

BRANDÃO, E. P. Usos e significados do conceito Comunicação Pública. *In: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom, VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. Anais*. Brasília: Intercom, 2006. p. 1-14.

BRASIL. Decreto nº 11.754, de 25 de outubro de 2023. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 25 out. 2023. Seção 1, p. 19. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/decreto-n-11.754-de-25-de-outubro-de-2023-518991101>. Acesso em: 18 jul. 2025.

BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. **Planalto**, Presidência da República, Brasília, DF, 14 jan. 2009a. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/111904.htm. Acesso em: 22 out. 2025.

BRASIL. Lei nº 11.906, de 20 de janeiro de 2009. **Planalto**, Presidência da República, Brasília, DF, 20 jan. 2009b. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/111906.htm. Acesso em: 22 out. 2025.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. **Planalto**, Presidência da República, Brasília, DF, 05 out. 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 18 jul. 2025.

BUSH, V. **Science, the endless frontier**: 75th Anniversary edition. Virginia: National Science Foundation, 2020. 221 p.

CALDAS, G.; ZANVETTOR, K. O Estado da Arte da Pesquisa em Divulgação Científica no Brasil: Apontamentos Iniciais. **Ação Midiática – Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura**, Curitiba, v.1, n.7, p. 1-11, 2014.

CANCLINI, N. G. **Consumo, acesso e sociabilidade**. Comunicação Mídia e Consumo, [S. l.], v. 6, n. 16, p. 111-127, 2009.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006. 228 p.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**: estrategias para entrar y salir de la modernidad. Cidade do México: Grijalbo, 1990. 391 p.

CARRERA, F. Roleta interseccional: proposta metodológica para análises em Comunicação. *E-Compós*, [S. l.], v. 24, p. 1-22, 2021.

CARVALHO, A. B. de. **O discurso na encruzilhada**: propondo a Análise de Discurso Crítica Interseccional. 2024. 210 p. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024.

CASSINO, J. F. O sul global e os desafios pós-coloniais na era digital. *In*: SILVEIRA, S. A. da; SOUZA, J.; CASSINO, J. F. (Orgs.). **Colonialismo de dados**: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal. São Paulo: Autonomia Literária, 2021. 212 p.

CASTELFRANCHI, Y.; FAZIO, M. E. **Comunicación pública de la ciencia**. Montevideo: Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura/CILAC – Foro Abierto de Ciencias, Latinoamérica y Caribe, 2021. 30 p.

CASTELFRANCHI, Y. Para além da tradução: o jornalismo científico crítico na teoria e na prática. *In*: MASSARANI, L.; POLINO, C. (Orgs.). **Jornadas Iberoamericanas sobre la Ciencia en los Medios Masivos**: Los Desafíos y La Evaluación del Periodismo Científico en Iberoamérica. Santa Cruz de la Sierra: AECI, RICYT, CYTED, SciDevNet, OEA, 2008. p. 10-20.

CASTELFRANCHI, Y. Imaginando uma paleontologia da cultura científica. **ComCiência - Revista Eletrônica de Jornalismo Científico**, Campinas, v. 45, n.p., 2003. Disponível em: <https://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/cultura/cultura17.shtml>. Acesso em: 22 jul. 2025.

CASTRO-GÓMEZ, S. Decolonizar la universidad. La hybris del punto cero y el diálogo de saberes. *In*: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFUGUEL, R. (Eds.). **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 79-91.

CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFUGUEL, R. Prólogo: Giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico. *In*: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFUGUEL, R. (Eds.). **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 9-23.

CAVALCANTI, C. C. B.; PERSECHINI, P. M. Museus de Ciência e a popularização do conhecimento no Brasil. *Field Actions Science Reports*. **The journal of field actions**, [S. l.], n. special issue 3, p. 1-10, 2011.

COLLINS, P. H. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. **Parágrafo**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 6-17, 2017.

COLOMBO JUNIOR, P. D.; MARANDINO, M. Museus de ciências e controvérsias sociocientíficas: reflexões necessárias. **Journal of Science Communication—América Latina**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 1-17, 2020.

COMUNICAÇÃO. *In*: DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. (Eds.). **Conceitos-chave de Museologia**. Paris: Armand Colin, 2013. p. 35-37.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. **Por que popularizar?**. CNPq, 2013. Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/assuntos/popularizacao-da-ciencia/por-que-popularizar>. Acesso em: 21 nov. 2025.

CONTIER, D. F.; NAVAS, A. M.; MARANDINO, M. Qual a participação? Um enfoque CTS sobre os modelos de comunicação pública da ciência nos museus de ciência e tecnologia. *In*: Rede de Popularização da Ciência e da Tecnologia da América Latina e Caribe – RedPOP. X Reunión de la Red de Popularización de la Ciencia y la Tecnología en América Latina y el Caribe y IV Taller “Ciencia, Comunicación y Sociedad”. **Memoria X Reunión de la RED POP**. San José, Costa Rica: RedPOP, 2007. p. 1-10.

CORRÊA, L. G. Interseccionalidade: um desafio para os estudos culturais na década de 2020. *In*: Santos, L. H. S. dos.; Karnopp, L. B.; Wortmann, M. L. C. (Orgs.). **O que são estudos culturais hoje?** Diferentes praticantes retomam a pergunta do International Journal of Cultural Studies. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. p. 123-141.

CORRÊA, L. G.; GUIMARÃES-SILVA, P.; BERNARDES, M.; FURTADO, L. Entre o interacional e o interseccional: Contribuições teórico-conceituais das intelectuais negras para pensar a comunicação. **Revista Eco-Pós**, [S. l.], v. 21, n. 3, p. 147-169, 2018.

CORREIA, P. A ancestralidade me segurava no colo: memória, oralidade e ancestralidade em Nêgo Bispo. **História Oral**, [S. l.], v. 28, n. 2, p. 85-114, 2025.

COSTA, V. S. **Faz todo sentido biológico?** Mulheres, (homens) e ciências nas textualidades do canal Nerdologia. 2019. 247f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

CUNHA, M. N. B. da. Museus, memórias e culturas afro-brasileiras. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, São Paulo, n. 5, p. 78-88, 2017.

CUNHA, M. N. B. da. A exposição museológica como estratégia comunicacional: o tratamento museológico da herança patrimonial. **Revista Magistro**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 109-120, 2010.

CURY, M. X. Política de gestão de coleções: museu universitário, curadoria indígena e processo colaborativo. **Revista CPC**, São Paulo, v. 15, n. 30esp, p. 165-191, 2020.

CURY, M. X. Novas perspectivas para a comunicação museológica e os desafios da pesquisa de recepção em museus. *In*: I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola. **Atas**. Porto: Universidade do Porto, v. 1, 2010. p. 269-279.

CURY, M. X. Comunicação museológica em museu universitário: pesquisa e aplicação no Museu de Arqueologia e Etnologia-USP. **Revista CPC**, São Paulo, n. 3, p. 69-90, 2007.

CURY, M. X. **Comunicação Museológica**: uma perspectiva teórica e metodológica de recepção. 2005a. 366f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005a.

CURY, M. X. **Exposição**: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2005b. 162 p.

CUSICANQUI, S. R. **Un mundo ch'ixi es posible**: Ensayos desde un presente en crisis. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2018. 176 p.

DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. (Eds.). **Conceitos-chave de Museologia**. Paris: Armand Colin, 2013. 98 p.

DINIZ, S. C.; MANTOVANI, C. M. A humanidade em perspectiva. *In*: FERNANDES, B. S.; MANTOVANI, C. M.; LIMA, D.; LIMA, D. M.; ANDRADE, K. V.; ARAVANI, M.; VILAÇA, P. L.; DINIZ, S. C. (Orgs.). **demasiado humano - Projeto de renovação (parte 1)**. Belo Horizonte: UFMG/Espaço do Conhecimento UFMG, 2024. p. 6-11.

DINIZ, S. C.; MANTOVANI, C.; SILVA, F.; SILVA, W. L. Público no espaço do conhecimento UFMG: uma reflexão sobre a retomada das atividades presenciais e sua interação com as ações virtuais. *In*: Rede de Popularização da Ciência e da Tecnologia da América Latina e Caribe – RedPOP. XVIII Congresso da Rede de Popularização da Ciência e da Tecnologia para a América Latina e Caribe. **Memórias RedPOP 2023**. Rio de Janeiro: RedPOP, 2023. p. 668-671.

DORNELES, D. R.; SANTOS, A. B. dos. Palavras Germinantes: Entrevista com Nego Bispo. **Identidade!**, [S. l.], v. 26, n. 1/2, p. 14-26, 2021.

DUARTE-ALVES, A. **Colonialidade e desastres**: uma análise crítica latino-americana do discurso gerencialista em corporações extrativistas. 2022. 238 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2022.

DUARTE, J. Instrumentos de comunicação pública. *In*: DUARTE, J. (Org.). **Comunicação pública**: Estado, mercado, sociedade e interesse público. Rio de Janeiro: Atlas, 2009. p. 1-10. Disponível em: <https://abcpública.org.br/biblioteca/instrumentos-de-comunicacao-publica/>. Acesso em: 22 jul. 2025.

DUARTE, J. Comunicação Pública. **Comunicação e Crise**. 2007. Disponível em: https://www.comunicacaoecrise.com/pdf/ComP%FAblicaJDuartevf_0.pdf. Acesso em: 22 jul. 2025.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. *In*: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 62-83.

ESCOSTEGUY, A. C. Circuitos de cultura/circuitos de comunicação: um protocolo analítico de integração da produção e da recepção. **Comunicação Mídia e Consumo**, [S. l.], v. 4, n. 11, p. 115-135, 2008.

ESCOSTEGUY, A. C. Estudos Culturais: uma introdução. *In*: SILVA, T. T. (Org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 133-166.

ESPAÇO DO CONHECIMENTO UFMG; MARTINS, L. M. **I Plano Museológico - Volume I**. Belo Horizonte, MG, 2025. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/wp-content/uploads/2025/08/I-Plano-Museologico-Espaco-do-Conhecimento-UFMG-versao-final.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2025.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UnB, 2001. 316 p.

FARIA, M. A. de; SOUZA, L. P. de.; BEVILACQUA, P. D. História, Caminho e Horizonte: a Análise do Discurso Crítica Latino-americana como referencial de pesquisa e para pesquisar. **SciELO Preprints**, São Paulo, p. 1-18, 2025.

FERREIRA, J. R. **Popularização da ciência e as políticas públicas no Brasil (2003-2012)**. 2014. 185f. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas – Biofísica) – Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho, Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas – Biofísica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

FONSECA, N. N. J.; OLIVEIRA, F. S. de. A natureza mutável da ciência. *In*: FERNANDES, B. S.; MANTOVANI, C. M.; LIMA, D.; LIMA, D. M.; ANDRADE, K. V.; ARAVANI, M.; VILAÇA, P. L.; DINIZ, S. C. (Orgs.). **demasiado humano - Projeto de renovação (parte 1)**. Belo Horizonte: Espaço do Conhecimento UFMG, 2024. p. 6-9.

FORNÄS, F. Estudos Culturais: atravessando fronteiras, defendendo distinções. *In*: SANTOS, L. H. S. dos.; KARNOPP, L. B.; WORTMANN, M. L. C. (Orgs.). **O que são estudos culturais hoje?** Diferentes praticantes retomam a pergunta do International Journal of Cultural Studies. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. p. 57-78.

FRANÇA, V. Paradigmas da comunicação: conhecer o quê? **Ciberlegenda**, [S. l.], n. 5, p. 1-19, 2001.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. *In*: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Eds.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 64-89.

GOMES, J. V. dos S.; MOURA, M. A. Presenças (in)visíveis: a preservação da cosmopercepção da vida ancestralidade no filme "MS: quando a morte socorre a vida". **Patrimônio e Memória**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 83-110, 2023.

GOMES, M. C. A. Propondo uma abordagem de Análise de Discurso Crítica Generificada. *In*: GOMES, M. C. A.; VIEIRA, V. CARVALHO, A. B. (Orgs.). **Práticas sociais, discurso, gênero social: explicações sobre a vida social**. 1. ed. Curitiba: Appris Editora, 2020. p. 77-100.

GOMES, M. S.; CASARIN, E. Q.; DUARTE, G. O conhecimento situado e a pesquisa-ação como metodologias feministas e decoloniais: um estudo bibliométrico. **Revista CS**, Cali, n. 29, p. 47-72, 2019.

GONZALEZ, L. A categoria político-cultural de amefricanidade. *In*: RIOS, F.; LIMA, M. (Orgs.). **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. 376 p.

GUIDA, V. Hominídeo ou hominínio ?. **Arqueologia e Pré-História**. 2022.
Disponível em: <https://arqueologiaeprehistoria.com/2022/01/31/hominideo-ou-homininio/>.
Acesso em: 20 dez. 2025.

HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. 432 p.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-41, 2009.

HARDING, S. **The Science question in feminism**. New York: Cornell University Press, 1986. 271 p.

JOHNSON, R. O que é, afinal, Estudos Culturais? *In*: SILVA, T. T. (Org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 7-131.

JUNIOR, P. D. C.; OVIGLI, D. F. B. O papel dos museus de ciências contra o negacionismo da ciência: o que está em jogo?. *In*: BRUCK, M.; CARDOSO, M.; SANTOS, M. V. dos. (Orgs.). **Dossiê contra o negacionismo da ciência**: A importância do conhecimento científico. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2022. *E-book*. p. 155-165.

KAUARK-LEITE, P. A aventura do conhecimento. *In*: ALMEIDA, M. I.; KAUARK-LEITE, P. (Orgs.) **demasiado humano**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 15-18.

KELLER, E. F. Qual foi o impacto do feminismo na ciência?. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 27, p. 13-34, 2006.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019. 248 p.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. 1. ed. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2015. 798 p.

KRENAK, A. **Futuro Ancestral**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. *E-book*. 128 p.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 104 p.

KUNSCH, M. M. K. Relações Públicas no Brasil: Retrospectiva, evolução conceitual e das práticas profissionais. *In*: KUNSCH, M. M. K.; LIMA, F. P.; SAMPAIO, A. de O. (Orgs.). **Comunicação organizacional e relações públicas**: 15 anos da Abrapcorp. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Abracorp, 2022. p. 15-35.

KUNSCH, M. M. K. Prefácio. *In*: MUSSE, C. F. (Org.). **Comunicação e universidades**: reflexões críticas. 1. ed. Curitiba: Appris, 2019. 313 p.

KUNSCH, M. M. K. Comunicação pública: direitos de cidadania, fundamentos e práticas. *In*: MATOS, H. (Org.). **Comunicação pública**: interlocuções, interlocutores e perspectivas. São Paulo: ECA/USP, 2012. p. 15-29.

KUNSCH, M. M. K. **Universidade e Comunicação na Edificação da Sociedade**. São Paulo: Edições Loyola, 1992. 195 p.

LEWENSTEIN, B. V. Models of public communication of science and technology. **Public Understanding of Science**, Ithaca, v. 16, p. 1-11, 2003.

LIMA, D. M.; ANDRADE, K. V. Afirmar a existência de muitos mundos. *In*: FERNANDES, B. S.; MANTOVANI, C. M.; LIMA, D.; LIMA, D. M.; ANDRADE, K. V.; ARAVANI, M.; VILAÇA, P. L.; DINIZ, S. C. (Orgs.). **demasiado humano - Projeto de renovação (parte 1)**. Belo Horizonte: Espaço do Conhecimento UFMG, 2024. p. 20-30.

LIMA, D. M.; ANDRADE, K. V.; DINIZ, S. C.; MANTOVANI, C. M.; FERNANDES, B. S. Texto curatorial. *In*: FERNANDES, B. S.; MANTOVANI, C. M.; LIMA, D.; LIMA, D. M.; ANDRADE, K. V.; ARAVANI, M.; VILAÇA, P. L.; DINIZ, S. C. (Orgs.). **demasiado humano - Projeto de renovação (parte 1)**. Belo Horizonte: Espaço do Conhecimento UFMG, 2024a. p. 5.

LIMA, D. M.; CARNEVALLI, F.; LOBATO, P.; SIQUEIRA, B. Germinar palavras e ideias na companhia de Nego Bispo e Ailton Krenak. *In*: FERNANDES, B. S.; MANTOVANI, C. M.; LIMA, D.; LIMA, D. M.; ANDRADE, K. V.; ARAVANI, M.; VILAÇA, P. L.; DINIZ, S. C. (Orgs.). **demasiado humano - Projeto de renovação (parte 1)**. Belo Horizonte: Espaço do Conhecimento UFMG, 2024b. p. 2-13.

LORDE, A. **Irmã outsider**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. 240 p.

LOWANDE, W. F. F. Museus contracoloniais e patrimônios cosmológicos no Antropoceno. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v. 15, n. 29, p. 154-174, 2023.

MACHADO, A. F. **Ancestralidade e Encantamento como inspirações formativas**: filosofia africana mediando a história e cultura africana e afro-brasileira. 2014. 240f. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 2014.

MAINIERI, T.; RIBEIRO, E. M. A. O. A comunicação pública como processo para o exercício da cidadania: o papel das mídias sociais na sociedade democrática. **Organicom**, São Paulo, v. 8, n. 14, p. 49-61, 2011.

MALDONADO-TORRES, N. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concept. *In*: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (Eds.). **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 127-167.

MARANDINO, M. A pesquisa educacional e a produção de saberes nos museus de ciência. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 12, p. 161-181, 2005.

- MARANDINO, M. Enfoques de educação e comunicação nas bioexposições de museus de ciências. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 103-120, 2003.
- MARQUES, A.; MAFRA, R. A comunicação interna em contextos organizacionais e a criação de cenas de dissenso. **Comunicação pública**, [S. l.], v. 13, n. 25, p. 1-20, 2018.
- MARTÍN-BARBERO, J. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. **Novos Olhares**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 7-22, 2024.
- MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997. 360 p.
- MARTINO, L. M. S.; MARQUES, A. C. S. A afetividade do conhecimento na epistemologia: a subjetividade das escolhas na pesquisa em Comunicação. **MATRIZES**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 217-234, 2018.
- MARTINS, L. M. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. 256 p.
- MBITI, J. S. **African Religions & Philosophy**. 2. ed. Londres: Heinemann, 1990. 288 p.
- MEDEIROS, A. M.; CHIRNEV, L. (Orgs.). **Guia de Comunicação Pública**. Brasília: Associação Brasileira de Comunicação Pública, 2021. 72 p.
- MELLO, L. D. C. A invocação das Musas e o encantamento do mundo. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v. 20, n. 1, p. 167-181, 2023.
- MENEZES, P. S.; ÁLVAREZ, E. P. A descolonização dos Museus e a restituição das obras de arte africanas: o debate atual na França. **CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, Juiz de Fora, n. 29, p. 169-191, 2019.
- MERNISSI, F. **The veil and the male elite**: a feminist interpretation of women's rights in Islam. 1. ed. Nova York: Perseus Books, 1991. 288 p.
- MESQUITA, A. C. Um teto, um quarto, um canto só seu. *In*: WOOLF, V. **Um teto todo seu**. 1. ed. Rio de Janeiro: Antofágica, 2022. *E-book*. p. 196-203.
- MIGNOLO, W. D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 34, p. 287-324, 2008.
- MIGNOLO, W. D. El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura: Un manifiesto. *In*: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (Eds.). **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 25-46.
- MORAES, J. N. L. de. Horizontes e Itinerários da participação dos públicos nos Museus. **Museologia & Interdisciplinaridade**, [S. l.], v. 10, n. 20, p. 168-190, 2021.

MOREIRA, S. V. Análise documental como método e como técnica. *In*: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 269-279.

MOSER, L. C. **Comunicação e universidades**: a comunicação pública da ciência e a divulgação científica em universidades públicas do Sul do Brasil. 2022. 222f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

MOURA, M. A. Colonialidade algorítmica e epistemologia de dados: desafios à mediação social da informação. *In*: MARTELETO, R.; SALDANHA, G. (Orgs.). **A mediação dos saberes em perspectiva** - V Colóquio Científico Internacional da Rede Mussi. Rio de Janeiro: IBICT, 2022. p. 103-112.

MOURA, M. A. Racismo estrutural, epistemologia da ignorância e a produtividade do discurso colonial: impactos na manutenção do acervo bibliográfico da fundação cultural palmares. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 1-22, 2021.

MUSEALIZAÇÃO. *In*: DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. (Eds.). **Conceitos-chave de Museologia**. Paris: Armand Colin, 2013. p. 56-58.

MUSEU. *In*: DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. (Eds.). **Conceitos-chave de Museologia**. Paris: Armand Colin, 2013. p. 64-67.

NASCIMENTO, T. Quem nomeou essas mulheres “de cor”? Políticas feministas de tradução que mal dão conta das sujeitas negras traduzidas. **Translatio**, Porto Alegre, v. 1, n. 13, p. 127-142, 2017.

NASCIMENTO, W. F. do. Para Enegrescer o conhecimento: o solo acadêmico e a busca por outros repertórios. *In*: SANTOS, A. de O. (Org.). **Saberes plurais e epistemologias aterradas**: caminhos de pesquisa na psicologia e ciências humanas. Niterói: Eduff, 2020. p. 30-35.

NIETZSCHE, F. **Humano, Demasiado Humano**: Um livro para espíritos livres. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 320 p.

OLIVEIRA, I. L.; DORNAS, L. Diálogo: Processo interacional e suas noções no contexto das organizações. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, [S. l.], v. 16, n. 30, p. 180-189, 2019.

OLIVEIRA, I. L. Objetos de estudo da Comunicação Organizacional e das Relações Públicas: um quadro conceitual. **Organicom**, São Paulo, v. 6, n. 10-11, p. 57-63, 2009.

OLIVEIRA, L. S. de.; LEITE, C. A. de O. Entre o dito e o não dito: museus de arte, construção de narrativas, visitas guiadas e poder. **Revista Confluências Culturais**, Joinville, v. 3, n. 1, p. 48-56, 2014.

OLIVEIRA, T. M. Desafios para a Soberania Epistêmica no contexto de plataformização da ciência: por métricas soberanas entre assimetrias globais e assimetrias informacionais. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 1-28, 2024.

PANTOJA, S. R. S. **Mulheres negras visualizadas e ignoradas**: uma análise de narrativas exopográficas no Museu de Arte de Belém (MABE). 2022. 137f. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Faculdade de Ciência Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

PASSETTI, D. V. Museologia, ética e estética. *In*: ICOFOM LAM. VII Encontro Regional - Museologia, Filosofia e Identidade Da América Latina e no Caribe. **Documentos de Trabalho**. Coro/Venezuela: ICOFOM LAM, 1999. p. 168-172.

PENA, R. T.; STARLING, H. M. M. Demasiado humano. *In*: ALMEIDA, M. I.; KAUARK-LEITE, P. (Orgs.) **demasiado humano**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 15-18.

PERUZZO, C. M. K. Observação participante e pesquisa-ação. *In*: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 125-145.

PORTAL UFMG; KAUARK-LEITE, P. Espaço TIM UFMG do Conhecimento quer traduzir ciência em experiência estética, diz curadora. **Portal UFMG**, 2010. Disponível em: <https://www.ufmg.br/online/arquivos/014897.shtml>. Acesso em: 18 nov. 2025.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO – Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. p. 107-130.

REIS, V. M. S. dos; VIDEIRA, A. A. P. John Ziman e a ciência pós-acadêmica: consensibilidade, consensualidade e confiabilidade. **Scientiae Studia**, v. 11, p. 583-611, 2013.

RESENDE, V. de M. Perspectivas latino-americanas para decolonizar os estudos críticos do discurso. *In*: RESENDE, V. de M. (Org.). **Decolonizar os estudos críticos do discurso**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019. p. 19-46.

ROQUE, T. **O dia em que voltamos de Marte**: uma história da ciência e do poder com pistas para um novo presente. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2021. 368 p.

SANGLARD, F. N.; GARCÊS, L. R.; MAIA, R. C. M. Entrevistas. *In*: MAIA, R. C. M. (Org.). **Métodos de Pesquisa em Comunicação Política**. 1. ed. Salvador: Edufba, 2022. p. 173-188.

SANTAELLA, L. As ambivalências da divulgação científica na era digital. **Boletim Gepem**, Rio de Janeiro, n. 75, p. 7-17, 2019.

SANTOS, Abrahão. de O. A retomada dos saberes e a construção de epistemologias negropindorâmicas: uma apresentação. *In*: SANTOS, A. de O. (Org.). **Saberes plurais e epistemologias aterradas**: caminhos de pesquisa na psicologia e ciências humanas. Niterói: Eduff, 2020. p. 16-28.

SANTOS, A. B. dos. **A terra dá, a terra quer**. 1. ed. São Paulo: Ubu Editora, 2023. 112 p.

SANTOS, Antônio. B. dos. Fazer um retorno: contribuição ao caminho de pesquisa. *In*: SANTOS, A. de O. (Org.). **Saberes plurais e epistemologias aterradas**: caminhos de pesquisa na psicologia e ciências humanas. Niterói: Eduff, 2020. p. 37-43.

SANTOS, A. B. dos. Somos da terra. **PISEAGRAMA**, 2018. Disponível em: <https://piseagrama.org/artigos/somos-da-terra/>. Acesso em: 30 nov. 2025.

SANTOS, A. B. dos. **Colonização, quilombos**: modos e significados, Brasília: INCTI/UnB, 2015. 150 p.

SANTOS, C.; MOURA, D. Até quando o outro vai falar por mim? Decolonizando narrativas, coleções e museus. **Anais do Museu Histórico Nacional**, Rio de Janeiro, v. 57, p. 1-20, 2023.

SILVA, R. da. Museus nas universidades ou museus universitários? Uma breve análise comparativa entre o Museu Paulista da Universidade de São Paulo (Brasil), o Pitt Rivers Museum da University of Oxford (Inglaterra) e o Museum of Anthropology da University of British Columbia (Canadá). **Revista CPC**, São Paulo, n. 16, p. 9-35, 2021.

STENGERS, I. **Uma outra ciência é possível**: Manifesto por uma desaceleração das ciências. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023. 216 p.

STUMPF, I. R. C. Pesquisa bibliográfica. *In*: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 51-61.

SUANO, M. **O que é Museu**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. 101 p.

TEIXEIRA, V. C. **Divulgação do conhecimento e imaginário**: uma abordagem discursiva da exposição Demasiado Humano, do Espaço do Conhecimento UFMG. 2020. 142f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguagens) - Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

TOLENTINO, A. B. Memórias coletivas e narrativas museológicas: limites e conflitos da representação de identidades. **Revista Memorare**, Tubarão/SC, v. 5, n. 1, p. 62-77, 2018.

TOLENTINO, A. B. Patrimônio cultural e discursos museológicos: narrativas de memórias e identidades locais. **MIDAS**, Évora, v. 6, p. 86-102, 2016.

TOLMASQUIM, A. T. As influências filosóficas na implantação da astronomia no Brasil. *In*: MATSUURA, O. T. (Org.). **História da Astronomia no Brasil (2013)**. Recife: Cepe, 2014. p. 520-542.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Conselho de Pesquisa, Ensino e Extensão. **Resolução nº 02/2021, de 27 de maio de 2021**. Diretrizes para a Política de Divulgação Científica da UFMG. Belo Horizonte, MG, 2021. Disponível em: https://www.ufmg.br/proex/wp-content/uploads/2021/12/Resolucao-02_CEPE_2021_Diretrizes-para-a-Politica-de-Divulgacao-Cientifica-na-UFMG.pdf. Acesso em: 07 jul. 2025.

VERGÈS, F. **Descolonizar o museu**: programa de desordem absoluta. São Paulo: Ubu Editora, 2023. 272 p.

VERGÈS, F. **Um feminismo decolonial**. 1. ed. Ubu Editora, 2020. 144 p.

VIEIRA, V. C. Perspectivas decoloniais feministas do discurso na pesquisa sobre educação e gênero-sexualidade. *In*: RESENDE, V. de M. (Org.). Decolonizar os estudos críticos do discurso. Campinas: Pontes Editores, 2019. 202 p.

VOGT, C.; CERQUEIRA, N.; KANASHIRO, M. Divulgação e cultura científica.

ComCiência - Revista Eletrônica de Jornalismo Científico, Campinas, n. 100, n.p., 2008.

Disponível em:

https://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542008000300001&lng=en. Acesso em: 22 jul. 2025.

VOGT, C. A espiral da cultura científica. **ComCiência - Revista Eletrônica de Jornalismo Científico**, Campinas, v. 45, n.p., 2003. Disponível em:

<https://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/cultura/cultura01.shtml>. Acesso em: 22 jul. 2025.

WOOLF, V. **Um teto todo seu**. 1. ed. Rio de Janeiro: Antofágica, 2022. *E-book*. 248 p.

XAVIER, R. A.; CHAGAS, E. F.; CAVALCANTE, E. Cultura e Educação na Idade Média: Aspectos Histórico-Filosófico-Teológicos. **Revista Dialectus**, Ceará, ano 4, n. 11, p. 310-326, 2017.

ZIMAN, J. **Real science**: What it is and what it means. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. 412 p.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTAS (EQUIPE)

BLOCO I - CONTEXTUALIZAÇÃO

- 1) Caso se sinta confortável, poderia dizer qual a sua idade, gênero, identidade étnico-racial e cidade em que reside?
- 2) Qual é a sua atuação no Espaço do Conhecimento UFMG? Há quanto tempo você trabalha no museu?
- 3) Você participou da elaboração ou das intervenções expográficas na *demasiado humano*, antes do projeto de renovação iniciado em 2023?
 - 3) a) Em caso positivo, qual foi a sua participação e em que ano ocorreu?
- 4) Qual foi o seu papel na renovação da exposição *demasiado humano*, a partir de 2023? Em quais etapas se deu a sua atuação?

BLOCO II - PERSPECTIVAS SOBRE A RENOVAÇÃO DA EXPOSIÇÃO

- 5) Em sua opinião, quais foram as motivações para que a exposição *demasiado humano* fosse renovada?
- 6) Alguma decisão, ao longo do projeto de renovação, foi pautada pelas interações do público com a exposição e/ou com o museu em geral?
- 7) Como você definiria a temática e a proposta conceitual da exposição?
- 8) De acordo com a atuação do seu Núcleo, quais foram as inspirações, levantamentos bibliográficos ou especialistas consultados para a composição visual e conceitual da exposição?
- 9) De que forma a obra *Humano, Demasiado Humano*, de Nietzsche, influencia o modo como a exposição aborda a ciência em seu momento atual?
- 10) Como foram os encontros com os mestres (Nêgo Bispo e Ailton Krenak) do projeto de renovação da exposição e a reverberação das contribuições deixadas por eles?
- 11) Qual a relevância do modo como a exposição *demasiado humano* aborda a ciência no museu?
- 12) Quais foram as dificuldades enfrentadas durante o projeto de renovação expositiva?
- 13) Quais são os pontos positivos e os diferenciais da exposição? Por quê?
- 14) Você identifica pontos negativos ou elementos ausentes na exposição? Quais?

BLOCO III - PERSPECTIVAS SOBRE A CIÊNCIA NA EXPOSIÇÃO

- 15) Qual/Quais é/são a(s) concepção(ões) de ciência presente(s) na exposição em seu momento atual, considerando os seguintes ambientes:
 - a) 5º andar: O Aleph
 - b) 4º andar: Pensar as Origens (Instalação *Extratos do Tempo e Árvore Humana*)
 - c) 3º andar: Modos de Existir e Sonhar a Terra (Instalação *Roça Mãe do Mundo*)
- 16) Que fatores foram fundamentais para a escolha dessa(s) concepção(ões) de ciência?
- 17) Você identifica diálogos entre a(s) concepção(ões) de ciência abordadas por esses ambientes? Quais? Como essa relação se apresenta?
- 18) Você identifica diálogos entre a ciência e a cultura nos ambientes mencionados? Quais? Como essa relação científico-cultural se apresenta?

19) Como você classifica o nível de dificuldade do conteúdo apresentado em:

a) 5º andar: O Aleph

b) 4º andar: Pensar as Origens (Instalação *Extratos do Tempo e Árvore Humana*)

c) 3º andar: Modos de Existir e Sonhar a Terra (Instalação *Roça Mãe do Mundo*)

20) Em sua opinião, o que é considerado/apresentado como um saber *demasiado humano* na exposição?

21) Em sua opinião, e de acordo com a atuação de seu Núcleo, que sentimentos, reflexões, dúvidas ou respostas, a exposição pretende despertar nos visitantes?

Gostaria de comentar algum outro tópico sobre a exposição que não foi abordado até aqui?

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTAS (VISITANTES)

Instalação a que esta entrevista se refere

Entrevistado

Idade:

Gênero:

Identidade étnico-racial:

Cidade em que reside:

Escolaridade:

Profissão:

- 1) Essa é a sua primeira visita à exposição *demasiado humano*?
 - 1) a) Em caso negativo, quando foi a sua primeira visita à exposição?
- 2) Você recebeu mediação ou tirou alguma dúvida com os mediadores do museu, durante o tempo que passou por essa instalação?
- 3) Durante a sua visita hoje, você está sozinho ou acompanhado?
- 4) O que mais chamou a sua atenção nessa instalação?
- 5) Como você definiria o tema da instalação?
- 6) Quais foram as dificuldades enfrentadas para compreender a instalação? Quais aspectos você considera positivos para a sua compreensão?
- 7) Como foi o acesso ao conteúdo, aos recursos visuais e à estrutura disposta?
- 8) Para você, o que é ciência?
- 9) Como você avalia a sua relação com a ciência? É algo pelo que se interessa?
 - 9) a) De que modo a instalação poderia ampliar o seu interesse?
- 10) Em sua opinião, como a instalação se relaciona com a ciência?
- 11) Descreva a instalação com cerca de três palavras e/ou adjetivos.
- 12) Descreva a sua experiência ao longo da instalação com cerca de três palavras e/ou adjetivos.
- 13) Com base no nome da exposição e nessa instalação, o que você considera como um saber *demasiado humano*?
- 14) Você considera que a instalação alterou o que é ciência para você?

Gostaria de comentar algum outro tópico sobre a exposição que não foi abordado até aqui?

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (EQUIPE)

N.º Registro CEP: CAAE 84115724.0.0000.5137

Título do Projeto: CONSTRUINDO UM SABER “DEMASIADO HUMANO”? : processos de transformação, (auto) reflexão e comunicação pública da ciência na exposição do museu Espaço do Conhecimento UFMG

Prezado Sr.(a),

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que estudará a exposição de longa duração *demasiado humano*, a fim de constatar que concepções de ciência são comunicadas no museu.

Você foi selecionado(a) por estar envolvido no processo de renovação da exposição e por atuar em um dos núcleos e setores que compõem o museu (Núcleo de Ações Educativas e Acessibilidade; Núcleo de Expografia; Núcleo de Comunicação e Design, Núcleo de Audiovisual; Núcleo de Astronomia; Setor de Apoio Administrativo, Gestão de Projetos e Produção; Diretoria). A sua participação neste estudo consiste em responder a questões previamente elaboradas por meio de um roteiro semiestruturado que visa coletar dados sobre a comunicação pública da ciência sob a ótica interna da instituição.

Os riscos (e/ou desconfortos) envolvidos neste estudo são intelectuais e emocionais mínimos (como timidez, inibição ou ampliação do cansaço mental, mesmo que de forma pouco significativa). Para minimizar estes riscos/desconfortos, o roteiro de entrevista será focado em perguntas sobre a renovação da exposição *demasiado humano* no Espaço do Conhecimento UFMG, sob a perspectiva das transformações da produção científica e de suas relações com a cultura, e não farão uso de perguntas sensíveis sobre processos sigilosos de trabalho e/ou vínculos empregatícios.

Sua participação é muito importante e voluntária e, conseqüentemente, não haverá pagamento por participar desse estudo. Em contrapartida, você também não terá nenhum gasto.

As informações obtidas nesse estudo serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as fases da pesquisa, e quando da apresentação dos resultados em publicação científica ou educativa. Os dados serão utilizados apenas na elaboração da dissertação e em textos que visem à divulgação de seus processos e resultados, como artigos científicos e apresentação em eventos acadêmicos, e poderão ser publicados, mantendo o anonimato das(os) participantes. Você poderá se recusar a participar ou a responder as questões a qualquer momento, não havendo nenhum prejuízo pessoal se esta for a sua decisão.

Rubrica do Pesquisador:

Rubrica do Participante:

Todo o material coletado nesta pesquisa ficará arquivado com a pesquisadora responsável pelo período de 5 (cinco) anos, a partir da data de coleta, em conta do *Google Drive*. Após este período, os dados poderão ser destruídos.

Os resultados desta pesquisa servirão para contribuir com o conhecimento produzido pela área de Comunicação, nas especificidades da comunicação pública da ciência em museus universitários e para futuras pesquisas que relacionem a produção do conhecimento científico aos espaços e/ou exposições museais. Também será possível ampliar a compreensão sobre os modos pelos quais a ciência é comunicada em uma exposição de museu universitário brasileiro, nas perspectivas interna e externa à organização museal.

Para todos os participantes, em caso de eventuais danos decorrentes da pesquisa, será observada, nos termos da lei, a responsabilidade civil.

Você receberá uma via deste termo onde constam os dados de contato do pesquisador responsável, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Pesquisadora responsável: Ana Carolyna Gonçalves Barboza, acarolyna16@gmail.com.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, que poderá ser contatado em caso de questões éticas, pelo telefone (31) 3319-4517 ou e-mail cep.proppg@pucminas.br.

O Comitê de Ética em Pesquisa é uma autoridade local e porta de entrada para os projetos de pesquisa que envolvem seres humanos, e tem como objetivo defender os direitos e interesses dos participantes em sua integridade e dignidade, contribuindo também para o desenvolvimento das pesquisas dentro dos padrões éticos.

() autorizo gravação em áudio () não autorizo gravação

O presente termo será assinado em 02 (duas) vias de igual teor.

Rubrica do Pesquisador:

Rubrica do Participante:

Belo Horizonte,

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar deste estudo.

Nome do participante (em letra de forma)

Assinatura do participante ou representante legal

Data

Eu, **Ana Carolyna Gonçalves Barboza**, comprometo-me a cumprir todas as exigências e responsabilidades a mim conferidas neste termo e agradeço pela sua colaboração e sua confiança.

Assinatura do pesquisador

Data

Rubrica do Pesquisador:

Rubrica do Participante:

**APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(VISITANTES)**

N.º Registro CEP: CAAE 84115724.0.0000.5137

Título do Projeto: CONSTRUINDO UM SABER “DEMASIADO HUMANO”? : processos de transformação, (auto) reflexão e comunicação pública da ciência na exposição do museu Espaço do Conhecimento UFMG

Prezado Sr.(a),

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que estudará a exposição de longa duração *demasiado humano*, a fim de constatar que concepções de ciência são comunicadas no museu.

Você foi selecionado(a) por ser um visitante da exposição *demasiado humano*, no museu Espaço do Conhecimento UFMG. A sua participação neste estudo consiste em responder a questões previamente elaboradas por meio de um roteiro semiestruturado que visa coletar dados sobre suas percepções e experiências em relação à visita.

Os riscos (e/ou desconfortos) envolvidos neste estudo são intelectuais e emocionais mínimos (como timidez, inibição ou ampliação do cansaço mental, mesmo que de forma pouco significativa). Para minimizar estes riscos/desconfortos, o roteiro de entrevista será focado em perguntas sobre a exposição *demasiado humano* no Espaço do Conhecimento UFMG, sob a perspectiva das transformações da produção científica e de suas relações com a cultura.

Sua participação é muito importante e voluntária e, conseqüentemente, não haverá pagamento por participar desse estudo. Em contrapartida, você também não terá nenhum gasto.

As informações obtidas nesse estudo serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as fases da pesquisa, e quando da apresentação dos resultados em publicação científica ou educativa. Os dados serão utilizados apenas na elaboração da dissertação e em textos que visem à divulgação de seus processos e resultados, como artigos científicos e apresentação em eventos acadêmicos, e poderão ser publicados, mantendo o anonimato das(os) participantes. Você poderá se recusar a participar ou a responder as questões a qualquer momento, não havendo nenhum prejuízo pessoal se esta for a sua decisão.

Rubrica do Pesquisador:

Rubrica do Participante:

Todo o material coletado nesta pesquisa ficará arquivado com a pesquisadora responsável pelo período de 5 (cinco) anos, a partir da data de coleta, em conta do *Google Drive*. Após este período, os dados poderão ser destruídos.

Os resultados desta pesquisa servirão para contribuir com o conhecimento produzido pela área de Comunicação, nas especificidades da comunicação pública da ciência em museus universitários e para futuras pesquisas que relacionem a produção do conhecimento científico aos espaços e/ou exposições museais. Também será possível ampliar a compreensão sobre os modos pelos quais a ciência é comunicada em uma exposição de museu universitário brasileiro, nas perspectivas interna e externa à organização museal.

Para todos os participantes, em caso de eventuais danos decorrentes da pesquisa, será observada, nos termos da lei, a responsabilidade civil.

Você receberá uma via deste termo onde constam os dados de contato do pesquisador responsável, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Pesquisadora responsável: Ana Carolyna Gonçalves Barboza, acarolyna16@gmail.com.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, que poderá ser contatado em caso de questões éticas, pelo telefone (31) 3319-4517 ou e-mail cep.proppg@pucminas.br.

O Comitê de Ética em Pesquisa é uma autoridade local e porta de entrada para os projetos de pesquisa que envolvem seres humanos, e tem como objetivo defender os direitos e interesses dos participantes em sua integridade e dignidade, contribuindo também para o desenvolvimento das pesquisas dentro dos padrões éticos.

() autorizo gravação em áudio () não autorizo gravação

O presente termo será assinado em 02 (duas) vias de igual teor.

Rubrica do Pesquisador:

Rubrica do Participante:

Belo Horizonte,

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar deste estudo.

Nome do participante (em letra de forma)

Assinatura do participante ou representante legal

Data

Eu, **Ana Carolyn Gonçalves Barboza**, comprometo-me a cumprir todas as exigências e responsabilidades a mim conferidas neste termo e agradeço pela sua colaboração e sua confiança.

Assinatura do pesquisador

Data

Rubrica do Pesquisador:

Rubrica do Participante:

APÊNDICE E - TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL (ESPAÇO DO CONHECIMENTO UFMG)



TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL (INSTITUIÇÃO CO-PARTICIPANTE)

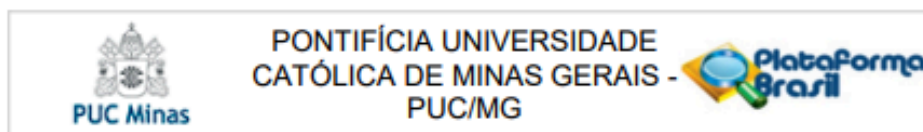
Eu, Sibelle Cornélio Diniz, diretora do Espaço do Conhecimento UFMG, sediado na Praça da Liberdade - 700 - Funcionários (Belo Horizonte), declaro, para os devidos fins, estar ciente da realização da pesquisa "CONSTRUINDO UM SABER "DEMASIADO HUMANO"? : processos de transformação, (auto) reflexão e comunicação pública da ciência na exposição do museu Espaço do Conhecimento UFMG", sob a responsabilidade da pesquisadora Ana Carolyn Gonçalves Barboza, CPF 022.837.046-93, que durante o período de realização do mestrado também atua como pesquisadora, por meio de observação participante e da coleta de dados com entrevistas em profundidade, grupos focais, pesquisa documental e questionário estruturado *online*, no âmbito da renovação da exposição "demasiado humano", para fins da dissertação desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCOM) da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). A pesquisa tem como propósito analisar a exposição de longa duração "demasiado humano", considerando o antes, durante e depois de seu processo de renovação, a fim de constatar mudanças na concepção de ciência da exposição e de que modo tais alterações são comunicadas no Espaço do Conhecimento UFMG. Declaro, ainda, que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 510/16 e suas complementares, e que esta instituição possui condições para realização desta pesquisa e autoriza o desenvolvimento deste projeto.

Belo Horizonte, 09 de outubro de 2024.

Sibelle
Cornélio Diniz

Digitally signed by Sibelle
Cornélio Diniz
Date: 2024-10-09 13:04:38

ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CONSTRUINDO UM SABER "DEMASIADO HUMANO"? : processos de transformação, (auto) reflexão e comunicação pública da ciência na exposição do museu Espaço do Conhecimento UFMG

Pesquisador: ANA CAROLYNA GONCALVES BARBOZA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 84115724.0.0000.5137

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUCMG

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

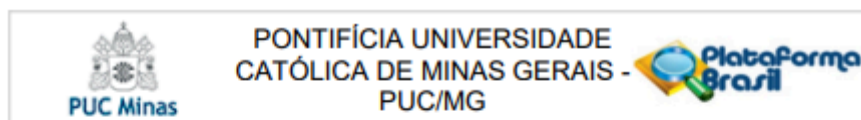
DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.316.058

Apresentação do Projeto:

Esta pesquisa versa sobre o museu universitário Espaço do Conhecimento UFMG e sua exposição de longa duração, chamada "demasiado humano", que passa por um processo de renovação entre 2023 e 2024. Por meio do circuito da cultura de Richard Johnson, a pesquisa irá analisar a exposição "demasiado humano", a fim de constatar de que modo uma concepção contracolonial e situada de ciência é comunicada no Espaço do Conhecimento UFMG. Os procedimentos metodológicos contam com entrevistas individuais semiestruturadas em profundidade e grupos focais com profissionais que atuam no museu e questionário estruturado aplicado a visitantes que conheceram a exposição "demasiado humano". Ao discutir sobre as subjetividades e contextos que envolvem a produção científica, o percurso teórico-metodológico viabiliza o estudo das relações entre culturas e saberes no âmbito expositivo do Espaço do Conhecimento UFMG. De onde viemos? Como viemos? Para onde iremos?". Essas são as questões que orientaram a concepção da exposição de longa duração "demasiado humano", em 2010, no museu. Inspirada pela obra "Humano, Demasiado Humano" (1848), de Friedrich Nietzsche, a mostra propõe um percurso que permite ao visitante compreender de que maneira "[...] a dúvida se instaura como o mais poderoso motor" da ciência. Após passar por intervenções nos anos de 2014 e 2017, a exposição "demasiado humano" se torna interesse desta pesquisa, durante um processo de renovação realizado entre

Endereço: Av. Itaú, nº 525 - Prédio 80, sala 201
Bairro: Coração Eucarístico **CEP:** 30.535-901
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3319-4517 **Fax:** (31)3319-4517 **E-mail:** cep.proppg@pucminas.br



Continuação do Parecer: 7.316.058

2023 e 2024.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

- Compreender os processos de renovação da exposição "demasiado humano", a fim de constatar de que modo uma concepção contracolonial e situada de ciência é comunicada no Espaço do Conhecimento UFMG.

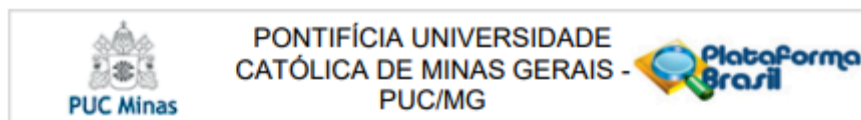
Objetivos Secundários:

- Analisar a exposição de longa duração "demasiado humano", considerando o antes, durante e depois de seu processo de renovação no Espaço do Conhecimento UFMG, por meio do circuito da cultura de Richard Johnson;
- Discutir as relações entre cultura e ciência, suscitadas pelos processos de renovação da exposição "demasiado humano", por meio de pesquisa bibliográfica sobre aspectos da produção e comunicação científica;
- Identificar aspectos da comunicação pública da ciência nas textualidades da exposição "demasiado humano", decorrentes dos processos de renovação no Espaço do Conhecimento, que problematizam premissas colonialistas e universalizantes;
- Indicar as condições de produção, motivações e percepções internas à equipe do museu sobre os processos de renovação da exposição;
- Levantar percepções dos visitantes sobre a experiência proporcionada e a concepção de ciência abordada na exposição.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: O projeto apresenta riscos intelectuais e emocionais mínimos. Durante as entrevistas presenciais individuais, os participantes podem apresentar timidez ou inibição. Já nos grupos focais, os participantes podem se sentir retraídos ao discorrerem sobre seus processos de trabalho na presença de outras pessoas. Por fim, o preenchimento do questionário online pode ampliar, mesmo que de forma pouco significativa, o cansaço mental dos respondentes. Para minimizar estes riscos/desconfortos, os roteiros de entrevistas e grupos focais serão focados em perguntas sobre o desenvolvimento conceitual e as alterações da exposição "demasiado humano" no Espaço do Conhecimento UFMG, sob a perspectiva da produção científico-cultural, e não farão uso de perguntas sensíveis sobre processos sigilosos de trabalho e/ou vínculos

Endereço: Av. Itaú, nº 525 - Prédio 80, sala 201
 Bairro: Coração Eucarístico CEP: 30.535-901
 UF: MG Município: BELO HORIZONTE
 Telefone: (31)3319-4517 Fax: (31)3319-4517 E-mail: cep.proppg@pucminas.br



Continuação do Parecer: 7.318.058

empregatícios. O questionário online será anônimo e elaborado de forma a levar o menor tempo possível para preenchimento (cerca de 10 a 15 minutos). O envolvimento em qualquer dos três procedimentos aqui descritos será realizado de forma voluntária, sem custos para os participantes, e as informações coletadas serão utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos, como a publicação de artigos e resumos expandidos em anais ou periódicos, apresentações em congressos e eventos científicos, e a escrita da dissertação, mantendo o anonimato dos participantes. Todo o material coletado nesta pesquisa ficará arquivado com a pesquisadora responsável pelo período de cinco anos, a partir da data de coleta, em conta do Google. Após este período, os dados poderão ser destruídos. Ao final, os resultados também serão compartilhados com a equipe do Espaço do Conhecimento UFMG.

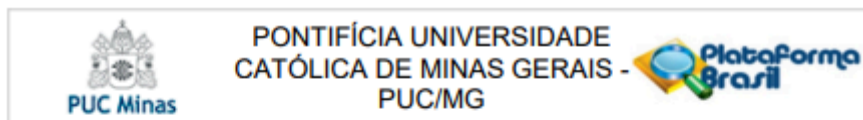
Benefícios: O desenvolvimento da pesquisa, poderá contribuir com o conhecimento produzido pela área de Comunicação, nas especificidades da comunicação pública da ciência em museus universitários e para futuras pesquisas que relacionem a produção do conhecimento científico aos espaços e/ou exposições museais, por meio de matrizes contracoloniais e interseccionais. Também será possível ampliar a compreensão sobre os modos pelos quais a ciência é comunicada em uma exposição de museu universitário brasileiro, nas perspectivas interna e externa à organização museal. Por fim, a pesquisa também contribuirá

para a produção acadêmica relativa ao museu Espaço do Conhecimento UFMG e para o repertório teórico-metodológico que poderá, futuramente, expandir a reflexão de suas práticas internas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa apresenta aporte teórico bem explicitado, tanto nas informações básicas do projeto quanto na Brochura do Pesquisador. A metodologia será realizada por meio de entrevistas cujos áudios individuais e grupos focais serão transcritos e armazenados em documentos de texto, no sistema Google Drive. Os dados coletados pelos questionários serão tabulados em planilhas do aplicativo Google Sheets. A análise dos materiais, fundamentada em uma abordagem qualitativa que envolve pilares contracoloniais e interseccionais, será feita por meio das categorizações desenvolvidas por Cury (2012), e pretende identificar semelhanças, contrastes, repetições e diferenças na forma com os que participantes responderam às questões propostas pelos instrumentos de coleta. Os riscos e benefícios foram adequadamente explicitados tanto nas informações básicas do projeto quanto no TCLE. Apresentou TCUD e o TAI. O número de participantes será de 15 profissionais ligados ao museu Espaço do

Endereço: Av. Itaipú, n° 525 - Prédio 80, sala 201
Bairro: Coração Eucarístico **CEP:** 30.535-901
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3319-4517 **Fax:** (31)3319-4517 **E-mail:** cep.proppg@pucminas.br



Continuação do Parecer: 7.316.058

Conhecimento da UFMG.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação obrigatória foram anexados e estão de acordo com as normas vigentes.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto e tendo em vista as Resoluções que norteiam a pesquisa envolvendo Seres Humanos consideramos o protocolo de pesquisa SEM PENDÊNCIAS, devendo o pesquisador realizar as orientações conforme o disposto no Parecer Consubstanciado.

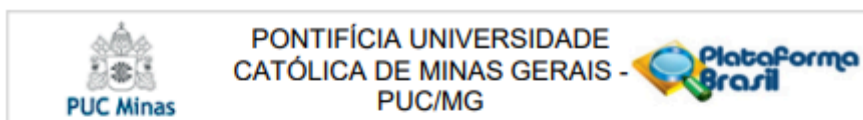
Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa e CEP, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS n.º 510, de 2016, na Resolução CNS n.º 466, de 2012, e na Norma Operacional n.º 001, de 2013, do CNS, manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa proposto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DÓ_P ROJETO_2403916.pdf	21/10/2024 12:27:04		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetodetalhado.pdf	21/10/2024 12:26:34	ANA CAROLYNA GONCALVES BARBOZA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle.pdf	21/10/2024 12:25:10	ANA CAROLYNA GONCALVES BARBOZA	Aceito
Outros	tcud.pdf	21/10/2024 12:24:03	ANA CAROLYNA GONCALVES BARBOZA	Aceito
Declaração de concordância	anuenciaparticipante.pdf	20/10/2024 17:17:21	ANA CAROLYNA GONCALVES BARBOZA	Aceito
Outros	instrumentosdecoleta.pdf	20/10/2024 17:10:36	ANA CAROLYNA GONCALVES BARBOZA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	anuenciainstitucional.pdf	20/10/2024 17:07:42	ANA CAROLYNA GONCALVES BARBOZA	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	20/10/2024	ANA CAROLYNA	Aceito

Endereço: Av. Itaú, n.º 525 - Prédio 80, sala 201
Bairro: Coração Eucarístico **CEP:** 30.535-901
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3319-4517 **Fax:** (31)3319-4517 **E-mail:** cep.proppg@pucminas.br



Continuação do Parecer: 7.316.058

Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	17:02:22	GONCALVES BARBOZA	Aceito
----------------	------------------	----------	-------------------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

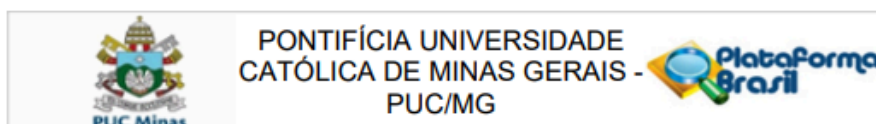
Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BELO HORIZONTE, 23 de Dezembro de 2024

Assinado por:
CRISTIANA LEITE CARVALHO
 (Coordenador(a))

Endereço: Av. Itaú, nº 525 - Prédio 80, sala 201
Bairro: Coração Eucarístico **CEP:** 30.535-901
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3319-4517 **Fax:** (31)3319-4517 **E-mail:** cep.proppg@puccinas.br



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: CONSTRUINDO UM SABER "DEMASIADO HUMANO"? : processos de transformação, (auto) reflexão e comunicação pública da ciência na exposição do museu Espaço do Conhecimento UFMG

Pesquisador: ANA CAROLYNA GONCALVES BARBOZA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 84115724.0.0000.5137

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUCMG

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.967.160

Apresentação do Projeto:

Trata-se de emenda ao projeto, com a seguinte justificativa: "Após banca de qualificação do mestrado, realizada na segunda quinzena de setembro de 2025, os examinadores sugeriram que a coleta de dados junto aos profissionais do museu fosse restrita a entrevistas individuais e que esse mesmo método de coleta fosse replicado para o público visitante. A banca também fez sugestão de acréscimos de perguntas nos instrumentos de coleta (roteiro de entrevistas).

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

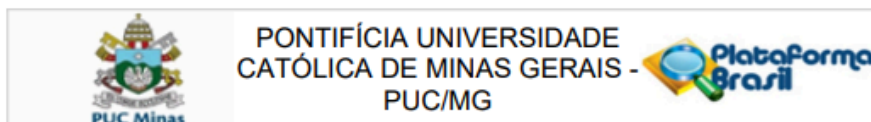
- Compreender os processos de renovação da exposição "demasiado humano", a fim de constatar que concepções de ciência são comunicadas no Espaço do Conhecimento UFMG.

Objetivos Secundários:

- Analisar a exposição de longa duração "demasiado humano", considerando o antes, durante e depois de seu processo de renovação no Espaço do Conhecimento UFMG, por meio do circuito da cultura de Richard Johnson;

- Discutir as relações entre cultura e ciência, suscitadas pelos processos de renovação da exposição "demasiado humano", por meio de pesquisa bibliográfica sobre aspectos da produção e comunicação científica;

Endereço: Av. Itaú, n° 525 - Prédio 80, sala 201
Bairro: Coração Eucarístico **CEP:** 30.535-901
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3319-4517 **Fax:** (31)3319-4517 **E-mail:** cep.proppg@pucminas.br



Continuação do Parecer: 7.967.160

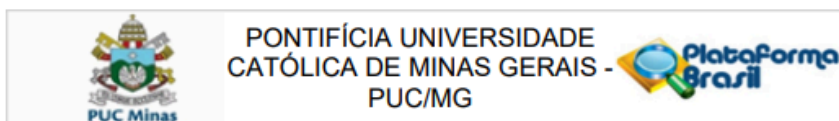
- Identificar aspectos da comunicação pública da ciência nas textualidades da exposição "demasiado humano", decorrentes dos processos de renovação no Espaço do Conhecimento, que problematizam premissas colonialistas e universalizantes;
- Indicar as condições de produção, motivações e percepções internas à equipe do museu sobre os processos de renovação da exposição; - Levantar percepções dos visitantes sobre a experiência proporcionada e a concepção de ciência abordada na exposição.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: O projeto apresenta riscos intelectuais e emocionais mínimos. Durante as entrevistas, os participantes podem apresentar timidez ou inibição. Para minimizar estes riscos/desconfortos, os roteiros de entrevistas serão focados em perguntas sobre o desenvolvimento conceitual e as alterações da exposição "demasiado humano" no Espaço do Conhecimento UFMG, sob a perspectiva da produção científico-cultural, e não farão uso de perguntas sensíveis sobre processos sigilosos de trabalho e/ou vínculos empregatícios. A participação será realizada de forma voluntária, sem custos para os participantes, e as informações coletadas serão utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos, como a publicação de artigos e resumos expandidos em anais ou periódicos, apresentações em congressos e eventos científicos, e a escrita da dissertação, mantendo o anonimato dos participantes. Todo o material coletado nesta pesquisa ficará arquivado com a pesquisadora responsável pelo período de cinco anos, a partir da data de coleta, em conta do Google. Após este período, os dados poderão ser destruídos. Ao final, os resultados também serão compartilhados com a equipe do Espaço do Conhecimento UFMG.

Benefícios: A pesquisa busca traçar um percurso teórico e metodológico que se dedica ao potencial de transformação, autorreflexão e comunicação da ciência, em um ambiente museal de cunho científico-cultural, sob a perspectiva de uma exposição de longa duração, intitulada "demasiado humano", em cartaz no Espaço do Conhecimento UFMG desde 2010. A exposição passa por uma renovação entre os anos de 2023 e 2024, que envolve mudanças de caráter conceitual e visual, bem como a concepção e execução de novas instalações. Compreende-se aqui a exposição como "[...] uma forma particular de comunicação museológica" (Cury, 2005b, p. 26), que, portanto, também consiste e é constituída por práticas comunicacionais de acordo com a ênfase do museu. É a partir desse contexto que o estudo considera as exposições como um espaço profícuo para a efetivação da experiência comunicacional, tendo em vista que transmitem ideias, conceitos e curadorias de determinada equipe, em materialidades que

Endereço: Av. Itaú, n° 525 - Prédio 80, sala 201
Bairro: Coração Eucarístico **CEP:** 30.535-901
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3319-4517 **Fax:** (31)3319-4517 **E-mail:** cep.proppg@pucminas.br



Continuação do Parecer: 7.967.160

estarão disponíveis para interação, compreensão, interpretação e apropriação de conhecimento por parte dos visitantes (Cury, 2005b).

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Foram anexados os modelos de TCLE para profissionais e para os visitantes, uma vez que serão realizadas entrevistas com estas duas categorias. Também foram incluídas informações metodológicas e instrumentos de coleta de dados. A emenda atende aos requisitos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação obrigatória foram anexados e estão de acordo com as normas vigentes.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto e tendo em vista as Resoluções que norteiam a pesquisa envolvendo Seres Humanos consideramos a Emenda ao protocolo de pesquisa SEM PENDÊNCIAS, devendo o pesquisador acatar as orientações conforme o disposto no Parecer Consubstanciado.

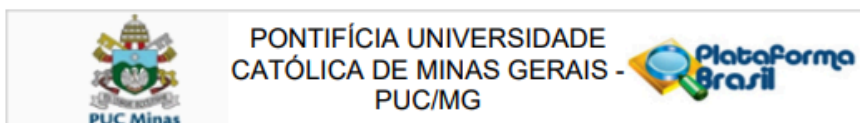
Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa, o CEP, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS n.º 510, de 2016, na Resolução CNS n.º 466, de 2012, e na Norma Operacional n.º 001, de 2013, do CNS, manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa proposto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_268313_2_E1.pdf	28/10/2025 15:55:25		Aceito
Outros	metodologia.pdf	28/10/2025 15:17:15	ANA CAROLYNA GONCALVES BARBOZA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle.pdf	28/10/2025 15:03:56	ANA CAROLYNA GONCALVES BARBOZA	Aceito
Outros	instrumentosdecoleta.pdf	28/10/2025 15:03:51	ANA CAROLYNA GONCALVES BARBOZA	Aceito
TCLE / Termos de	tclevisitantes.pdf	28/10/2025	ANA CAROLYNA	Aceito

Endereço: Av. Itaú, n.º 525 - Prédio 80, sala 201
Bairro: Coração Eucarístico **CEP:** 30.535-901
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3319-4517 **Fax:** (31)3319-4517 **E-mail:** cep.proppg@pucminas.br



Continuação do Parecer: 7.967.160

Assentimento / Justificativa de Ausência	tclevisitantes.pdf	15:02:23	GONCALVES BARBOZA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetodetalhado.pdf	21/10/2024 12:26:34	ANA CAROLYNA GONCALVES BARBOZA	Aceito
Declaração de concordância	anuenciaparticipante.pdf	20/10/2024 17:17:21	ANA CAROLYNA GONCALVES BARBOZA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	anuenciainstitucional.pdf	20/10/2024 17:07:42	ANA CAROLYNA GONCALVES BARBOZA	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	20/10/2024 17:02:22	ANA CAROLYNA GONCALVES BARBOZA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BELO HORIZONTE, 11 de Novembro de 2025

Assinado por:
CRISTIANA LEITE CARVALHO
 (Coordenador(a))

Endereço: Av. Itaú, nº 525 - Prédio 80, sala 201
Bairro: Coração Eucarístico **CEP:** 30.535-901
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3319-4517 **Fax:** (31)3319-4517 **E-mail:** cep.proppg@pucminas.br